



# **CABO VERDE . ARTE/EDUCAÇÃO/CULTURA COMO VECTORES DE DESENVOLVIMENTO**

um desafio à investigação aplicada em contexto,  
com o mínimo de dispositivos.

**VALDEMAR MONTEIRO LOPES**

Tese apresentada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do  
Porto para obtenção do grau de Doutor em Educação Artística





VALDEMAR MONTEIRO LOPES

## **CABO VERDE . ARTE/EDUCAÇÃO/CULTURA COMO VECTORES DE DESENVOLVIMENTO**

um desafio à investigação aplicada em contexto,  
com o mínimo de dispositivos.

Tese apresentada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do  
Porto para obtenção do grau de Doutor em Educação Artística

**Orientação:**

Professor Doutor José Carlos de Paiva e Silva

Porto, 2016





## RESUMO

Esta tese reflecte a investigação produzida no âmbito do programa Doutoral em Educação Artística da Universidade do Porto que relaciona arte/educação/cultura como vectores de aprendizagens em contextos reais/de desenvolvimento, de precariedade e pobreza material. Da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto inicia-se uma viagem a Cabo Verde, envolve-se uma outra escola superior de arte, o M\_EIA — Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura — e ruma-se ao Planalto, um lugar distante, 'laboratório' desta tese. A escrita que se apresenta incide sobre as aprendizagens que irradiam desta realidade, e que estimulam o pensamento divergente, crítico e especulativo como mentalidade que possibilita 'forjar' a 'comunidade que vem'. O estudo incide sobre os processos que permitem a uma comunidade viver os seus desígnios, com o mínimo de interferências externas, nos quais a arte/educação/cultura surge como estímulo para a concretização de aprendizagens desenhadas em procedimentos endógenos, implicados, sobre os quais se permite confrontar os campos teóricos da arte, da educação artística e dos seus saberes empíricos com a realidade complexa de territórios que desafiam a verdade da vida quotidiana de pessoas de de comunidades distantes, do Norte.

Palavras-chave: educação artística, cultura, desenvolvimento, design para inovação social, Cabo Verde, dispositivo.

## **ABSTRACT**

This thesis reflects the research produced in the PhD program in Art Education from the University of Porto that relates art / education / culture and learning vectors in real contexts / development, precariousness and poverty material. From the Faculty of Fine Arts of the University of Porto begins a trip to Cape Verde, it engages another top art school, M\_EIA - University Institute of Art, Technology and Culture - and heads to "Planalto", a distant place, the 'laboratory' of this thesis. The writing that is presented here, focuses on the learning that radiates from this reality, and that encourages divergent, critical and speculative thought as mindset that enables 'forge' a 'community coming'. The study impacts the processes that allow a community to live their designs, with minimal external interference, in which art / education / culture emerges as a stimulus to the achievement of learning designed in endogenous procedures involved, upon which it allows it to confront the theoretical fields of art, art education and its empirical knowledge with the complex reality of territories that challenge the truth of the everyday lives of people from distant communities, from the North.

Key-words: arts education, culture, development, design for social changes, Cape Verde, dispositif.



## Índice

6 Resumo

15 Introdução

### **PARTE I . CABO VERDE: a génese de uma tese**

25 Cabo Verde: O forjar histórico-cultural e sociológico de um país

35 Sujeito e contexto: m(eu) Cabo Verde

#### Os lugares de cumplicidade da tese

47 Planalto Norte - Santo Antão

55 M\_EIA - S.Vicente . Mindelo

### **PARTE II . NAVEGAR em Mar Alto: problematizando o caminho percorrido**

61 **Eles falam para o Planalto: As bases do pensamento/tese**

63 A entrada na potencialidade

68 Ao encontro do Planalto como dispositivo

75 Planalto, uma potencialidade num mundo desigual e em risco

79 **O processo onde se constrói uma presença que justifica esta tese em Educação Artística**

80 Pressupostos da investigação

82 Trilhos de uma investigação em educação artística

86 em primeira pessoa — A (des)construção do caminho da escrita no processo de investigação

94 A (des)construção do pensamento que conduziu-me ao Planalto

103 **Premissas para a Investigação e a Educação Artística em Cabo Verde**

104 Cultura e desenvolvimento: intersecções no `entender Cabo Verde

111 Na senda de uma ideia de ensino em Cabo Verde

115 Procurando a investigação e a Educação Artística em Cabo verde

- 125 **O Planalto como reduto para a desconstrução de um discurso educativo naturalizado em Cabo Verde**
- 137 **Design para a inovação social como paradigma de acção**
- 138 O Design como padrão ético para a distinção do tecido social
- 152 Práticas de Design Social com base em Ferramentas democráticas: Kit de ferramentas HCD
- 155 Projecto H Design
- 159 **M\_EIA: com\_Vivências implicadas numa escola de arte —Retornos**
- 161 As linhas que tecem as cumplicidades que justificam-se nesta escola
- 165 Dois anos no M\_EIA com implicações nesta tese
- 166 Campos de Estudo; uma estratégia pedagógica de reorganização do funcionamento da escola

### **PARTE III**

#### **PLANALTO COMO LUGAR — o encontro**

UM RETRATO COM PREMISSAS ETNOGRÁFICAS: reconfigurações a partir de um Diário de Campo.

##### **Os constituintes do espaço físico:**

- 183 As pessoas e os bichos do Planalto
- 187 Os acessos
- 192 Equipamentos
- 195 As montanhas do Planalto
- 196 A Cooperativa dos Resistentes do Planalto
- 197 Escola Básica de Chã de Feijoal
- 200 As Casas de Queijo
- 201 Grutas de Cura do queijo
- 201 Os Currais
- 202 O Campo de Futebol
- 203 Associação Recreativa e Desportiva
- 204 Reflexões que ocorrem num primeiro encontro com os segmentos do dispositivo Planalto

- 207 A flora: as implicações do 'risco' na paisagem  
214 A cabra no dispositivo Planalto

- 218 As intersecções no quotidiano/ hierarquias  
220 Indícios de fragilidade na comunidade

**Os lugares, as pessoas, as vivências com a comunidade:**

- 222 Visita ao Sr. Sabino  
228 A primeira viagem à Cinta  
230 Dinâmicas alimentícias  
236 Os pés do Planalto  
238 Uma carta de amor  
241 Bar Pitanga  
245 Cinema no Planalto  
249 A Cooperativa dos Resistentes do Planalto

**PLANALTO COMO LABORATÓRIO —  
re-interpretação**

- 253 **Planalto: um laboratório de cruzamentos entre a arte,  
a educação e o design social**  
259 O caso queijo curado do Planalto  
263 A comunidade do alimento do Planalto  
268 As batatas do Ramiro  
275 'Casa dos meninos do Planalto/ Biblioteca'  
279 Abrigo vivencial justo  
285 Projecto *Bio\_plan*  
289 Captação e transporte da água de Cinta

- 291 Notas conclusivas

- 303 Referências Bibliográficas







## INTRODUÇÃO

### *O ponto de partida*

Se por um lado nos defrontamos com a ideia de sociedade de risco (Beck, 1986), considerada como a emergência de um novo paradigma social onde a distribuição dos riscos não se associa directamente às diferenças sociais, económicas e geográficas; num sistema global desregrado que dita soluções circularmente, cujos discursos dominantes insistem em “solução que são elas próprias a raiz do problema” (Magalhães, 1995:13); se por outro lado focarmos na ideia de enfrentar a incerteza de Morin (2000) como uma resiliência necessária aos desafios constantes com que nos deparamos num mundo interpenetrado; se encararmos a capacidade de enfrentar o risco e a incerteza como fazendo parte da matriz que constitui o forjar da identidade cabo-verdiana; se considerarmos que os problemas de Cabo Verde são problemas específicos, mas fazem parte de uma trama em contaminação (Groys, 2009), numa sociedade em rede (Castells, 1996); e se num outro extremo nos posicionarmos numa realidade específica — o Planalto Norte, Santo Antão (Cabo Verde) — quase indiferente a estas complexidades, que permanece como fissura e catalisador de vivências a reinterpretar, que potencia outros entendimentos e caminhos de uma proposta de desenvolvimento local com premissas globais, teremos os contornos gerais que enquadram esta investigação, onde a arte/educação/cultura são assumidos como vectores estruturantes.

O foco geográfico da investigação que sustenta esta escrita localiza-se em Cabo Verde, ilha de Santo Antão, na localidade de Planalto Norte, um lugar com uma geografia física e humana peculiares. Localizado no Sul da ilha, o Planalto Norte situa-se a 1400 metros do nível médio das águas do mar, na zona mais árida de Santo Antão, num território com uma paisagem lunar, onde persistem pequenas comunidades de criadores de cabras. Esta tese resultou de uma imersão de três anos na principal comunidade do Planalto Norte — Chã de Feijoal — um lugar onde vivem

16 famílias, 80 pessoas, 40 burros e 400 cabras, enquadramento que conforma os limites desta investigação nesta especificidade. Aqui, homens, mulheres e crianças persistem, resistindo às adversidades de uma realidade difícil, o 'laboratório de investigação' desta tese, onde numa atitude de suspensão dos meus saberes — artísticos, educativos, de design —, fui ao encontro de outras possibilidades de respostas, assumindo o território da arte e da cultura como campos de experiência com possibilidades de contribuir para a promoção de desenvolvimento a partir de problemas e necessidades reais de pessoas e de uma comunidade — o caminho percorrido no Planalto durante três anos e que se traduz nesta escrita.

As reflexões suscitadas nesta tese alojam-se num pensamento sustentado na complexidade da triangulação dos conceitos de arte/ educação/ cultura como vectores de aprendizagens que se preconizam nesta tese, que se pretendem reais e em contextos concretos onde a vida acontece, o caminho aqui defendido para a promoção de uma ideia de desenvolvimento próxima do decrescimento de Latouche (2012), num processo de aprendizagem social (Manzini, 2008:20) onde seja possível encontrar respostas num território complexo — Planalto Norte — num tempo incerto onde se incorpora a noção do risco.

A centralidade do Planalto Norte nesta tese encontra um outro ponto de referência, o M\_EIA (Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura), um lugar de cumplicidades onde se permeiam desafios que conduzem para aprendizagens implicadas entre estes dois territórios. O ponto de partida na problematização desta tese permeia estes dois contextos específicos de educação artística, um no território informal — o Planalto — e outro no território formal — o M\_EIA — que não obstante se desenvolverem em contextos diferentes, com objectivos, públicos e pressupostos específicos, interligam-se e complementam-se nas suas especificidades nesta tese. Esta escrita traduz cruzamentos de aprendizagens da/na vida de uma comunidade — Chã de Feijoal — com as aprendizagens no domínio do artístico numa escola superior de arte — o M\_EIA — em que se incorpora o design centrado no ser humano como referente conceptual para os desafios académicos ao nível do saber e do fazer artístico, enquadrado na assunção da cultura como campo amplo de inscrição desta problematização, perante a qual subjaze um entendimento específico de uma ideia de desenvolvimento que suporta este quadro geral.

## ***Os principais conceitos, as questões de investigação***

A partir de uma problematização abrangente esta tese conflui para os caminhos da Educação Artística em Cabo Verde, assente em práticas endógenas, em dois contextos de aprendizagem, um formal e outro informal, que se cruzam e mutuamente se contaminam. Um problema onde o confronto se divide em duas dimensões.

A primeira assenta na *potencialidade* da educação artística na promoção de aprendizagens reais numa comunidade, onde se procura abstrair de pressupostos naturalizados que enformam as relações, as condições e os resultados no processo de construção de significados na e para a vida das pessoas. O conceito de potencialidade captamo-lo de Irit Rogoff (2007:5), que o associa à “Academia” e nós ao Planalto, como sendo o “*local da dualidade, de uma compreensão do eu posso, como sempre, já atrelado a um eterno eu não posso*”. Segundo esta autora esta dualidade não é paralisante, antes pelo contrário pode ser encarada como um modelo para “estar no mundo” que abrange falibilidade como forma de produção de conhecimento em vez de uma decepção. Estamos assim perante um conceito amplo, de difícil qualificação e aferição, mas que projecta os caminhos de uma tese em educação artística para o campo da dúvida e da incerteza, o lugar que incorpora a subjectivação como fazendo parte do processo, o lugar onde me posiciono nesta tese.

A segunda dimensão do problema pretende estudar os processos subjacentes à criação de soluções para determinados problemas da comunidade do Planalto Norte, nos quais o passado e futuro de uma ONG (Atelier Mar<sup>1</sup>) e de uma escola superior de arte, o M\_EIA, se interligam em projectos com premissas afins do design para a inovação social, um caminho que se encara nesta investigação como campo de possibilidades de reflexão para o pensar e fazer Design no M\_EIA.

Esta tese incorporou uma singularidade cujo porvir, conteúdo e forma não se pretendeu apreender de relance no seu todo. Ao longo da in-

---

<sup>1</sup> Criado em 1979, o Atelier Mar tem desenvolvido programas de formação e pesquisa para a promoção e desenvolvimento das artes e ofícios em Cabo Verde. Mantém a sede em Mindelo na ilha de S. Vicente e tem representação e actividades na ilha de Santo Antão, actuando pontualmente nas outras ilhas do país, nomeadamente, em S. Nicolau, Maio e Santiago. Reconhecido como ONG em 1987, o Atelier Mar vem desde essa data a actuar em programas de animação e desenvolvimento local. O M\_EIA é um projecto criado pelo Atelier Mar.

investigação que se traduz nesta escrita assumiu-se uma possibilidade evolutiva que poderá transcender o horizonte temporal da investigação que a sustenta, o que torna as questões formuladas como pontos de referência, quiçá actos de procura e construção de significados no acontecimento, e como tal, uma parte integrante desta escrita. No entanto, as acções realizadas tiveram dois questionamentos iniciais, o primeiro, de como articular a arte/educação/cultura como estímulo potenciador da comunidade de Chã de Feijoaal — e com o mínimo de dispositivos —, utilizando os pressupostos do Design para a Inovação Social<sup>2</sup> como mote para a acção, o segundo, considerando o envolvimento da comunidade do Planalto nesta investigação, sobre os ensinamentos no domínio da arte/educação que podem ser considerados, e que traduzam a realidade humana, geográfica e cultural dessa comunidade.

Este segundo questionamento remete para um outro território desta investigação, no qual persigo uma dimensão estética intrínseca ao Planalto, num processo de sublimação do azul do céu à aridez do castanho das montanhas, das cabras e das gentes do Planalto. Este aspecto norteou os caminhos da investigação que se traduzem nesta escrita, num processo em que o investigador assumiu o papel de 'personagem coadjuvante' de transformações construídas em cumplicidade com a comunidade de Chã de Feijoaal, em cujo presente e porvir as pessoas têm um papel decisivo, decidindo, envolvendo-se em processos de capacitação, a partir do agora, desenhando o seu futuro, transformando o acto existente no Planalto em potência.

Nesta escrita o dispositivo é um conceito central. Agamben (2009) exemplifica-o como sendo, a prisão, o manicómio, a escola, as confissões, a fábrica, as disciplinas, a caneta, a literatura, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e a linguagem. A assunção deste conceito implica uma ponderação à junção do "mínimo", ou seja, que mínimos são esses que consideramos como "suficientes" para potenciar o Planalto. O dispositivo mínimo no Planalto tendo como referente a cidade do Porto Novo, a cidade do Mindelo, a cidade do Porto seria um caminho. A quantificação desse mínimo seria uma outra variável a considerar. A sua amplitude e extensão no tempo eventuais indicadores.

---

<sup>2</sup> O termo refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades, utilizando metodologias de design com enfoque no ser humano (Manzini, 2008:62).

As linhas de força e os segmentos constituintes desse dispositivo teriam de ser equacionados para que no momento final da investigação, a tese, se traduzisse num quadro em conformidade com as premissas do 'fazer uma investigação científica', passível de ser lido, traduzido e replicado por outro investigador. Acontece que não foram estes os 'ingredientes' dos 'justificativos' desta tese. O caminho percorrido teve como pressuposto perseguir o entendimento do dispositivo Planalto, as linhas de força que permitam à comunidade do Planalto viver as suas necessidades em harmonia com um ideal vivenciado e desejado, no momento em que se participa no desenho de acções tendo como base a arte/educação/ cultura como referentes para a construção de aprendizagens endógenas que estimulem uma outra ideia de desenvolvimento; num processo que impulsionou a participação e capacitação dos intervenientes na concretização de cumplicidades criadas no contexto desta investigação; integrando esta pesquisa em acções desenvolvidas no M\_EIA, envolvendo estudantes e professores, num processo de investigação aplicada onde se reflecte sobre práticas de integração do design para a inovação social na instituição.

As singularidades desta tese resultam de três anos de imersão na comunidade de Chá de Feijoal, um tempo que permitiu 'mapear' o lugar e as suas gentes, num processo onde se procurou entender os seus saberes, as expectativas das pessoas, as suas necessidades e aspirações, nos contornos possíveis que fizessem sentido enquadrar nas premissas deste trabalho. Esta tese mergulha nas 'histórias de vida' de pessoas, na 'etnografia do sensível' numa multiplicidade de métodos de investigação, e baseia-se em referentes qualitativos, tanto por razões epistemológicas intrínsecas à natureza do problema em mãos, como por afinidades pessoais em interagir com artefactos em que a forma, a textura e os sentidos se entrelacem na procura de significados dos cruzamentos dos segmentos constituintes do dispositivo Planalto.

O que se apresenta nesta tese, construído a partir da experiência realizada, só foi possível através de um relacionamento próximo e continuado, única forma de se construírem cumplicidades e se perceberem de uma forma experiencial as pessoas e uma comunidade, com a qual pretendi contribuir no desenho de respostas para algumas das suas necessidades. A imersão em contexto com a finalidade de mapear o dispositivo no qual incidiu o foco da pesquisa foi a estratégia que melhor permitiu conhecer as pessoas nos seus ambientes naturais, ganhar a sua empatia,

informando a intuição que permitiu a projecção de algumas concretizações. Nesta tese, o ser aceite pelo outro, a pertença ao Planalto foi um imperativo, pelo que a assunção da noção de hospitalidade de Derrida (2003) foi incorporada e legitimada, ao longo dos três anos em que decorreu a investigação.

O mapeamento do Planalto colocou-me perante factos que, interpretados, segundo a “lente” desta tese, se apresentaram complexos, quanto mais não seja pelo facto de estarmos perante uma investigação em educação artística que ousa tactear o papel da arte/educação/cultura na promoção do desenvolvimento humano. Como conciliar a arte com a vida, com as necessidades das pessoas de uma comunidade distante do *Norte*, num lugar onde existem “apenas” pessoas, cabras e montanhas, sem que se convoque uma outra ideia de arte, quicá ‘invisível’, o espaço de conceptualização de uma ideia de arte que incorpora o imaterial como ‘obra’, a utopia subjacente a uma (i)materialidade que possa traduzir-se em actos que concorram para a transformação da vida de pessoas e comunidade é uma outra linha de força desta tese. Perante este entendimento questões ‘correntes’ — *com quem trabalhar, em que “formato”, durante quanto tempo, fazendo o quê concretamente?* — tornam-se relativas. Dificilmente se trabalha neste contexto sem que a utopia seja caminho, sem que as questões identitárias, de desenvolvimento sustentado, processos endógenos não sejam referentes. Esta tese perderia substância caso não incorporasse os sonhos e as subjectivações na sua conceptualização, considerando que se percorreu um caminho no sentido oposto aos pressupostos naturalizados em educação; considerando que se encarou o Planalto como um todo potencial, como uma comunidade de aprendizagens sem fronteiras, onde as necessidades e aspirações das pessoas foram o mote para a acção. No Planalto o *“esforço de interpretação que oscila entre o rigor da objectividade e a fecundidade da subjectividade”* (Bardin, 77:9) foi-me apresentado pela subtilidade de procedimentos “desenhados” em resposta às necessidades de cada momento.

## ***O tempo e o modo da investigação traduzida nesta escrita***

O problema de investigação assentou no entendimento do Planalto como um território em busca de desenvolvimento. Os caminhos que conformam esta tese incorporaram procedimentos nos quais sujeito/objecto de investigação se permutam, num diálogo que assume outras geografias da experiência humana como fazendo parte de uma investigação em educação artística. Nesta tese encara-se o caminho como rizomático, o que permite novas codificações do real, quiçá redundantes, mas encarado como a ideia que permitiu construir e viver uma investigação com a abertura para o acontecimento, quanto mais não fosse por acontecer no seio de uma comunidade, na qual a imponderabilidade das vidas das pessoas fazem parte do processo. Sem que haja foco num determinado recorte temporal ou documental, a investigação que se traduz nesta escrita decorreu no seu tempo, com registos e envolvimentos profícuos, a partir dos quais se infere para entendimentos cúmplices com o objecto desta investigação em detrimento do objecto desta investigação — as cumplicidades construídas nas aprendizagens realizadas nos interstícios do Planalto e do M\_EIA, nas quais a arte/cultura/desenvolvimento se cruzam.

Esta tese decorreu no horizonte temporal de um curso doutoral, num processo em três etapas: “Navegar em Mar Alto”, “Planalto como lugar — o encontro” e “Planalto como Laboratório — re-interpretações”. Na primeira etapa “naveguei” em mar alto, à procura das coordenadas que pudessem conformar a investigação possível, em que as leituras exploratórias à volta de problemáticas afins da tese permitiram afunilar as possibilidades, até chegar ao “Planalto como Potencialidade”, momento a partir do qual iniciei um processo de desenho das possibilidades de entendimento do Planalto a perseguir nesta tese.

A segunda etapa deste processo, “Descobrir o Planalto”, decorreu em duas fases. A primeira coincidente com a formalização do projecto de tese (Junho, 2013), momento de síntese das ideias que se pretendiam desenvolver, também coincidente com os preparativos para a primeira imersão no Planalto que decorreu durante um mês; a segunda fase de imersão foi mais prolongada, tendo ocorrido mais de duas dezenas de viagens/estadias ao lugar, entre Setembro de 2014 a Junho de 2016. Foi nesta segunda fase de imersão que foi possível aferir a amplitude dos pressupostos

conceptuais e processuais da tese, numa demanda em que primou uma disponibilidade para perceber as mudanças desejáveis, de forma a manter a inspiração para abraçar uma tese em que se perseguia o entendimento da dimensão estética intrínseca à vida do dispositivo Planalto, das suas potencialidades, das aprendizagens nas cumplicidades que se construíram ao longo da investigação que se traduz nesta escrita.

Na terceira etapa desta tese, “Interpretar o Planalto”, aprofundou-se a procura de significados através das histórias colectadas, nas leituras dos vários registos efectuados — artefactos visuais, fotografias, vídeos, entrevistas da realidade, notas de campo, reflexões — o que permitiu re-interpretar a realidade numa dinâmica osmótica com um futuro que não pertence ao tempo desta tese, mas que contribuiu para perspectiva-lo como sendo o espaço para “Idealizar e Experimentar” as possibilidades do Planalto”, as oportunidades de futuro que o dispositivo comporta.

Mais do que participar numa dinâmica de capacitação de uma comunidade, esta tese assenta nas reflexões que justificam o processo e através das quais o acontecimento se inscreve, que com alguma regularidade pára, devolve o acontecido às comunidades onde se inscreve, recebendo retroacções fundamentais para um melhor entendimento das possibilidades que o processo comporta, uma premissa que encontra eco nas palavras de Irwin (2012:86) *“The process of inquiry becomes as important, sometimes more important, than the representation of the perceived understandings”*. (“o processo de investigação torna-se tão importante, por vezes, mais importante, do que a representação dos entendimentos percebidos” - tradução livre do autor)

Tendo em consideração a amplitude das possibilidades de acções no dispositivo Planalto e, confrontados com o horizonte temporal de um projecto doutoral, as acções realizadas indiciam outras possibilidades mais alargadas no tempo, fazendo com que as acções desenhadas no Planalto se consubstanciem numa ideia onde seja possível participar no futuro do lugar, participando na visualização de cenários de futuro onde estou inscrito, numa relação académica e afectiva que extrapolam o horizonte temporal desta tese.

## ***A estrutura da escrita***

A tese está organizada em três partes. A primeira parte enquadra a realidade histórico-cultural e sociológica de Cabo Verde, país definido aqui como um processo de miscigenação de culturas na gesta de um país ainda em construção, numa dialéctica onde a especificidade cultural do ilhéu é apresentada como elemento diferenciador de um povo que procura transcender perante a idiossincrasia de um território difícil e inóspito. No segundo ponto desta primeira parte posiciono-me como sujeito implicado no processo de investigação, partilho narrativas em primeira pessoa, desbravo caminhos percorridos, partilho algumas referências que sustentam o meu fazer/pensar. No último ponto da terceira parte apresento os lugares onde decorrem os processos que justificam esta escrita — O Planalto Norte e o M\_EIA — os dois lugares que sustentam as suas relações em cumplicidades forjadas no tempo, unidos pela força da imponderabilidade em concretizar utopias nos espaços onde inscrevem as suas existências.

A segunda parte desta escrita consubstancia um posicionamento perante o estado da arte, uma revisão de literatura que conflui na problematização desta tese, numa 'viagem' que comporta as bases do pensamento nesta investigação, em temáticas, ideias e conceitos em arte, educação, filosofia, cultura, desenvolvimento, arte e design. Logo no primeiro ponto desta segunda parte enquadro as bases filosóficas que entram nesta investigação, conformando-a e perspectivando-a para uma particular dimensão, onde ideias e fundamentos outros são incorporados ou refutados, consubstancio conceitos que desformatam pensamentos instituídos nas temáticas abordadas. No segundo ponto da segunda parte desta tese apresento os contornos de um processo no qual se constrói uma narrativa que justifica os caminhos trilhados numa viagem nesta investigação em educação artística. De seguida procuro as premissas que justificam uma investigação em educação artística em Cabo Verde, articulo ideias que balizem a justaposição da arte/educação/cultura como vectores de aprendizagens que se preconizam nesta tese, que se pretendem reais, em contextos concretos onde a vida acontece e onde uma determinada ideia de investigação e de uma educação artística possam assentar. Um salto no

sentido oposto aos discursos naturalizados em educação é o ponto que se segue, onde também se apresenta o Design para a inovação social como um campo de possibilidades para pensar e fazer design nos dois territórios onde se inscreve esta tese. No último ponto desta segunda parte partilho os retornos das convivências implicadas nas relações constituídas entre os dois polos desta investigação — O M\_EIA e o Planalto Norte — apresentando estes dois lugares como pólos afectivos aglutinadores de um processo difícil de materializar sem a componente afecto.

Na terceira parte da tese procedo à reconfiguração do discurso a partir das reinterpretações suscitadas pelas 'leituras' das observações, textos e registos captados (em vários formatos) ao longo das várias imersões no lugar da investigação, os referenciais vividos que permitem inferir perante o acontecido, perante os quais se ousa vislumbrar caminhos no devir comunitário. No primeiro ponto, "Planalto como Lugar — o encontro", a comunidade de Chã de Feijoal é partilhada na sua especificidade, articulam-se narrativas à volta dos lugares por onde passou esta escrita envolvendo as pessoas nos seus contextos específicos. É assim que esta viagem passa pelas montanhas que nos conduzem ao lugar, fazem-se paragens nos Espelhos de Água, nos Currais, na Cooperativa e noutros equipamentos, são tecidos cruzamentos dos segmentos que relacionam as pessoas e os animais em presença. Ainda no "Planalto como Lugar" entro nalguns elementos quantitativos que possam auxiliar a 'leitura'; partilho interacções presenciadas, as relações entre as pessoas das comunidades, as cumplicidades e os conflitos existentes.

Num segundo momento desta terceira parte "Planalto como Laboratório — re-interpretações", a tese expande-se para o domínio da inovação social em design onde partilho reflexões acerca de casos em acontecimento no Planalto. Início esta partilha com um caso de inovação social em fase de consolidação para continuar o desenvolvimento deste ponto com alguns casos em gestação no horizonte temporal da investigação que se traduz nesta escrita.

No último momento da tese tecem-se alguma notas conclusivas, um ponto que se considera como uma pausa na escrita, o início de outras narrativas que este estudo possa suscitar no 'campo fresco de possibilidades' que a investigação e a educação artística permitem.

PARTE I - PONTO 1

## CABO VERDE: O FORJAR HISTÓRICO- -CULTURAL E SOCIOLÓGICO DO PAÍS

Da descoberta ao povoamento das ilhas, através de um processo de miscegenação de culturas, nasce um país ainda em construção, numa dialéctica onde a especificidade cultural do ilhéu sempre se apresentou como elemento diferenciador de um povo que procura transcender perante a idiosincrasia de um território difícil e inóspito, que encara esta realidade como mote de superação de uma existência sofrida, quase improvável em diversos momentos da sua história. É esta nação de gente perseverante que se procura mapear em traços gerais, procurando encontrar momentos, lugares e gente que contribuíram de certa forma para que ela continue a existir.

As ilhas de Santo Antão e S.Vicente são particularmente enfatizadas nesta narrativa, porquanto se apresentarem como os lugares onde decorre esta investigação, assim como se releva os seus papéis na definição da matriz identitária do país, referindo-se também a influência de pessoas e de alguns marcos históricos, sociais e culturais na definição da história recente do país.



Cabo Verde é um país insular constituído por 10 ilhas, um espaço geográfico de 4033 Km<sup>2</sup> de superfície terrestre e 735.000 Km<sup>2</sup> de mar, cuja localização em pleno Oceano Atlântico e na zona subsaheliana lhe confere um clima árido e semi-árido com implicações directas nas suas realidades física e humana. Descoberto e ocupado pelos portugueses a partir do séc. XV, a sua história regista desde o início o cruzamento de dois grupos humanos diferentes, europeus e africanos, particularidade estranha e de difícil adaptação (Correia e Silva, 2001:310). Esta duas culturas cruzaram-se neste novo território, ainda que a europeia como entidade colonizadora, num processo de miscegenação étnica e cultural das suas vidas, das suas crenças, religiões, dos usos linguísticos, costumes, etc., que traduzido numa necessidade de sobrevivência à realidade física, sublimou a sociedade crioula que viria originar a nação cabo-verdiana.

Os processos e os diferentes momentos de povoamento de Cabo Verde são elementos base na definição da identidade dos cabo-verdianos. Com três ciclos de povoamento, o primeiro nos séculos XV e XVI, que tiveram como 'chão' as ilhas de Santiago e Fogo; o segundo envolvendo as ilhas de Santo Antão, S. Nicolau e Brava e o terceiro ciclo com a ilha de S.Vicente, cada um destes ciclos revestindo-se de características específicas, materializado em populações com características particulares, o que contribuiu para a conformação de um território com um *puzzle* humano multifacetado.

Estas bases se constituem como lastro de um Cabo Verde que se caracteriza por um singular fenómeno de aculturação, traduzindo-se no arquétipo de harmonia racial de entre as demandas portuguesas nos idos quinhentos, o que segundo Carreira (1975:66), contraria a tese de Aimé Césaire sobre "*a impossibilidade da formação de uma cultura forjada no encontro de povos europeus e africanos*". Neste particular a dimensão bilingue do cabo-verdiano é gerada entre os vários dialectos das etnias africanas em presença com a língua de uma elite colonizadora, que neste particular se traduz numa simbiose linguística — o crioulo — que reflectindo uma idiosincrasia própria de um povo, encontra na literatura a expressão desta particularidade, fazendo com que o estudo/entendimento desta realidade seja indissociável da produção literária daqueles que contribuíram para a forja identitária de uma *originalidade* em construção, produzida no domínio bilingue do provento literário das ilhas.

O início da construção do ideário de uma nação desenrolou-se nas ilhas mais influentes até então (Santiago, Fogo, S. Nicolau e S. Vicente), mas outras ilhas contribuíram para a consciencialização da realidade de Cabo Verde — i.e. o caso de S. Antão — quanto mais não fosse pela triste visibilidade dos surtos cíclicos de fome que assolavam o arquipélago, e que se expressavam de uma forma avassaladora nesta ilha, distante da acção de governação do território. Nesta ilha mais setentrional do arquipélago — séc. XVII — não obstante a taxa de escravos ainda ser elevada, os escravos eram na maioria do donatário da ilha, trabalhando em regime de foreiro<sup>3</sup>, uma característica que influiu de forma decisiva no desenho social e humano da ilha. Outros aspectos influíram para uma diferenciação no povoamento desta ilha, nomeadamente, o facto de quase todos os escravos terem nascido na ilha, o que contribuiu para uma aculturação diferente do instituído em Santiago e no Fogo, as primeiras ilhas a serem povoadas<sup>4</sup>. Também, o facto da ilha ter sido inicialmente explorada como ilha-montado, influiu na pouca necessidade de mão-de-obra, consequentemente na pouca expressão da escravatura, um outro factor que contribui para a definição de contornos específicos da ilha de Santo Antão, em comparação com as primeiras ilhas colonizadas.

É no terceiro ciclo de povoamento — passados três séculos após os descobrimentos das ilhas de Cabo Verde — que a ilha que S.Vicente deixa de encontrar na *função pastorícia e piscatória* as suas principais razões de povoamento. Não obstante as incursões piscatórias pontuais dos habitantes de Santo Antão nesta ilha, como forma de encontrar no mar e no abrigo das enseadas desta ilha o complemento do que a terra lhes garantia, S.Vicente foi, inicialmente, um território onde as cabras eram rainhas e senhoras.

É nesta trama que a proximidade existente entre S.Vicente e Santo Antão vai tecendo e cruzando as suas histórias. A história destas duas

3 Correia e Silva (2001:22) Contrariamente ao arrendamento (processo corrente no primeiro ciclo de povoamento) o aforamento permitia a quem cultivava a terra somente pagar o forro ao donatário, sem quaisquer outros impedimentos. Este formato dava uma maior estabilidade ao cultivador, permitindo-lhe, entre outros aspectos, melhorar a propriedade com infra-estruturas, aumentando-lhe o valor, sem a preocupação da mesma ser resgatada pelo proprietário, subir o montante da renda, ou arrendada a terceiros a um preço superior.

4 (Correia e Silva (2001:18)

Caracterizando a forma peculiar como a escravatura se processou na ilha de Santo Antão, este autor caracteriza o processo como tendo uma trajectória abastardante. Isto, devido a vários factores que influíram para o desenho de uma nova sociedade com base escravocrata, nomeadamente, os poucos recursos dos donatários para controlar de perto o trabalho dos escravos; deficiente vigilância influiu para que um regime, inicialmente escravocrata, evoluisse para certas formas de servidão camponesa; o apurado conhecimento da realidade que os escravos tinham da ilha (geografia, língua, técnicas de trabalho, etc), pelo facto de serem escravos crioulos, nascidos na ilha.

ilhas está umbilicalmente intrincada, tanto pela presença física de uma noutra, como pelo "*mar d'canal*" que as une. Ainda deserta, as enseadas de S.Vicente serviram de pousio aos homens de Santo Antão que tiveram de se lançar ao mar para encontrar o complemento do sustento que lhes vinha da terra. Em termos administrativos, aquando da sua descoberta, S.Vicente foi doada ao Duque de Viseu, ficando na dependência de Santo Antão. Em 1851 a ilha de S.Vicente contava com cerca de 550 habitantes e ancoraram no Porto Grande 153 navios, numa altura da demanda dos habitantes de Santo Antão para a ilha do Porto Grande, num momento em que foi necessária mão de obra para alimentar as entranhas dos vapores que lançam âncora na baía. No entanto, essas dinâmicas não ofuscavam a realidade da escassez de chuva, com todas as suas dificuldades:

"Escassez de colheita de 1850 a 1851. — Em 1850, as chuvas escassearam, sobretudo em Santo Antão, S.Vicente, S.Nicolau, Boavista e Sal. O governador João de Fontes Pereira de Mello nomeou comissões de socorros e deu outras providências de forma a não haver victimas" (Barcelos:1904, 18).

As providências não impediram que um surto epidémico dizimasse, nesta altura, cerca de um terço da população. As dificuldades a temperarem a tenacidade e a idiosincrasia do homem cabo-verdiano. Em Santo Antão a situação provocada pelo surto de cólera motiva as pessoas a procurarem "abrigo" na ilha vizinha, o que piora as condições em S.Vicente. A um ritmo difícil de suportar, de 1854 a 1855, "*escassez de colheita*", fome, epidemia de cólera-morbus, de muito estas ilhas se viram "*ofertadas*". Um confronto com o nível de motivação de pertença dos homens do arquipélago, quiçá uma provação para aferir até onde iria a tenacidade perante o castanho desnudado das montanhas e de azul do mar como potenciais fontes de sustento. Superadas estas adversidades, S.Vicente e o seu Porto Grande continua na senda do desenvolvimento, um período que decorreu até ao final do século XIX.

Em finais do século XIX, as ilhas foram claramente votadas ao abandono. A fraca resposta aos problemas causados pela estiagem, as fomes cíclicas, contribuíram para que uma "*elite*" esclarecida, atenta ao que se passava em Portugal e no mundo, se consciencializasse da importância do encarar a realidade dos problemas de Cabo Verde, a partir de um ponto de vista próprio. É o "momento" do nativismo cabo-verdiano, assumido

por figuras importantes da história das ideias e da cultura do país, tendo-se destacando nomes como Luís Loff de Vasconcelos<sup>5</sup> (1861-1923), José Lopes<sup>6</sup> (1872-1962), Pedro Cardoso<sup>7</sup> (1890-1942) e Eugénio Tavares<sup>8</sup> (1890-1930), que não coibiram as suas penas de clamar contra a opressão do homem cabo-verdiano, os dois últimos, a defenderem publicamente e polemicamente, a "*dignificação do dialecto crioulo, atitude já incómoda naquela época*" (Carreira, 1975:67). É neste enquadramento que se forja nos finais do séc. XIX a chamada geração de 90, com estas figuras proeminentes na vida cultural, política e social de Cabo Verde a contribuírem para o despertar dos cabo-verdianos "*para a sua condição de serem cabo-verdianos e não portugueses*" (Lopes, 2011:81), que postula as palavras de J.N. Oliveira onde este afirmara o papel desse grupo na criação de uma consciência nacional que levaria à independência nacional.

Imbuído de um espírito com premissas afins, o movimento claridoso (1936-1960) assume o legado desta primeira fornalha de homens que reivindicam uma 'cabo-verdianidade' assente numa identidade cultural, que tem como sustentáculo uma atitude proactiva na análise das condições sociais e políticas de Cabo Verde, sintonizado com as grande correntes da modernidade ocidental. Este movimento se exala no ano de 1936, tendo como mentores Manuel Lopes, Baltasar Lopes e Jorge Barbosa, a partir da publicação da revista Claridade, mobilizando outras personalidades tais como Jaime de Figueiredo, Manuel Velosa, António Aurélio Gonçalves e outros nomes de relevo deste importante legado. Estamos perante o marco que inicia a contemporaneidade da literatura cabo-verdiana; da criação de um pensamento político-social, que, interpretando os problemas da idiosincrasia do país, se perpetua e comunica com o processo de libertação nacional das amarras coloniais. Segundo Ferreira (1975:68), o momento claridoso sintetiza um percurso de quase um século na esteira de nomes estruturantes desta particularidade social e cultural que é Cabo Verde, que para além dos nomes acima citados ainda refere outros menos

---

5 Luís Loff de Vasconcelos (1861-1923), Escritor e Jornalista, uma 'personalidade' integrante do grupo dos Nativista que se debateu contra o "abandono das ilhas" pela metrópole, em prol de Cabo Verde mais equitativo e com menos miséria. Com um estilo irreverente, é considerado pioneiro na definição de uma nova forma de fazer jornalismo em Cabo Verde.

6 José Lopes (1872-1962), Professor e Poeta de elevada erudição que se destacou no panorama literário cabo-verdiano de 1920 em diante.

7 Pedro Cardoso (1890-1942), Nativista, poeta e jornalista, ardente defensor do continente africano, fundador do jornal O Manduco (Fogo, 1923-1924), no valorizou o folclore cabo-verdiano e alimentou polémicas sobre os mais diversos assunto em defesa dos problemas e do dia a dia dos cabo-verdianos.

8 Eugénio Tavares (1867-1930), intelectual, publicista e temível batalhado em defesa de Cabo Verde e da sua gente, poeta, também considerado um dos maiores compositores cabo-verdianos, para muitos o pai da morna.

sonantes, tais como os casos de Antónia Gertrudes Pusich, Luís Teodoro de Freitas e Costa, José Maria de Sousa Monteiro Júnior, entre outros. A consciencialização cultural, social e política dos problemas vividos em Cabo Verde ganhou consistência com o amadurecimento das ideias desta elite culta e da consciencialização da classe trabalhadora das ilhas.

Com a Primeira Guerra Mundial inicia-se a desagregação dos grandes impérios coloniais europeus, um movimento que inclui o colonialismo português em África, um dos últimos a resistir a uma onda de mudança iniciada nos anos 50. Uma luta armada na Guiné e um longo processo negociado — fruto de uma estratégia definida por Amílcar Cabral e pelos quadros políticos que fundaram o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) — viria a traduzir-se num acordo assinado em Argel (1974), o prenúncio formal da proclamação da independência de Cabo Verde em julho de 1975. A unidade entre estes dois países (já independentes) é destituída em Novembro de 1980 com o golpe de Estado conduzido por João Bernardo Vieira, um facto "*totalmente inesperado para os dirigentes cabo-verdianos*" (Cardoso, 1993:193), mas que não coibiu Cabo Verde de desenhar o seu próprio futuro.

Dos primórdios do século XX para o presente século XXI, houve um país que reconfigurou o seu tecido social, cultural e económico. Ao longo dos 41 anos de independência houve momentos conturbados nesta vivência em regime de autonomia política, mas vive-se num país com uma experiência de democracia e estabilidade social que se destacam no continente africano; a fome endémica e as epidemias que flagelaram Cabo Verde até meados do séc. XX deixaram de fazer parte da paisagem nacional; em 2014 o país situava-se em 122º lugar, entre 187 países, no Índice de Desenvolvimento Humano, com uma esperança média de vida mais elevada de toda a África Subsariana; os resultados da educação colocam Cabo Verde no topo dos países da África Subsariana, com uma taxa de literacia adulta calculada em 87%<sup>9</sup>; a taxa de mortalidade infantil é a menor entre os PALOP e está bem posicionada na escala mundial.

---

9 The World Bank, Cabo Verde Aspectos Gerais. <http://www.worldbank.org/pt/country/caboverde/overview#2> página acedida a 3 de Agosto de 2016.

Um mês após as últimas eleições legislativas em Cabo Verde (março 2016), depois de 15 anos de governação do PAICV<sup>10</sup>, ganhou o MPD<sup>11</sup> (Movimento para a Democracia), um momento de alternância de poder que confirma o país como uma realidade em construção permanente, facto que contribui para que seja considerado um exemplo de democracia em África. É neste preciso momento que procuro o meu Cabo Verde, num momento em que o país se posiciona como país de desenvolvimento médio; a maioria dos Objectivos do Milénio (ODM<sup>12</sup>) foram alcançados. As memórias da miséria, presentes aquando da independência do país, se dissipam no tempo. No entanto, ainda se perpetuam dificuldades infra-estruturais em vários domínios, que associados à escassez de recursos naturais, fazem com que se questione uma ideia de desenvolvimento marcadamente assente em indicadores quantitativos. Neste tempo presente, e como qualquer outra nação, Cabo Verde não consegue fugir às vulnerabilidade suscitadas por uma conjuntura internacional que define políticas globais distantes das complexidades sociais e culturais das localidades, fomentam a incerteza, confrontando a autonomia nacional com políticas e *ratings* externos que condicionam as políticas nacionais com implicações directas nas vidas das pessoas. Mesmo como país independente, Cabo Verde vive condicionado por essas forças que extrapolam o seu território, convive com os instrumentos e as regras definidas por estas estruturas que consignam melhorias em indicadores ODM como a pobreza, a fome, a saúde, a educação, ambiente e economia; são esses instrumentos que indicam que o país tem vindo a melhorar a sua posição nos últimos Relatórios de Desenvolvimento Humano<sup>13</sup> (2012/2015), mas a realidade vivida pelas gentes de um Cabo Verde profundo, de outras coordenadas

---

10 Partido Africano da Independência de Cabo Verde, partido criado na sequência de um golpe militar na Guiné (Novembro de 1980), que originou a cisão do PAIGC, o partido criado em 1956 com a finalidade de libertar Cabo Verde e Guiné Bissau do imperialismo português.

11 Movimento para a Democracia, partido criado em 1990, e que ganhou as primeiras eleições em Cabo Verde depois do sistema de partido único vigente no país, desde a independência, em Julho de 1975.

12 Na viragem do século, a ONU, impulsionada pelo então Secretário-Geral Kofi Annan, apresentou recomendações no seu Relatório do Milénio. Trata-se de um documento que veio originar a formulação dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, uma estratégia que envolveu países desenvolvidos e países em desenvolvimento, visando o desenvolvimento das nações e a eliminação da pobreza.

13 O relatório “Cabo Verde no contexto do desenvolvimento sustentável” (2012), faz uma incursão ao processo de desenvolvimento do país nos 20 anos precedentes, destacando as alterações no sectores ambiental, quadro legal, reforço e capacitação técnica e humana, saúde, educação e saneamento básico, articulando estas dimensões com o crescimento económico e a redução da pobreza no país. Concluiu-se que não houve uma sincronização de todas as acções visadas, facto que não contribuiu para a sustentabilidade cabal do processo. “O processo do desenvolvimento visou antes de mais o crescimento económico e a redução da pobreza” (pág. 33), não obstante uma “preocupação com o equilíbrio ecológico e com a coesão social” dos diferentes governos. O “Relatório ODM Cabo Verde 2015” começa por inscrever o desenvolvimento do país nas dinâmicas da economia global, internacionalizando a sua economia, a premissa fundamental para o combate à pobreza. Destaque para os progressos conseguidos em ambiente de crise internacional, ressaltando a subsistência de desigualdades sócio-económicas (que afectam fundamentalmente a população feminina); num contexto de grande comprometimento dos governos, dos municípios e da sociedade civil, processo que se iniciou com o PND 1997-2000. Este relatório assume este processo como meritório, tendo sido construído até então, um país em transição para o grupo de países de rendimento médio (2008).

menos "*cosmopolitas*", levam-me a encarar estes referenciais de desenvolvimento como insuficientes para uma outra ideia de desenvolvimento, quanto mais não seja pela insuficiência dos seus índices para "evidenciar" o crescimento de uma nação em todas as valências que conformam a sua complexidade humana e cultural.

Comungo da ideia de "*política da avestruz*<sup>14</sup>" de Seymour Papert, mas existe um outro tempo e modo para o conceito de desenvolvimento que poderia ser considerado paradigma para estas ilhas, mais concretamente no território do objecto de estudo desta investigação, o Planalto Norte, que nos possibilita contrapor outras premissas para o desenvolvimento onde seja possível equacionar o sentido das três ecologias de Guattari (2001); o decrescimento sereno de Latouche (2012); onde poderemos encontrar um contexto para o processo de aprendizagem social preconizado por Manzini (2008); onde Sepúlveda (2014) poderia encontrar outro contexto de inspiração para reforçar a sua ideia de felicidade e de desenvolvimento.

Considero que em Cabo Verde ainda poderemos estar numa posição que permita "reinventar" uma realidade a partir do pouco (ou quase nada) que nos constitui, contrapondo este mundo global que se rege pela virtualidade dos algoritmos informáticos a um outro estar, com outro tempo, menos liquefeito (Bauman, 2007) o tempo onde nos constituiríamos a partir de nós, a partir dos ensinamentos que este mundo global nos proporciona. A partir de uma ideia de um Cabo Verde distante, materializada em comunidades remotas (o caso de Chã de Feijoal em Planalto Norte, na ilha de Santo Antão), poderíamos questionar problemas actuais que trespassam a sociedade cabo-verdiana e o mundo global, tais como o desemprego (quase inexistente no Planalto) e outros problemas sociais correntes inexistentes no Planalto Norte. Problemas nossos, da contemporaneidade, que estão longe do dia a dia das gentes do Planalto, quiçá enraizados pela tenacidade que constitui as gentes das montanhas:

Tanha, 38 anos, mãe de dois filhos, justificou a sua paixão pelo futebol da seguinte forma: "Temos de fazer alguma coisa com o nosso corpo, não podemos parar". — Acontece que a Tanha levantou-se às seis da manhã, foi tirar um

---

14 Em 1996 Seymour papert escreve "A Família em Rede", um livro seminal no domínio da integração das tecnologias de informação em contextos de aprendizagem. Aqui o autor cunha a expressão "política de avestruz", referindo-se àqueles que desalinham a sua atenção com as premissas da evolução tecnológica no contemporâneo, que não se coadunam com a premissa da actualização constante como linha de força do conceito de info-exclusão. São os sujeitos que esperam que o tempo passe, sem transformações interiores acompanhem as alterações do meio.

dia de trabalho nas FAIMO<sup>15</sup>, quando regressou, por volta das 12:00h, galgou montanhas acima para tratar das cabras (auxiliando o marido e o filho nas diversas lides do dia), depois fez o almoço, neste momento está a preparar o milho para a cachupa, e tem de fazer alguma coisa para o corpo não parar, a justificação que a Tanha me deu para jogar futebol ao fim do dia, durante mais de duas horas, até ficar um bréu completo, ouvindo-se como som de fundo somente pessoas correndo, balbuciando, correndo...”

Neste ponto faz-se a ponte entre um Cabo Verde ido, tempos remotos com particularidades que se inscrevem no presente, resgatados a partir de cumplicidades que se criam a partir de/e com comunidades remotas, que instituídas de outras dimensões espaciais e temporais motivam o encontro com os lugares de cumplicidade desta tese. E assim chegamos à localidade como foco nesta investigação, quer se trate de uma comunidade remota na ilha de Santo Antão — o Planalto Norte — ou uma Escola Superior de Arte em S.Vicente — o M\_EIA —, ambas fundamentando a sua existência no mesmo amparo motivacional que impeliu um pensamento modernista de uma elite cabo-verdiana do início do séc. XX a encontrar espaço de intervenção nestas ilhas atlânticas. Nesta tese considero um posicionamento específico neste plano geral, reflectir sobre os ensinamentos que desses lugares possam advir para o entendimento de um Cabo Verde que absorve e inclui todos os quadrantes (Ken Wilber, 2000) no desenho do seu futuro, que se pretende coerente e consistente com o tempo presente, onde primam as singularidades num mundo complexo.

São em duas ilhas, Santo Antão e S.Vicente, que se alojam os contextos onde se desenvolve esta investigação, em dois territórios que nos permitem resgatar no presente as matizes de um passado que forjou um dos principais motes inspirador da idiossincrasia do arquipélago: a inscrição do pensamento e da sensibilidade de homens da cultura nos problemas do quotidiano do homem cabo-verdiano, pressupostos que trespasam para obras de referência da literatura cabo-verdiana, i.e. *Chiquinho* (1947) de Baltasar Lopes, ou *Os Flagelados do Vento Leste* (1960) e *Chuva Braba* (1956) de Manuel Lopes (1960), romances em que o binómio chuva/seca esmorece os sonhos e abnegação de gente fragilizada, que no seu quotidiano luta pela vida, numa realidade específica — o Planalto Norte —

15 Frente de Alta Intensidade de Mão de Obra, a solução de continuidade ao APOIO (opção vigente durante a administração colonial para fazer frente ao declínio das oportunidades de emprego no território) que o regime do PAICV encontrou para criar emprego e garantir um mínimo de rendimento no mundo rural, uma realidade ainda vigente em Cabo Verde, com consequências complexas ao nível económico, social, cultural e políticas na vida das pessoas. ver: Cardoso, 1993. O Partido Único em Cabo Verde . Um assalto à esperança. Praia: Imprensa Nacional de cabo Verde . p. 170

que no presente ainda se debate com a mesma dualidade, perante a qual posiciono-me com um olhar específico, convocando outros ingredientes para entender a vida e as aprendizagens que lá acontecem. Aqui convoco a educação e a investigação em educação artística como motes para forjar outros entendimentos da realidade humana e social, o caminho para a construção de um outro olhar sobre as realidades que conformam um Cabo Verde complexo, mas uno perante a sua matriz constituinte.

PARTE I - PONTO 2

## SUJEITO E CONTEXTO: *M(EU)* CABO VERDE

Esta investigação não se dissocia do sujeito que investiga, premissa a partir da qual se constrói o fio condutor de uma narrativa em primeira pessoa e que, naturalmente, condiciona a rota desta pesquisa. É este o fundamento do “M(eu) Cabo Verde”, uma partilha do processo vivencial que me conduz à “Academia”, num processo doutoral, cuja dimensão afectiva com o “País dos Saberes” (Alves, R. 2004) e os lugares justificam este posicionamento.

### Chegada a Mindelo/ S.Vicente: a caminho do Planalto Norte

2013, 12 de Julho [Nota de Campo]

*“Regressei ao arquipélago.*

*A sensação de sempre ao pisar os pés no calor árido do território. Um misto de incredulidade e tranquilidade ao chegar ao “útero”. O ar quente que trespassa o vale de São Pedro, a secura crua, os apontamentos de verde que teimam em permanecer, as caras, umas conhecidas outras nem tanto — mesmo assim todas familiares.*

*A viagem de carro do aeroporto para a cidade começa, vislumbro a ilha, Mindelo descortina-se numa quase bruma suscitada pelo calor do asfalto, o Monte Cara do lado esquerdo da estrada de S.Pedro — com a tranquilidade de sempre — e a Baía do Porto Grande ao fundo, as casas salpicadas no castanho, uma árvore ali, outra acolá, a brisa a acalantar a face dizendo-me que cheguei.*

*Os primeiros abraços, a família, os amigos e um caldo de peixe à minha espera em casa da minha mãe, faz-me sentir em casa.*

2013,13 de Julho (Nota de Campo)

*Depois de umas horas de sono acordo. Onde poiso é um sítio agradável. Antiga casa de família, hoje reconstruída pelo meu irmão, um espaço agradável que apetece estar. Sinto-me bem. Hoje acordei com o foco no objectivo desta viagem: estar presente/focado em cada minuto destes 30 dias no "Planalto". Tenho a sensação de que o desafio que tenho à frente não é fácil. Espera-me o Planalto: Como equacionar a potencialidade com o mínimo de dispositivos? Para além do Planalto, outros compromissos se perfilam nestes dias: 1- Exposição na Galeria Alternativa (projecto "Hôms d'nôs Terra"); 2 - Exposição "Geometrias Insulares"; 3- Apresentar o projecto de doutoramento no M\_EIA.*

2013,16 de Julho [Nota de Campo]

*Tenho deambulado pela ilha. Encontrei amigos, muita conversa, muito sentir. Desencontros... Sinto-me desconstruído na ilha, sensação/coisa nova na relação de sempre com este espaço. Observo, sinto, cheiro. Algum encontro almeja-se. Não sei onde possa estar, mas preciso de encontrar uma frequência ou uma linha de força que indique o sentido do caminho a percorrer. Em S.Vicente sinto um desajustamento da escala humana, espacial, formal, volumétrica. Naturalmente, assumo o desajuste como sendo meu, a minha dificuldade em encaixar-me nalgo maior do que eu.*

*A praia da Laginha está a ser intervencionada com base num projecto contestado; Em Mindelo, em termos urbanísticos vejo rochas esventradas para encaixar blocos monolíticos atípicos e aflitivos; o vulcão do Calhau abocanhado num processo terrível de extração de jorra; a enormidade de carros circulando pela limitação dos caminhos da ilha, o barulho, o som descontextualizado nas esplanadas dos cafés e, o Monte Cara, no lugar de sempre, sereno, na sua pose de pertença da ilha.*

Entre o último trimestre de 2012 e junho de 2013, vivenciei uma componente intensa de preparação da investigação, traduzida na participação em seminários, encontros, discussões e partilhas entre colegas, professores do curso doutoral e convidados de várias academias e nacionalidades que chegaram à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com uma periodicidade e estímulo regulares. Foi um período de intensos estímulos físicos (1000 Km/ semana) e intelectuais, num contexto académico pejado de posturas de desconstrução face aos discursos naturalizados nos vários domínios do saber, com enfoque particular em

Educação Artística. Relembro com prazer a sensação vivida aquando do seminário do Professor Vitor Oliveira Jorge (28/09/2012), no qual ele pedia desculpas ao plenário por ainda não estar preparado para falar do Slavoj Zizek, pois estudava-o *apenas* há seis anos. Eu que pensara estar *inapto*, por não ter “descodificado” *As Metástases do Gozo* (2008), apresentado, pela primeira vez, duas semanas antes.

Durante um ano construí as bases deste processo doutoral, através de viagens pela Estrada Nacional 1 (Portugal) e pelas imensas leituras e estímulos construídos. Foi essa vivência que sustentou o desenho da viagem desejada, rumo ao Planalto Norte.

2013, Junho - No projecto de tese dizia o seguinte:

“Eu vou para o Planalto! É uma das poucas certezas que tenho neste processo de investigação em educação artística. Eu nasci na ilha do Planalto, cedo parti, mas o fascínio ficou, com a imponência das montanhas sulcadas pela erosão a penetrar no mais íntimo do meu ser. Em viagens várias sonhei com as montanhas, interiorizei-as, sem saber o momento do entrosamento dos nossos destinos, certeza somente a intensidade do chamamento que um dia entrelaçaria os nossos caminhos, num processo onde o encontro acontece. Sei que o encontro de afectos não tem espaço no “País dos Saberes”, pois não encontra a lógica do alinhamento e justificação desejável na construção sequencial do conhecimento, mas acontece que no Planalto nada é linear, nada é expectável e com certeza as únicas certezas que encontrarei no Planalto serão a incerteza e a imprevisibilidade. São nas incertezas do Planalto que encontro a potencialidade desta investigação, na impotência e em todas as possibilidades que se podem cumprir. Tudo isto diluído num processo em que se constroem sentidos com o outro, a partir das cumplicidades e realidades que se desenham assentes em utopias, a partir de uma análise cuidada e realista das condições do presente (Magalhães, 1995)”.





Planalto Norte. A imponência de uma paisagem que se impõe pelo estranhamento.

## Passado um ano cheguei ao Planalto.

2013, 21 de Julho [Nota de Campo]

*"19:36H, finalmente estou no Planalto. Cheguei por volta das 18 horas, depois de um dia profundamente vivido. Às 7:00 da manhã estava a caminho de Santa Isabel, [segundo dia de rodagem do filme de Leão Lopes, 'Cabo Verde - Vozes Solidárias: Um Outro Canto à Esperança']. Estou bem, sinto-me bem, tranquilo, à luz de uma vela, num abrigo rudimentar (7x3 metros), construído com pedra e cobertura de palha, uma reconstrução recente que respeita a traça das casas do Planalto, completamente integrada no espaço envolvente. Da porta da casa vejo rapazes e raparigas jogando futebol num campo rudimentar de terra batida. Do lado de fora da casa, dois jovens e um homem mais velho conversam e brindam-me com um zouk (música oriunda das Antilhas, popularizado pelo grupo Kassav, muito presente nas rádios cabo-verdianas). No interior de Santo Antão os jovens têm como companhia frequente um pequeno rádio, sempre ligado, que os acompanha ao longo dos seus afazeres diários. Durante as três horas de caminhada até Santa Isabel, cruzamo-nos com estes sons que indiciavam a vinda de alguém... A música lá fora 'deslocou-se', oiço agora o som do Planalto: nada. Ao longe ainda oiço os sons do jogo de futebol, noite dentro. Um apito. Será que o jogo terminou?"*

*São 21:00 horas. Não se ouve vivalma. A lua reflecte as montanhas e a silhueta de uma parca vegetação com uma definição e luz impressionantes. Na praceta defronte do abrigo desfruto da paisagem nocturna, sinto a aragem, ao mesmo tempo que sinto o privilégio de viver um momento sublime. Estou aqui, cheguei ao Planalto”*

Depois desta primeira imersão ocorreram mais de duas dezenas de estadias no Planalto, com consequência directa na escrita que resulta nesta tese. Entre Setembro de 2014 e Julho de 2016 a minha presença em Cabo Verde foi determinada pelo meu envolvimento no M\_EIA como director desta instituição, factor que permitiu uma relação mais próxima com o objecto da investigação, permitindo assim um foco mais incisivo nas questões suscitadas pela pesquisa. A dimensão de pertença inerente a uma investigação desta natureza consolidou-se, tanto no M\_EIA como no Planalto Norte, permitindo o desenho de acções em conformidade com as relações que se estabeleceram com as comunidades, traduzidas na idealização da 'Comunidade do Alimento do Planalto'; na iniciativa "As Batatas do Ramiro"; em dinâmicas criadas a partir da "Casa dos Meninos do Planalto"; no "Caiar o Planalto"; acções envolvendo a "escola formal"; "Uma Carta ao Benfica"; a construção de um abrigo; encontros com a comunidade; dinamização do projecto "Fogão Bio-plan"; visitas e confraternizações com elementos da comunidade; apoio a dinâmicas na Cooperativa de consumo; acções realizadas no âmbito desta permanência de quase dois anos na comunidade de Chã de Feijoal, apresentadas adiante. Em paralelo, e no âmbito desta tese, outras acções foram desenvolvidas no M\_EIA, umas com implicações directas neste trabalho, outras com implicações ao nível de gestão e organização institucional, algumas práticas e reflexões no domínio da educação artística, do design, tanto no domínio curricular como em projectos envolvendo alunos e professores da escola.

Reflectindo acerca das motivações que estarão na base para este projecto doutoral encontro Cabo Verde na essência do desafio. Constato que também procuro pessoas, sensações, vivências passadas que se cruzam com linhas desta tese, que procuro um Cabo Verde a partir de mim, das minhas referências pessoais e relacionais, também a partir da Rosa, da Titia, da Tia Guidinha, da Zizinha, do Justino, destes rostos conhecidos e dos outros desconhecidos que forjaram a minha pessoa sem que eu soubesse. Procuro-me através de uma essência quase perdida, de gente que

ensinou fazendo, sendo, sem palavras mais do que as necessárias para que se vislumbresse o trilho a percorrer.

Hoje, passados 49 anos posiciono-me no ponto charneira a partir do qual conheci *As Memórias de Adriano de M. Yourcenar* — esquina da Alternativa, 1982 — na 1.ª Feira do Livro realizada nas ilhas — viajo para a Livraria do Toi Pombinha, finais dos anos 70, onde com 500\$00 as portas se abriam para o gáudio com o *Jack London, As Vinhas da Ira* de *John Steinbeck, Por Quem os Sinos Dobram* de *Ernest Hemingway*, viagens antecedidas pelas leituras de tudo quanto fossem livros aos 'quadrinhos' da ilha até às fotonovelas de *Corín Tellado*.

Assim fui tecendo o meu Cabo Verde...

Foi nesse tempo, sem que tivesse consciência da amplitude do momento que participara na cobertura vídeo do 50.º aniversário da Revista *Claridade*. Nesse entretanto, nem fazia ideia das implicações dos filetes, cortes e montagens que a Revista *Ponte & Vírgula*<sup>16</sup> me implicariam no futuro. A minha vida ia sendo tecida nas paragens que os envolvimentos me proporcionavam. Na Alternativa<sup>17</sup> respirava o mesmo ar que personalidades como o Dr. Baltasar Lopes, o Dr. Aurélio Gonçalves e outros *senhores da cultura*, sem que tivesse consciência da dimensão do privilégio. Jovem, lembro-me de contracenar com o meu irmão mais velho, num 1.º de Maio, na Cooperativa 1.º de Maio, declamando o "*Operário em Construção*" de Vinícius de Moraes. Lembro-me do Travadinha<sup>18</sup> fazendo parte de nós, de ir buscá-lo ao aeroporto na sua última chegada à ilha. Lembro-me da Cesária Évora no Atelier Mar, lembro-me das inaugurações de exposições no Atelier Mar Galeria, mais tarde Galeria Nhô Djunga; lembro-me de chegarmos todos à Alternativa no Peugeot 404, a primeira carrinha de caixa aberta que não fazia serviços de aluguer em S.Vicente. Foi nesse tempo que ouvira a palavra utopia, sem perceber bem o seu significado ou implicações futuras na minha vida. Nesta narrativa encontro o meu irmão mais velho, Leão Lopes.

---

16 Revista editada entre 1983 e 1987, considerada uma das mais importantes publicações literárias a surgir no país no pós-independência. Trata-se de uma revista que juntou colaboradores de diversas gerações e áreas, que produziram o pensamento cabo-verdiano na altura, nomeadamente, António Aurélio Gonçalves, Baltasar Lopes, e Manuel Lopes, até aos novos escritores, que estavam a emergir na altura, Germano Almeida, Dina Salústio, Leão Lopes, Jorge Tolentino, entre outros.

17 Galeria criada pelo Atelier Mar em 1981 (ainda a funcionar), local de nascimento da Revista Ponte & Vírgula

18 Um dos maiores músicos autodidactas de Cabo Verde, um virtuoso do violino e outros instrumentos de corda. Faleceu em 1987.

Lembro-me do meu tempo no Liceu Ludgero Lima, meados dos anos 80. Lembro-me dos *'sétimoanistas'*, daqueles que respeitávamos, porque sim. O deslumbramento que aquele espaço surtia em nós. Dos laboratórios de Físico-Química, fascinantes. Da Zaba (Isabel), a funcionária de limpeza que também era bibliotecária. Das descomposturas amistosas que nos dava e do quanto adorámo-la. Dos nossos professores de educação física, Djimba (Arlindo Silva) e Rute Alinho, os melhores de sempre, nossos amigos. Das actividades extra-curriculares que organizavam. Da campanha de limpeza/ acampamento na Baía das Gatas; dos espectáculos que organizavam (com a Alcione: inesquecível); a caminhada até ao Paúl, via Cova, uma viagem de finalista memorável. Dos dias 24 de Abril, dia do Liceu; das reportagens fotográficas que eu fazia em tempo recorde, seguido de revelação e venda — no tempo analógico, da revelação da película à ampliação para o papel.

Antes deste tempo lembro-me ainda dos pioneiros Abel Djaci<sup>19</sup>, da Jaac CV<sup>20</sup>, do Miguel, do instrutor que sempre tentou cativar-me para esses envolvimento, mas sem sucesso. Lembro-me do dia 5 de Julho de 1975, da figura do Aristides Pereira no *Buick* preto, a descer a rua de Lisboa, num momento inesquecível para todos nós. Lembro-me do PAIGC, do PAICV, lembro-me das milícias populares, dos julgamentos em tribunais de zona, de requerer uma autorização de saída quando viajei para Portugal pela primeira vez (1977). Lembro-me de não perceber o porquê do pai da Ivone (minha cunhada) ter sido preso e torturado; lembro-me de ouvir falar na reforma agrária em Santo Antão; 1977, lembro-me de certo dia, dos receios vividos — lá fora ouviam-se tiros —; no outro dia soubemos que o Toi de Forro, Titino Boxer, Zeca Matos e outros tinham-se evadido da prisão<sup>21</sup>. Em Dezembro de 1986 lembro-me de estar a fugir da polícia pelas ruas do Mindelo — 1.ª manifestação de estudantes na ilha. Lembro-me de escrever panfletos, de imprimi-los numa máquina de *stencil*, de distribuí-los pela ilha. Lembro-me de ser um dos que lançou os panfletos no Liceu, acção que contribuiu para a mobilização de toda

---

19 Organização dos Pioneiros Abel Djassi Cabo Verde — durante o regime de partido único em Cabo Verde, entre 1975 e 1991, esta organização desenvolvia um conjunto de actividades que tinham como principal premissa a mobilização das crianças para os princípios do PAIGC.

20 Juventude Africana Amílcar Cabral - Cabo Verde. A organização que se seguia na hierarquia partidária do PAIGC, e que mobilizava a maioria dos jovens cabo-verdianos no período em que vigorou o partido único.

21 Uma acção decorrente de práticas repressivas vigentes no regime de partido único, assente num decreto (95/76 de 30 de Outubro), que “possibilitou aos serviços policiais agirem sem controlo, senão o do partido”. In Cardoso, 1993. O Partido Único em Cabo Verde - Um assalto à esperança. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde.

a escola para a esquadra da Polícia com o intuito de resgatar os nossos colegas presos aquando da manifestação — e conseguimos. Lembro-me das incertezas após concluir o Liceu, de conseguir ou não uma bolsa de estudos, a única forma de evasão da ilha, excluindo a emigração. Foi este o enquadramento social, cultural e político que forjou a minha identidade como cidadão cabo-verdiano, que modelou uma sensibilidade sem que houvesse pretensão de categorizá-la como estando no domínio do artístico, mas que conduziu-me ao lugar onde me encontro neste momento.

## ***2016, O m(eu) Cabo Verde***

Em 1988 viajo para Portugal (Ingresso no Ensino Superior em Portugal). -O que se passou entre essa data e este ano de 2016? O que mudou em 28 anos? Quais as implicações desse tempo em mim? Naturalmente muita coisa, mas a germinação do sujeito actual ocorre entre 1977 - 1988, 11 anos com as maiores implicações na gestação da minha matriz social e cultural. Trata-se do tempo que justifica o hoje, sem o qual muito dificilmente estaria nesta escrita à procura das razões para um repto académico lançado a mim próprio em 2012: o ingresso num projecto doutoral. Uma Licenciatura em Ensino de Educação Visual procedeu a informalidade da escola matriz, o Atelier Mar. Seguiu-se um Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia, uma pós-graduação em Empreendedorismo, outras formações, mais de 20 anos como professor de Educação Artística, docente em vários contextos e níveis de ensino. O estímulo académico para um projecto doutoral sempre esteve presente em mim, mas o 'lugar' não acontecia, até o encontro com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, o ponto de partida para outras viagens no domínio da Educação Artística.

Cada vez mais compreendo a frase do Professor Vitor Martins<sup>22</sup> (2001), na qual ele assume que enquanto a arte for diferenciada da vida é porque tudo vai mal. Que necessidade é essa, no âmbito de um projecto doutoral em educação artística, de resgatar vivências e pensamentos nunca antes formalizados, com o sentimento de que são importantes para a "escrita" necessária no momento? A construção da vida por segmentos de vivências, linhas de força mais ou menos objectivas, num emaranhado ao

<sup>22</sup> Professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

qual algumas pontas se agarram, num processo de construção de sentidos onde a dimensão subjectiva das opções, do pensamento, envolve as nossas (in)certezas.

É assim que procuro uma ideia de Cabo Verde em sintonia com o que me constrói, que sinto sintonizado com uma outra noção de tempo, mais sereno, eventualmente em sintonia com a ideia de decrescimento sereno de Latouche (2012), imbuído de um processo de aprendizagem social de Manzini (2008). Neste Cabo Verde que procuro acalento a “utopia concreta<sup>23</sup>” de Latouche, explícita na ideia de decrescimento, assumida como opção capaz de inflectir a caminhada humana para a catástrofe eminente que se fundamenta numa ideia de acumulação ilimitada baseada na “publicidade, o crédito e a obsolescência acelerada e programada dos produtos” (p.17). Acredito no caminho que me leva ao “Planalto”, onde encontro o “estado estacionário” preconizado pelo decrescimento sereno, no qual o autor propõe oito mudanças interdependentes que se fortalecem mutuamente: reavaliar, reconceptualizar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar (p. 50), mudanças ou factos perfeitamente imputáveis ao Planalto. Este “estado estacionário” que encontro no Planalto advém da permanência de valores que o autor preconiza como sendo pertinente a sua *reavaliação* num contexto de decrescimento, mas cujos resquícios ainda encontramos nesta comunidade — a cooperação, o prazer no lazer, o local, o razoável e o relacional —, bem como a “preocupação com a verdade, sentido de justiça, responsabilidade, dever de solidariedade, vida de espírito” (idem); *reconceptualizar* é o segundo conceito que Latouche incorpora na sua tese, no qual ele sublinha que impõe-se redefinir/redimensionar os conceitos de riqueza e de pobreza, a par com os conceitos de raridade/abundância. A relativização da ideia de escassez e o aprender a viver com o essencial é uma aprendizagem que se faz numa estada curta no Planalto, uma vivência que tende a esbater-se no Cabo Verde contemporâneo, uma linha que se pretende resgatar nesta tese; *reestruturar* para uma melhor *redistribuição*, o abandono do paradigma capitalista, um paradigma esgotado — nas palavras do autor —, o caminho que permitirá uma melhor gestão e repartição do património natural (entre o Norte e o Sul e no interior de cada sociedade). O início de um processo de equilíbrio de contas através de um reembolso,

---

23 O autor considera a ideia de decrescimento como uma utopia concreta, “uma fonte de esperança e de sonho que tenta explorar as possibilidades objectivas da sua construção” (pág. 48). Considera o decrescimento um projecto político que permite, tanto no Norte como no Sul, a construção de “sociedades conviviais autónomas e económicas, sem, contudo, ser um programa no sentido eleitoral do termo”, contribuindo sim para “devolver toda a dignidade ao domínio político” (idem).

traduzido numa atitude menos predatória em relação aos recursos, um “acto de justiça” com implicações na diminuição da “dívida ecológica<sup>24</sup>”; segundo Latouche, relocalizar prima pelo local em todas as suas dimensões, devendo-se ampliar o entendimento do conceito para “a política, a cultura e o sentido de vida que devem reencontrar a sua raiz territorial”, ideias afins com as motivações explicitadas pela gente do Planalto pelo seu sentido de pertença ao território. O sexto R preconizado por Latouche, *Reduzir*, é uma metáfora na realidade Planalto. Reduzir o consumo da água, do alimento, da ‘pegada ecológica’... Poucos lugares permitem entender melhor a amplitude deste conceito como o Planalto, quando uma família não questiona o direito a 80 litros de água potável de 15 em 15 dias, ou quando temos 9 pessoas a partilhar um peixe (que ainda sobra), quando o desperdício é quase nulo — no Planalto o que se almoça pode-se estender ao jantar e as sobras ao pequeno almoço — um contraponto com a produção de 760 Kg de lixo doméstico por habitante, por ano, nos Estados Unidos ou 380 Kg em França, ou segundo a FAO, o desperdício anual de 1,3 bilhões de toneladas de alimentos.

Poder-se-á considerar um paradoxo exigir que um lugar distante, num país pobre do hemisfério Sul tenha como aspiração decrescer, mas a questão essencial prende-se a princípios subjacentes a um modelo de desenvolvimento que poderá questionar a dependência económica do Norte, um caminho só possível com a assunção e desejo de explorar e criar outros cenários de futuro. No Planalto é desejável que se desenhem cenários de futuro com outros dispositivos, eventualmente mínimos, num lugar de experimentação de outros caminhos, de outras possibilidades.

Próxima da ideia de decrescimento de Latouche encontro a ideia de descontinuidade em Manzini (2008:25), na qual este autor assume a premência de um processo de aprendizagem social como o caminho a percorrer rumo a essa descontinuidade, com implicações directas numa sustentabilidade ambiental e social, onde se equacionam os limites de resiliência dos sistemas como condição fundamental para a actividade humana. Segundo este autor, não obstante esta transição ser longa, ela já se iniciou, através de um processo de aprendizagem social onde cada vez mais ganha-se a consciência da pertinência da redução de níveis de consumo para a melhoria da qualidade da biosfera. *As vivências em deter-*

---

24 Um conceito que designa o equivalente monetário devido pelos países ricos aos países pobres, pela utilização dos bens e serviços ecológicos das nações credoras, que são aquelas de menor industrialização, menor renda per capita, situadas no hemisfério Sul e com elevada dívida externa, que ficam sujeitos à exportação da poluição, nomeadamente pelos gases que criam o efeito de estufa.

minadas comunidades de Cabo Verde — i.e. o caso do Planalto — permite-me afirmar a existência de experiências no país que antecedem algumas das mudanças preconizadas por Latouche, permite-me inferir se não estaremos perante um contexto onde a descontinuidade de Manzini não seja uma realidade — pelo simples facto de estarmos perante uma comunidade distante (fisicamente) dos centros de pressões da modernidade, dos seus artefactos e *gadgets*, dos deslumbramentos das comunidades cujo bem-estar se baseia no acesso (Manzini, 2008:47). O meu referente Planalto, mesmo no plano da utopia, comunga das palavras de Santos, (1990:86):

“Não há meio ‘científico’ de prever para onde vamos, pelo que a utopia é constitutiva de qualquer pensamento de transformação social. Para o ser autenticamente, a utopia tem de assentar numa análise cuidada e realista das condições presentes”,

assenta numa análise real das condições do presente, ‘variáveis’ perante as quais se está sensível nesta investigação.

Neste Cabo Verde que encontro a partir do Planalto, apraz-me um tempo onde seja possível aspirar “*Uma ideia de Felicidade*” (Sepúlveda, L. Petrini, C., 2014) assente em “pequenas coisas” e aspectos “frugais” da vida como a literatura, a partilha, a alimentação, a natureza... outras ideias de desenvolvimento. Neste caminho que encontro, acarinho a predilecção do Sepúlveda pela sociedade “acaracolada”, o Uruguai, o país que teve a coragem de romper com modelos de desenvolvimento correntes, de caminhar no sentido oposto ao da velocidade, assumindo um período de reflexão, “parar, pensar bem o que fazer e tomar decisões fundamentais” (idem, p. 46). Segundo este autor, esta decisão determinou para que o Uruguai se constitua no presente como a sociedade mais justa da América Latina, contribuindo para a construção de uma sociedade igualitária em termos de direito, onde existe uma diversidade humana fervilhante e grande sentido de justiça. Ousadia, visão, determinação, ingredientes que permitiram sonhar e construir países em sentido oposto a esta mundialização das matizes da existência, o caminho pautado por utopias, inspirações que possam permitir às gentes do Planalto sonhar Cabo Verde, o país real que encontro nesta viagem (doutoral), a partir de um lugar distante: O Planalto Norte.

PARTE I - PONTO 3

## OS LUGARES DE CUMPLICIDADE DA TESE

Esta ponto resulta das reflexões e das aprendizagens vivenciadas no âmbito de uma investigação que decorreu em duas ilhas e em dois lugares de Cabo Verde, — O Planalto Norte e o M\_EIA — num processo sustentado pelas cumplicidades existentes entre dois territórios, unidos pela força da imponderabilidade em concretizar utopias nos espaços onde inscrevem a sua existência. Não obstante estarmos perante dois territórios diferentes, o Planalto Norte assume uma centralidade nesta tese, traduzida em reflexões e aprendizagens específicas que penetraram em osmose o acontecimento no M\_EIA.

Neste ponto faço uma apresentação destes dois territórios de aprendizagem, partilho alguns aspectos que se apresentam relevantes para a compreensão da escrita que se segue.

### ***Planalto Norte - Santo Antão***

Este lugar dista cerca de 50 Km de Porto Novo, a cidade onde se encontra o porto que faz a ligação marítima com a ilha de S.Vicente, a ilha mais próxima de Santo Antão. As coordenadas precisas do Planalto conferem-lhe a especificidade geográfica que se traduz numa paisagem física e humana particulares que não deixam indiferente quem aí chega, e chegar a esse lugar não é uma tarefa fácil. Os cerca de 50 Km conduzem-nos à principal comunidade do Planalto Norte — Chã de Feijoal — o lugar focal de cumplicidade nesta tese. A partir da cidade do Porto Novo esta distância pode ser percorrida de carro ou poderemos optar por uma outra

alternativa para chegar a Chã de Feijoal, subindo as rochas até a Bordeira, a partir da Ribeira das Patas. Optando pela viagem de carro teremos a oportunidade de realizar uma viagem que não deixa ninguém indiferente à imponência das montanhas que nos absorvem em cada curva que se faz ao longo de um percurso em crescendo em emoção e em altura, até se chegar ao 1400 metros acima do nível médio das águas do mar. Depois de percorrer 35 Km de estrada calçetada chega-se à bifurcação que separa Planalto Norte de Terrafal de Monte Trigo, e inicia-se o troço final até Chã de Feijoal, uma viagem que se faz numa estrada de terra solta na qual embrulhamo-nos literalmente em terra castanha ressequida.



Durante os três anos de viagens ao Planalto Norte no contexto desta tese, uma única vez tive a oportunidade de vivenciar o verde nas montanhas, então regadas pela chuva, que nos conduzem ao Planalto. Assim como vi Chã de Feijoal verde pela primeira vez, uma experiência contrastante com o castanho retido em mim.

Chegar ao Planalto Norte pela estrada que vem do Porto Novo não é a única opção que temos para chegar ao lugar. A Bordeira é uma alternativa que deve ser considerada somente acompanhado por alguém conhecedor do lugar. Trata-se de uma viagem que se faz subindo as rochas a partir da Ribeira das Patas, um trajecto sinuoso e perigoso, no qual pessoas da comunidade de Chã de Feijoal já perderam a vida. Todos

os dias as pessoas de Chã de Feijoal passam pela Bordeira a caminho de Cinta, o lugar onde se localizam as nascentes que fornecem água potável à comunidade. Essa viagem demora cerca de três horas percorridas a pé, e na companhia dos burros que transportam a água potável em embalagens de plástico de 20 litros. A Bordeira é também o lugar onde as pessoas da localidade têm de se deslocar, sempre que necessitam de estabelecer uma comunicação com o exterior, o único lugar onde existe sinal de rede para o telemóvel.

Chã de Feijoal é um lugar com menos de 20 habitações de diversas tipologias e materiais, dispersas entre si, salvo três núcleos habitacionais onde vivem cerca de 80 pessoas divididas em 16 famílias, possuindo entre si cerca de 400 cabras e 40 burros, animais que dão “sustento” a essa comunidade. Para além das suas habitações encontramos em Chã de Feijoal um conjunto de equipamentos rudimentares que poderiam não conferir-lhe o estatuto de um lugar de destino numa lógica urbanística — porque não tem uma praça central, uma igreja, arruamentos e outros elementos urbanísticos — mas é efectivamente um lugar de destino porque ninguém chega ao Planalto por acaso. Encontramos no Planalto uma imensidão de montanhas circundantes, currais, um campo rudimentar de futebol, cisternas de água, um pequeno parque de painéis solares que fornecem energia fotovoltaica às casas e uma Cooperativa de consumo, numa comunidade onde as rotinas das pessoas andam à volta das lides com os animais e a obtenção de água para gente e animais, líquido acessível a uma hora e meia a pé [viagem de ida], em plenas montanhas escarpadas, transportada pelos burros em recipientes de plástico de 20 litros, lugares, pessoas e equipamentos apresentados noutros pontos desta escrita.



Chã de Feijoal, a centralidade que permitiu encontrar uma referência na imensidão de castanho do Planalto Norte, suscitando a permanência traduzida nesta escrita.

Na paisagem circundante destacam-se espelhos de água e cisternas que traduzem os dilemas que a comunidade vive no dia a dia na gestão deste bem essencial. A alternativa a esta atarefada caminhada para a água na montanha está no consumo da que é fornecida em camiões cisternas do Porto Novo com um custo proibitivo, 2.000 ECV/tonelada, uma água salobra somente para consumo de animais.

Entre os vários equipamentos sociais da comunidade destaca-se a Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte, uma Cooperativa de consumo criada com o apoio do Atelier Mar em 2007, que se constitui como um marco importante na vida da população que permitiu ficar mais autónoma no acesso aos bens alimentares e ração para os animais.

A 'Casa de Queijo' é um pequeno anexo que se acopla à casa do produtor ou se localiza na sua proximidade, num número de 7 unidades na comunidade, representando um equipamento que contribuiu para a melhoria do fabrico do queijo, a principal actividade económica de Chã de Feijoal. Para além do queijo fresco a comunidade produz o queijo curado, uma inovação encontrada pela comunidade num estudo em parceria com o Atelier Mar que contribuiu para aumentar o valor material e simbólico da principal fonte de rendimento da comunidade, iniciativa que também contribuiu para uma projecção da comunidade dentro e fora do país, e no

aumento da sua auto-estima. No decorrer da investigação traduzida nesta escrita foram criados outros equipamentos, nomeadamente, a 'Casa dos Meninos do Planalto' — um espaço aberto à comunidade onde se encontram livros e ferramentas didáticas, utilizado por crianças e vários grupos da comunidade e em diferentes circunstâncias — e um forno comunitário, um equipamento cujo projecto ainda se encontra em fase de implementação.

A Escola Básica tem dois professores e 22 alunos divididos em seis níveis de ensino, distribuídos em duas salas de aula. Aqui as práticas são semelhantes às de qualquer escola do país, com um currículo semelhante às escolas do Porto Novo ou Mindelo, com professores formados sem o foco nas especificidades culturais que conformam a complexidade dos territórios onde, eventualmente, poderão ser colocados; sujeitos a um sistema de colocação de professores indiferente a realidades com as características do Planalto Norte. As acções realizadas com os professores evidenciaram níveis de motivação e de envolvimento diferenciados, que traduzem aspectos menos objectivos que devem ser considerados no perfil de professores para esses territórios. Não é fácil desenvolver um trabalho educativo consequente num lugar distante e com dificuldades materiais concretas, sem que se esteja imbuído de razões e de motivações que transcendam essa mesma realidade. Somente esse posicionamento poderá influir para encarar o castanho das montanhas como potencialidade onde seja possível construir com quase nada.



Admilson, Tanha, João, Alcindo, Paulo, Ramiro, Tanha, António, Nha Antónia de Júlio, Silvano, Dulce, Samira, pessoas que habitam o lugar.

## ***Gente do Planalto***

Mais do que um lugar, uma história, determinado equipamento ou projecto, o Planalto Norte resulta da resistência e da inscrição das suas gentes no seu território, homens, mulheres e crianças persistentes que transformam essa realidade difícil num lugar possível de viver e em potencialidade. Este lugar está representado em Tanha, uma mulher de 38 anos, mãe de dois filhos, que além de trabalhar nas FAIMO sempre que solicitada (sem questionar o pagamento que acontecerá passados 3 ou 4 meses), levanta-se todos os dias com o nascer do sol, trata das lides domésticas, vai fazer as limpezas à Cooperativa, trata do almoço para a família e de todos aqueles que aparecerem à hora da refeição na sua casa, trata das cabras, faz o queijo, e sempre que possível ainda joga futebol ao final do dia (para descansar o corpo); Chã de Feijoal também se constitui no António, homem de 35 anos, expedito, líder comunitário, gerente da Cooperativa de Consumo, o melhor pedreiro da região, apto a construir uma casa da fundação a diferentes soluções de cobertura, padeiro, aquele que fornece o pão fresco à comunidade, um dos produtores de queijo com mais sucesso, o pioneiro na cura do queijo; Sr. André, a memória deste senhor de quem ouvia falar desde os meus 10 anos, mas que nunca tive oportunidade de conhecer, somente sabia que a minha mãe recebia os queijos do Sr. André e que vinham do Planalto do Sr. André, os queijos que toda as pessoas consideravam como sendo os melhores que chegavam a S.Vicente; este lugar também se constitui do outro Sr. André, o que ainda resiste, com 91 anos, o homem mais velho do Planalto Norte; nesse lugar ainda encontramos o Admilson e a Sueli, os filhos da Tanha e do Aníbal, os meus amigos mais novos que perguntavam à mãe o porquê da minha demora em chegar num certo verão; o Planalto sem o Ramiro fica mais vazio, o meu amigo que perguntou-me se eu lhe ajudaria a vender as suas batatas e eu sem pensar duas vezes disse-lhe que sim, e numa tarde vendeu-se mais de 500 Kg de batatas no M\_EIA; o mesmo com quem tive longas conversas nas quais aprendi a relação existente entre o número de cabras e o número de burros existente no Planalto Norte; Nha Antoninha de Júlio, mulher feita, mãe do Vassilício, a primeira pessoa da comunidade a receber turistas em sua casa, a primeira a entender as mais valias da acção 'Caiar o Planalto', que se munuiu de um pincel e durante uma manhã motivou todos aqueles que colaboraram para cair a sua casa. São estas pessoas concretas que também fazem o Planalto, com as quais estabeleci cumplicidades num processo de aprendizagem que decorreu ao longo de de três anos de partilhas, num processo onde pude constatar possibilidades de uma outra perspectiva de desenvolvimento onde o conceito de

decrecimento tem cabimento; um lugar onde o tempo é vivido de uma forma intensa, mas sem os atropelos que caracterizam as 'sociedades modernas; um lugar onde o que move as pessoas são os problemas essenciais do dia a dia, ultrapassados com dignidade e perseverança, onde se aprende a relatividade da noção do pouco, onde aprendemos que é possível nove pessoas dividirem um peixe e ainda sobrar. Estas pessoas, num lugar concreto de Cabo Verde, levam-me a considerar que este país ainda poderia aspirar à sua 'reinvenção' a partir do pouco que nos constitui, numa posição em contraponto a este mundo global liquefeito (Bauman, 2007), com outras premissas para o desenvolvimento onde fosse possível visualizar um caminho em harmonia com as três ecologias de Guattari (2001); onde as ideias de decrecimento sereno de Latouche (2012) fossem equacionadas num modelo de desenvolvimento para o país; onde todos poderíamos aprender em processos de aprendizagem social mesmo que difusos (Manzini (2008); onde poderíamos aspirar a uma outra ideia de felicidade (Sepúlveda, 2014) onde a lentidão, o direito a uma existência plena e a justiça social pudessem ser considerados como sendo relevantes no desenho de uma ideia de desenvolvimento para o colectivo.

Estamos perante uma comunidade que forjou a sua existência perante as contingências geográficas que modelaram o seu pensamento e a sua acção, gente perseverante que transforma as adversidades num modo de estar em comunidade onde o outro importa, onde o juntar das forças é a premissa de existência nessa comunidade. É esse pensamento que se traduz em actos e estruturas sociais existentes na comunidade, realizados com base numa lógica associativa, o que permitiu construir casas, cisternas, uma Cooperativa, casas de queijo e gerirem um carro numa lógica comunitária. Todas estas acções se fundamentam em estruturas organizativas que se criam ou se extinguem em função dos objectivos ou da vida dos projectos, através de dinâmicas organizativas que passam pela gestão democrática dos processos que sustentam essas organizações.

Não obstante estar distante dos centros administrativos e de decisão, a comunidade não está alheia ao que se passa fora do seu território. Elementos representativos da comunidade participam em encontros com estruturas municipais, governamentais e organizações não governamentais, posicionando-se como um colectivo que tem um pensamento e ideias próprias para o desenvolvimento do seu território, sendo ao mesmo tempo respeitados e acarinhados pela forma digna como vivem no seu lugar.

## ***M\_EIA . Mindelo***

O M\_EIA é um projecto educativo que se constitui com a premissa de uma utopia concreta, a mesma força que faz com que o Planalto exista. Defino o M\_EIA como um projecto estético-cultural que traduz a essência da motivação da criação da sua entidade instituidora — o Atelier Mar — uma organização que há 37 anos contribui para o desenvolvimento de Cabo Verde através da concretização de projectos que influem na melhoria de vida de pessoas e de comunidades. O M\_EIA traduz a evolução do ensino informal no domínio das artes e ofícios iniciado pelo Atelier Mar em 1979, traduzido hoje numa escola superior de arte, a única com esta especificidade em Cabo Verde.



Um momento musical no M\_EIA.



Mindelo - S.Vicente

O M\_EIA materializa-se em S.Vicente em 2004, congregando uma complexidade conceptual e vivencial de práticas no domínio da arte e da cultura que se contrapõem a uma deficiência de estímulos tanto no ensino como da fruição de uma cultura visual em Cabo Verde, um panorama que não facilitando os desígnios de uma instituição educativa no território da arte, pelo contrário é encarado como uma oportunidade desafiante e inspiradora, aquela que iria permitir desenhar e concretizar uma escola com premissas, ingredientes e práticas que não procuram no instituído o caminho a percorrer. É assim que o M\_EIA se define como uma escola com uma resposta endógena aos desafios que surgem, desenhando soluções para a sua oferta formativa em demanda com uma especificidade educativa, cultural e social que o país oferece. Estando vinculada a uma ONG que se inscreve na vida de comunidades numa perspectiva global, para o M\_EIA não se trata de um léxico distante falar-se em aprendizagens reais, utopias, cumplicidades, complexidades, mais do que palavras traduzem vivências implicadas com pessoas concretas, com os seus problemas e para os quais constroem-se soluções em conjunto.

Assumindo Mindelo como território de inscrição primário, o M\_EIA expandiu seu território em *projectos de extensão* para outras ilhas de Cabo Verde — Santo Antão, São Nicolau, Sal, Maio e Santiago — em práticas complexas que permitiram conceber e construir o *Museu da Pesca* em S.Nicolau ou desenhar uma solução de cura do queijo para os produtores

do Planalto Norte. Esta premissa de deslocamentos conduz o M\_EIA a uma abertura para cumplicidades com experiências externas que promovem um diálogo académico e intercultural entre esta instituição e instituições cúmplices de outras geografias, que se traduz no intercâmbio de conhecimento, professores e alunos, uma dimensão charneira no projecto desta escola.



Antigo Liceu onde funciona o M\_EIA.

O M\_EIA funciona num edifício datado de 1873, antigo Quartel onde funcionou o Liceu e a Escola Preparatória Jorge Barbosa, hoje acolhendo esta escola e a extensão do Mindelo da Universidade de Cabo Verde. Neste novo ciclo de vida deste edifício o M\_EIA foi a primeira instituição educativa a ocupar este espaço, num momento em que se encontrava devoluto e numa fase avançada de degradação. Ao longo de quase 10 anos o M\_EIA tem funcionado neste espaço, complementando as suas necessidades espaciais nos edifícios onde funcionam o Atelier Mar. No Liceu Velho, para além da direcção e dos serviços administrativos o M\_EIA dispõe de salas de aula, um espaço multifunções onde se realizam exposições, palestras e seminários, oficinas de cerâmica, gravura, artes digitais, Food\_Design, uma cantina e uma galeria, espaços amplos e convidativos para os que usufruem deles no dia a dia e para quem visita a escola.

O M\_EIA oferece dois cursos de Licenciatura — Design e Artes Visuais — uma Licenciatura com Mestrado Integrado em Arquitectura e um Curso de Especialização Superior Profissionalizante em Construção Civil Sustentável. No ano lectivo findo absorveu 83 alunos, um número excedentário em relação aos 70 alunos que a escola instituiu como *numeros clausus*. A resposta a esta procura cria constrangimentos à escola os quais não têm sido fáceis de ultrapassar. Para além dos problemas de natureza financeira causados por diversos factores, o M\_EIA depara-se com fragilidades na constituição de um corpo docente fixo, tanto pela dificuldade em encontrar respostas para a especificidade dos cursos instituídos no panorama nacional como pelas exigências de uma escola que implica um nível de envolvimento e de participação que extrapolam mero profissionalismo ou cidadania para se inscrever no domínio de complicitades no abraço de uma utopia.

Neste momento e após o M\_EIA completar um ciclo de mais de dez anos de vida, esta escola confronta-se na eminência de re-desenhar o seu futuro, um desafio perante o qual se acredita há-de forjar um caminho para a sua missão, com os companheiros de sempre.



[Cantina do M\_EIA . Final deste ano lectivo] Durante a apresentação de trabalhos dos alunos finalistas.



Ao cimo das escadas que dão acesso ao primeiro andar do M\_EIA, um painel oferece a partilha que se fez no final deste ano lectivo. Aqui se encontrava o cartaz de uma exposição de arte africana que traduziu os trabalhos realizados por alunos e professores durante oito meses; em baixo o cartaz 'cobertura solidária' que envolveu os alunos de arquitectura e do Curso Técnico Profissional em Construção Civil neste projecto que culminou na cobertura da casa da Cátia, uma funcionária da escola que trabalha na cantina; o cartaz de divulgação da Semana de Urbanismo que envolveu a Marcela, uma estudante de doutoramento da Faculdade de Arquitectura de Coimbra que fez uma residência de um mês no M\_EIA; vislumbra-se o cartaz de divulgação dos Campos de Estudo no Planalto em Lajedos. Reflexo do trabalho de uma escola que extrapola o seu próprio território invadindo territórios terceiros, contaminando-os.



PARTE II . PONTO 1

## ELES FALAM PARA O PLANALTO: AS BASES DO PENSAMENTO/TESE

“Acho que na sociedade actual nos falta filosofia.

Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma.”

José Saramago (2008)

Sem nenhuma pretensão ou pensamento explícito a filosofia entrou em mim, entrou nesta tese, condicionou-lhe a *forma*, conformou-a, perspectivou-a para uma nova dimensão. Não havendo nenhuma razão que indiciasse o Planalto como *lugar do pensar* e investigar num contexto doutoral, tinha como ímpeto a conformação de um território cujos limites abrangeriam o azul do céu e o castanho das montanhas de Cabo Verde, as únicas “certezas” que sentia aquando da imersão num projecto de investigação no território da Educação Artística. Sentia também que o foco não seria um espaço/ contexto formalizado, mas sim um território “cru”, onde pudesse vivenciar um processo descomprometido com um pensamento e práticas instituídas. O encontro com esse território aconteceu com a “apropriação” de dois conceitos: dispositivo e potencialidade. Foram estes dois conceitos que conduziram-me para o universo dos discursos de Foucault, Agamben, Rogoff, Aristóteles, Deleuze, Derrida, Bondia, em cujo seio encontrei as linhas de força para a construção de um pensamento que pudesse assentar nesse território, onde apresento-me despido de pretensão de ir além do sentido que procuro para as minhas palavras. Tendo chegado ao Planalto, vislumbrando a sua potencialidade, partilho a reflexão suscitada pelas leituras efectuadas nas quais construo os desnivelamentos que fundamentam a escrita neste ponto, “conformando” algumas ideias filosóficas visitadas nesta tese, e que impulsionaram o pensar e o fazer a educação artística em territórios emergentes para o questiona-

mento de ideias naturalizadas em educação, para a dúvida, a incerteza, a potencialidade, o fazer, o começar do meio ou simplesmente o não fazer, como acções ou pensamentos legítimos nesta 'deriva' em educação e investigação em arte onde somos convocados a estar presentes. Neste alinhamento percorri caminhos por este território do pensamento imbuído de uma lógica rizomática que tece bolbos sem uma urdidura que defina claramente o avanço seguinte.

Partindo da "Academy as potentiality" de Irit Rogoff (2007), o conceito de potencialidade inflectiu caminho para a sua essência em Aristóteles, perante o qual encontrei a substância que permitiria transformar a cabra do Planalto em animal, o ato que permite o porvir em potência em forma de leite, que por sua vez permite uma interferência externa que transforma esse mesmo leite num queijo curado reconhecido pela organização mundial Slow Food. Foram os actos em potência nesse território que constituíram os 'fundamentos' perante os quais teci comentários em desnivelamento, consciente que o 'como' de Rubem Alves teria de ser respeitado para que o 'que' se fosse permitido. Quando o discurso se apeia em Agamben, este enfatiza a amplitude da potência com o "eu não posso" como tão legítimo ao "eu posso", o comprometimento que "todo homem" deverá fazer nalgum momento. A partir deste autor chego ao dispositivo, fundamentam-se os processos de subjectivação, confronto-me com as interacções e os seus resultados no Planalto, "legítimo" este caminho como sendo tão válido como outro qualquer, desde que 'fundamentado'. Não obstante a potencialidade que se vislumbra no Planalto, este discurso não exclui essa realidade dos tentáculos da incerteza e do risco que se vive no tempo presente, assente numa ideia de desenvolvimento globalizado onde as localidades apresentam-se como realidades excludentes e vulneráveis nessa equação.

## ***A Entrada na Potencialidade***

Convoco Aristóteles como reduto do fundamento primeiro do conceito de potência, um conceito que se articula com a questão do movimento, problematizado por este filósofo de uma forma clara. Tendo herdado a dicotomia entre os conceitos de transitoriedade e de imutabilidade do ser, Aristóteles posiciona-se perante esta questão com a Teoria do Ato e da Potência, na qual sintetiza a mudança permanente de todas as coisas defendida por Heráclito, com a imutabilidade e o monismo do ser, defendido por Parmênides. Esta “mediação” assenta na proposta de Aristóteles numa distinção quanto ao ser, como não sendo apenas “o que já existe em acto, mas também o que pode vir a ser em acto, ou seja, o que existe em potência”, na qual o acto e a potência são considerados distintos, sendo o primeiro o princípio determinante que estimula a capacidade de realização da potência (Santos, M., 2013:3), uma ideia em consonância com o “*eu posso / não posso*” defendida por Rogoff (2007), também assente nas ideias de Aristóteles quando assume que toda a potência é uma potência do seu oposto.

No *Comentário à Metafísica de Aristóteles*<sup>25</sup>, S. Tomás de Aquino (s/d:285) diz não existir diferença nas potências que estão nos corpos dos [seres] animados dos inanimados, havendo sim diferenças nos seus princípios do agir em que as potências da parte racional da alma “*é a única que é senhora de seus actos*” (idem). É neste entendimento que os actos do ‘sujeito Planalto’ interferem na substância cabra — o elemento pregnante no dispositivo Planalto — permitindo actos no porvir transformado em leite, queijo fresco, queijo curado, chanfana, pele, cabra fumada, etc, actos nos quais existe uma intenção de participação neste estudo, a potencialidade com o mínimo de dispositivos preconizada.

A familiaridade com o conceito de potencialidade que norteia esta tese advém do texto “*Academy as potentiality*” de Irit Rogoff (2007), não obstante o embasamento primeiro do conceito considerar a herança Aristotélica como seminal. Efectivamente, houve vários autores que contribuíram para a sustentação conceptual/filosófica desta tese, num processo de (des)encontros, tendo como pressuposto um pensamento em rizoma como atitude a incorporar, não obstante o acautelar dos fundamentos do

---

25 [https://www.academia.edu/3415272/Comentario\\_a\\_la\\_%C3%89tica\\_a\\_Nic%C3%B3maco\\_de\\_Arist%C3%B3teles](https://www.academia.edu/3415272/Comentario_a_la_%C3%89tica_a_Nic%C3%B3maco_de_Arist%C3%B3teles), accedido a 20 Maio de 2015

“País dos Saberes” que justificam a academia como um espaço de regulação do poder, no qual os pré-requisitos formais são a essência, onde *“qualquer que é permitido desde que o como seja obedecido”* (Alves, R., 2004:21), a premissa para os desnivelamentos dos discursos efectivados.

No contexto da academia Rogoff (2007:1) assume o *“I have no Idea”* como uma expressão genuína do desconhecimento do conhecimento estruturado para se chegar onde seja necessário, como um ato de respeito para com o outro, perfeitamente legitimado. Assume que os corpos de conhecimento disponíveis permeiam lacunas argumentativas, que longe de serem encarados como revés devem ser assumidas como uma *“disjunção produtiva”* (idem) que instiga possibilidades criativas. Neste ambiente gera-se uma tensão criativa perante um território desconhecido onde permeia o dilema entre “eu posso / não posso”, o cerne do conceito de potencialidade desloca-se para um território outro, o Planalto, o lugar que assumo como espaço de desmaterialização de discursos naturalizados que conformam a apreensão e a construção dos saberes como ritmados pela legitimação de preceitos conformados, o lugar onde existe permissão para a criação de cenários de futuro com outras possibilidades.

A experiência da potencialidade, nas palavras de Rogoff (2007:3), *“marca para cada um de nós, talvez a experiência mais difícil e mais amarga possível”*. Trata-se de uma resposta que fornecemos a nós próprios, em contexto inóspito e num ímpeto, perante uma situação em que não se equaciona a ‘deserção’, a resposta que implica pronunciar *“eu posso”*, sem conotação alguma com *“qualquer certeza ou capacidade específica”*, um *“potencial para não fazer como para fazer”* (idem) que torna o ser potencial ao ser confrontado com a sua própria incapacidade. A falha, a lacuna como razão para a acção coloca o ser no modo de potencialidade, o que me permite evocar “As Batatas do Ramiro”:

*“O Ramiro é pastor, produtor de queijo e agricultor. Vive no Planalto Norte, Santo Antão, na localidade mais árida da ilha. Todos os dias levanta-se às seis da manhã, para tratar das suas cabras, dos seus burros, da Samira e dos seus dois filhos, do seu sustento. Para ter água potável, o Ramiro demora três horas de Chã de Feijoal a Cinta, sítio onde se localizam as nascentes que irrigam os Vales da Ribeira das Patas e Lajedos. Este ano choveu no Planalto e o Ramiro pôde plantar e colher batatas. Visitou o M\_EIA, conviveu com a escola, partilhou a sua história. Vendeu 550 Kg de batatas em três horas”. [Notas de Campo].*

No Planalto Norte as pessoas convivem com as faltas com a naturalidade de um acto em potência. Chovendo de uma forma incerta, a secura e o castanho das montanhas como certeza, um punhado de gente persiste num lugar, sem água, sem pasto, confinados num Planalto onde existem porque sim, onde sentem que existe algo que justifica a ausência. É isto que poderá justificar ao Ramiro, juntamente com outras pessoas da comunidade não descurar o cultivo em pó (um processo agrícola de cultivo em terreno solto), uma prática que incorpora a irregularidade das chuvas, mas que não impede o cultivo regular, assente na potência da sua impotencialidade. Este ano choveu, assim como o Ramiro, a comunidade que também cultivava batatas, preencheu a lacuna da potencialidade, plantando batatas, consciente de que tanto poderia colher batatas como não. E a comunidade colheu batatas. Toneladas de batatas.

Ajudas-me a vender as batatas? Eu, sem pensar, respondi sim.

Uma partilha de práticas que poderemos ler como “razão eventual” da incorporação de premissas que justificam actos do sujeito Planalto em potencialidade, ou uma outra ideia onde subjaze o fazer ou não fazer como determinação para agir, neles, sem o peso das “condições” de apropriação do(s) conceito(s) pelo sujeito investigador — eu —, condicionado pelo justificativo do “como” que sustenta a “legitimação” do discurso na “academia”. No entanto, a outra ‘academia’ que também sustenta o meu pensamento no Planalto — e que conforma a “Educação no Planalto” —, reclama o “estímulo Planalto” para outros recomeços, com outras permissões:

“A permissão para começar no meio, a permissão para misturar realidade e ficção, a permissão para inventar linguagens, a permissão para não suportar cada reivindicação pela prova de algum conhecimento prévio a permissão para a subjetividade como um modo privilegiado de envolver o mundo e seus problemas, a permissão para ser obscuro e permissão para traçar um caminho completamente diferente de como chegamos aqui, neste exato momento.”  
(Rogoff, 2007: 7)

Contradições de “convivências” no “País dos Saberes”, quando se assume posicionamentos legitimados por permissões outras que legitimam o nosso discurso, ao mesmo tempo que existe uma reivindicação que não suporta a primazia da prova para justificar-se, mas que necessita de dizê-lo, suportando-se no discurso da argumentação da não permissão para a sua permissão.

É nesta trama dos discursos, das permissões e das reivindicações que outros são convocados para este palco, 'companheiros' das complexidades dos desnivelamentos que nos são permitidos pelo discurso inicial que tudo diz, ao qual nos posicionamos como meros guardiões de uma "verdade" sempre contida. É esta ideia que nos permite convocar *outros* neste registo da potencialidade, quiçá Agamben ou Aristóteles, tão legítimos como *outros não convocados* nesta permissão de "comprovativos" do nosso discurso.

Agamben assume a palavra afirmando que não pretende discernir sobre o conceito de potencialidade numa lógica historiográfica. No entanto, está convicto que o conceito ainda cumpre a sua função na vida e na história da humanidade, e na práxis "*daquela parte da humanidade que ampliou e desenvolveu de tal forma a sua "potência", a ponto de impor o seu "poder" a todo o planeta*" (Agamben, 1999:177). Na sequência desta afirmação o autor enuncia o primado do questionamento como o cerne mobilizador da sua pesquisa neste particular, numa tentativa de procura de significado do sintagma "eu posso"; "*o que pretendemos dizer quando dizemos: "eu posso, eu não posso?"*" (idem). Ilustra esta ideia com a descrição de Anna Achmatova da forma como nasceu a sua colectânea de poesias *Requiem*. Estando a poetisa numa fila em frente à prisão de Linegrado (esperando notícias do seu filho preso), uma das dezenas de mães nas mesmas condições pergunta-lhe: "*a senhora pode falar sobre isto?*" *Achmatova ficou muda por um instante e depois, sem saber porquê, deparou-se com a resposta nos lábios: "sim, eu posso".* (Idem)

Reflectindo sobre este episódio, Agambem conclui que Achmatova não seria arrogante ao ponto de se achar com um enorme talento poético que lhe permitisse responder assertivamente ao repto, mas sim, aconteceu que ela foi imbuída da experiência da potência. Segundo o autor:

"Chega para todo homem o momento em que ele deve pronunciar este "eu posso", que não se refere a uma certeza nem a uma capacidade específica, e que, no entanto, o compromete e o coloca inteiramente em jogo". (Agamben, 1999:178)

— e foi o que aconteceu a Anna Achmatova — a capacidade de sentir como uma faculdade, não em acto mas sim em potência, mas pergunta Agamben: "o que significa possuir uma faculdade? De que forma algo como uma 'faculdade' existe?". Segundo este autor a sensibilidade, a inteligência ou a vontade não eram consideradas na Grécia antiga como

“faculdades” da alma, mas sim uma expressão de algo que transcende o sujeito, exprimindo o “modo em que uma certa actividade é separada de si mesmo (...) o modo em que um ser vivo “tem” a sua práxis vital” (idem, 181). Ao mesmo tempo, e no âmbito de uma incursão no “mapeamento” do significado do conceito da potência ao longo da história, considera que existe uma arqueologia de subjectividade baseada na “forma com a qual o problema do sujeito se anuncia a um pensamento que ainda não tem essa noção”, uma acepção atestada numa ausência em forma de uma privação, o que nos leva à potência como atestando a presença daquilo que falta ao acto — a potência como sinónimo de uma privação, a dicotomia atestada ao eu posso “atrelado” ao eu não posso.

Com esta dicotomia, e a partir do pensamento Aristotélico, Agamben conduz-nos à outra forma de potência (da privação), distinguindo uma potência genérica — *“que é aquela segundo a qual dizemos que uma criança tem a potência da ciência, ou que é um arquiteto ou chefe de Estado em potência”* (Agamben, 1999:182), contrapondo assim à tese de que a potência existe apenas no acto, reforçado pela ideia de que *“existe uma forma, uma presença daquilo que não é um acto, e essa presença privativa é a potência”* (idem): uma relação que constitui a essência da potência. Nesta viagem ‘arqueológica’ chegamos à *“ambivalência específica de toda a potência humana”* (idem), a relação que, segundo Aristóteles, constitui a essência da potência, a dimensão ambivalente da condição humana que tanto implica a potência como o seu contrário — a impotência — que justifica o ser e fazer relacionado ao próprio não ser e não-fazer (Agamben, 2006:8), o caminho que desenha as possibilidades do acontecimento no porvir, as coordenadas nas quais se constitui o dispositivo Planalto nesta tese.

## ***Ao Encontro do Planalto como um Dispositivo***

Ao chegar ao Planalto convoco outros discursos para esta escrita que também se alimenta das palavras e das vivências construídas em complicitades com as gentes desse lugar. Posiciono-me com um olhar implicado perante as complicitades criadas entre as estruturas, os discursos, as pessoas, equipamentos e lugares do Planalto, encarando-os como a rede que se estabelece entre esses elementos na conformação do Dispositivo Planalto, perante o qual resultam processos de subjectivação decorrentes das interações entre os sujeitos com esse mesmo dispositivo (Agamben, 2009: 29). É assim que chego ao Planalto como espaço de subjectivação, onde amplio o entendimento desse conceito em Deleuze (1990) que o assume como sendo um emaranhado de linhas quebradas com diversas direcções, submetido a diversas tensões e forças, com várias dimensões. A investigação traduzida nesta escrita procura o encontro com o “regime de luz Planalto”, assume a subjectivação como uma inerência na intenção de conformar o invisível que existe nesse dispositivo e cuja dimensão vivencial e estética procuro traduzir nesta tese, tanto no acto de uma viagem de burro à uma nascente, como na promoção/fruição de um concerto — *new age* — tendo as montanhas e as pessoas do Planalto como auditório, na construção de um forno comunitário, numa sessão de pintura com crianças, caiando as casas da comunidade, no visionando uma série de curtas metragens de *Charlie Chaplin*, ou simplesmente contemplando o céu estrelado numa noite no Planalto.

O conceito de dispositivo assume relevância nesta tese que conduziu-me ao Planalto, porquanto se trata de uma ideia pretenciosa incorporada no pensamento vários autores, entre os quais Foucault (2000), que define dispositivo como sendo

“Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

No dispositivo Planalto resgato o ‘*discurso flagelado*’ de Manuel Lopes — tempos idos memoriais — que ainda persistem na agricultura em pó que resiste na expectativa constante das águas que tendem a chegar ou não; este ano materializado nas Batatas do Ramiro, uma acção que contri-

buiu para a justificação da nova cobertura do seu castelo, uma prática geracional que testemunha o acreditar num devir, mesmo que incerto. É esta mesma heterogeneidade de práticas e discursos que permite-me discernir uma potencialidade no território da Tanha — 38 anos, mãe da Sueli e do Admilso, a personificação da tenacidade da mulher do Planalto —, que não descrendo do incumprimento continuado das instâncias do poder que ela releva, continua a alimentar com a força dos seus braços, amainando troços e veredas cujo pagamento se adia por mais umas jornadas, sem que se questione a disponibilidade futura em dizer presente perante novas solicitações. Aqui, as proposições “filosóficas, morais, filantrópicas” tendem ao questionamento continuado nesse lugar, ao mesmo tempo questiono uma eventual relevância do meu pensamento/discurso que tende a contaminar um entendimento existente das forças em presença neste dispositivo, que existem, independentemente do meu posicionamento nos segmentos que constituem o dispositivo. Encontrar o ponto da intersecção de alguns segmento do dispositivo Planalto com algumas linhas de força da investigação traduzida nesta escrita, na rede de subjectivação que constitui o dispositivo Planalto, posicionar-me sobre o mesmo, quiçá, no momento da incidência da luz que cria o momento possível de “acção coerente” é a razão que justifica o encontro da acção e dos seus justificativos, eventualmente, podendo assim fazer jus às palavras de Deleuze (in: Foucault, 1990), quando refere: *“É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal”*.

Assim como estes autores assumem as linhas de subjectivação em qualquer dispositivo, no Planalto assumo a cabra como um emaranhado complexo, cuja leitura e equacionamento da sua “posição” não se considera como uma tarefa linear, sem que se considerem outros vectores que comportem esta *componente* fundamental do dispositivo Planalto. Estamos perante um processo complexo de cartografia em que se jogam múltiplas variáveis, numa acção sempre a justificar pelo processo de subjectivação permitido pelo dispositivo, no presente e num devir, em que também se multiplicam as possibilidades. As cumplicidades criadas com as pessoas no decorrer das acções desenvolvidas no Planalto tiveram presente os limites que se colocaram na impotencialidade perante a grande demanda da comunidade — trazer a água das nascentes de Cinta para Chã de Feijoal —, o que incluir ou excluir do plano de possibilidades? Como? Com quem? Com que fundamento? Alguns dos contornos das questões suscitadas pelo dispositivo Planalto, cuja evolução se apresenta nesta tese, incorpora a subjectividade e o valor relativo como sendo o espaço de possibilidades registado nesta escrita, assumindo-o como um contributo para a potenciação do Planalto Norte no contexto de uma investigação em educação artística, um território em deriva, assente na divergência que emana de um pensamento/acção em construção constante.

Não obstante assumir as premissas de subjectivação como inerência a qualquer dispositivo, encaro o Planalto como um território menos sujeito a subjectivações, tanto pela “limitação” dos segmentos constituintes do dispositivo, como pelo menor nível de contaminação com os *“ingredientes” da modernidade, porquanto estarmos perante um quadro oposto à “gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos que caracteriza a fase extrema do capitalismo em que vivemos”*, (Agamben, 2009:42), o que me permite defender um tempo de potencialidade como dispositivo mínimo no Planalto, cujo horizonte temporal não pretendo conformar ou definir.

No horizonte temporal da investigação que conduziu à presente escrita a comunidade passou a ter electricidade (energia solar fotovoltaica); ampliou-se a Cooperativa de Consumo; turistas já pernoitam na comunidade num sistema enquadrado por agências de viagens; antes do final do ano prevê-se a chegada do sinal de rede para telemóvel na comunidade; os produtores de queijo têm um carro que lhes permite autonomia na distribuição do seu produto; os caminhos percorridos por uma comunidade



Tanha: da pedra-rala à substância que alimenta. [papa de milho com leite de cabra]

que assume os seus desígnios perante envolvimento que implicam novos desenvolvimentos no caminho desenhado e vivido em comunidade, caminhos respeitados no desenho de um futuro que lhes compete, mesmo que se questionem determinados segmentos desse dispositivo em potência.

Nesta reflexão que sustentou a acção no dispositivo Planalto, incorporo a noção de tempo aliada à noção de contemporâneo de Agamben (2009), que ele define como sendo uma relação de não coincidência, de desconexão, que faz com que "*pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões*" (idem, p. 58), não querendo o autor dizer que exista uma dessintonia do 'sujeito contemporâneo' com o tempo presente, mas sim que existe um posicionamento que permite o afastamento necessário que possibilita a esse sujeito, "*mais do que os outros, perceber e apreender o seu tempo*" (idem). Este pensamento levou-me a reflectir acerca de um eventual deslocamento temporal que pudesse existir no 'sujeito-Planalto', se esse 'deslocamento' seria consciente, se pelo facto de viver num contexto de um 'dispositivo mínimo' condicionaria a sua aspiração a uma modernidade, que eu, sujeito da "metrópole" implicado, que age e investiga no Planalto "tende" a profanar; se o 'sujeito-Planalto' tendo relacionado com/noutros dispositivos existisse no 'seu lugar' em consciência com uma qualquer ideia — quiçá de potencialidade. A imersão de três anos no dispositivo Planalto permite-me considerar a existência de um 'deslocamento consciente' no modo de pensar e de agir no 'sujeito Planalto', isto porque no Planalto o deslocamento existe por inerência, não coincide com o tempo, não pelo entendimento pleno da contemporaneidade, mas sim pelas contingências ásperas da vida vivida nesse lugar.

O sujeito externo ao Planalto confronta-se com um lugar pejado de estímulos a 'acções no contemporâneo' — por descobrir, participar, vivenciar —, no sentido profundo do ser contemporâneo: "*ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar*" (idem, p.65). Uma cissura pontual. O Planalto confronta-nos com a necessidade de uma procura e relacionamento constantes, o impulso que permeia as luzes da escuridão e que permite uma possibilidade de realização de um processo com sentido nesse lugar — a vida que aí acontece — o incitamento que motiva e justifica esta acção/ investigação em educação artística com um vislumbre de 'razão pertinente'.

Uma nova ideia foi incorporada na forma como estive no Planalto, ao considerar a investigação como um processo de criação de desníveis entre o que se conhece e o desconhecido que move a procura de respostas para os questionamentos formulados. Incorporei a ideia da criação de desnivelamentos no Planalto, à ideia de socalcos, patamares de (des)construção de algo, à priori desconhecido, onde pura e simplesmente saberíamos que faria sentido caso primasse a premissa da organicidade (na medida dos possíveis), onde todos os elementos se alinhariam, naturalmente. Esse fio condutor assentou-se nos desnivelamentos que se produzem nos discursos, Foucault (1970), e que permitem a construção indefinida de novos discursos como comentário ao texto primeiro e que permite a sua renovação constante, que permite o surgimento do novo e a inscrição do sujeito no presente numa situação/contexto em que ele pretende emergir, imbuir-se de, criar novas significações. Aqui advém a redundância do texto, do novo, algo inexistente, num rodopio à procura de novos significados que legitimam a criação e a transformação de uma realidade, que apreendemos somente parte, sombra, numa constante dialéctica com a mudança.

Nesta tese assumo o papel do investigador que procura desnivelamentos perante o novo que se reconfigura constantemente, à luz da sua própria imagem, reconfigurando-se, impondo novos significados a um existente, numa posição que permite-me formular um comentário em sintonia com os desígnios do Planalto e das suas gentes. Trata-se do deslocamento que permite-me aspirar a uma "*vontade de verdade*" (Foucault, 1970:5) que esteja em sintonia com a narrativa do dispositivo Planalto, mas que ao mesmo tempo aflige pelas contigências do discurso que a sustenta cujo espectro se baseia numa construção desnivelada de um corpo de conhecimento num determinado recorte temporal que comporta "*uma nova forma de vontade de verdade*" (idem), incerta, que permite ao discurso nada trazer de novo, eternos recomeços a partir do ponto onde se inicia.

Este ponto da escrita resulta de reflexões a partir de um posicionamento sobre questões suscitadas aquando da procura da *potencialidade* no *dispositivo* Planalto — o ponto de partida que permitiu estimular reflexões noutras dimensões do estudo, quer seja na procura dos pressupostos que possam conformar os discursos naturalizados em educação

artística em Cabo Verde; quer construindo um processo de investigação em educação artística em 'deriva'; quer iniciando uma reflexão que incida na premência de fundamentação e construção de um quadro endógeno em investigação e educação artística em Cabo Verde, onde experiências e práticas com dispositivos próprios possam ser um caminho para encontrar outras respostas, onde o campo da cultura e da arte se alie à educação na construção de uma realidade com outras ideias e possibilidades de desenvolvimento.

Poderá dar-se o caso deste discurso se confrontar com um "vazio", o lugar que nesta escrita é assumido como a fissura que se pretende vislumbrar, eventualmente contaminar, criando uma descontinuidade, a única forma de legitimar o novo. Apraz-me a possibilidade de enveredar para um outro trilho, onde os "significantes possam perder significância", deixar um espaço onde um vazio possa encontrar-se, num diálogo entre o texto primeiro e o comentário, numa constante renovação do porvir.

E é assim que o Planalto é 'entendido' neste estudo como potencialidade, como lugar de experiência de uma singularidade, onde se pode "*aprender a viver em paralelo*" (Rogoff, 2007:2) — uma outra Pasárgada —, onde existe o comprometimento e a implicação na procura de respostas para as necessidades, sempre a partir do aqui e do agora, isto porque no Planalto, "*em cada emergência, há também uma emergência*" (idem p.1).

São estes pensamentos que perspectivam territórios desconhecidos, o espoletar de novas conexões, o "*mudar de vocabulário para outro conjunto de termos e outro conjunto de aspirações*" que operam numa emergência da construção de um "*ainda não conhecimento*" (idem p.2). É este o enquadramento para pensar o Planalto como potencialidade, sentir a possibilidade de inscrição como um devir possível, ao mesmo tempo descomprometido com a necessidade de um fazer enquadrado num território em que se vislumbrem resultados, saídas, à priori definidos por instâncias externas aos sujeitos do dispositivo Planalto.

## ***Planalto, uma Potencialidade num Mundo Desigual e em Risco***

A alteração dos pressupostos das conexões internacionais assentes numa “soberania da cultura nacional concebida como uma comunidade imaginada conduziu a uma novo internacionalismo” (Bhabha, 1998:25), que se constituiu no enfraquecimento da capacidade de respostas autónomas e à perda de autonomia das nações perante a instituição de instâncias supra-nacionais, nem sempre em posição de estímulo para o desenvolvimento humano que respeite os interstícios constitutivos das singularidades individuais ou colectivas nos diversos quadrantes desta globalidade. A “nação” como referente e unidade específica geopolítica e cultural traduzida em estado-nação é uma entidade em reconfiguração, “cada vez mais executora e plenipotenciária de forças que não esperam controlar politicamente” (Bauman, 1999:73); a ‘ideia’ de estado-nação torna-se “refém” das externalidades em rede (Castells, 2007); de multinacionais estabelecidas e redes de indústrias da tecnologia que condicionam estas realidades bastando “alguns minutos para que empresas até Estados entrem em colapso” (Bauman, 1999:73); configura-se um pano de fundo que projecta mudanças nas quais as dimensões temporais e territoriais se relativizam; o primado de desequilíbrios e desigualdades sociais e humanas prevalecem, as certezas desaparecem: bem vindos à sociedade do risco!

A sociedade do risco é um conceito associado a Ulrich Beck (1986) em que o autor considera a emergência de um novo paradigma social onde a distribuição dos riscos não se associa directamente às diferenças sociais, económicas e geográficas, aspectos que caracterizaram a estratificação social e económica da sociedade industrial. Como catalisador para este “novo mundo” Beck refere o colapso deste modelo social baseado na sociedade industrial, cujas normas, valores, modos de vida, desafios sociais, condições laborais, etc. já não se coadunam aos desafios do tempo presente, numa nova sociedade — do risco — onde o desenvolvimento da ciência e da técnica, com especial enfoque para as tecnologias de informação, tornam as nossas vidas cada vez menos previsíveis e controláveis, reconfigurando assim a percepção e as certezas anteriormente consolidadas.

Perante estas forças de potências e instituições supra nacionais que condicionam as políticas internas, coadjuvadas por políticas endógenas que não criam descontinuidades nas demandas supra-nacionais, a fissura que justificou o “enquadramento” desta escrita neste plano mais geral tem como referente uma realidade com contornos e características específicas que tem suscitado aprendizagens que permitem-me enquadrá-las na utopia concreta de Latouche (2012:47), o pano de fundo para o decréscimo sereno preconizado por este autor. Encaro o Planalto como um lugar que pode aspirar a um interstício nesta mundialização excludente, um lugar em potencialidade com uma possibilidade de vivência na fissura da vértebra que resiste, a transcendência que conduz a utopias que emanam do castanho das montanhas, da persistência das suas gentes em considerar o azul céu do Planalto como um lugar não questionável.

Para a definição do *dispositivo mínimo* necessário a uma vida no Planalto, em potencialidade, considero as duas abordagens de pobreza defendidas por (Giddens, 2007:13): a da pobreza absoluta e da pobreza relativa. A pobreza absoluta é aqui associada à ideia de subsistência, considerada como as *“condições básicas que permitem sustentar uma existência física saudável”*, num padrão mais ou menos linear, independentemente do local onde vivem as pessoas. O conceito de pobreza relativa contrapõe esta ideia em que os seus defensores afirmam que *“a pobreza é culturalmente definida e não deve ser medida de acordo com um padrão de privação universal”* (idem). No entanto, a racionalidade inerente a qualquer abordagem que pretenda interpretar factos sociais, por mais objectivo que se procure ser, é sempre “tocada” por algum grau de subjectividade, o que torna o conceito relativo intencionalmente relativo e o conceito subjectivo intencionalmente subjectivo (Bruto da Costa et al, 2008: 32). A dimensão absoluta da pobreza relativizada numa subjectividade incorporada na definição de um *mínimo* no dispositivo Planalto, uma impossibilidade quanto à quantificação ou comparação desse mínimo com uma outra realidade sem que uma dimensão ética-utópica possa ser um caminho que dê sentido a essa ideia.

Os três anos de relacionamento, de vivências implicadas com a comunidade de Chã de Feijol — que se traduzem nesta escrita —, as observações e reinterpretações de padrões de vida nesse lugar não deixam dúvidas que estamos perante gente que aspira o encontro com a *“verdade, responsabilidade, dever de solidariedade, vida de espírito”* (Latouche, 2012:50) — um encontro justo com estes valores que influem para

os envolvimento futuros nessa comunidade. Nesse futuro visualizo uma abertura nessa comunidade para incorporar um "*espaço da inventividade e da criatividade do imaginário*" (Latouche, 2012:20) no seu porvir, no entendimento de que a potencialidade do Planalto reside no seu enquadramento num todo finito e, como tal, mesmo no Planalto, há que encontrar o *tom* do crescimento necessário para o seu equilíbrio. Aqui entra o decrescimento, uma ideia entendida não como um crescimento negativo mas sim a criação de "*uma sociedade em que se viverá melhor, trabalhando e consumindo menos*" (idem), num contexto em se questionam as bases imaginárias da sociedade de consumo — o progresso, a ciência e a técnica (idem). No seu livro "*Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*", Latouche é um dos autores que corrobora para a ideia de potencialidade que defendo existir no Planalto.

Nesta escrita em que navegamos num "*oceano de incertezas entre arquipélagos de certeza*" (Morin, 1999:86), ressaltam-se as dúvidas que se colocam nesta investigação quanto à pretensão em trabalhar com as *gentes* do Planalto, aspirando a *dispositivos mínimos*, quando eles e nós temos a consciência de uma outra parte do globo — o Norte — que prima pela "abundância" e por um crescimento desenfreado. Consideremos a reflexão de Latouche que acredita valer a pena abraçar esta utopia porque "*O decrescimento diz respeito às sociedades do Sul, porque estão empenhadas na construção de economias de crescimento e devem evitar cair no impasse a que esta aventura as condena*" (idem, p. 82). Mais do que uma questão a equacionar, Latouche considera que o decrescimento no hemisfério Sul poderia trazer um novo élan ao círculo virtuoso dos oito "R", com a introdução de outros "R", "*ao mesmo tempo alternativos e complementares, como Romper, Renovar, Reencontrar, Reintroduzir, Recuperar, etc. Romper com a dependência económica e cultural em relação ao Norte. Renovar o curso de uma história interrompida pela colonização, o desenvolvimento e a mundialização. Reencontrar e recuperar uma identidade cultural própria. Reintroduzir os produtos específicos esquecidos ou abandonados e os valores "antieconómicos" ligados ao passados destes países*". Também considerando o decrescimento como projecto local, este autor considera que as transformações implicadas são as que permitem "*um refazer orgânico do local*" em contraponto com o alargamento territorial que diminui as oportunidades de participação dos cidadãos e o esvanecer "*dum projecto colectivo enraizado num território como lugar de vida em comum e, portanto, que se deve preservar e cuidar para o bem de todos*".



PARTE II . PONTO 2

## O PROCESSO ONDE SE CONSTRÓI A PRESENÇA QUE JUSTIFICA ESTA TESE EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA.

Neste ponto partilho as reflexões subjacentes ao *pensar o processo* neste estudo, indo ao encontro dos trilhos que a investigação em educação artística tem percorrido, perante os quais procuro um posicionamento neste estudo. O cerne das linhas que se tecem a seguir prende-se com a mudança de pensamento assente num paradigma mecanicista onde a regularidade e a previsibilidade estavam no centro do pensamento científico — mecânica newtoniana — para outros entendimentos do mundo onde se pretendia compreendê-lo e não dominá-lo (Santos, 1995:17), incorporando outros constructos nessa equação — i.e. imprevisibilidade, incerteza, indeterminação — que influem na emergência de um novo paradigma nas ciências, que se iniciou com Einstein e a mecânica quântica (idem, p.23)

Nesta trama complexa que vamos “encadear” a investigação em educação artística, um campo fresco de possibilidades, de ampliação de sentidos específicos num plano abrangente de inquietações, que encontra nesta paisagem povoada uma plausibilidade de paragem, de contemplação e de invenção de novos significados. Neste ponto específico construo um caminho que justifica a “deriva” no campo da especificidade desta tese em educação artística, através de um processo inicialmente “conformado” aos justificativos que antecedem a escrita, para numa fase posterior assumir uma autonomia que transcende essa própria escrita.

## ***Pressupostos da Investigação***

As premissas epistemológicas da investigação em ciências encontram o seu fundamento ao longo de séculos de pensamento e de procura de sistematização de processos que justificam procedimentos e normas que conformam o conhecimento obtido. Inicialmente considerando a invariância dos fenómenos observados como regularidades que se poderiam replicar perante a assunção de um mesmo protocolo, assumido como princípio que permitiria interpretar um mundo estável e previsível — mecânica newtoniana — *"uma máquina cujas operações se podem determinar exactamente por meio de leis físicas e matemática"* (Santos, 1995:17): os fundamentos do paradigma positivista de investigação que estabeleceu as bases para uma concepção mecanicista do mundo vigente, mais interessada num conhecimento operativo do que num conhecimento profundo e transversal da realidade (idem). Paulatinamente, estes pressupostos que enformaram as condições para o estudo da natureza começaram a transbordar para o estudo da sociedade, as 'amarras das evidências científicas' como razão necessária e hegemónica para a produção de conhecimento no domínio do social. No domínio das "ciências sociais" inicia-se a grande jornada da alteração dos pressupostos epistemológicos das ciências naturais para este campo, em que em nome da cientificidade, tudo tem de ser objectivo, mensurável, e passível de ser enquadrado num protocolo em que os resultados são constantes e imutáveis.

O princípio da incerteza ou da indeterminação, enunciado por Heisenberg (1927), iniciou o processo de questionamento da 'certeza' das ciências naturais, contribuindo assim para novas elaborações conceptuais, onde a imprevisibilidade, a incerteza, a indeterminação e a desordem encontram espaço no "lugar" de pesquisa/investigação e consequente incorporação no conhecimento e nos processos da sua construção. A assunção de premissas deterministas é rebatida com os limites do rigor do conhecimento e, como tal, os resultados e as leis da física que, consequentemente, são também probabilísticas, uma vez que não se pode assumir que o real se constitua pela soma das partes em que a dividimos para observar e medir. É o prenúncio da incorporação da análise do processo de construção do conhecimento da realidade como 'variável' relevante e pertinente em processos de investigação no domínio das ciências, o que cria uma legitimação da apropriação desses pressupostos noutras áreas investigativas. Essas mudanças corroboram para uma crise no paradigma

da ciência moderna, o que não deve ser encarada com cepticismo, antes como uma despedida "*dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos*" (Santos, 1995:35), em prol de uma nova via epistemológica "onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde o conhecimento volte a ser uma aventura encantada" (idem).

Com a incorporação de novos pressupostos ontológicos no entendimento da realidade, — de uma realidade existente imutável definida por leis naturais que permitem a sua apreensão (positivismo) a uma realidade que existe sob a forma de múltiplos constructos mentais (construtivismo) — traduzido em diferentes paradigmas de investigação, consolidam-se as razões e a pertinência da distinção entre ciências naturais e ciências sociais, a ideia da "física-social" inerente ao paradigma mecanicista esbate-se, e cada vez as ciências sociais ganham um plano de visibilidade e de legitimidade, nas quais a inteligibilidade da natureza tem como referente 'conceitos, teorias, metáforas e analogias das ciências sociais'<sup>26</sup>. No presente estas dicotomias vão-se esbatendo, a distinção sujeito/objeto torna-se difusa e, segundo Santos (1995), uma concepção humanística das ciências sociais surge como catalisador de uma fusão progressiva das ciências naturais e das ciências sociais, colocando a "*pessoa enquanto autor e sujeito do mundo no centro do conhecimento, mas ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa*" (Santos, 1995:44). Paulatinamente, avizinham-se novos paradigmas e novas epistemologias do conhecimento; naturaliza-se a ideia de um conhecimento científico apreendido em sintonia com os códigos do momento (Almeida, 2014:66), nos quais outras confluências são aceites no 'saber científico legitimado', sentidos subjectivos e entendimentos outros são equacionados como pertinentes na produção do conhecimento, que segundo Santos (1995) vão incorporando as nossas partículas individuais, comunitárias, sociais e planetárias, afirmando ainda este autor que, não se tratando de um amontoado de sentidos, este entendimento mais abrangente da ciência moderna potencia interações e intertextualidades organizadas à volta de projectos locais do conhecimento indivisivo, o que influi para que o conhecimento pós-moderno seja considerado local e total.

---

26 No discurso sobre as ciências, Boaventura de Sousa Santos, exemplifica esta ideia com a teoria das estruturas dissipativas de Prigogine e a teoria sinérgica de Haken, nas quais explicam o comportamento das partículas através dos conceitos de revolução social, violência, escravatura, dominação, democracia, conceitos originários das ciências sociais. (p.41)

## ***Trilhos de uma Investigação em Educação Artística***

Nesta procedência se posiciona o campo da investigação em educação artística, um território que não se esquiva em indefinição que não seja elemento coadjuvante na construção de espaços de significados, pressupostos com os quais se posiciona no espaço da produção de conhecimento científico, um território com mais de 300 anos de história. Neste vasto espectro que assenta em várias correntes filosóficas, Gray & Malins<sup>27</sup> (2004:19) afirmam que a maioria dos paradigmas de investigação do séc. XX aderem ao paradigma pós-positivista de investigação, ao mesmo tempo que colocam o paradigma de investigação em arte numa permeabilidade tanto quanto ao pós-positivismo, teoria crítica ou construtivismo, quer sejam nas suas dimensões ontológicas, epistemológicas ou metodológicas (idem, p.20). Num referente adaptado de Guba (1990), e no âmbito da investigação e práticas em educação artística, as autoras colocam o entendimento do cognoscível, a natureza das relações entre o sujeito, o objecto e processos de construção de conhecimento em linha com o paradigma construtivista, colocando esta corrente numa relação de osmose com os paradigmas que lhe precedem. O meu pensamento e as minhas práticas posicionam-me entre o plano indefinido de um paradigma em educação artística e o paradigma construtivista. O entendimento de uma realidade complexa perante a qual existo, e perante a qual, em determinadas circunstâncias tenho a responsabilidade de estruturar contextos de interacções que se traduzem em constructos e resultados palpáveis nos sujeitos implicados é o posicionamento que me permite caminhar ao encontro de determinado entendimento no ensino e em investigação em educação artística.

Neste ponto, e numa perspectiva de contributo aos fundamentos cognitivos desta tese em educação artística, considero a crítica do essencialismo a partir de Mouffe (2007: 13), onde ela cria uma ruptura com o entendimento do sujeito como entidade transparente racional que podia transmitir um significado homogéneo da sua conduta, a premissa para refutar o “carácter necessariamente unitário do sujeito”, que confronta-o

---

27 Autores de *Visualizing Research* (Gray & Malins, 2004) uma obra que orienta alunos de pós graduação em arte e design, através do desenvolvimento e implementação de um projeto de pesquisa, usando a metáfora de uma “viagem de exploração”. O livro se baseia na experiência de investigadores em diversos contextos, concilia procedimentos que interligam a relação criativa entre pesquisa, prática e ensino em arte e design, abarca as várias etapas do processo de investigação e introduz métodos visuais, interactivos e colaborativos como especificidade do paradigma de investigação em arte e design.

com uma

“pluridade de registos —simbólicos, reais e imaginários — que permeiam toda a identidade, assim como o lugar do sujeito como o lugar da carência que, apesar de estar representada dentro da estrutura, é o lugar vazio que subverte ao mesmo tempo a condição de constituição de qualquer identidade.” (Idem)

Esta proposição de Mouffe amplia o entendimento da individualização subjectiva do sujeito com os seus constructos, num histórico em que ele se dilui nas suas identificações, num movimento de descentramento que impossibilita fixações de posições em torno de um ponto pré-definido, ao mesmo tempo que, e como resultado de esta não fixação, ocorre um movimento oposto que institui pontos nodais, fixações parciais que limitam o fluxo do significado perante o significante (idem, p.14). É este mesmo sujeito que se envolve em eventos no domínio do artístico, assumindo identidades como artista, investigador ou educador, implicado em processos que incorporam as subjectividades dos pontos nodais como parte integrante do percurso; se dilui no plano do fazer sem que haja uma separação entre o sujeito que investiga e o ‘objecto’ investigado, o que coloca o paradigma de investigação em educação artística numa posição confortável em relação a outros territórios de investigação — que no presente tende a equacionar a não existência da dicotomia sujeito/objecto (Santos, 1995; MacNiff, 1988) e que como sublinha Eisner<sup>28</sup>, há outras geografias da experiência humana que podem ser perscrutadas, que estão para além do mensurável e que encontram nos processos de investigação em arte os caminhos para a sua representação. No Planalto vou ao encontro de outras *geografias da experiência humana*, a *tela* perante a qual os elementos se interligam, ganham sentidos próprios, aos quais acrescento outras camadas de significado que surgem como re-interpretações do significante que construo em cumplicidade com as pessoas e a comunidade. Ao mesmo tempo reflicto sobre a impressão final, as suas matizes e texturas, a sua razão e pertinência, cujo sentido é duplo, nosso, sujeito investigador, e do outro, sujeito que permite a interação, ambos com uma pertinência legítima perante os seus constructos.

Estamos perante uma investigação em educação artística que a partir dos contextos onde ela se inscreve continua os questionamentos inerentes deste paradigma de investigação; reflecte determinadas preo-

---

28 Eisner, E. (1988). The Primacy of Experience and the Politics of Method. *Educational Researcher*, June-July, 15-20

cupações inerentes às dificuldades do como apresentar/enquadrar uma investigação em educação artística num lugar onde só faz sentido falar-se de arte se ligado aos mecanismos do pensamento inventivo que permitam ao indivíduo ou colectivo encontrarem as respostas suscitadas pelos desafios eleitos no dia a dia; encontra-se na suspensão do discurso e dos saberes como as únicas possibilidades de viabilizar uma investigação em educação artística num território despido de pretensão que possa entender outro discurso que não prime pela sua própria ausência.

Esta escrita que traduz o processo de investigação vivenciado em cumplicidade com as pessoas e a comunidade de Chã de Feijoal permite-me comprovar a impossibilidade de transportar entendimentos e procedimentos de investigação demasiado formalizantes para uma realidade com os contornos e vivências do Planalto Norte, não obstante a necessidade de se criarem procedimentos investigativos simples, sistémicos e o mais constante possível McNiff (1988:33), até que os processos criativos inevitavelmente apresentem variabilidade e profundidade que permitam uma certa inferência. As acções desenvolvidas com a comunidade de Chã de Feijoal foram realizadas sem que houvesse uma necessidade de enquadrá-las numa denominação específica, quer fosse de investigação ou outra, não houve a necessidade de formalizar um determinado papel ou estatuto na comunidade que não fosse daquele que chega, se envolve e participa nos problemas com que se confronta, o “posicionamento” assumido durante a investigação que se traduz nesta escrita.

Esta tese assenta na pretensão de equiparar os caminhos da investigação em educação artística como uma procura no indefinido (Groys, 2009), uma ideia próxima do domínio da arte que não aspira legitimidade a outra coisa que não seja *“uma aspiração por si mesma à identidade consigo”* (Adorno, 1970:15), uma premissa que permite canalizar as angústias do não encontro como sendo o caminho para o encontro com o território de possibilidades da educação e investigação em educação artística.

Com alguma frequência assalta-me o largo espectro das possibilidades desta investigação, questiono até que ponto um único foco, eventualmente, a integração de premissas desta investigação na matriz curricular do M\_EIA; quiçá o foco na dimensão conceptual relevando para um segundo plano a acção “sem rede” subjacente. Caminhos possíveis

que poderiam ter sido percorridos nesta investigação, em detrimento do objecto desta investigação: as cumplicidades construídas nas aprendizagens realizadas nos interstícios do Planalto e do M\_EIA, nas quais a arte/cultura/desenvolvimento se cruzam. Este processo traduz a pouca razoabilidade de conformação de uma investigação em educação artística num plano definido, o que não obsta uma intuição das possibilidades de concretizações do desafio em presença, perante as quais reside a criação de significados através da expressão da liberdade de um processo criativo. Neste particular assumo o meu contributo nesta “deriva”, porque “ainda não se clarificou o campo do relacionamento da arte e da educação artística com a investigação, perante a presença teimosa do congelamento da investigação com a busca” (Paiva, 2014:5), o estar que caracteriza o caminho percorrido nesta tese.

## ***em primeira pessoa \_\_ A (des)construção do caminho da escrita no processo de investigação***

De repente declino o sentido dos textos anteriores, enfatizo a importância da procura de um sentido próprio. Encontro sentidos difusos no que procuro, escrevo ou 'sublinho', até que no processo de escrita decido procurar/encontrar o sentido que procuro. Pura e simplesmente escrever, sem as premissas que anteriormente defini para escrever: criar uma estrutura orgânica, a partir da qual tudo se encaixa, tudo encontraria sentido. Assim foi o início: a criação de uma estrutura, a hierarquização dos temas, consciente que os mesmos poderiam ser alterados, reordenados, sempre que necessário, foi o passo inicial a partir do qual achei que as coisas encontrariam a ordem. Afinal, trata-se de uma *tese*, um texto que respira a ordem, ordena as ideias no sentido definido, com correção e exactidão — o primado do como no "país dos saberes" (Alves, R., 2004), o ritual que "legitima" a pertença na academia.

Um dia defronte ao computador, respeitando os preceitos e os procedimentos da 'escrita científica': uma produção incipiente, duas páginas A4, uma sensação que frustra perante a incapacidade de 'produzir mais conhecimento' nesse tempo. Que conhecimento esse se pretende construir e partilhar, cuja génese angustia, a fluência e fruição necessárias teimam pela escassez? Conflui-se para uma desconstrução das premissas da escrita desse texto, considerá-las simplesmente pontos de referência, declinações, trilhos em campo aberto para possibilidades num porvir...? Um início pautado por trilhos prévios, assente na necessidade de conformar a escrita a um protocolo lógico, que ela simplesmente recusa a encaixar e a sujeitar-se. Uma investigação em arte, um espaço de 'indefinição' deixado por este campo, no qual existe absorção e a necessidade de um encontro com este espaço — o sentido para o aprofundamento e a sistematização de um "território", no qual uma abrangência maior é considerada. Assim, Kuhn, Guba, Santos, outros autores e paradigmas, entraram na minha escrita, apropriaram-se dela, fundamentaram-na com os seus argumentos, até este momento de desconstrução dos seus discursos.

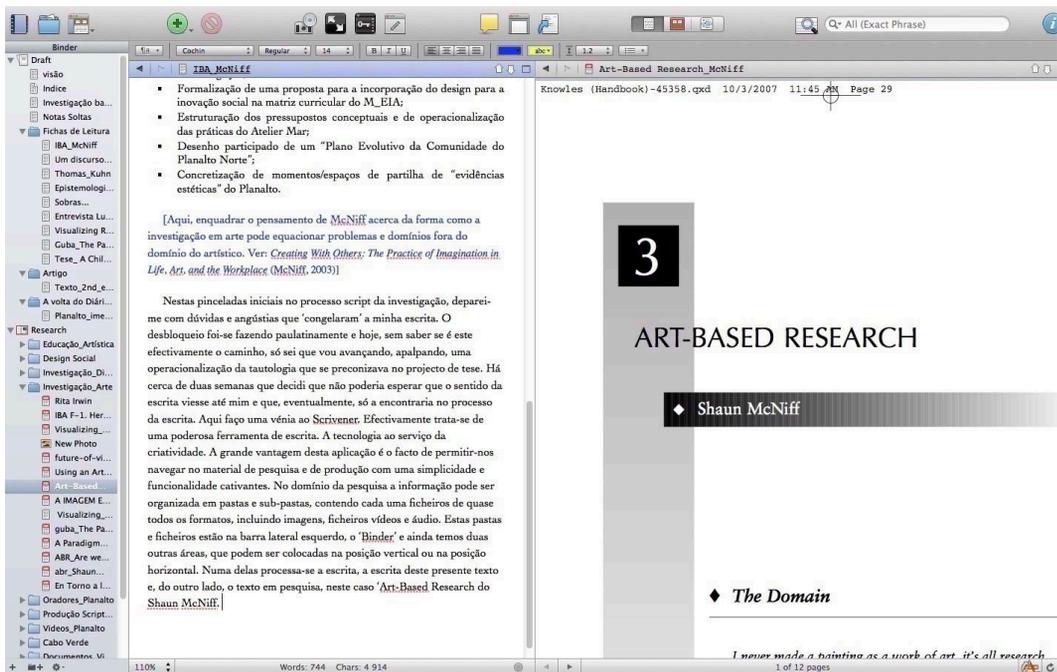
Numa outra janela do computador vejo a escrita “certa/adequada” —

*[“Não obstante estarmos a uma ‘distância’ significativa da revolução científica do século XVI, vive-se no presente um estar semelhante aos questionamentos de outrora, o qual se reflecte sobre os fundamentos dos caminhos da evolução científica e dos modelos de desenvolvimento nele sustentado. Desde a sua génese, o modelo de racionalidade que suporta a ciência moderna tem como referente as ciências naturais, no qual, pressupostos epistemológicos outros que não convirjam nas ‘verdades observáveis’ são catapultados para um plano secundário na aventura da construção do conhecimento, num quadrante em que por sistema se desconfia das evidências das experiências imediatas<sup>29</sup> que não possam ser enquadradas em algoritmos ou em representações matemáticas “irrefutáveis”.]*

A minha escrita, fundamentada por discursos doutos, o dilema entre o considerar e o refutar, o resvalar para a construção de um discurso que me apraz em mim, para o papel. Afinal não se procura o caminho, mas sim encontrar a linguagem adequada para partilhar a “viagem” ao Planalto, a viagem que permitiu dar voz aos sentires e aspirações a partir do outro, que permitiu entender o que sustenta a acção que transforma uma realidade difusa para o outro numa realidade física e humana plena de sentido(s), tanto para os que estão como para os que hão-de vir. É através deste assumir do meu discurso que legítimo ‘todo o conhecimento’ — que inclui as aprendizagens com todos aqueles que no Planalto, fruto das suas vivências específicas contribuíram para ampliar esse conhecimento com os seus saberes — como sendo o ponto de partida para o posicionamento que encontrei nesta tese, num processo em que se assume o ‘discurso próprio’ e auto-referenciável como sendo a linha de força da investigação, plenamente assumido no território da educação artística, quiçá um contributo deste campo na emergência do conhecimento científico que se reconfigura a partir das epistemologias do Norte.

---

29 Santos, B. S. Um discurso sobre as ciências, p.12



Ecrã capturado no Scrivener no momento da escrita do texto em presença.

Assim, nos traços iniciais do desenho desta tese deparei-me com dúvidas e angústias que 'congelavam' a minha escrita. O bloqueio foi-se esvaindo paulatinamente, questioneei os caminhos, mas avançando, apalmando, uma operacionalização do rizoma que se preconizava no projecto inicial. Decidi não esperar pela chegada do sentido da escrita — uma vénia ao *Scrivener*: a tecnologia ao serviço da criatividade. Uma aplicação que permite navegar de uma forma discricionária no material de pesquisa e de produção, com simplicidade e funcionalidade justas. [Visualiza-se a produção e pesquisa organizadas em pastas e sub-pastas; ficheiros em formatos diversos — imagens, ficheiros vídeos e áudio — no *Binder* — localização: barra lateral esquerdo; lado direito divisível em duas janelas, numa delas processando a escrita, a escrita deste presente texto e, do outro lado, o texto em pesquisa, neste caso 'Art-Based Research' do Shaun McNiff.

*Scrivener*, um sistema de gestão de documentos que permite a escrita sem as amarras da sequência ou da lógica inerente a um processo linear; Permite a leitura em paralelo com a escrita, trabalhar num determinado documento e, de repente, saltar para outro ficheiro, ir 'buscar' uma ideia já escrita, que complemente a escrita do momento, sem sair do mesmo palco, como se de um único documento se tratasse, quando efectivamente é, neste momento, um amontoado de escritas, retalhos de um puzzle, que devo organizar, no tempo, intertextualidade?...

O primeiro ficheiro criado foi o índice, uma certa intencionalidade de colocar a ordem na desordem das ideias, das sessenta páginas do diário de campo vindas do Planalto, das 500 fotografias captadas na primeira incursão ao território, algumas horas de registo vídeo e áudio.

*[Durante quatro meses não acedi a esses documentos porque não sabia como dar sentido e conduzir esses materiais de uma forma significativa e consequente. Nesta sequência abro o índice, encontro a estrutura pretendida para o 'documento final', mas neste momento não há dúvida que se trata de uma estrutura provisória, que daqui a meses estará com uma configuração 'fechada', diferente desta. Abro o ficheiro no ponto em que iniciei a escrita que traduz esta investigação, neste ponto precisamente, "O processo onde se constrói uma presença que justifica esta investigação em arte", justificado a mim próprio como uma necessidade primeira de encontrar referentes conceptuais para o posicionamento na investigação. Este ponto de partida revelou-se determinante para poder encontrar um fio condutor para o processo em realização].*

Tratou-se de uma procura de sustentação da minha acção na compreensão dos conceitos, paradigmas e filosofias que enformam a(s) diacronia(s) da investigação lato senso, os caminhos emaranhados para o Planalto, uma forma de vivenciar uma experiência intensa, na qual, e a partir destes pressupostos, se assume a responsabilidade de construção de uma 'escrita' vivenciada no domínio da investigação em arte, um território aberto.

Não obstante esta dicotomia entre a desconstrução e a construção de uma escrita autónoma, o espaço de incerteza e de inscrição que nos deixa a investigação em educação artística levou-me a justificar este meu posicionamento a partir de uma breve incursão ao longo da história das ciências naturais. Trezentos anos de permanência no pensamento ocidental não poderiam merecer a minha indiferença, qualquer que fosse o quadrante de um processo investigativo. Este tema preencheu-me temporariamente, e como referido algures nesta intertextualidade discursiva: "E foi assim que o Kuhn, o Guba, o Santos e outros autores entraram na minha escrita, quiseram fundamentá-la com os seus argumentos, até este momento de desconstrução dos seus discursos". Sem uma racionalização prévia o campo lexical da minha escrita assimilou o conceito, e é com a sua carga denotativa que a escrita que conforma os pressupostos desta investigação assumiu este presente contorno. Durante esta viagem ao interior do

processo surgiu a ideia de intertextualidade como contraponto; ganhei outro alento na construção do texto. De repente os temas, os ficheiros se sobrepunham, conteúdos diversos eram geridos em simultâneo, e o que a determinado momento constituía o sentido para o sentido que se procurava deixou de fazer sentido, sem que essa ausência constituísse uma falta, uma falha. De repente, as produções alternadas e espartilhas no tempo começaram a ganhar sentido — o diário do Planalto foi 'aberto', suscitando reinterpretações — a escrita encontrou o seu alinhamento no desnivelamento em que se construía o mecanismo da escrita.

E foi essa desconstrução da linearidade que paulatinamente incorporou a minha (in)certeza, 'pairou o meu pensamento' e fui induzido ao encontro de um caminho para o documento/tese que permitisse a apropriação ao *outro* deste documento, sem a linearidade da sequência numérica do objecto livro [uma procura nesta tese]; como materializar este documento *escrito* — sem o recurso ao hipermédia — de forma a que o leitor possa continuar a construir o seu significado a partir dos significantes disponíveis, sem o condicionamento sequencial de um documento em formato texto. Nessa sequência procurava uma ideia específica da Irwin lida anteriormente, quando deparei-me com esta passagem que veio reforçar o dito anterior:

"While traditional forms of research generally follow a template for the dissemination of research findings, no such template exists for a/r/tographers. There is no right or wrong way of portraying an a/r/tographic project, nor is there a checklist for judging the work<sup>30</sup>" (Irwin, 2012:91).

Não obstante não haver um posicionamento nesta tese associado a *a/r/tografia*, assumo o seu pressuposto da inexistência de uma forma certa ou errada de representar um trabalho resultante de uma investigação em arte. A sua valoração advém da coerência interna e externa do projecto, dos seus fundamentos e caminhos que possa abrir.

Essa procura do 'posicionamento e pressupostos da investigação' também foi coadjuvada por uma dificuldade em encaixar esta tese num determinado campo teórico, a "redoma" que pudesse assegurar e preser-

---

30 [Tradução livre] Embora as formas tradicionais de pesquisa geralmente seguem um modelo para a divulgação dos resultados da investigação, não existe tal modelo para a / r / tografia. Não há maneira certa ou errada de desenhar um projecto a / r / tográfico, nem há uma lista de verificação para avaliar o trabalho

var o meu discurso. Foi nesta sequência que, aquando de uma candidatura para a Fundação de Ciência e Tecnologia (23 de Setembro de 2013) escrevi:

*"A investigação que pretendo realizar é complexa e difusa. Meses de pesquisa documental e de reflexão permitiu perceber o que não se pretende com esta investigação, situação que complexifica a necessidade de enquadrá-la num determinado campo objectivo de conhecimento e num horizonte temporal diacrónico que permita perceber o 'estado da arte'. A investigação funde-se com o passado, no relacionamento que uma ONG cabo-verdiana, o Atelier Mar, e uma escola superior de arte, o M\_EIA, estabelece com comunidades, criando processos implicados, nos quais a arte/educação/cultura são charneira, numa prática que incorpora metodologias transversais que não se coadunam com o 'fechamento' da acção em 'domínios tipo' — "art building communities"; "design for social changes"; "art-based research"; "art educational based research"; "empowering communities" —*

mas que tem essas linhas de acção/pensamento como referentes, quanto mais não sejam para encontrar o quadrante desta investigação. E foi através desta viagem em rizoma que deparei-me com as Epistemologias do Sul (2009), uma escrita de Boaventura de Sousa Santos que tem suscitado vários debates em torno dos discursos dominantes do Norte global que têm ofuscado os "outros saberes para além da ciência e da técnica", bem como hierarquiza estes saberes em relação aos saberes do Sul global. É a partir desta esteia que o desconforto do enquadramento teórico do acontecido no Planalto acompanha-me, e a partir do qual se tece a trama que desenhará o processo e os "resultados" desta investigação.

Continuando com a 'hipertextualidade potenciada pelo *Scrivener*' — e no âmbito do desenho processual desta investigação — os ficheiros no '*Draft*' vão ganhando forma. Do outro lado do ecrã, Fernando Hernández, apresenta-nos "*La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en educación*". O que nos traz esta última leitura? Trata-se de um texto familiar, que ao longo de um ano já teve várias leituras e confrontos com outros textos. De uma forma sucinta o texto situa a Investigação Baseada em Artes (IBA) no tempo, refere os trabalhos e o pensamento de autores importantes para esta área de investigação — Barone, Eisner, Grauer, Irwin, Mullen, Mason, Silverman, McNiff, entre outros. No texto, referindo-se a Barone e Eisner (2006), há uma passagem que, desde o início, representa uma consideração importante nesta

investigação. Trata-se de uma ideia próxima do sublinhado pela Irwin, em que Hernández refere que numa investigação no domínio do artístico procuram-se outras formas de ver e representar a realidade, num processo em que *"não se perseguem certezas mas sim o realce de perspectivas, a sinalização de matizes e lugares não explorados"* (Hernández, 2008: 94). Esta amplitude de possibilidades numa investigação neste campo, sem que haja um caminho pré-determinado, onde existe o comprometimento do investigador com o seu objecto num processo humanizado é um dos grandes contributos que esta área de investigação pode oferecer às ciências naturais, cada vez mais consciente das fragilidades inerentes a paradigmas que somente valorizam o quantificável e mensurável, em processos que almejam desenvolvimento infinito num mundo finito. Este pensamento como pano de fundo incorpora-se no desenho da acção para o Planalto, em que o entendimento dos constructos que enformam o processo são tão ou mais importante do que os resultados, numa 'viagem' em que a área do conhecimento aumenta em proporção com o perímetro do desconhecido que também se vai construindo. Neste documento, Hernández realça uma força a florada nesta investigação — a sua dimensão colaborativa — que pressupõe o encontro de formas criativas de representar o outro, ao mesmo tempo que se lhe dá espaço para que se represente a si mesmo. Um desafio a incorporar.

Nessa deambulação à procura de um caminho que sustentasse os procedimentos traduzidos nesta escrita questionei os limites que definem ou balizam a sustentação de uma determinada pergunta ou angústia que se transporta numa acto investigativo; vivenciei dúvidas quando procurei justificativos que permitissem afirmar que poderia avançar ou parar em determinado sentido da escrita; oscilei na aferição da amplitude dos 'desnivelamentos' inerentes às reflexões suscitadas pelas leituras realizadas, sabendo que uma determinada opção iria 'fertilizar' o meu pensamento e levá-lo para o caminho A em vez do caminho B. Não se tratando estas questões de uma 'condicionante' de uma investigação em educação artística, mas sim, de qualquer processo investigativo — ou do simples pensar — desenhado por um sujeito que não seja um equipamento que operacionaliza determinado algoritmo, estes caminhos possíveis no emaranhado de segmentos que definem o 'dispositivo investigação' "conformam" a subjectividade inerente a um processo que se pretende objectivo, quiçá a dose de entropia desejável num "sistema saudável".

Em determinado momento da escrita o processo ganhou novos contornos, a premissa intertextual aliou-se a uma desejável relação/ligação de conteúdo, o texto anterior procura uma relação com o precedente. Um outro momento de uma estratégia que não se confina a um fechamento de procedimentos, a abertura em relação ao porvir como o caminho a percorrer, pressupostos que influem nas aprendizagens vivenciadas em cumplicidades no Planalto e no M\_EIA, os dois territórios onde decorre esta investigação em educação artística, que define o amplo território da cultura como o seu espaço de inscrição e onde posiciono-me com uma ideia de educação artística que se aloja em práticas de desenvolvimento endógenas, perante as quais interajo com um 'olhar específico'.

## ***A (des)construção do pensamento que conduziu-me ao Planalto***

O caminho em rizoma incorporou elementos do Planalto constantes no 'Binder', mergulhei pela primeira vez nos registos e nas observações captados durante a primeira imersão no local. Assim, a escrita e a realidade Planalto cruzaram-se, uma relação saudável e desejável ao longo desta viagem.

*[A escrita deste ponto absorvida pelos registos da primeira imersão no Planalto. O primeiro momento de cruzamento das vivências com a escrita.]*

Esta viagem à volta de fundamentos e premissas que sustentam o caminho percorrido nesta tese conduziram-me ao Planalto, às Notas de Campo, numa 'interpretação' da escrita produzida pela vivência e observação nos vários momentos de imersão no território. À data desta escrita passaram-se quatro meses desde o regresso da minha primeira imersão ao Planalto, e pela primeira vez abri e li o Diário de Campo. Desde que regressara que não encontrava o sentido para a leitura, visionamento ou audição da profusão dos registos que trouxera do lugar, mas de repente realizei que o sentido deveria ser encontrado em confronto com uma re-visitação aos elementos obtidos no trabalho de campo. Assim 'entrei' nas Notas de Campo.

2013, 16 de junho [Nota de Campo]

[ 4.º dia em Cabo Verde no âmbito da primeira imersão ao Planalto]

*"Tenho deambulado pela ilha. Encontrei amigos, muita conversa, muito sentir. Desencontros... Sinto-me desconstruído na ilha, sensação/coisa nova na relação de sempre com este espaço. Observo, sinto, cheiro. Algum encontro almeja-se. Não sei onde possa estar, mas preciso de encontrar uma frequência ou uma linha de força que indicie o sentido do caminho a percorrer".*

Aquando dessa escrita [2013] era este o sentir, um sentido difuso dos contornos do processo, distante do ponto em que me encontro nesta escrita passados três anos, onde tenho um sentido mais claro do 'roteiro

das declinações', onde incorporo o subjectivo como sendo fragmento no plano do desejável neste emaranhado em que cada opção conduz a um pensamento na procura da sua 'sustentação', os 'suportes' que necessito para continuar a 'escrita', os espaços de abertura e de subjectividade onde alojam as minhas dúvidas, mas que ao mesmo tempo alimentam esta escrita.

2013, 16 de Junho [Nota de Campo]

*"Em S.Vicente sinto um desajustamento da escala humana, espacial e volumétrica. Naturalmente, assumo o desajuste como sendo meu, a minha dificuldade em encaixar-me em algo que me transcende. A praia da Laginha intervencionada num projecto contestado, as rochas esventradas para encaixar blocos monolíticos atípicos e aflitivos, o vulcão do Calhau 'abocanhado' num processo terrível de extracção de inertes para a construção; a enormidade de carros circulando pela limitação dos caminhos da ilha, o barulho, o som descontextualizado na esplanada do bar da Laginha e, o Monte Cara, sereno, na sua postura de sempre..."*

Não se tratando de uma atitude de negação, trata-se de uma relocalização do meu sujeito perante o seu objecto de estudo, o estranhamento que faz presente alguma possibilidade de acontecimento, a partir do aqui para o plano seguinte de acção, o Planalto. Há um sentido vivenciado que permite incorporar a superação da dicotomia sujeito/objecto neste processo. A resistência a esta separação é o caminho que permitiu-me chegar ao Planalto com um entendimento que suscitou "*a compreensão do mundo à manipulação do mundo*<sup>31</sup>". É esta comunhão que permite a humanização dos discursos e das práticas, contribuindo assim para um entendimento mais holístico dos problemas e consequentemente respostas menos dicotómicas e fundamentadas em 'verdades relativas', construídas a partir de pontos de vista e/ou paradigmas colonizantes, sem que as "*areias dos nossos percursos moleculares, individuais, comunitários, sociais e planetários*" sejam considerados (Santos, B. S., 1995:44). Tudo assola a "instância" investigação, principalmente o eu, sujeito determinante e determinado pelo processo, e esta humanização da investigação permite que ela avance, eventualmente uma outra tipologia de investigação e aquela que faça sentido no Planalto. O encontro para uma 'compreensão do Planalto' em direcção a uma 'fenda potencial' que justificasse o agir e investigar em

31 BSS, Um discurso sobre as ciências, p.44

educação artística nesse território só seria possível perante uma atitude de suspensão dos meus saberes — artísticos, educativos e de design —, indo ao encontro de outras possibilidades de respostas onde o território da arte e da cultura pudesse contribuir para a promoção de desenvolvimento a partir de problemas e necessidades reais de pessoas e de uma comunidade — o caminho percorrido no Planalto durante três anos e que se traduz nesta escrita.

Interiorizo a ideia de que o que observo em S.Vicente condiciona o que vejo, verei ou procuro ver no Planalto; relaciono o meu sentir em relação à escala da cidade do Mindelo que no presente comporta desajustamentos volumétrico e urbanísticos com a harmonia visual que se apreende das montanhas que circundam o Chã de Feijoal; não resisto em comparar os recentes prédios de dezenas de andares com a imponência dos 1979 metros do Topo de Coroa, onde realizo o entendimento de que tudo se relaciona com o modo como se vê e o que se pretende ver — a ideia da verdade defendida por Santos (1995) no discurso sobre as ciências.

Depois de rever imagens da primeira viagem à Cinta — as nascentes onde os habitantes do Planalto se abastecem de água potável —; ouvir os registos áudio de conversas e viagens com o Ramiro, deparo-me novamente nas esteias da investigação em educação artística, mais concretamente no texto de Eisner, referido anteriormente. A leitura do artigo de *The Promise and Perils of Alternative Forms of Data Representation* (Eisner, 1997), reforçou o entendimento da relatividade das bases do conhecimento, o primado do antes ou depois, o que deve ser estudado ou ensinado, a partir de que fontes, com que fundamentos e legitimidade. Os 'saberes' de Eisner, tão legítimos como os do Ramiro, que nos fazem entender a relação entre o número de burros e de cabras para cada criador no Planalto, perceber os fundamentos do número ideal de um rebanho no Planalto, conhecimento construído através das vivências do dia a dia e que permite desenhar outros cenários de futuro para as cabras e pastores, aprendizagens que são construídas na tenacidade que permite às gentes do Planalto continuar a resistir no local mais árido de Cabo Verde. Nas palavras do Ramiro, e reforçado por outros criadores, o número ideal de cabras por criador é de 40 cabeças, a quantidade que conseguem sustentar com ração em épocas de seca, uma das certezas que os acompanha ao longo dos anos. Quando chove esse número pode aumentar, mas é

estabilizado ao longo dos meses em que se escasseia o pasto. Quanto aos burros, cada um garante o transporte de água para 10 cabras, perfazendo a décima parte da quantidade de cabras existentes num determinado momento no Planalto. São estas algumas das aprendizagens que fiz neste dia com o Ramiro, no quarto dia da minha primeira imersão ao Planalto, dia em que visitei o lugar do Ramiro. Lá encontrei o seu pai, Sr. Eusébio, reconstruindo a cobertura do seu Castelo<sup>32</sup>.



Sr. Eusébio, pai do Ramiro substituindo a cobertura do seu Castelo [agora do Ramiro], uma tarefa que fizera pela última vez há 31 anos atrás.

---

32 Modelo de habitação temporária que também serve de apoio à agricultura ou de armazenamento de palha ou comida para animais. Trata-se de uma construção com uma planta circular ou elíptica, construída total ou parcial em pedra, coberta com elementos vegetais (estrutura em 'paus de carrapato', coberta com palha).



Depois de uma manhã a pastar no castanho das montanhas à procura do risco, as cabras têm direito a uma ração constituída por água do coalho do queijo com uma porção de milho. As quarenta cabras do Ramiro alimentam-se em três recipientes de plástico, numa 'ginástica' de pescoços que parece uma dança de malabarismo onde nada se desperdiça.

2013, 16 de junho [Nota de Campo]

*"Regressamos ao Queimado por volta das 12:15h, depois de uma manhã no Morro. Iniciámos a jornada por volta das 09:15h, eu, o Ramiro e a Samira, que bifurcou caminho ao lado da casa do António Sabino, à caminho de Cinta. Eu e o Ramiro continuamos a viagem, na qual ele partilhou o seu dia a dia comigo (registo áudio partilhado adiante), até chegarmos ao Morro. No morro estava o pai do Ramiro, o Sr. Eusébio, e a sua mãe, Nha Antoninha. O Sr Eusébio estava arranjando a cobertura do seu Castelo, tarefa que tinha realizada pela última vez há 31 anos. Disse-me que estava preparando as coisas para o seu filho, o Ramiro. Fiz um registo fotográfico, conversei bastante com eles. Nha Antoninha fez uns 'fdjoses' deliciosos que comemos com arroz pintado e um café preparado numa lata de leite em pó. O Ramiro foi dar de beber às cabras e explicou-me a importância desse momento na estimulação da produção dos animais. Nessa sequência o Aníbal e o Jailson chegaram. Vinham de Escravirim, um lugar onde existem 20 mangueiras 'comunitárias', distante mais de 3 horas a pé de Chã de Feijoal, onde todos os anos iam buscar mangas. Mais uma vez concluo que o Professor Agostinho da Silva tem razão: o S do sustento é a base da cultura e qualquer acção no Planalto deve ter essa razão primeira como mote para a acção.*

*São 16:00h, acabei de almoçar a feijoada do Planalto. Sem condimentos extras, o fundamental, delicioso. Sente-se o gosto do feijão. Ingredientes: feijão, carne salgada, umas rodela de chouriço, batata aos cubos, água e cebola. Constacto que trazer outros ingredientes para o Planalto deverá ser um caso pensado; corre-se o risco de perder a "es-*

*sência dessa comida". Uma vez mais, a dinâmica comunitária a volta da mesa da Tanha: todos comem feijoada. Já contei 10 pessoas a degustar a feijoada da Tanha e ainda falta o Ramiro. Hoje, a próxima tarefa é o mapeamento das pessoas, cabras e burros que constituem a comunidade de Chã de Feijoal. Combinei esta tarefa com o Jailson, que irá fornecer-me os dados preliminares"*

As coordenadas do "presente" no Planalto, onde uma viagem em rizoma procura uma presença na escrita, quiçá "ramos folíferos, floríferos", com legitimidade semelhante à raiz que absorve no subterrâneo o substracto que fixa o sentido da substância.

Esta intertextualidade no processo da escrita e de construção do caminho desta tese conduziram-me para o território da incerteza (asente em actos em potência no lugar onde ela acontece), cuja bitola foi a coerência interna e externa que se pretendem explicitar na escrita que sustenta esta investigação, tendo em conta que quaisquer que sejam as conclusões, elas estarão contaminadas por "acidentes de investigação e pela formação individual do investigador<sup>33</sup>". Este território de incerteza materializa-se no Planalto, o lugar onde a atitude e o comportamento das pessoas perante a impotência e as adversidades de uma realidade seca e agreste se inscreveram como aprendizagem de uma acto de potencialidade de um lugar e das suas gentes, uma aprendizagem real que absorvo nesta escrita. É neste território de incerteza que observei comportamentos de inscrição nessa realidade quando todos os indícios apontam no sentido oposto; é neste lugar que de todos ouvi a vontade e ideia de permanecer; é neste lugar que aprendi o processo do cultivo em pó, uma prática ancestral que persiste, na qual todos os anos, quer chova ou não, homens plantam milho e batata na terra fina, solta, evocando a potencialidade na incerteza de colher milho e batata. De quando em vez a incerteza se transforma em certeza, chove, colhem toneladas de milho e batata, comem feijão ao longo do ano. Este ano choveu, o Ramiro plantou batatas, colheu centenas de quilos de batata, vendeu mais de 500 Kgs de batata numa tarde, no pátio do M\_EIA. É nesse território que esta escrita se inscreve, acompanha as mudanças que a incerteza traz perante a forma como se lida com ela. Quando cheguei pela primeira vez ao Planalto a luz das velas e das estrelas eram as companhias que a noite trazia. No

---

33 Thomas Kuhn, (p.22) refere a impossibilidade de um "processo acéptico" durante uma investigação, quanto mais não seja pelas decisões várias que teremos de tomar, quanto mais não seja decidir que experiência realizar primeiro entre muitas opções relevantes; quais aspectos resultantes do fenómeno complexo nos impressionam, etc., decisões com probabilidades de determinar o desenvolvimento científico.

presente todas as casas de Chã de Feijoal têm um ponto de luz sustentado por um sistema solar fotovoltaico, um projecto dinamizado por um grupo de estudantes da empresa estatal de electricidade e água (Electra), que elegeram esta comunidade como destino deste projecto pela forma como encaram a sua vida no seu lugar. Estes actos de potência neste território de incertezas constituem os sinais de uma pertença de uma gente a um lugar que não se abdica, que num futuro próximo terá mais um sinal da modernidade, o acesso ao telemóvel sem que seja necessário andar meia hora até a Bordeira. São estes alguns trilhos da força que contraria a impotência no Planalto que fazem-me acreditar que esta comunidade há-de trazer a água das nascentes de Cinta até as suas casas.

Neste momento deparo-me na amplitude da minha visão com as bolas, os cachecóis e livros do Benfica para as gentes do Planalto. Não sendo adepto de qualquer clube de futebol, esta investigação levou-me ao Estádio do Benfica, onde fora receber uma oferta desse clube para os pastores do Planalto, aqueles que munidos de um gerador, uma antena e uma televisão, caminham quase uma hora para a Bordeira, único sítio onde captam o sinal hertziano que lhes permite assistir a uma partida do seu clube, todos dentro de uma furna escavada em pozolana.

*“Assim como cheguei e se chega ao Planalto, devagar, de mansinho, absorto e esmagado pela imensidão do castanho, do quase nada, assim chegou até mim o convite: “quer escrever uma carta ao Benfica, apresentando-nos, dizendo-lhes quem somos e que gostaríamos que nos oferecessem algum equipamento, mesmo que usado?” Acabara de lhes oferecer a bola que o meu amigo Silveira, lhes enviou de Portugal. Com o respeito e seriedade que colocam em tudo quanto fazem, o Ramiro organizou a equipa para tirarmos uma fotografia para o Silveira, e nesse entretanto informou-me que tinha um assunto para tratar comigo.*

*Informou-me que a equipa tinha deliberado e que gostariam de convidar-me para sócio honorário do Clube, se eu aceitava. Aceitei, e nessa sequência atribuíram-me a missão de escrever uma carta aos dirigentes do Benfica”.*

*[Extracto da carta dirigida à Fundação Benfica]*

No dia 21 de Maio de 2016, o olhar estupefacto perante a resposta da Fundação do Benfica: duas bolas assinadas, 20 cachecóis, 10 livros com a história do clube. Queriam botas e camisolas, mas aceitaram com alegria e orgulho a resposta obtida. Esta ‘operação’ começou com a oferta de

uma bola do meu amigo Silveira aos 'jogadores' do Planalto. A bola furou em dois dias. A solução para este problema passa pela aquisição de bolas através do projecto *oneworldplayproject*<sup>34</sup>. Ainda não consegui parceiros para garantir o projecto.

Bolbo da mesma viagem que justifica o desenho da comunidade do alimento a partir da construção de um forno comunitário; o mesmo desnivelamento que permite a acção "cair o Planalto" a partir das ligações "casa dos meninos do Planalto"/ envolvimento de alunos do M\_EIA em processos de Educação Artística Informal; a mesma impotência que sonha o Vasco Martins no céu estrelado Planalto; a mesma razão que permite pensar o Planalto acontecendo sendo, no porvir que transcende o tempo desta jornada.



Também aprendi a chegar de mansinho. Nesse dia não lhes disse nada acerca da oferta da Fundação do Benfica. Esperei que fossem jogar e no descampado do campo fiz-lhes a surpresa. Estupefactos analisam os objectos recebidos.

34 <http://www.oneworldplayproject.com/>.



PARTE II . PONTO 3

## PREMISSAS PARA A INVESTIGAÇÃO E A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA EM CABO VERDE

De que modo se formam sujeitos nos 'entre-lugares', nos excedentes da soma das "partes da diferença (geralmente expressas como raça/ classe/gênero, etc)  
Homo K. Bhabha (1998)

Neste ponto apresentam-se as ideias que justificam a justaposição da arte/educação/cultura como vectores de aprendizagens que se preconizam nesta tese, que se pretendem reais e em contextos concretos onde a vida acontece. Esta investigação em educação artística assenta nessa trilogia, fundamentando as acções realizadas em territórios exigentes, que implicam nos seus interventores competências e capacidades que se alojam num pensamento sustentado na complexidade destes conceitos, que devem ir além de um entendimento comumente aceite.

Aqui defendo o território da cultura e da arte como sendo relevante para que Cabo Verde se posicione ao encalço de caminhos e de paradigmas que auxiliem o país a potenciar o seu legado, definindo um compromisso de futuro coerente e justo para as gerações vindouras. Como problematizar e articular arte e cultura em linha com políticas de desenvolvimento é uma outra dimensão deste problema que é abordado neste ponto. No entanto, não encaro esta tarefa como sendo uma pretensão fácil quando nos deparamos com um país precário em recursos físicos e naturais, com dificuldades de materialização de uma ideia de desenvolvimento autónoma, em consonância com a sua própria realidade, refém de processos históricos periclitantes em dimensões estruturantes do social (educativa, económica, social), com um histórico de políticas vacilantes que não têm sustentado um pensamento que alie de uma forma clara a cultura ao desenvolvimento das ilhas. Um pano de fundo que se complexifica quando extrapolamos o país para a dimensão geo-política global que se vive no presente, que condiciona as oportunidades e políticas internas a estruturas e mecanismos externos que limitam a capacidade de decisão e de definição do porvir das nações, realidade onde Cabo Verde se inclui.

## ***Cultura e desenvolvimento: intersecções no “entender” Cabo Verde***

Ao binómio cultura e desenvolvimento, o segundo conceito con-substancia premissas do seu entendimento num espaço e modo actua-ntes com uma disponibilidade para a acção que contenha outros tempos e modos de entender o desenvolvimento com fundamentos em *utopias concretas* (Latouche, 2012), em outras ecologias (Guattari, 2001), uma pretensão que esbarra com posicionamentos dominantes outros, de estruturas e instituições nacionais e supra-nacionais que assentam deci-sões e práticas numa *não consciencialização* em relação às recomenda-ções de organizações internacionais, aos estudos e pareceres científicos, dificultando o diálogo entre ideias de desenvolvimento com as especifi-cidades das realidades culturais nos diversos quadrantes do social. Esta dificuldade de operacionalizar o binómio cultura/desenvolvimento tanto poderá justificar-se tanto pela assunção do conceito de desenvolvimento a indicadores económicos associados ao capitalismo clássico — em cujas matrizes os países “candidatos ao desenvolvimento” devem associar-se, mesmo que abdicando dos seus referentes culturais —; como também poderá justificar-se pela intenção de implementação de políticas genéri-cas visando ‘erradicações’ várias, promovendo determinadas grupos, ou género, encobrimdo realidades distintas e complexas, por vezes excluden-tes. Como posicionamento de confronto em relação a estas constatações procuro ‘outros lugares’; procuro uma ideia de cultura com referentes que me coloquem noutras categorias, onde *entre-lugares, entre-tempos, estra-nhamento, identidade intervalar* (Bhabha, 1998) tornam-se outros *inputs* conceptuais para além das dicotomias naturalizadas ocidente/oriente, norte/sul, desenvolvido/subdesenvolvido, o que me move para ‘outra’ urgência, suscitada pela

“necessidade de passar além das narrativas de subjectividade originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processo que são produzidos na articulação de diferenças culturais (...) que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no acto de definir a própria ideia de sociedade” (Bhabha, 1998:20).

Este *local de cultura* referido por Bhabha conduziu-me às singu-laridades que se constituem em lugares específicos — i.e. Planalto — no momento presente do acontecido, nos interstícios como “*lugar a partir*

*do qual algo começa a se fazer presente*" (idem, p.24), residindo num lugar intermédio onde possa ser possível a reinscrição da *"nossa comunidade humana, histórica"* (idem, p.27). Trata-se de um trabalho fronteiriço que exige um encontro com uma ideia do novo como acto insurgente de tradução cultural, reconfigurando-o como um entre-lugar que permite *"tocar o futuro em seu lado de cá"* no qual o "passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver" (idem), o espaço de invenção criativa dentro da existência.

Encontrar o 'posicionamento' para discernir sobre investigação em educação artística em Cabo Verde, em harmonia com os conceitos de cultura e desenvolvimento não se apresentou como uma tarefa fácil, num país onde arte e investigação são práticas incipientes no contexto educativo, estão ofuscadas ou inexistente nos espaços de produção e de divulgação, subsídios que existindo conduziram esta pesquisa para novas reconfigurações, contributos que implicariam novos sentido perante esse referencial 'histórico' difuso. Não obstante o panorama incipiente no país, este repto consubstancia possibilidades de reflexão em torno de políticas culturais e desenvolvimento mais abrangentes, há muito iniciada pela *Unesco* (Veneza 1970, Helsinki 1972 e Yogyakarta 1973), num processo de diálogo com diferentes países e regiões geopolíticas, onde já se relacionava a cultura com a melhoria das condições de vida<sup>35</sup>. Na *Conferência Mundial sobre Políticas Culturais* (México, 1982) explicita-se a importância da integração de factores culturais em estratégias de desenvolvimento mais gerais — não obstante no *Plano Nacional de Desenvolvimento de Cabo Verde 2002-2005*, passados 23 anos após essa conferência, não se fazer uma única referência a cultura<sup>36</sup>.

É nesta direcção que mais recente, em 2000, a *Assembleia Geral das Nações Unidas*, aprova a *Declaração do Milénio*, um documento que consensualiza a expressão da comunidade internacional para as políticas de desenvolvimento — que não inclui nenhum objectivo ou meta concreta relacionada com a cultura — uma tradução do entendimento dos "países potência" sobre esta questão, que não avança com programas concretos sobre este assunto, mas que não traduz de uma forma cabal o entendi-

35 Conferência Intergovernamental sobre as Políticas Culturais na América Latina e das Caraíbas (Bogotá, 1978)

36 Não porque se espera ou se defenda que a cultura deverá ter uma 'assinatura' estatizante, mas que o estado se posicione em relação ao seu lugar nos lugares da cultura do território. Ainda sobre este tópico Plano nacional de Desenvolvimento, refere Leão Lopes (1999:3) a existência de uma "dificuldade em imprimir a cultura de eficácia instrumental no desenvolvimento e no seu lugar, sempre acanhado, nos orçamentos das autarquias e sua dotação, sempre envergonhada, no Orçamento Geral do Estado".

mento, a valorização e as transformações da cultura sobre e no “Terceiro Mundo”. Um posicionamento perante o qual contraponho outros referenciais para o entendimento desta realidade ‘desenhada’ numa perspectiva e de um ponto de vista global, que conduziu o mundo para a sociedade do risco evidenciado por Beck (1986), que fragiliza o local, perante o qual se convoca nesta escrita a pertinência da inclusão de outros constructos nos discursos e ‘normativos’ que se emanam das estruturas supra nacionais que condicionam as políticas das nações. É assim que defendo a articulação dessas ‘declarações’ com os ensinamentos que advêm das práticas vivenciadas nos interstícios comunitários que se harmonizam com ideias de desenvolvimento forjados em processos endógenos; no respeito pela dimensão holística da existência perante o ambiente circundante num plano que engloba em simultâneo as dimensões, social, mental e ambiental (Guattari, 1989), onde seja possível ocorrer processos de aprendizagem social (Manzani, 2008), sustentados no entendimento de que vivemos num mundo finito perante o qual não se pode aspirar a um desenvolvimento continuado (Latouche, 2012).

A explanação anterior aponta para um desfasamento entre conceitos e orientações de desenvolvimento com a cultura que nas palavras de Ortiz (2008:2) deve-se a um hiato existente entre estes dois conceitos, porquanto os estudos sobre a importância económicas das “indústrias criativas” serem recentes; também acentuado pelo anteriormente referido de uma fraca expressão e operacionalização da dimensão cultural do desenho de políticas para os países emergentes; isto tudo contribuindo para que o debate cultural se posicione em terreno escorregadio, “no qual um conjunto de suposições permanece latente ao longo da discussão” (idem). Segundo este autor tudo isto se complexifica com diferentes compreensões de um ideia de “política cultural” resultante da não coincidência do domínio da cultura como dimensão constitutiva da sociedade com a esfera da acção política. Continuando, este autor intercala a ideia de desenvolvimento à ideia de modernidades-múltiplas, ‘definindo’ assim o espaço para outras epistemologias que não as eurocêntricas, para outra ideia de desenvolvimento, onde encaixo o decrescimento de Latouche, assente numa ‘utopia concreta’, e que nos leva ao Planalto.

E assim encontro outros *lugares da cultura* em referentes conceptuais mais específicos, a partir de autores cujo pensamento influenciou

campos diversos como a sociologia, ciência política, antropologia e comunicação. Retomo *"O local da cultura"* (Bhabha, 1998), no qual o autor nos desloca para outros lugares, outros referenciais conceptuais para entender a cultura, conduz-nos na esteira dos *"caminhos para o Planalto"* nos quais procuramos o modo como se constituem os *"sujeitos Planalto"*; o modo como são formuladas as estratégias de representação ou de capacitação no interior da comunidade (em circunstâncias nem sempre colaborativo e dialógico) *"podendo ser profundamente antagónico, conflituoso e até incomensurável?"* (idem). Até que ponto as pretensões concorrentes em localidades não extravasam as bordas para a realidade mais abrangente — Cabo Verde nação —, numa perspectiva, eventualmente pertinente, para não se entender a diferença como *"reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição"*, mas sim como uma negociação complexa que legitima a minoria o seu direito de se *"expressar a partir da periferia do poder e privilégio autorizados (...) alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão "na minoria"* (idem, p. 21).

Nesta obra Bhabha leva-nos a reflectir sobre os *"pós"* do presente (modernidade/colonialidade/feminismo), sobre o seu significado na construção de uma sequencialidade da realidade que aponta para o *"além"* — *"viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos"* (idem, pp. 23) —; uma inquietude que impossibilita a incorporação da *"energia inquieta e revisionária"* do presente, *"transformando-o num lugar expandido, excêntrico de experiência e de aquisição de poder"* (idem). O autor exemplifica esta ideia com a *"inconsequência"* do entendimento do pós-modernismo como uma celebração da fragmentação das *"grandes narrativas"* do racionalismo pós-iluminista, em detrimento da consciência de que os seus limites epistemológicos enunciam uma gama de *"outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes — mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas"*, o lugar-ponte, o espaço intermédio do aqui, que permite no fio da navalha forjar o contemporâneo de Agamben (2009).

Aporto neste lugar, o Planalto, no qual e a partir deste, afunilo a lente para o *sustento* de Agostinho da Silva como *outra ponte* para *outro lugar* da cultura, assente em palavras de Romano (1979:153) “*o autóctone nasce e vive sob a atmosfera constante de uma preocupação: alimento*”<sup>37</sup>. Neste território Cabo Verde, como perspectivar a cultura sem que também seja considerada “*A idéia de cultura*” de Eagleton, (2003), na sua dimensão estruturante associada à *lavoura* (p.9), não consubstanciando a sua percepção pelo mais fundamental que qualquer ser humano necessita, o seu *sustento*? Quando se dissocia a cultura da sua sedimentação no *sustento* do homem<sup>38</sup>, no “*modo de vida e maneira de viver em comunidade*”<sup>39</sup> as possíveis acções e políticas não encontram a base necessária para que *outros lugares* da cultura se consubstanciam, compromete-se a diversidade por entendimentos simplistas do conceito. Em Cabo Verde vive-se um momento em que as bases existentes, mesmo que frágeis, podem ainda sustentar uma ‘*idéia*’ consequente de cultura, em contraponto com as políticas que desenham soluções de consumo rápido, a cultura do espectáculo, em que a cultura se transforma num produto desenhado sem que se vislumbre *tocar o futuro em seu lado de cá*, a premissa geradora de ritmo e de mecanismos subjacentes, os pressupostos para a sustentação necessária junto das pessoas e das comunidades, o caminho para ‘transbordar’ em manifestações e produtos culturais a montante consequentes e sustentáveis.

Num documento de 1999, Leão Lopes faz uma análise clara desta relação entre Cultura e Desenvolvimento em Cabo Verde, numa abordagem de dentro, de quem reflecte e trabalha tendo como referente este binómio. O autor começa por referir os condicionalismos estruturais do país como dificuldade de sustentação de um discurso onde a cultura possa ser articulada ao desenvolvimento, o que não impede, no seu entender, que não possa ser um estímulo à abordagem destes conceitos em contexto. Considera que a palavra cultura como “anúncio” de discursos múltiplos no território é um empecilho para a não resposta à pergunta “*para que*

---

37 Continuando, Luís Romano grafa as seguintes palavras: “Apega-se aos encargos e conseiras da lavra, luta com diversos factores para livrar um grão de milho; poucos dias de repouso tem na sua existência; e talvez sinta que é tempo perdido tudo quanto seja feito além do ciclo agrícola, mormente quando as emoções e sugestões descaiem para uma luta que lhe toma os sentidos e catalisa quase todos os seus dias: o pão nosso de cada dia!”. Agora pergunto: volvidos os 46 anos desta grafia, o que mudou na essência das preocupações do dia do caboverdiano autóctone, comprometido com o quinhão de território que lhe compete?

38 Professor Agostinho da Silva, *Conversas Vadias*, 1990 Para que haja cultura num país é necessário que haja os três esses: esse número um *sustento*; esse número dois *saber*; esse número três *saúde*. O *sustento* é o primeiro degrau das coisas e a seguir as pessoas podem demonstrar o seu interesse em *saber*.

39 Na definição da UNESCO para a cultura, veiculada no relatório mundial, edição de 1988

*serve a cultura num país como Cabo Verde*” (Lopes, 1999:1), traduzido numa inoperância que esta *ideia “tem tido no processo de desenvolvimento endógeno do país”* (idem), advindo de erros de abordagem da natureza arquipelágica do território, fora da sua diversidade cultural e histórica. Assente no conceito de “cultural matrix” o autor defende a diversidade e a natureza arquipelágica como sendo o grande desafio, mas ao mesmo tempo o potencial para o desenvolvimento do país, referindo a cultura como sendo o *“suporte e o garante da existência humana de uma comunidade”* (idem). Defende que em Cabo Verde a correlação entre medidas de cultura e medidas de uma economia saudável, status social e poder político não têm sido equacionadas de uma forma que estimule a diversidade nacional como potencial que permita uma operacionalização com sucesso no plano de desenvolvimento sustentável do país, frequentemente traduzido numa

“abordagem dos problemas da cultura (...) simplista, tanto por parte dos poderes públicos como da sociedade em geral, despidendo o conceito de sua natural complexidade para o reduzir a produtos finais das produções do espírito (artística, musical, literária, etc.) completamente alheios ao processo de produção nacional e dos mecanismos sociais e económicos que lhes estão anterior e subjacentes” (Lopes, 1999:2).

É neste esteio que o meu entendimento sobre a cultura incorpora no seu território natural: na vida das pessoas, nos lugares e nas comunidades, onde a vida e os seus problemas clamam por cumplicidades, soluções e aprendizagens partilhadas, um território onde a investigação e educação artística têm um espaço fundamental. Cabo Verde carece de uma política clara que perspetive e operacionalize a cultura como factor de desenvolvimento, caminho que poderia ter implicações na definição e no desenho de políticas educativas com fundamentos culturais, assente no entendimento dos problemas do sujeito aprendente em linha com os seus contextos específicos, um estreitar caminho entre a educação e a cultura numa perspectiva dialética e como factores de desenvolvimento sustentável e menos como apêndices pontuais de ideologias, programas, ou mentalidades fugazes. Este pensamento sustenta a linha de força desta escrita, que circunscrevendo-se num pensamento artístico/educativo, tem na comunidade de Chã de Feijoal/Planalto Norte um espaço de intervenção assente num pressuposto sociocultural osmótico, num processo em que se resgatem experiências, práticas e valores da comunidade, num desenho partilhado das possibilidades e cumplicidades no porvir.

Nesta escrita que sustenta a investigação realizada, reforço a existência de uma potencialidade no Planalto, um lugar de experiência de vivências onde se pode “*aprender a viver em paralelo*” (Rogoff, 2007:2), onde existe o comprometimento e a implicação na procura de respostas para as necessidades no *agora*, isto porque no Planalto, “*em cada emergência, há também uma emergência*” (idem).

Não tendo propriamente de se desbravar um território virgem, as acções realizadas no Planalto inscrevem-se em pequenas ‘utopias’, contrapesos à ausência de ‘políticas utópicas’ que ampliem a escala de intervenção e contribuam para o posicionamento das localidades num enquadramento mais assertivo onde a educação/arte/cultura possam ser considerados vectores de desenvolvimento — num quadro abstenso de narrativas de salvação (Martins, 2011:57).

## ***Na senda de uma Ideia de Ensino em Cabo Verde***

A ideia de cultura como uma entidade dinâmica que é gerada em determinado contexto e território, leva-me a associar a 'gênese' das ilhas de Cabo Verde a um 'evento cultural' perpetuado pelos descobridores portugueses. Para além da vontade de ampliar território descobrindo terras não antes percorridas, este intento tinha também o propósito de difundir uma cultura, ampliar mensagens e discursos, onde a palavra cristã teve um peso determinante. Assim, desde o povoamento das ilhas que a iniciação às letras e a evangelização foram assumidas pelos missionários como uma extensão natural dos seus propósitos<sup>40</sup> para o *povo das ilhas*, considerando a 'disponibilidade' para o saber que era deixada pela indisponibilidade das chuvas em fertilizar a aridez das ilhas até então povoadas. Essa disponibilidade também foi reforçada como uma mais valia intrínseca à ladinização (Carreira, 1983:46) um processo que contribuía para a melhoria das competências da mão de obra escrava e, conseqüentemente, do aumento do seu preço no mercado. Este augúrio entrou na história da educação em Cabo Verde, bem como a gênese e formação de Homens que tiveram um papel ímpar na cultura e história do país.

Este prenúncio de uma aposta no ensino em Cabo Verde não se efectivou de uma forma linear, tendo ocorrido um histórico de avanços e recuos infrutíferos, e mesmo a instituição da primeira *Escola de Instrução Primária Oficial* do Arquipélago, em 1817, não se efectivou, pela desistência do professor motivada pela má remuneração (Pereira, 2015:68). Estamos no despertar do século XIX, no auge de intensas transformações políticas e sociais em Europa, num período em que o papel catalisador da igreja declinava em todas as suas acções, inclusivé no ensino, o que contribuiu para a 'consolidação' do histórico da educação em Cabo Verde pautado por 'desinvestimentos'. Somente em 1844 o governador das ilhas determina a elaboração de um projecto de reforma de instrução onde se organizou o currículo escolar, e entre outras disciplinas propunha o ensino de gramática portuguesa, breves noções de história, geografia e constituição, desenho linear, noções de geometria prática, ginástica<sup>41</sup>.

---

40 Maria da Luz Ramos e, 'O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar; Esta ideia da religião e o ensino terem sido utilizados para a nacionalização e "civilização" dos povos está reforçada nos Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde (Pereira, 2015:65)

41 Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde n.º 112. Praia: Imprensa Nacional 1845. pp. 445-446;

Em pleno séc. XIX (entre 1895-1896) o arquipélago dispunha de uma rede de instrução primária de 45 escolas régias de ambos os sexos, 13 municipais de ambos os sexos e 6 particulares do sexo masculino, um panorama ainda insuficiente, segundo o relatório do governador de então<sup>42</sup>. Com este governante as ilhas ganharam um novo alento no domínio da formação profissional, tendo-se abertas escolas profissionais de coronheiro, de espingardeiro, de serralheiro ferreiro, de merceneiro e calafetes, bem como criou, às suas expensas, uma escola de música (Lopes, 2011:49).

Inicialmente estruturado de uma forma não instituída pelo Estado, o ensino em Cabo Verde teve uma grande incidência informal<sup>43</sup>, um histórico no qual as missões religiosas tiveram um papel de relevo, assim como tiveram noutras latitudes anteriores à descoberta das ilhas de Cabo Verde. A partir desse momento gradualmente e pautado por avanços e recuos, foram-se criando as condições para a criação de uma estrutura educativa no país, cuja pedra de toque se traduziu na implantação do Seminário-Liceu de Cabo Verde<sup>44</sup>, processo caracterizado por múltiplas tentativas de implantação, que culminou com a instalação deste marco da instrução pública cabo-verdiana na ilha de S.Nicolau. Esta instituição funcionou de 1866 a 1917, ano em que foi desactivado, e que marcou um outro importante marco educativo cabo-verdiano, a criação do Liceu Nacional de Cabo Verde, este sediado na ilha de S.Vicente.

Ao longo do período colonial, o ensino em Cabo Verde conheceu as flutuações políticas, sociais, económicas e culturais que iam ocorrendo no sistema colonial português, incorporando tanto os ideias iniciais escravocratas, da sua extinção, dos ideias liberais ou da implantação da república, não deixando, no entanto, de salvaguardar em qualquer desses momentos a defesa da ordem colonial instituída (Varela, 2007). Este autor sublinha os seguintes traços essenciais do sistema educativo colonial: educação instrumentalizada; alienada; altamente selectiva; discriminatória e

---

Leão Lopes, 2011, obra citada, tendo como base Adriano Duarte Silva, Cabo Verde, Boletim da Agência Geral das Colónias, Separata do n.º 45 - Março de 1929, p.178;

42 António Maria Barreiros Arrobas, que tomou posse do governo das ilhas em 3 de Dezembro de 1884

43 Os recursos caseiros e os professores informais foram um contributo relevante para a supressão das dificuldades do poder vigente em operacionalizar a pretensão de escolarização as gentes das ilhas de Cabo Verde. Tendo-se iniciado o processo através da publicação de uma carta régia datada de 1570, apenas em 1817 viria a ser aberta a primeira escola de ensino primário, na vila da Praia. in Lopes, L. (2011). Baltasar Lopes, Um homem arquipélago na linha de todas as batalhas, p.45.

44 Criado por carta régia no reinado de D. Sebastião, em Janeiro de 1570, só começou a funcionar em Dezembro de 1866, um longo processo que demorou mais de 300 anos (Lopes, 2011:53)

elitista; essencialmente teórico; centrada nas quatro paredes; desligada da comunidade; no entanto não deixa de referir alguns aspectos que se perderam com mudança de sistema, nomeadamente, o domínio das metodologias tradicionais de ensino que apresentavam a vantagem de serem acessíveis tanto a professores como à generalidade da população letrada; ou a uma contenção de saberes e competências em um número restrito de suportes que facilitava a sua apreensão; ou a dimensão de cidadania, que segundo este autor, nem sempre se alcança de muitos textos dos 'manuais da reforma'.

No período pós independência, e volvidos 40 anos do forjar de uma nação soberana, a tradução de políticas educativas assente num pensamento estruturado a partir da nossa matriz cultural, assente numa ideia específica de desenvolvimento é uma realidade ainda pouco palpável. A colagem a percepções e realidades outras é uma lacuna existente no sistema educativo cabo-verdiano, e neste caso concreto é notória a continuação de uma 'colagem' do sistema educativo cabo-verdiano ao português, sem que se potencie as eventuais boas práticas que daí possam advir, uma ideia reforçada por Varela (2013:157):

A evolução do ensino superior público cabo-verdiano (e do ensino básico e secundário, digo) prende-se com a forte dependência científica e curricular em relação ao exterior (...) de um modo geral decalcados ou adaptados dos que são adoptados por instituições universitárias portuguesas.

Não obstante estas fragilidades, tornam-se evidentes as melhorias ocorridas no sistema educativo cabo-verdiano no período pós-independência. Nos documentos estruturantes — quer sejam a *Constituição da República*, programas de governo, princípios ou planos estratégicos — pautam caminhos, resoluções, diversas concretizações, mas não creio que o país alguma vez desenvolveu e implementou uma efectiva *Reforma do Sistema Educativo Cabo-verdiano*. Onde se encontra o sistema que quis contrapor à educação entre quatro paredes, que equaciona os problemas e a vida nas comunidades como fazendo parte da sua acção; que assume a qualidade como razão e que cauciona a massificação da educação como um não factor que determina o desenvolvimento nacional; que encontra nos lugares a fissura necessária para uma acção real e significativa onde a educação se associa à cultura como sendo um catalisador de mudanças estruturantes.

Esta breve incursão sobre o ensino e a educação em Cabo Verde permite constatar vontades e decisões políticas como condicionantes de base a um entendimento e desenho de outros fundamentos de educação para o país, outros caminhos possíveis, não tanto refém de razões ou causas estruturais, mas sim assente em ideias e políticas cruzadas com a idiosincrasia do cabo-verdiano, onde a dimensão cultural do país deveria articular de uma forma clara com as políticas educativas implementadas. Verifica-se a existência de uma matriz centralizadora do processo — em sintonia com outras dimensões sociais — o que coibiu o desenho de políticas a partir de dentro, em processos sempre definidos por *instâncias de fora*, que condicionam o *momento* — agora e em tempos remotos — para o desenho de cenários de futuro que cada presente suscita. Uma incapacidade latente que só em determinados momentos permitiu transformar essas “dificuldades a favor” (a criação a partir dos nossos problemas), assumidos como catalisadores espontâneos para a criação p.e. nos domínios da música e da literatura, duas significativas formas de expressão cultural e artística em Cabo Verde.

## ***Procurando a Investigação e a Educação Artística em Cabo Verde***

“Tornou-se manifesto que tudo o que diz respeito à arte deixou de ser evidente, tanto em si mesma como na sua relação ao todo, e até mesmo o seu direito à existência”. (Theodor W. Adorno, 1970)

No ponto precedente posicione a investigação em educação artística como um território que integra sujeitos num plano da indefinição de significados que impossibilitam fixações de posições em torno de um ponto pré-definido. O que procede às palavras investigação e educação — a arte — não menos se configura definida, uma questão que sempre inquietou os filósofos, e que a partir da segunda metade do século XX tornou-se inadiável, para a qual foram tecidas diversas abordagens, sem respostas concludentes (Carmo d Orey, 2007), cuja amplitude se alarga quando associamos a palavra investigação à palavra arte.

A arte, por mais entendimentos, categorizações e enquadramentos que dela se faça, tornam-se ‘bitolas’ insuficientes para o entendimentos dos múltiplos sentidos da fruição que comporta uma manifestação estética. Ela existe por si, bastando a simples chave do sensível para desencadear uma profusão de possibilidades de entendimentos que impossibilitam a sua formalização num discurso cognoscível passível de tradução linear para a compreensão do sentido do outro. Aqui se incorpora a disponibilidade de uma plenitude em liberdade em cada um, *“destacando-se do mundo empírico e suscitam um outro com uma essência própria, oposto ao primeiro como se ele fosse igualmente uma realidade”* (Adorno, 1970:12), criando confrontos de manifestações que segundo as palavras de Hegel em Theodor W. Adorno (1970:11), não se pode esquivar desse momento que eclipsa todos os outros sem que seja possível *“reduzi-la a uma fórmula universal da consolação ou ao seu contrário”* (idem). A ideia do contemporâneo na legitimação do que outrora fora a arte, no seu enquadramento e tempo próprios encaminha-nos para as palavras de Adorno, nas quais afirma *“A definição do que é a arte sempre dada previamente pelo que ela foi outrora, mas apenas legitimada por aquilo em que se tornou, aberta ao que pretende ser e àquilo em que poderá talvez tornar-se”* (Idem).

Estamos perante o entendimento da arte como manifestação estética que se traduz em percepções e entendimentos complexos e difusos difíceis de formalizar num discurso cognoscível e linear, uma prerrogativa que transponho para a educação artística, uma intenção que segundo Groys (2009) perde plausibilidade por estarmos confrontados com uma disciplina que não apresenta objectivo, método ou conteúdo específicos, que não se confina à transmissão de tradições às novas gerações, isto pelo facto de não poder haver imposições que fechem o devir. A educação artística entrando no espaço de possibilidade de construção de um porvir, incorporando as incertezas no arquipélago de certezas que constitui a educação do presente (Morin, 1999), a viagem ao encontro da potência que se encontra em qualquer acto de aprendizagem com significado.

Com estes novos elementos torna-se evidente que não se trata de intento fácil articular de uma forma linear a educação artística defendida nesta tese, tanto nas suas premissas constituintes, como no panorama em territorial nacional ou internacional, e que segundo Martins (2011:53), estas duas narrativas — educação e educação artística —, e em particular a da educação artística, “*prolonga as narrativas de salvação cultural iniciadas no contexto de formação e afirmação dos Estados modernos*”, estando no presente numa confinção que dificulta a sua identificação, sendo

“o resultado de acumulações várias entre as quais a equivalência entre a arte e um grau superior de cultura, o artista como um ser excepcional (génio), as perspectivas psicológicas sobre a infância e sobre o artista, os modelos disponíveis para narrar a história do ‘eu’”. (Martins, 2011:53).

À luz do entrosamento da complexidade do entendimento do que seja a arte; da sua articulação com a educação, ou a pretensão aqui patente de tecer considerações em relação a sistemas educativos concretos — cabo-verdiano e português — como equacionar estas variáveis sem que dimensões subjectivas não sejam presença, como posicionar “uma” educação artística em Cabo Verde, quando, segundo Martins (2011:54) se verifica uma ausência de investigações científicas que forneçam “*uma visão de conjunto daquilo que foi o ensino das artes visuais em Portugal*” — uma constacção acentuada por dificuldades em inserir as aprendizagens artísticas no quadro mais geral dos sistema de ensino português (idem)—, uma posição que ‘naturalizamos’, considerando a relação umbilical entre os sistemas educativo português e o cabo-verdiano. Assim, partilho do

posicionamento explicitado por esta autora quando refere que "*Pensar o devir da educação artística obriga-nos a fazer a história do seu presente*" (idem:12), não descurando, naturalmente, as linhas de continuidade no presente assentes no posicionamento diacrónico desta urdidura tecida pelo tempo.

Assim, na esteia da constituição de um discurso inicial à volta do enunciado da técnica, do ofício e da estética em Cabo Verde, tanto na dimensão formal como informal do ensino no país teremos de valorar a primazia da técnica e do ofício em detrimento do desenho como 'tecnologia' de adestramento da mão ao olhar. No entanto poderemos encontrar esta disciplina como fazendo parte da instrução complementar da instrução primária do currículo do Seminário-Liceu em São Nicolau. Aqui esta disciplina era incluída com o intuito de capacitar os alunos no domínio das "artes liberais", para além de oficinas facultadas em regime extracurricular, nomeadamente de encadernação, carpintaria e serralharia. Ainda como complemento no domínio do artístico o Seminário dispunha de uma orquestra de alunos, suportada por aulas de teoria musical, canto coral e instrumental, facto que demonstra uma sensibilidade e consciência do domínio do artístico na "instituição fundadora" da educação em Cabo Verde (Lopes, 2011:64).

Em 1852 implantou-se o ensino industrial em Portugal com a criação do Instituto Industrial de Lisboa e da Escola Industrial do Porto, não obstante haver preocupações anteriores de concepção de um ensino técnico em Portugal que contribuísse para posicionar o país perante os desafios que os progressos das nações impunham as "sociedades e economias nascentes da modernidade" (Martins, 2011:23). No entanto é durante o regime colonial que o Estado Novo<sup>45</sup> estabelece o Estatuto do Ensino Técnico Industrial e Comercial<sup>46</sup>, contexto através do qual é criado em 1956, em S.Vicente, a Escola Industrial e Comercial do Mindelo, uma estrutura educativa de referência e com expressão no panorama do ensino técnico em Cabo Verde, o que de mais próximo tivemos nas ilhas como *sistema de fabrico da mão e da sensibilidade* nos domínios tecnológico e estético. Nos seus primórdios ofereceu os cursos de Montador Electricista, Serralharia mecânica, Marcenaria e Carpintaria e Formação Feminina, para mais tarde também oferecer os cursos de Electricidade predial, Construção Civil e

45 Regime político autoritário que vigorou em Portugal durante 41 anos (1933-1974)

46 Com o Decreto n.º 37029 de 25 de Agosto de 1947 é consagrado o ensino técnico como um dos ramos do ensino secundário.

Serviços e Comércio. Nos programas<sup>47</sup> dos cursos vigentes à data explicita-se o carácter eminentemente experimental e prático dos cursos, orientações precisas ao nível do desenho no curso de carpinteiro-marceneiro onde se ressalva o “conhecimento perfeito da função de elemento no conjunto a que pertence”; fala-se de harmonia e proporções, no adestramento no uso da prancheta, esquadros e restantes utensílios de desenho; desenho de letras; projecções ortogonais. Os conteúdos são apresentados num enquadramento programático e didáctico não muito distante de uma “Educação Tecnológica” vigente no presente, tanto em Cabo Verde, como em Portugal. Este ponto faz-me reflectir acerca de uma passagem da Família em Rede de Seymour Papert (1997) na qual o autor se refere à escola do presente como uma instituição datada no séc. XVII, exemplificando o dito com uma ‘viagem’ no tempo onde professores desse tempo não tiveram dificuldades em identificar o teor de uma aula no presente, muito menos tiveram dificuldade em assumir a *lição* passados cinco minutos de auscultação da apresentação de informação por um professor. Em Portugal a especificidade da “Escola Técnica” foi-se esvanecendo a partir da década de sessenta com a sua aproximação ao ensino liceal, caminho também percorrido em Cabo Verde.

Questiona-se no presente a inexistência de alternativas credíveis a um Ensino Técnico outrora existente — que fomentou a formação de uma sensibilidade artística vigente no país até aos finais da década de setenta —, substituída por mudanças e práticas denominadas de visual, tecnológica ou artística, que no presente colocam o panorama da “Educação Artística” em Cabo Verde num limbo complexo de difícil destrição. A criação do ciclo preparatório do ensino secundário nos finais da década de sessenta procede a aproximação entre o ensino técnico e o ensino liceal, numa fase do sistema em que o Desenho e os Trabalhos Manuais eram as “Disciplinas Não Académicas” do conjunto lectivo Formação Plástica, uma categorização destas disciplinas num terreno subalterno às “Disciplinas Académicas”. Após a primeira reestruturação do sistema educativo cabo-verdiano, no período pós independência, que ocorreu entre 1977 e 1983, estas duas disciplinas continuam a vigorar no ensino preparatório até finais da década de oitenta.

---

47 Programas dos cursos do Ensino Profissional Industrial e Comercial (1966): [http://193.137.22.223/fotos/editor2/RDE/P/ET/EProInCom\\_Industrial\\_1952/index.html#](http://193.137.22.223/fotos/editor2/RDE/P/ET/EProInCom_Industrial_1952/index.html#), acedido a 9 de Agosto de 2016

Em 1979 foi criado o Atelier Mar, uma Organização Não Governamental que desde então se inscreve nessas ilhas com um projecto educativo e cultural específico, onde uma diversidade de artes e ofícios foram ensinadas, tanto em contexto de ensino informal como em contexto de projectos de desenvolvimento comunitário. Ao longo de quase quatro décadas esta organização tem contribuído para o ensino e a investigação aplicada no domínio do artístico em Cabo Verde, tendo criado no início do ano 2000 o M\_EIA (Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura), a única escola superior de arte em Cabo Verde, tendo formado professores de Educação Artística para o Ensino Secundário, e no presente a escola disponibiliza os cursos de Design, Artes Visuais e Arquitectura.

Em 1986 inicia-se um projecto de reestruturação e expansão do sistema educativo no país (PRESE), cujos estudos preparatórios fundamentaram a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo em 1990, cujo diagnóstico demonstrou uma falta de articulação estrutural entre os dois ciclos (básico e elementar) do ensino básico; fraca qualificação e formação docente; plano de estudos não aplicados integralmente, com a continuação da primazia das “disciplinas académicas” sobre as “não académicas” (Carvalho, 1998:13). É nesta sequência que se desenha o Ensino Básico Integrado<sup>48</sup>, um ciclo de 6 anos assente na monodocência, para o qual se espera um novo fôlego para as disciplinas “não académicas”, denominadas de Área de Expressões (Plástica, Física e Musical), que fariam a ponte para a disciplina de Educação Visual e Tecnológica na 3.ª fase do ensino básico. Nesse período verifica-se uma grande aposta na formação inicial de professores do Ensino Básico, na qual as “Expressões” começaram a ser incorporadas de uma forma mais regular e sistemática nas aprendizagens dos alunos. Efectivamente, como preconizado nos anos noventa a Educação Visual e Tecnológica chegou em Cabo Verde, mas tendo-se extinguido em Portugal, o mesmo ocorreu em Cabo Verde, tendo-se ‘transformado’ na Educação Artística, ora vigente. Estamos perante um sistema educativo que no presente assenta a sua acção em programas educativos que posicionam a Educação Artística como disciplina que contribui para o “desenvolvimento integral da criança”; como veículo para a “descoberta do seu próprio corpo e da sua voz, a exploração das propriedades dos materiais, o manuseamento e a modificação de objectos”; que justifica “a inserção da Educação Artística no Ensino Básico pelas suas finalidades sociais, morais, técnicas e estéticas das diversas linguagens, Plástica, Musical e Dramática”.

---

48 Corpo de ensino de 6 anos, coincidente com a escolaridade obrigatória vigente em Cabo Verde durante a vigência de uma reforma efectuada em 1990. Entre 1994 e 1999 leccionei no Instituto Pedagógico do Mindelo, a instituição responsável pela formação inicial de professores das ilhas de Barlavento de Cabo Verde. Uma experiência marcante no meu percurso profissional.

Em Fevereiro de 2016 fui convidado para participar num “Seminário de Reflexão para a recolha de subsídios para a estabilização/harmonização dos programas da disciplina de Educação Artística do 1.º ao 12.º Ano”. No convite para participar no encontro refere-se a “inclusão de novas áreas de conhecimento de que a disciplina de Educação Artística faz parte”. Coube à minha pessoa abordar o tema “O Ensino da Expressão Plástica”, onde fui solicitado para apresentar “sugestões da progressão da nova disciplina nos diferentes ciclos de aprendizagem, bem como estratégia metodológicas a serem utilizadas pelos professores em sala de aula”. Conhecedor do panorama do ensino e da formação docente em Educação Artística em Cabo Verde, o meu discurso não foi tão linear como pressuposto. Durante uma boa parte da minha comunicação partilhei um conjunto de temas, autores e desafios contemporâneos em Educação Artística, numa ‘viagem pelo tempo’ na educação, alinhada com questionamentos suscitadas pelo presente. De Groys, Bauman, Morin, Atkinson, entre outros, fui partilhando um conjunto de aprendizagens que me constituem, relegando para outro plano questões didácticas, metodológicas e programáticas, efectivamente, o cerne das preocupações e questões levantadas pela maioria dos professores presentes nesse encontro, um nó existente no ‘ensino’ e nas práticas da maioria dos professores de Educação Artística no país, uma lacuna que não permite saltar para outras ‘paragens’ que poderiam auxiliar a ultrapassar estas dificuldades, porquanto existir no sistema educativo cabo-verdiano um ‘estrangulamento’ do ‘ensino’ da Educação Artística como sinónimo de aprendizagens de habilidades e técnicas que se materializam em produtos de contemplação onde se privilegia um certo entendimento do belo, denotando-se, tanto num passado recente como no presente de uma ausência de fundamentos consistentes para uma Educação Artística no ensino básico e secundário em Cabo Verde.

Não sendo o foco desta investigação o traçado geneológico da educação ou da educação artística em Cabo Verde em particular, constato uma insuficiência nesta narrativa — e nas vivências — quando não substanciado em proposições e práticas estruturantes e conducentes com visões contemporâneas da arte/educação que colocam esta dimensão do social como relevante quando associado a práticas de não conformação do sujeito a uma ideia fixa de leitura de dispositivos; onde o foco na aquisição de conhecimentos, habilidades e práticas em si perdem plausibilidade no presente; que não impulsiona o sujeito para fora do quadro, distancian-do a arte da vida, das suas improvisações, sugestões, confusões; que não

questiona se as práticas, as aptidões e as competências designadas pelo currículo de arte na escola são compatíveis com o mundo contemporâneo da prática artística; onde não se questiona a arte e o sentido da arte num país como Cabo Verde; onde as práticas artísticas são incipientes; os espaço de partilha e usufruto quase inexistentes; mesmo que se considere o M\_EIA, a existência de escolas de arte apresenta-se como residual no panorama geral da arte em Cabo Verde.

Posso relativizar este problema entendendo a complexidade da arte e da educação na maioria dos sistemas educativos ocidentais, salvo raras experiências que têm ocorrido nalguns países, o que demonstra a dificuldade de operacionalizar as respostas necessárias, algumas das quais sendo quase senso comum das premissas para o “funcionamento” equitativo de um sistema educativo — mas que podem ser alvo de reflexão e de aprendizagem. Vejamos o caso da Finlândia: os altos níveis de desempenho dos seus alunos em testes globais de educação (i.e. PISA 2012) têm ocorrido com a activação de ‘variáveis’ estudadas e defendidas há décadas em investigações em educação. Num documentário recente realizado no país pelo americano *Michael Moore* “*Where to Invade Next*”, explicitam-se algumas razões para este sucesso: um sistema baseado na confiança recíproca entre todos os intervenientes no processo; vinculação significativa de uma boa percentagem do PIB (7,2%) à educação; sistema público no qual os estabelecimentos de ensino são responsáveis pela admissão dos seus docentes com critérios de competência e vínculo permanente à cabeça; professores bem preparados; menos tempo de permanência na escola; ausência ou existência residual de ‘trabalhos de casa’ com a finalidade de proporcionar “mais tempo para serem crianças, para serem jovens, para aproveitarem a vida (Krista Kiuru, Ministra da Educação da Finlândia, in “*Where to invade next*”); programas flexíveis abordados tendo como referente temas globais em detrimento de conteúdos/matérias estanques. No documentário Moore choca os finlandeses ao afirmar que nos USA a arte desapareceu do currículo de muitas escolas para que os estudantes ficassem com mais “tempo” para se preparem para os testes padronizados que caracterizam o sistema de avaliação americano. Como pano de fundo para a eficácia do sistema educativo finlandês convém referir a consistência de indicadores sociais, culturais e económicos, como sendo as bases de sustentabilidade das mudanças alcançadas, e que devem ser consideradas neste processo que coloca este país como um caso de estudo no panorama global de sistemas educativos ocidentais.

Cabo Verde não possui um histórico educativo — muito menos social, cultural e económico — que se possa comparar à Finlândia, mas à luz de práticas e ensinamentos globais produzidos no domínio da educação nos últimos dois séculos, pode-se afirmar que no presente há um défice estrutural no pensar a educação em Cabo Verde, e em particular um défice no pensar/fazer o ensino artístico, — salvo algum projecto de resistência onde se destacam o Atelier Mar e o M\_EIA — dificuldades que impedem a sua inserção no quadro mais geral do sistema educativo do país.

Nesta escrita que traduz a investigação realizada são estas as proposições que norteiam as premissas para uma articulação entre a investigação e a educação artística em Cabo Verde, um caminho que aqui se intersecta com o entrosamento desta problemática com questões estruturantes nos domínios da cultura e do desenvolvimento, os substractos que definem o Planalto e o M\_EIA como focos desta investigação que vão ao encontro de caminhos que permitem construir um processo investigativo num ‘território de ausência’ nestas incursões. Este processo foi desenhado no entendimento que, tanto em Cabo Verde como noutra território, não será difícil encontrar um espaço de investigação em arte, quer seja um Atelier, um museu, uma escola, uma comunidade, ou o espaço interior de cada um. Entendo que o grande desafio de um processo de investigação em arte prende-se com a possibilidade de transformação deste “espaço” num cenário desafiante e com potencialidade de crescimento para todos os sujeitos envolvidos no acto investigativo. Aqui acredito na potencialidade do Planalto; na beleza crua das matizes das texturas que constituem o imenso castanho; na poesia do sítio onde observamos o “nascimento” das nuvens de um ponto de vista inusual; acreditando nas histórias a volta dos queijos do Sr. André, homem que ‘conheço’ há 30 anos sem nunca ter ido ao Planalto; no António, o pastor e líder comunitário que hoje produz um queijo que faz parte da rede mundial do *Slow Food*; acreditando nas histórias dos meninos e das cabras que representam a essência da vida no Planalto; sentindo a vida plena acontecendo no Planalto; incorporando os problemas do dia a dia das pessoas como motes de aprendizagem; respeitando as aspirações das pessoas da comunidade; participando nas aprendizagens que se podem desenhar e cumprir em cumplicidade.

Não tenho dúvidas que o Planalto existe na sua plenitude mas que também existe uma potencialidade que cria um espaço de questionamento e de intervenção nesta comunidade, lugar esse que permite ser

vivenciado e estudado, numa perfeita sintonia do que se pretende numa investigação/acção em arte. É neste território que encaro como espaço de desnaturalização de discurso e actos no domínio da Educação Artística, lugar a partir do qual pode-se pensar a Educação Artística em Cabo Verde, o “outro lugar” que permite escritas a partir da “experiência que nos passa, que nos acontece, que nos toca” (Bondia, 2002:21).



PARTE II . PONTO 4

## O PLANALTO COMO REDUTO PARA A DESCONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO EDUCATIVO NATURALIZADO EM CABO VERDE

“Contesta-se a pertinência dos sistemas educativos criados ao longo dos anos — tanto formais como informais — e a sua capacidade de adaptação é posta em dúvida”. (UNESCO, 1996)

“Education (save its oppressive or perverted expressions) has never meant anything but this: to arrange the forms of knowledge in such a way that some truth may come to pierce a hole in them” (Badiou, 2005:9).

As reflexões que se traduzem neste ponto fundamentam o entendimento da “Educação no Planalto” para uma dimensão que supera as aprendizagens ocorridas numa determinada comunidade para um nível de conceptualização que extrapola esse território específico, conferindo a “Educação no Planalto” uma dimensão metafórica, uma perspectiva que incorporo ao longo da escrita que se segue.

Não obstante a dimensão metafórica que possa ampliar o sentido do texto, também não pretendo fechar o texto numa ideia específica de educação, antes pelo contrário enquadro esta escrita no largo espectro de possibilidades que a educação e a educação artística em particular permitem. Neste ponto partilho as reflexões suscitadas pelas vivências e práticas ocorridas numa comunidade de aprendizagens — acontecimentos que antecederam este estudo, outros ocorridos no seu horizonte temporal — encaradas como referentes que legitimam um olhar transversal que perspetive a sublimação da subjectividade das ‘palavras da educação’ que carrego em mim, imbuído da “convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades” (Bondia, 2002:22) o lastro onde inscrevo a “Educação no Planalto”.

A perspectiva que sustenta esta ideia da “Educação no Planalto” apresenta-se como uma linha de força nesta tese, um referencial conceptual que permitiu-me chegar ao Planalto com um posicionamento específico, despojado de pretensões, que estimulou a minha participação na vida e no dia a dia das pessoas da comunidade em cumplicidade, envolver-me nos seus desafios e problemas como focos potenciais de aprendizagens. Foi a partir dessa perspectiva que assumi o território da cultura e da arte como o espaço de inscrição onde faz sentido pensar uma educação artística que se queira inclusiva e real, que permita a cada um, num processo de aprendizagem social difuso (Manzini, 2008), encontrar as respostas que a complexidade do seu território e do tempo presente nos confronta.

Esta escrita traduz os cruzamentos de aprendizagens da/na vida de uma comunidade — Chã de Feijoaal — com as aprendizagens no domínio do artístico numa escola superior de arte — o M\_EIA— onde também se incorpora o design centrado no ser humano como referente conceptual para os desafios ao nível do saber e do fazer artístico, enquadrado na assunção da cultura como campo amplo de inscrição desta problematização, perante a qual subjaze um entendimento específico de uma ideia de desenvolvimento que suporta este quadro geral.

As imersões e as permanências no Planalto permitiram-me encarar e vivenciar esse lugar como um ‘território de aprendizagem’ não formal, no qual defini coordenadas que permitiram-me reflectir sobre o meu percurso de mais de duas décadas em diversos ‘territórios’ como professor de Educação Artística — em vários níveis de ensino e contextos —, mas nenhum tão ousado ou envolvente como o Planalto; um dos poucos enquadramentos que poderiam motivar-me para a realização de uma investigação em Educação Artística num contexto doutoral. É assim que as aprendizagens vividas no Planalto resultam de processos de reflexão e de maturação pessoal e institucionais, e que no presente foram reunidas as condições experienciais, académicas e materiais para investigar num contexto onde pudesse activar vontade, *necessidades* e o pensamento crítico inerente a um processo de investigação, e que ao mesmo tempo se configurasse como lugar para reflectir e contribuir, de certo modo, na resolução de problemas, necessidades e aspirações de uma comunidade. E assim as aprendizagens vividas no Planalto foram orientadas para a comunidade e para pessoas concretas, num “*continuum educativo, coextensivo à vida*” (Delors, 1996:104) em que a construção do conhecimento foi uma

elaboração partilhada entre os vários actores, numa dinâmica colaborativa onde se aproveitaram as possibilidades de aprendizagem suscitadas em contexto real, eventualmente, em sintonia com as aprendizagens que sempre existiram no Planalto.

Estas premissas estiveram subjacentes a um conjunto de acções realizadas com a comunidade, num processo sem desenho ou prescrição prévios, em que os caminhos foram trilhados no 'agora', traduzidos em manifestações ocorridas num horizonte temporal anterior a investigação traduzida nesta escrita, ou desenhadas e consolidadas no horizonte temporal desta tese.

Neste ponto partilho algumas reflexões suscitadas ou inferidas pelas aprendizagens vivenciadas no Planalto e que se traduziram em acções realizadas para a melhoria de práticas tradicionais de fabrico do queijo produzido na região; na organização de numa Cooperativa de consumo para responder às necessidades de alimento de pessoas e animais da comunidade — acções realizadas num tempo que antecedeu a investigação traduzida nesta escrita, mas assentes em premissas semelhantes às acções realizadas no âmbito desta tese. Assim, a ausência do material livro ou outros instrumentos de aprendizagem justificaram a transformação de um rudimentar abrigo numa pequena biblioteca; motivou a construção de um forno comunitário que se transformará num projecto ligado a uma 'comunidade do alimento'; suscitou a estadia de uma semana com um grupo de alunos do M\_EIA em que se trabalhou com crianças e professores da escola desenvolvendo um conjunto diversificado de aprendizagens; o lúdico aliou-se às aprendizagens aquando da construção de carros reutilizando madeira, plástico, arame e outros materiais à mão; desenhando e pintando com pigmentos e riscadores diversos; foi mobilizada a comunidade numa acção 'caiar o Planalto'; um pastor da comunidade, o Ramiro, foi ao M\_EIA onde vendeu 500 Kgs de batatas numa tarde; foram muitas as aprendizagens nas horas de conversa e convívio com os novos amigos; ouvindo um concerto de Vasco Martins nas montanhas do Planalto. Algumas das acções desenvolvidas com as pessoas da comunidade de Chã de Feijoal, numa *continuidade educativa de coexistência* entre a vida e a arte, um binómio abraçado nas aprendizagens realizadas no Planalto.

Ao longo de uma imersão de três anos no Planalto, esse território foi assumido como espaço de despojo de discursos naturalizados que conformam uma ideia de educação em vigor na maioria dos sistemas educativos ocidentais, um contexto vivenciado como possibilidade de reflexão ao encontro de respostas alternativas ao paradigma de ensino formal tradicional. As acções realizadas e idealizadas para o Planalto não se sustentaram em razões e conhecimento 'traduzível' em sequências lineares, centralizado, fragmentado em disciplinas que dificultam a apreensão do conhecimento na sua dimensão global, nem se assentaram numa conformação das aprendizagens aos espaços que definam limites que fustigam a evasão e a inventividade inerente a qualquer processo de aprendizagem que se quer significativa.

No Planalto as aprendizagens pretendem-se reais (Atkinson, 2011), cruzam-se com as linhas de vida de cada um, num processo sem fronteiras, onde a dimensão global da vida nos trespassa. Estas razões permitiram-me reflectir acerca da captação e o transporte da água das nascentes de Cinta como um problema real no qual a comunidade, técnicos, académicos e academia são convocados para encontrar uma solução, uma acção necessária, desejada pelas pessoas da comunidade e inscrita nas suas acções futuras.



No âmbito de um Campo de Estudos realizado com alunos e professores do M\_EIA ao Planalto, as crianças construíram carros reutilizando pedaços de madeira, plástico, tubos, arame, materiais que encontravam e que ganharam novos significados. Aqui as ferramentas disponibilizadas na 'Casa dos Meninos do Planalto' ampliam as possibilidades criativas.

As aprendizagens desenhadas no Planalto assentam num paradigma de educação do futuro, num espaço em que a noção da incerteza e do inesperado se alojam nas nossas certezas, no presente momento em que esta incerteza da história humana torna-se real à vista desarmada, através de transformações sociais, culturais e económicas à uma velocidade difícil de compatibilizar com os referências temporais que possuímos. Nesta reflexão em que se confrontam discursos naturalizados em educação encontro um contraponto nos saberes para a educação do futuro de Morin (1999), um desafio que este autor recebeu da Unesco para 'repensar' a educação do século XXI, perante o qual identificou sete eixos de reflexão. O autor começa por referir o *erro e a ilusão* como ingredientes de um conhecimento construído num processo que tende a traduzir uma realidade em palavras como o primeiro eixo dessa reflexão; o segundo princípio, *os princípios do conhecimento pertinente*, acentua o primado da apreensão de problemas globais como sendo uma aptidão natural que não deve ser ignorada; *ensinar a condição humana* é o terceiro eixo definido por Morin, no qual o autor considera "O ser humano a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico" e que a desintegração desta unidade complexa através da "estratificação" dos saberes em disciplinas dificulta a apreensão do que significa ser humano, devendo a educação do futuro situá-lo no universo, e não separa-lo dele; no quarto eixo Morin inscreve o *ensinar a identidade terrena* como sendo foco de um destino planetário comum que não mais deve ser ignorado na educação —; *enfrentar as incertezas* como fazendo parte do processo de construção do conhecimento sendo necessário "aprender a navegar em um oceano de incertezas entre arquipélagos de certeza" (Morin, 1999:86), aprendendo com a incerteza do real "que impregnam de incerteza os realismos e revelam às vezes que aparentes irrealismos eram realistas" (idem, p.85) — o caminho da utopia concreta de Latouche —; no sexto eixo considera que *ensinar a compreensão* está ausente do ensino quando deveria estar no centro das mentalidades, cujo contributo seria fazer com que as relações humanas saiam do seu estado bárbaro de incompreensão; por último *a ética do género humano* como sendo uma espécie de cidadania colectiva, onde todos se implicam mutuamente.

No Planalto prima-se para o desenho de aprendizagens onde a premissa rizomática desta escrita se inscreveu na pedagogia de evento (Atkinson, 2011), um caminho perante o qual confrontei-me com novas

reconfigurações de pensamento e práticas educativas no contemporâneo, que incorpora a noção de risco nas aprendizagens — tanto no professor como no aluno —; a possibilidade do acontecimento de um novo evento, que não se pretende dominar, simplesmente quer-se real, definindo-se assim uma

“Pedagogy that attempts to accommodate the not-known, from being to becoming, to challenge learners out of a comfort zone. It challenges traditions of learning and teaching and their objects that may be incommensurable to the social realities in which they function” (Atkinson, 2011:8).

Segundo Atkinson este ‘posicionamento’ abre a possibilidade de desenvolver uma linha de investigação assente em aprendizagens reais, um movimento que poderá resultar em alteração ou novos estados ontológicos, de disrupção — a pedagogia de evento. Na procura de uma ‘outra pedagogia’ fui confrontado com *The Explosion of Learning and Pedagogies of Not-Know* (Atkinson, 2015), no qual encontrei fundamentos para uma prática *em aberto* em educação artística, onde há um novo que acontece sem prenúncio prévio, onde a disrupção é uma prática que existe por inerência ao processo em construção e evolução continuados, perante os quais a identidade dos sujeitos deverá estar em constante reconfiguração. Atkinson constrói um entendimento específico deste campo de possibilidades a partir do *Rogue Game*. Trata-se de um jogo inspirado numa série de práticas artísticas entitulado de *Rogue Game*, no qual os participantes são convidados a jogar diferentes jogos em simultâneo (badminton, basquete e futebol), articulando o respectivo jogo com os restantes, gerindo as interrupções e as intervenções inerentes aos outros jogos, invadindo territórios, num processo de gestão de disrupção contínua, a essência do *Rogue Game*, o ponto a partir do qual algo novo pode acontecer. Aqui a identidade dos jogadores são produzidos no contexto da prática, absente de convenções, cuja única finalidade é o acontecimento, em simultâneo, do seu jogo e de um “meta” jogo onde a única regra existente é a sua continuidade. Segundo Atkinson, estas novas relacionalidades que emergem do *Rogue Games* influem nas reconfigurações de identidade dos jogadores, num novo jogo que não envolve correlações com ideias ou práxis existentes; que não tem as finalidades de eficácia e melhoria do ‘jogo’ educativo, mas sim uma constante negociação para que o jogo continue, não obstante as constantes disrupções. Considera o autor que se trata de um jogo que implica o ‘aprender a ser’ num mundo incerto, onde as dimensões físicas e sociais do indivíduo se entrelaçam, onde as relações entre “eu” e “nós” estão constantemente a ser reconfiguradas.



20l de água na sentina Municipal custam 20\$00, uma poupança que se faz com uma viagem até Cinta, o lugar das nascentes de água que dista uma hora e meia de Chá de Feijoal. Essa viagem é feita todos os dias por jovens, homens ou mulheres da comunidade.

Pergunta Atkinson, como poderemos relacionar os “jogos” de educação, “essas tradições e rituais de prática” (Atkinson, 2015:5), com o inesperado produzido por um aluno que perturbe as convenções e as normas instituídas no sistema, os pressupostos do *Rogue Game*.

As disrupções frequentes suscitadas pelos eventos de aprendizagem confluem para o questionamento de práticas, aptidões e competências designadas pelos currículos de educação artística, que se apresentam incompatíveis com o acontecimento no momento, entendido como a razão pertinente que justifica em determinada especificidade a prática e a educação artística. O evento, não sendo de tradução linear em componentes estruturais de ensino, tais como currículo, avaliação, escola, as ideias sobre o novo que daí advém, pode ser aplicado em acontecimentos que Atkinson denomina de processos de aprendizagem real. São premissas para o rompimento de formas estabelecidas de saber, implicando o lidar bem com estados de incerteza no despontar de novos conhecimentos, o primado da consideração dos contextos específicos da diversidade, uma

resposta às carências primárias do sujeito, o primando para uma ideia de “Educação Planalto” (que brota das montanhas e vales sulcados por canais vazios, mas que pode acontecer em qualquer espaço, qualquer que seja a sua latitude e longitude).

A “Educação no Planalto” estimula aprendizagens que se constroem sem a limitação das paredes de uma sala de aula; não prima por estratificação dos estudantes por idades, não existem programas pré-definidos, não há professores formatados em lógicas prescritivas, caminha-se no sentido de questionamento dos pressupostos naturalizados que conformam a educação convencional. No Planalto todas as pessoas da comunidade estão inscritas e comprometidas, todos aprendem e ensinam, a partir dos problemas da vida que são transformados em projectos, onde *Todas as Coisas são Causas* — “que cada um aprenda o que quiser, onde, como e com quem quiser” (Magalhães, 1995:13); que tenha a permissão de Rogoff (2007) para começar no meio, para misturar realidade e ficção, a “permissão para traçar um caminho completamente diferente de como chegamos aqui, neste exato momento.” (Rogoff, 2007: 7),

“Uma educação libertadora, no sentido das pessoas poderem mover-se, seguir seus impulsos, de comunicar livremente, de poder ter uma reunião em que há espaço de verdade, em que não há coisas proibidas ou temas em que não se pode tocar” (Naranjo, 2015, vídeo em linha)

É no embate com um campo lexical em ruptura que se forjou um Forno Comunitário, um projecto inscrito nas aprendizagens reais do Atkinson, um projecto assente numa ideia básica: o pão e a cabra, (des) alinhamentos. Fornecer um pão à comunidade próxima e distante, resgatar gostos e processos esquecidos, capacitar elementos da comunidade na produção e gestão do equipamento, introduzir outras variáveis na cultura do gosto da comunidade, promovendo a chanfana como mote instigador para a ‘retoma’ da Festa de Santo André.

As acções preconizadas e realizadas no Planalto consubstanciam-se na premissa do fazer como acto reflexivo que estimula uma relação teoria-prática menos parcial e fragmentária, o ‘posicionamento’ que permitirá transpor o muro para o paradigma que emana das relações entre a teoria e a prática, no qual a prática inspira a teoria “*como sendo ela própria criadora com relação a uma forma futura de teoria*” Deleuze citando Foucault

(1979:41), um pensamento fundamental num contexto onde a realidade é uma metáfora passível de construir caminhos que questionam essa mesma realidade, que refuta a naturalização de pressupostos de sistema educativos que primem para o *verdadeiro*.

No Planalto o conhecimento é construído/partilhado com as pessoas. As complicitades que criei nas 'viagens' às nascentes de Cinta ou ao Topo de Coroa — fazendo que seja acarinhado por viver momentaneamente as suas dificuldades — permitiram-me discutir com a comunidade uma das suas principais aspirações: *Trazer a água de Cinta para Chã de Feijoa*. Trata-se de uma ousadia de pensamento, algo que a comunidade encara como sendo uma possibilidade de futuro, a única forma que têm de reter parte da 'sua' água, aquela que irriga os vales verdejantes da Ribeira das Patas e Lajedos, a água que as pessoas da comunidade só conseguem aceder em viagens de três horas e meia, de burro, que transporta 'plásticos' de 20 litros por escarpas sinuosas.



A acção 'Caiar o Planalto' iniciou-se na 'Associação Desportiva e Recreativa', momento em que Nha Antoninha de Júlio se 'inscreveu' como a segunda casa a caiar. No segundo dia desta acção, logo de manhã encontrei Nha Antoninha a caiar, estando já uma mesa posta com cachupa guisada e café para todas as pessoas que iriam chegando para colaborar nessa dinâmica.

No Planalto tira-se partido da diversidade; as narrativas de vida de cada um são encaradas como possibilidades de aprendizagens, o conhecimento das pessoas sobre o seu “*continuum* existencial”, da história, da geografia, da sua fauna, das cabras e das ribeiras são valorizados, bem como as tradições, a cultura e os modos de produção ligados ao trabalho agrícola e à pastorícia são estudados e ampliadas as possibilidades. É esta disponibilidade que permitiu-me aprender a relação clara existente entre o número de burros e cabras da comunidade; permitiu-me aprender que é possível dividir um peixe por nove pessoas e ainda sobrar; que é possível encontrar negócios justo onde menos se espera a aplicação desta filosofia; que a solidariedade, a persistência e a resistência são a força principal dessa comunidade; uma disponibilidade para aprender com uma comunidade, o que infelizmente nem sempre acontece [*o caso de uma fábrica de queijo instalada no Planalto Norte, um investimento estrangeiro avultado, que se traduziu num fracasso*].

Estamos perante princípios que potenciam o Planalto como uma entidade transformadora, comprometida e com a preocupação de contribuir para a formação de indivíduos independentes, críticos, cooperativos e implicados com o seu porvir. No Planalto não se pretende senão continuar os desnivelamentos criados pelos sulcos das montanhas, acreditar no poder das transformações locais que se iniciam de uma forma imperceptível, mas cuja razão de ser consubstancia o seu futuro, que assenta na sustentabilidade e pertinência da acção. Até que ponto e de que forma o “desvio” se incorpora no tecido existente “desorganizando o sistema, reorganizando-o” (Morin, 2000:79) é uma das forças que impele esta tese.

O espaço de acontecimento que ocorre nestas aprendizagens aproxima-nos dos dilemas vividos no dia no Planalto, o modo de experimentar a forma como a incerteza é vivida nesta comunidade, o privilégio de entender amplitudes outras da palavra crise, onde prima a perseverança de uma construção sempre possível, onde se aprende *in loco* que a “*realidade não é outra senão a nossa ideia da realidade*” (Morin, 2007:82), que o sonho, a utopia se constroem. No entanto, aqui a utopia encara-se como uma tarefa que se impõe a si mesma, como meio e pretexto de mapeamento de uma complexidade que tende a escapar-nos, onde a certeza que nos move assume o risco como um princípio de acção. Estas premissas são reforçadas com a incorporação da noção de potencialidade advoga-

da por Rogoff (2007:3), na qual ela assume a “academia” como “local de dualidade, de compreensão de ‘eu posso’, já atrelado a um eterno “eu não posso”; uma noção que também permite pensar as possibilidades do nada fazer, do não agir; da demissão da instrumentalização da educação, que tende a incidir em processos de conformação e de preparação dos sujeitos para determinada profissão ou mercado; contempla a incerteza do Morin como sendo falibilidade, encarando-a como um ponto de partida interessante para pensar a criatividade no advir; tudo isto podendo ser encarado como “ingredientes” que podem permitir pensar a “academia”, no nosso caso, o Planalto, com uma possibilidade de “estar no mundo”, no “meu mundo”, Cabo Verde.

Esta ideia de “Educação no Planalto” é ampliada pela aspiração de contribuir para o desenho de uma realidade sem *layout* ou matriz prévios, na qual o fazer é o estímulo para o acontecimento, onde os começos não se conformam com os enunciados que definem o princípio como permissão inicial para fazer, um espaço onde se reivindica a acção a partir de qualquer ponto ou segmento do dispositivo, no qual as intersecções dos segmentos criam os desnivelamentos que incorporam a subjectividade como “ingrediente” incluso, num porvir que vem por si.

No Planalto convoca-se o Groys (2009) com a sua tese da Educação Artística como uma ideia algo inespecífica, que se procura constantemente. É aqui no Planalto que Groys não mais duvidará do como ensinar a arte distanciada do ensino da vida, esta que nos sujeita a uma variedade infinita de improvisações, sugestões, confusões e catástrofes, num mundo sem regras. Trata-se do ponto de partida para o entendimento da psicologia do sujeito como análoga a um computador, que necessita de actualizações constantes, condição fundamental para o seu funcionamento em rede, apto a sobreviver a todos os possíveis ataques de vírus do mundo exterior, incorporando-os no seu sistema, e em última instância estar habilitado para iniciar um ataque contra o software dos outros. Trata-se do entendimento da “*vida como uma fonte permanente de infecção que coloca em risco a saúde dos sistemas nervosos dos aprendentes*” (Groys, 2009:28) e que encontra numa educação artística ‘em contexto’ o enquadramento ideal para a criação de estruturas consolidação e de superação.

No Planalto, a contaminação preconizada por Groys, assente na ideia de que no presente a Educação Artística não tem um objectivo definido, nenhum método, nenhum conteúdo específico que possa ser ensinado, nenhuma tradição que possa ser transmitida às novas gerações — assumindo com este posicionamento a legitimidade de qualquer caminho na construção de um porvir incerto — uma ideia que me apraz, o caminho que permitirá forjar um discurso e práticas menos naturalizadas em Educação, o contributo que a “Educação no Planalto” pretende imprimir à discussão deste tema onde lhe é mais próximo.

PARTE II . PONTO 5

## O DESIGN PARA A INOVAÇÃO SOCIAL COMO PARADIGMA DE ACÇÃO

“A minha principal convicção como ser humano, designer e ecologista é: Nada do que é grande resulta — Nunca!” Victor Papanek (1971)

“O objectivo primário do design para o mercado é criar produtos para a venda. De modo contrário, o objectivo primordial do design social é a satisfação das necessidades humanas” Victor Margolin (2004)

Os dois contextos onde se cruzam esta investigação — O Planalto e o M\_EIA — permitem-me articular dois diferentes territórios de aprendizagem, um informal, outro formal, nos quais estão subjacente a articulação de premissas ontológicas que conformam o meu posicionamento educador em arte e designer em contexto de inovação social. No ponto anterior traço um quadro genérico dos fundamentos educativos que sustentam as acções realizadas e preconizadas no Planalto, neste ponto explano acerca dos pressupostos de um modelo de design que se apresenta como um campo de possibilidades nesta investigação e nos territórios onde ela se inscreve.

Quer denominado de design para a inovação social, design para as mudanças sociais, design centrado no ser humano, ou design endógeno, estamos perante uma ideia de design cujo foco são as pessoas e as aprendizagens que possam advir num contexto de aprendizagem social, assentes numa outra ideia de desenvolvimento, mais equitativo e ético, que possa servir de contraponto a uma ideia vigente de mundialização que não incorpora a especificidade do local neste panorama global.

Após uma sustentação das singularidades sociais, culturais e económicas como contexto catalisador de inovações em design, traço uma breve genealogia do modelo em análise, sublinho momentos e documentos referenciais; partilho um procedimento metodológico e algumas práticas que inspiram em contexto educativo.

## ***O Design como Padrão Ético para a distinção do Tecido Social***

A dimensão transformativa do design, qualquer que seja a sua especificidade ou horizonte temporal, sempre implicou reconfigurações sociais, económicas e culturais pregnantes e continuadas, mas no presente deparamo-nos com inovações ao nível do social que colocam novos desafios e oportunidades ao design, fazendo com que seja encarado e reconhecido como procedimento pragmático e operativo do pensamento criativo.

Reflectir acerca do design com premissas sociais, de inovação ou relacionado com o ser humano torna-se difícil sem convocar as noções de transitoriedade e de sustentabilidade, ideias que poderão/deverão estar na base de uma mudança do actual modelo de vida de uma parte significativa da população do mundo. Vários autores têm reflectido sobre esta questão. Nas "Três Ecologias", Guattari (2001) debruça-se de uma forma crítica sobre o conceito das três ecologia (social, ambiental e mental), onde questiona as relações entre a política e ética num enquadramento onde uma determinada ideia de desenvolvimento implica uma acção humana que influencia de uma forma decisiva e irreversível este mundo global, onde, segundo este autor, o Homem se mantém refém de aceleradas mutações técnico-científicas, sem que consiga compatibilizar-se com a disponibilidade que o trabalho maquínico lhe poderia trazer. Este autor demonstra apreensão com a indiferença dos "decisores globais" perante as intensas transformações deste mundo globalizado, traduzida em posicionamentos políticos atípicos, incongruentes com a informação científica vigente, "incapazes de apreender essa problemática no conjunto das suas implicações" (Guattari, 2001:8). Constroem-se cenários com os quais existe uma grande dificuldade em entender as reais motivações para a tomada de decisões que põem em causa o futuro e interesse de milhões de cidadãos anónimos deste mundo. Para Guattari começa a existir uma percepção parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural, no entanto o problema é abordado unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao invés de uma articulação ético-político, a abordagem que iria permitir o entendimento e a análise do problema entre os três registos ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjectividade humana).

Em afinidade com este posicionamento encontram-se os questionamentos de Manzini (2008), nos quais este designer e professor alterca os modos dominantes de valorização das actividades humanas que tornam equivalentes os bens materiais, os bens culturais e as áreas naturais, num mercado global onde os Estados perdem o seu papel de mediação, de garante de soberania e bem estar do seu território e das populações. Segundo este autor, quaisquer que sejam as coordenadas territoriais deparamo-nos com o mesmo paradoxo, de um lado as premissas de um desenvolvimento contínuo, que hipoteticamente tenderiam a equilibrar as "*actividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta*" (idem, p.12) e, de outro lado "*a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos*" (idem). No entanto, o autor questiona se não estamos perante a fase paroxística desta "era", se não estaremos a entrar num período de declínio, no qual surgem reivindicações de singularidades, onde a inovação social com foco na sustentabilidade possa ser um caminho, potenciado por um design endógeno — *para os outros 90%*. Trata-se de uma caminhada rumo à sustentabilidade, o processo de aprendizagem social preconizado por Manzini, o qual, segundo este autor, consiste em viver melhor consumindo menos, regenerando a qualidade do ecossistema global e dos contextos locais em que estamos inseridos (Manzini, 2008:27). Este designer desloca o centro da discussão do "produto sustentável" para o âmbito social que incorpora a ideia de "serviços", num contexto de transformação do conceito de bem-estar, fundamentado menos na prática da posse do que na da partilha — novos modos de vida em gestação que equacionam os limites de nosso planeta, uma nova maneira de pensar e de se comportar nos próximos anos. Ainda segundo Manzini, o grande desafio é facilitar essa mudança de uma maneira menos dramática possível, num processo em que se espera que o design assuma este desafio como uma *escolha* e não como uma *necessidade* (idem, p.40).

Manzini refere que "*A questão que se revela muito claramente é a seguinte: o bem-estar baseado no produto, estendido em escala mundial, é intrinsecamente um modelo de bem-estar insustentável*" (idem, p. 41), por nos levar a uma situação ambientalmente catastrófica pelo facto do planeta ser incapaz de absorver o peso de oito biliões de pessoas com um padrão de consumo nos moldes do ocidente. Essa lógica produtiva e de consumo, desprovida de "argumentos" que viabilizem a sua continuidade e sustentabilidade tem sido contraposta por casos de inovação social<sup>49</sup>,

49 O termo refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades (Manzini, 2008:62).

uma prática sustentada em novos modos de pensar e de fazer design, que cria rupturas com o modelo de mercado prevalecente.

É no âmbito dessas novas práticas que nascem as comunidades criativas, entidades resultantes de um amplo processo de aprendizagem social, onde as mudanças comportamentais têm mais impacto do que as mudanças tecnológicas ou de mercado, contextos onde o design para a inovação social encontra o seu território natural, ponto a partir do qual se articulam as acções realizadas e desenhadas envolvendo o M\_EIA e o Planalto.

Antes de outros avanços relativos ao estado da arte do tema 'Design para a Inovação Social', faço um desnivelamento para procurar as relações entre este modelo de Design e a origem do Design no M\_EIA. O Design é uma das três licenciaturas existentes no M\_EIA, um curso cuja criação reflecte as preocupações da sua entidade instituidora em relação aos problemas sociais e económicos das comunidades, um trabalho iniciado pelo Atelier Mar há quase três décadas, com o Projecto de desenvolvimento comunitário de Lajedos - Santo Antão. Foi nesta comunidade específica da ilha de Santo Antão que várias linhas de acção foram identificadas e trabalhadas como fazendo parte de aspirações e necessidades de uma comunidade, traduzidas em projectos amplos e diversificados, desde a criação de uma escola comunitária à promoção e organização turismo solidário, passando pela rentabilização de recursos locais, quer estejam ligados à transformação alimentar ou a habitação. Estamos perante um projecto iniciado em 1987 em Cabo Verde, num contexto e momento em que não se falava de Design em Cabo Verde, muito menos de Design para a Inovação Social, mas fazendo uma análise das premissas e das metodologias utilizadas ao longo deste e de outros projectos comunitários desenvolvidos neste enquadramento, não restam dúvidas de estarmos perante acções meritórias e visionárias, cujo intento de 'articulação' com categorias e nomenclaturas actuais, mais não se trata de uma procura de relações e fundamentos que se justificam por si. Cerca de 10 anos antes — aquando da criação da ONG Atelier Mar — encontramos no seu início uma profusão de práticas no domínio das artes e ofício, domínios que complementados com as intervenções comunitárias formam o cadinho que viria sustentar a transformação das aprendizagens realizadas ao longo de mais de duas décadas numa escola superior de arte, o M\_EIA.

Assim temos uma escola que nasce em contexto, fruto de um percurso institucional e pessoal do seu principal mentor, Leão Lopes. É assim que nos encontramos perante uma escola que oferece um curso de design com legitimidade para focar no desenho de produto ou de comunicação, mas que se encontra legitimada pelo seu histórico para desenhar um museu (da Pesca, em S. Nicolau, ou o Sítio Museológico de Lajedos), ou para se envolver na criação de um queijo — para além da componente de comunicação do produto — ou para oferecer aos seus alunos um Laboratório de Food\_design, em linha com oficinas de gravura, cerâmica, pedra, madeira ou artes digitais. É esta a escola que me permite fazer a ponte entre aprendizagens reais desenhadas para o Planalto, e a construção de um forno comunitário que se concebe como catalisador da criação de um projecto à volta de uma 'comunidade' do alimento.

São estas linhas de uma genealogia que me permitem procurar as pontes para uma reflexão a partir de práticas endógenas que podem influir nesta reflexão sobre um design em Cabo Verde não pautado simplesmente pelas demandas do mercado; práticas que permitem acolher as aprendizagens do livro seminal sobre o tema: "*Design for the Real World*", Papanek (1971); que permitem (sem nenhuma pretensão comparativa) analisar o trabalho realizado no M\_EIA considerando o que se realizou na *Institute of Visual Arts de Nova Iorque* relativamente ao "Design for Social Changes"; que possibilitam entender, comparativamente, as relações existentes entre a matriz curricular de todos os cursos de Design instituídos em Portugal (uma pesquisa realizada em Maio de 2013) —sem nenhuma alusão a dimensões de inovação social. Foi o caminho percorrido que permitiu-me, como docente do M\_EIA, orientar uma disciplina na qual os alunos estudaram a dimensão de inovação social patente nos projectos desenvolvidos pela instituição, um contexto que estimulou leituras e reflexões e que contribuiu para a ampliação do campo lexical nesse domínio para temáticas e autores que abrem novos caminhos ao pensamento/acção de um designer. Foi este enquadramento que estimulou a mobilização da escola para o desenvolvimento de projectos nos quais os alunos de Design e de Arquitectura trabalharam tendo como referente assentamentos informais da ilha de S.Vicente, permitindo-lhes ampliar as possibilidades e pertinência das suas acções, alojadas em necessidades e problemas de pessoas e comunidades específicas, que permita a desejada articulação entre a arte e a vida, qualquer que seja a expressão ou campo de acção em que se actue.

Nestas 'proximidades' de um 'determinado' Design com outros referenciais práticos e teóricos, não obstante a sua vida curta, a Bauhaus foi uma escola que revolucionou o pensar e o fazer a arte do século XX, que no rescaldo da tragédia da Grande Guerra idealizou uma sociedade mais justa, mas a rápida ascensão económica e social dos Estados Unidos nesse período direccionou o design para um conceito de obsolescência planeada, encaminhada para o consumo, que veio assumir o papel de referência de design para os designers de todo o mundo. Passaram-se mais de quatro décadas até que surgissem as primeiras investigações que questionassem o modelo de acção das práticas de design, tendo surgido esta ruptura de pensamento em 1972, com a publicação do *Design for the Real World*, da autoria de Victor Papanek. Nesta obra, Papanek sintetiza uma experiência de 40 anos como designer e professor, questiona o modelo e as preocupações de design vigentes, e pela primeira vez, impõe-se aos designers responsabilidade social e moral no desempenho da profissão. No âmbito do *pensar sobre o design*, estamos perante um dos pioneiros da área a preocupar-se com aqueles grupos humanos esquecidos por muitos, segundo ele, vítimas indirectas de uma industrialização desenfreada, explorados nos seus recursos naturais, o mundo real "anunciado" pelo autor, com pessoas com necessidades reais de segurança e sobrevivência, diferente das motivações e dos cenários idealizados por muitos designers onde o referente é uma pequena parcela da população. Na primeira frase do prefácio da primeira edição do livro, Papanek afirma "*There are professions more harmful than industrial design, but only a very few of them*<sup>50</sup>", uma frase que o catapultou para a ribalta como detratador da classe, desprezado pelos próprios colegas, mas considerado "*um campeão precoce de bom senso*<sup>51</sup>" por outros.

No presente, Papanek é considerado um dos pioneiros do design sustentável e humanitário em que a sua abordagem ao design e arquitectura é considerada "*mais relevante do que nunca em tempos desafiantes como os de hoje*<sup>52</sup>". Esta obra é relevante porquanto se trata de uma aprendizagem construída em contexto real, fruto do desempenho dos diversos papéis que o autor desempenhou, tanto como designer de empresas multinacionais, como consultor da Unesco ou professor em diversas institui-

---

50 "Há profissões mais prejudiciais do que o design industrial, mas são poucas".

51 Título do artigo de Alice Rawsthorn, publicado em 1991 pelo The New York Times, no qual a autora faz uma resenha da obra "Design for the Real World" de Papanek, publicada em 1971.

52 Afirmação de Zoë Ryan, presidente da área de design e arquitetura no Art Institute of Chicago.

ções de Arte e Design. Na *Introdução* da edição de 1995, Papanek define o designer como “um ser humano que tenta atravessar a ponte estreita entre a ordem e o caos, a liberdade e o niilismo, entre realizações passadas e possibilidades futuras”, um sujeito detentor de capacidades e talentos que incluam uma mistura sinérgica que lhe permita investigar, organizar e inovar; descobrir as respostas adequadas aos novos problemas; capacidade de testar novas respostas; práticas técnicas e tecnológicas; capacidade de antecipação de problemas causados pelo design; a capacidade de trabalho multidisciplinar e com culturas diferentes. Já nessa altura o autor deixava claro que a nossa sobrevivência depende de alteração de consciência em relação aos problemas ambientais, onde um suporte ético e espiritual devem servir de aproximação à Natureza, resgatando-se padrões que outrora serviram de “referência às nossas acções, à nossa arte e às nossas vidas” (Papanek, 1995:11). Refere a *disfuncionalidade* como traço marcante das instituições em muitas partes do mundo, que necessitam desesperadamente de novas e radicais abordagens do design, onde a esperança em relação ao futuro está condicionada às pequenas reparações dos danos que causamos neste casulo global:

“Estes tempos perigosos para a Terra requerem não só paixão, imaginação, inteligência e trabalho árduo, mas — essencialmente — um sentido de optimismo disposto a agir sem plena compreensão, mas com fé no efeito de pequenos actos individuais sobre o cenário global”. (idem, p.27)

Este designer e educador preconizou um momento de viragem, que espoletou o desenvolvimento de programas de design com novos enquadramentos, visando o seu contributo para o bem-estar humano, das necessidades de países em desenvolvimento, das comunidades, dos portadores de deficiência, em que a incorporação de preocupações ecológicas ganham relevância em relação às práticas associadas à criação de artefactos de consumo.

O “chamamento” suscitado pelo pensamento de Papanek rapidamente se constituiu um referente para uma nova agenda social para designers, inspirando outros a desenvolver programas de design para necessidades sociais em vários domínios, alargando-se para necessidades de países em desenvolvimento, idosos, pobres, portadores de deficiência (Margolin, 2004). Neste documento, Margolin, um destacado pensador

de design da actualidade, refere que não obstante a sensibilização hoje presente em relação ao design para a inovação social, ainda estamos num terreno deficitário, comparativamente ao design para o mercado, uma área consolidada nas suas premissas e motivações, com uma vasta literatura que tem "*contribuído para o seu contínuo sucesso e sua habilidade de adaptar-se a novas tecnologias, circunstâncias políticas e sociais, estruturas organizacionais e processos*" (idem, p.2). Refere ainda, que tão pouco tem existido alguma mudança na educação de designers de produtos que prepare estes profissionais para desenhar para a fasquia maior da população, uma *deficiência* que tem impossibilitado esta categoria profissional de se associar a outros profissionais. Numa publicação mais recente, "Design e Risco de Mudança" (2014), Margolin considera esta sociedade como sendo de risco — ideia anteriormente assinalada nesta escrita — uma vulnerabilidade assente na incoerência da acção humana, realidade perante a qual este autor considera mais produtivo focarmos noutro tipo de risco, focado em mudanças no modo como actualmente vivemos, "para criar um mundo mais positivo, no qual alguns dos problemas que actualmente nos atormentam - como o aquecimento global, a pobreza, ou as ameaças militares - deixem de exercer tantas influências nas nossas vidas" (idem, p.14), premissa para uma nova cultura de sustentabilidade onde seja possível "*viver mais de acordo com os princípios ecológicos e com os cânones de justiça social, articulados por documentos fundamentais como a Declaração Universal dos Direitos Humanos*" (idem).

*Transformation Design* (The Design Council, 2006) é um outro documento que reclama um chamamento para a acção preconizado pelo Design para a Inovação Social, que segundo este *Conselho* deverá fundamentar a sua acção nas estratégias tradicionais do design para abordar questões contemporâneas no domínio económico e social, envolvendo uma variedade de disciplinas e de parceiros na procura de soluções para problemas concretos das pessoas, comunidades ou serviços. O *Conselho* considera que esta nova concepção poderá ser a chave para a resolução dos problemas sociais mais complexos com que nos deparamos actualmente. Através desta pesquisa, e assente num caminho percorrido que se pretende melhor fundamentar, assumo este referente conceptual como caminho para fundamentar acções práticas em desenvolvimento no Planalto, bem como uma área a explicitar num futuro desenho curricular do M\_EIA. Como não relacionar este modelo de Design com o que se faz

no Planalto, quando se encontra a solução para a cura do queijo na escavação das rochas de pozolona, caminho que permite a criação de um melhor produto, com valor económico acrescido, maior validade, e que também influi no aumento da auto-estima das pessoas da comunidade? Como não estabelecer algumas pontes entre o que se pensa e o que se faz no Planalto com as três ecologias de Guattari? Como não encarar o Planalto como um contexto onde é possível idealizar as aprendizagens sociais preconizadas por Manzini?

Esses e outros referenciais acima referidos são assumidos como trilhos para pensar um caminho que se constrói ao nível do Design numa escola de arte em Cabo Verde, sem que haja uma determinação em procurar categorizações que enquadrem o Design que se faz no M\_EIA — endógeno, social, centrado no ser humano, para inovação social? — Interessa-me somente ampliar o campo de pensamento daqueles com os quais temos uma responsabilidade de formação, onde assumo que este caminho também faz sentido para Cabo Verde, afinal estamos incluídos como sendo 'o outro' para o qual ainda há 90% de Design para projectar.

Nesta investigação encara-se o modelo de design em análise como um contributo para uma reflexão necessária sobre as práticas de design que conformam o campo de acção do M\_EIA, que incluem problemáticas amplas onde as necessidades de uma determinada comunidade se incluem. Faz parte das preocupações do M\_EIA fazer com que os nossos alunos entendam que uma embalagem é mais do que um recipiente para um objecto; que esse 'recipiente' poderá conter tiras deliciosas de manga desidrata, produzidas através de um secador de frutos construído a baixo custo — uma resposta para o excesso de manga colhido numa determinada comunidade (Ribeira das Patas - Santo Antão), manga essa que hoje também se transforma em concentrado, sumo ou doce. Neste enquadramento o rótulo e a embalagem tornam-se produtos relativos quanto à uma ideia de design fechado na comunicação necessária para divulgar o produto, aprendizagens que se constroem a partir de uma escola de arte, onde se pretende sensibilizar os alunos para entenderem alguns dos desafios que se colocam a um jovem designer em Cabo Verde, o caminho onde a procura e a construção de actos de significado se constroem também em primeira pessoa.

Durante os dois últimos anos tive a oportunidade de partilhar este tema com alunos do M\_EIA, traduzido em leituras, reflexões e estudos de casos de inovação social em design existentes em S.Vicente e Santo António. No ano lectivo passado pude mobilizar professores e alunos dos 3.º e 4.º Anos do curso de Design para traduzir algumas destas preocupações num Campo de Estudo, desenvolvido num bairro de S.Vicente, a Ilha de Madeira, onde foi realizado um trabalho multidisciplinar com professores, alunos do M\_EIA e a comunidade durante os dois semestres lectivos. Durante os três meses iniciais do primeiro semestre fizeram um trabalho de mapeamento do território, observando, registando e dialogando com as pessoas do bairro, num processo complexo no qual utilizaram vários instrumentos e técnicas de diagnóstico, o ponto de partida para o desenho das linhas de acção preconizadas. Foram realizados trabalhos que permitiram identificar características do bairro nas suas dimensões históricas, físicas e sociais, etapa fundamental para a reinterpretação de padrões existentes, bem como criação de linha de acção com pertinência. O envolvimento de interlocutores privilegiados da comunidade, bem como de associações que desenvolvem trabalhos no bairro foi determinante para uma aproximação ao entendimento que se pretendia ter desta realidade. Durante este período procurou-se entender o trabalho desenvolvido pelas colectividades desportivas; perceber o nível de envolvimento das estruturas de saúde nos problemas das populações do bairro; identificaram-se as actividades geradoras de rendimento; os grupos culturais; caracterizaram-se o lar de idoso e o jardim infantil; identificou-se a pertinência de reactivação de uma sentina outrora existente; constata-se a existência de uma comunidade acolhedora, receptiva, que aguarda oportunidades para se inscrever e melhorar o seu porvir. Este trabalho permitiu identificar algumas linhas de acção que foram operacionalizadas pelos alunos na etapa seguinte do projecto.



# M\_EIA nos BAIRROS

ILHA de MADEIRA

Out. 2015/ Jul. 2016

**CAMPO de ESTUDO multidisciplinar e de trabalho em comunidades de aprendizagem.**

- Interacção social e humana, a tempo inteiro, entre estudantes, comunidade e professores.
- Discussão teórico-científico dos problemas teóricos identificados;
- Realização de projectos artísticos e tecnológicos;
- Programação e realização de acções culturais e sociais com a comunidade.
- Áreas prioritárias de intervenção: urbanismo, design, arte pública, artes visuais e desenvolvimento social e comunitário.

M\_EIA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ARTE, TECNOLOGIA E CULTURA  
MINDELO - S. VICENTE - CABO VERDE

## ***Alguns projectos desenvolvidos no âmbito do Campo de Estudo M\_EIA nos Bairros/ Ilha de Madeira:***

Saúde na Ilha: Um trabalho de pesquisa e de recolha de dados permitiu enquadrar as políticas de saúde nacionais e da ilha de S.Vicente na realidade da ilha de Madeira. Não obstante o envolvimento do Centro de Saúde de S.Vicente nos problemas do Bairro, constactou-se a premência da introdução das premissas e metodologias da Medicina de Proximidade neste território. Para além da criação de uma ponte entre o Centro de Saúde e o Bairro, pretendeu-se com esta linha de acção melhorar a comunicação entre esta instituição e a população do Bairro na sua globalidade; criar boletins de saúde individual para os idosos e pessoas com necessidades especiais de saúde; melhorar as condições sanitárias do lar de idosos; contribuir para uma melhor alimentação dos idosos do lar através da criação de hortícolas; redesenhar as condições habitacionais de um idoso acamado sem apoio familiar;

Mercearia Lima: Uma das mercearias mais antigas da ilha de Madeira, situada no centro histórico do bairro, carecia de melhorias e um aluno assumiu este projecto redesenhando o espaço sem alterar a sua identidade, conferindo-lhe maior funcionalidade; criando equipamentos para necessidades específicas; trabalhando a imagem e outros instrumentos de comunicação da mercearia;

O projecto Reflex consistiu numa oficina de fotografia analógica e vídeo direccionada para as crianças e jovens do bairro. Através de técnicas como o Pinhole e a Cianotipia, este projecto pretendeu sensibilizar as crianças e jovens para a imagem, ao mesmo tempo em que eram capacitados com tecnologias simples de forma a estabelecerem um novo olhar sobre a sua comunidade e sobre si mesmo;

Projecto Riscá foi outro projecto desenvolvimento que pretendeu estimular o desenvolvimento de competências plástico-construtivas num grupo de jovens da ilha. A partir de reutilização de materiais, cerca de 12 jovens encontraram um contexto de experimentação e de desenvolvimento das suas capacidades criativas, tanto no domínio escultórico como de representação gráfica. Os motivos e contextos culturais locais foram as temáticas exploradas.



Durante uma actividade no Bairro da Ilha de Madeira. Nesse dia tivemos uma apresentação e discussão formal dos projectos a desenvolver na comunidade; as crianças e jovens participaram numa pintura colectiva e começaram a interagir com os monitores de algumas das oficinas programadas. Foram vários os momentos de trabalho e de convívio nessa comunidade. Um dos momentos marcantes foi a confecção e degustação de uma feijoada, feita pelos jovens da comunidade, onde alunos e professores do M\_EIA estiveram presentes.

Música Lata materializou-se através de uma oficina de construção de cavaquinhos a partir da re-utilização de latas de azeite. Luís, um aluno do M\_EIA é um exímio construtor de cavaquinhos, e essa competência foi associada a um artesão da Ilha de Madeira, com o qual um grupo de 10 crianças aprenderam a construir cavaquinhos utilizando latas de azeite, e a tocá-los. Para além desta dimensão de aprendizagem destinada às crianças, pretendeu-se que o artesão desse continuidade a esta oficina, produzindo e colocando esse modelo de cavaquinho no mercado como um objecto artesanal.

As vivências deste Campo de Estudo permitiRAM a todos os intervenientes constatar a complexidade em desenvolver projectos desta natureza em contexto formal de aprendizagem do Design. Não obstante um trabalho anterior de análise, de reflexão e de sensibilização acerca de uma perspectiva acrescida de ver e pensar o Design, estamos perante uma camada jovem que nem sempre está sensível ou capacitada com

alguns conhecimentos e instrumentos que lhes permitam avançar com mais segurança e motivação para este tipo de desafio. Torna-se necessário munir os alunos de algumas ferramentas, partilhar metodologias específicas de trabalho, mesmo assim poderemos estar perante uma eminente desmotivação no início dos trabalhos no terreno, foi o que aconteceu. Como chegar a um bairro periférico da cidade do Mindelo estigmatizado ao longo da sua história, com problemas urbanísticos, desemprego e com um histórico de violência? Os primeiros momentos não foram fáceis, mas ao longo do desenvolvimento do projecto os alunos foram ganhando confiança; a empatia com a população evoluiu, fortaleceram-se as relações, que no final do projecto se reflectiu em momentos de trabalho no M\_EIA envolvendo os alunos com as crianças e jovens do bairro.

Com este projecto os alunos do M\_EIA puderam ampliar o seu espaço de aprendizagem; as aprendizagens que realizaram foram reais e significativas; tiveram implicações nas vidas de pessoas concretas; perceberam as dificuldades de concretização de pequenos passos, mas que podem ser superadas com a perseverança; desenvolveram autonomia no planeamento e gestão dos seus projectos; desenvolveram competências nos domínios curriculares do Design de Comunicação e de Produto; iniciaram um processo de ampliação do entendimento do que poderá ser o seu papel como Designers num país como Cabo Verde.

Em ambos os territórios onde decorre esta investigação, pretende-se potenciar a arte/educação como catalisador de desenvolvimento cultural, social e humano, num contexto em que se resgatam experiências, práticas e valores das comunidades, num processo de desenho partilhado das possibilidades e cumplicidades no porvir. Nesta investigação convoca-se o design para a inovação social como referente conceptual e prático para a acção, por se tratar de um campo que incorpora uma grande reflexão teórica sobre esta problemática, bem como uma prática transformadora de realidades e situações que nos serão úteis nesta viagem. Trata-se de uma área que utiliza a inovação e as ferramentas do design para aumentar a sustentabilidade social, económica e ambiental, bem como a melhoria do acesso a serviços como saúde e educação, sendo este último o enfoque desta investigação.

Sustentando a sua acção num conjunto de métodos e processos multidisciplinares, o Design para a Inovação Social incorpora nas suas premissas uma noção da cultura em linha com a acepção do conceito nesta investigação, num entendimento da cultura "*enquanto modo de vida e maneira de viver em comunidade*" (Unesco, 1988), e como devendo ter um lugar importante na vida de uma sociedade, especialmente naquela fragilizada por condicionamentos estruturais, que deverá ser "*encarada e instrumentalizada no contexto caboverdiano, como alavanca do desenvolvimento em direcção à saída da pobreza de almas e de corpos; enquanto estruturante do edifício nacional, enquanto sustentáculo do desenvolvimento*" (Leão Lopes, 2003).

## ***Práticas de Design Social com Base em Ferramentas Democráticas — Casos: HCD e Project H***

Algumas práticas de organizações internacionais que sustentam as suas acções neste referente teórico foram ‘fontes’ que tiveram um papel relevante na evolução das ideias e conceitos apreendidos, pelo que os seus ensinamentos estão implícitos no pensamento construído, o que leva-me a destacar dois exemplos relevantes neste processo, um teórico e outro prático. Após meses de pesquisas sobre o Design Social deparei-me com um sítio na internet— *www.ideo.org*— uma multinacional de design que define a sua missão como “usando o design centrado no ser humano para criar produtos, serviços e experiências que melhoram a vida das pessoas que vivem na pobreza”, e que na apresentação da empresa assume que ao longo dos anos utilizou o design centrado no ser humano para desenvolver soluções inovadoras de negócios pelo que começaram a questionar porque não aplicar a mesma abordagem para superar os desafios das organizações e empresas do terceiro sector<sup>53</sup>. Lembro-me de ter ficado fascinado com esta empresa quando descobri a sua *node chair*, uma cadeira que pretende revolucionar as dinâmicas que ocorrem dentro de uma sala de aula, melhorando as aprendizagens que aí ocorrem. Continuei a acompanhar esta empresa quando percebi que tinham propostas de Design claras para alterar o que acontece na educação, publicando documentos práticos e bem estruturados como “*Design Thinking for Educators*” — um kit que disponibiliza ferramentas colaborativas na procura de soluções para a sala de aula, escola ou comunidade —, quando deparei-me com o Kit de ferramentas HCD<sup>54</sup> — um referente metodológico considerado nesta tesa — um documento que partilho nas linhas seguintes.

---

53 Terceiro sector é o conjunto de organizações sem fins lucrativos que têm como objectivo gerar serviço de carácter público, assumindo diferentes configurações jurídicas, desde ONG, associações, fundações, IPSS.

54 HCD: Human Centered Design [Design Centrado no ser Humano]



### ***IDEO: a génese do Kit de ferramentas HCD***

Como anteriormente referido a génese do conceito de Design Social inspira-se nas ideias de Papanek para relacionar a forma como os processos inerentes à materialização de produtos e serviços podem ser equacionados de uma forma eticamente responsável, de uma forma que contribuam, claramente, para a sustentabilidade do ser humano como um sub-sistema de um eco-sistema global. As práticas subjacentes a este conceito consideram as dimensões conceptuais e metodológicas 'tradicionais' do design, incorporando agora aspectos ambientais, sociais e económicos nos processos. Estas ideias também sustentam a *International Development Enterprise (IDE)*, uma empresa fundada pela *ideo.org*, co-financiada pela Fundação Bill & Melinda Gates, que permite oferecer às ONGs e outras instituições sem fins lucrativos as ferramentas para desenvolverem um trabalho com a mesma metodologia utilizada pela IDEO.com, o "HCD Kit de Ferramentas". Este *kit* de ferramentas foi projectado para orientar instituições sem fins lucrativos que trabalham com comunidades desfavorecidas em África, Ásia e América Latina, é acessível de uma forma gratuita, e guia os utilizadores, através de um processo de design centrado no ser humano, nas várias fases de desenvolvimento de uma ideia.

O HCD é um processo que se inicia nas pessoas para as quais se destina a solução. É composto por três conjuntos de ferramentas que estimulam e orientam a Ouvir as necessidades das pessoas e como documentar

as observações efectuadas; a Criar novas ideias e oportunidades para toda a comunidade e a Implementar as melhores soluções tendo em consideração a sua sustentabilidade financeira. Trata-se de um processo desenhado para transformar os dados em ideias concretizáveis, aumentando a velocidade e eficácia na criação de novas soluções, que parte do pressuposto que as pessoas comuns detêm as soluções correctas dos problemas, pelo que o Kit oferece técnicas, métodos e dicas e não soluções.

Além dos três conjuntos de ferramentas — Ouvir, Criar, Implementar — o *kit* evoluiu para uma plataforma online, *Design Kit*<sup>55</sup>, que permite fazer o *download* do *Kit* de ferramentas, estimula os utilizadores a partilharem as suas experiências, colocar questões, instrumentos que guiam os utilizadores ao longo das várias fases de co-design do processo, desde a pesquisa, o mapeamento do problema até a criação de projectos piloto. Não obstante tratar-se de um documento meritório, acessível a qualquer pessoa, com a premissa de “democratizar” procedimentos metodológicos de design, convém realçar a importância de suporte de natureza diversa — nomeadamente de *experts* em Design —, tanto para pessoas ou comunidades que encetam processos *HCD*, tendo em consideração a complexidade destes processos e cujas respostas muitas vezes não se encontram em documentos, mas sim em práticas e competências desenvolvidas em contexto de especialização.

Ao longo das diversas fases desta pesquisa, tanto na fase da elaboração do projecto de investigação, como referencial de suporte às práticas realizadas, ou como fonte documental partilhado e analisado com os alunos do M\_EIA, este documento foi um referencial teórico-prático importante, pelo que aqui se justifica a sua breve apresentação.

---

55 <http://www.designkit.org>

## ***Projecto H: transformando jovens em fazedores***

A *inspiração* através de boas práticas artísticas ou de design é um caminho possível na idealização de projectos. O *Projecto H Design*, liderado pela Emily Pilloton<sup>56</sup>, tem sido um dos focos desta contaminação. Comecei por ficar fascinado com os galinheiros em fole construídos, no âmbito deste projecto, por alunos para agricultores de uma determinada comunidade; de seguida descobri o projecto *Learning Landscape*<sup>57</sup> tendo traduzido este fascínio para a prática construindo um campo de aprendizagem, uma 'aventura' que deliciou um grupo de 20 jovens alunos.

Estes projectos foram desenvolvidos pelo *Projecto H Design*, uma iniciativa da Emily Pilloton iniciada em 2008, com a finalidade de transformar a educação básica e secundária a partir de dentro, mobilizando jovens para desafios onde o design é encarado como disciplina que faculta aos jovens as ferramentas criativas e técnicas, estimulando capacidades de liderança que lhes permitam desenvolver trabalhos com comunidades, ao mesmo tempo que vivenciam mudanças positivas nas suas vidas e nas pessoas com quem interagem. Os projectos desenvolvidos enquadram-se em necessidades do domínio público, contextos nos quais os estudantes são estimulados a ligar os conhecimentos de ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática para os problemas reais com que são confrontados. Segundo a promotora, a metodologia aplicada nos projectos é fruto de um processo em espiral, a partir uma pesquisa/acção que tem como premissa a procura de outros procedimentos de trabalho para a arquitectura para além das práticas usuais num gabinete: "*Project H was born out of a frustration I had with my own practice. I wanted to figure out how to use a skillset I felt was really valuable, but in a much more socially oriented, meaningful way*", explica Pilloton.

---

56 Emily Pilloton é a fundadora do Projecto H design. Arquitecta de formação de base, que no seu trabalho enfatiza as potencialidades do design para promover pontes sociais, criando projectos públicos de arquitectura com estudantes para as suas comunidades. Escreveu dois livros sobre o tema, com destaque para "Design Revolution: 100 Products that Empower People".

57 *Learning Landscape* [Campos de Aprendizagem; tradução livre]. Uma grelha construída com pneus usados que permite aprender matérias de várias disciplinas em contexto lúdico. Os alunos participam no processo de construção do campo, momento onde se iniciam aprendizagens específicas e desenvolvem-se competências não muito usuais em contexto académico.



Super Mercado Winstor

O Super Mercado Winstor foi o primeiro projecto desta natureza desenvolvido pelo *Projecto H Design* na Carolina do Norte, numa escola com o pior desempenho e resultado académicos. Um grupo de 13 estudantes do secundário construiu um pavilhão para agricultores, uma estrutura com cerca de 600 m<sup>2</sup>, um processo que demorou um semestre mais o verão seguinte, período durante o qual os estudantes vivenciaram todo o processo criativo e de projecção, no qual pesquisaram, desenvolveram o protótipo, realizaram trabalhos estruturais, até culminar com a liderança do lançamento da associação de agricultores que iriam gerir o mercado. Este projecto criou dois novos negócios e 15 novos postos de trabalho desde a sua abertura em outubro de 2011.



Sala de aula em contentor

Um outro projecto desenvolvido pelo *Projecto H Design* foi a criação de um novo ambiente de aprendizagem a partir de três contentores, construído num escola em Berkeley, a partir do repto lançado pela comunidade educativa. Os alunos foram envolvidos neste projecto, a partir do qual construíram uma sala de aula num plano aberto, extensível para o exterior através de um pátio aberto com uma parte coberta. Ao longo deste processo os estudantes desenvolveram um conjunto significativo de aprendizagens, numa lógica do aprender fazendo, a premissa que nos interessa como foco para as aprendizagens. Segundo Rebecca Seward, gestora do projecto, “We give kids an opportunity to take a break from day-to-day academia and be part of something that teaches them to both think and step outside the box.”



PARTE II . PONTO 6

## M\_EIA, (COM)VIVÊNCIAS IMPLICADAS NUMA ESCOLA DE ARTE: RETORNOS

### Convivência [Significado]

“Ação ou efeito de conviver. Modo de vida em que se pode partilhar; vida em comum; convívio diário. O relacionamento estabelecido entre pessoas que convivem diariamente; convívio próximo e contínuo; intimidade. Ação de coexistir (num mesmo local) de maneira harmoniosa”.

Nesta tese o M\_EIA e o Planalto interligam-se, pelo que neste capítulo procuro as relações constituídas e implicadas entre os dois polos desta investigação, que para além de um pensamento matriz comum na sua definição de territórios de aprendizagem — não obstante tratar-se de um formal e outro informal — estes dois lugares também se apresentam na sua dimensão afectiva como ‘elementos’ aglutinadores, constituem-se como lugares de resgate de memórias que induzem a um sentimento de pertença, memórias de pertença a uma ideia de escola na qual estive envolvido desde tempos remotos, nos quais não projectara a minha interferência no presente. Neste capítulo partilho momentos e desafios concretos abraçados ao longo do tempo em que decorre esta investigação, procurando as implicações das (com)vivências do M\_EIA no Planalto e vice-versa; partilho no concreto os Campos de Estudo realizados no Planalto, implicando-os no acontecido no M\_EIA como uma estratégia em experimentação nos modos de gestão e funcionamento dos cursos instituídos na escola.

Aquando do início da escrita deste capítulo fui impelido à procura do significado da palavra convivência, tendo aceite as entradas encontradas, i.e: partilha, convívio próximo e contínuo, intimidade; acção de coexistir (num mesmo local) de maneira harmoniosa. Entendi que estas 'entradas' poderiam, de certa forma, traduzir o sentimento implicado nesta estadia de dois anos no M\_EIA. Ainda assim achei que o 'nível espectral' destas 'entradas' traduzem parte do que foram estes dois últimos anos de trabalho no M\_EIA, pelo que se torna necessário introduzir outras 'entradas' nas vivências implicadas, quiçá, esforço, muito trabalho, dúvidas, angústias, conflitos, partilhas, incertezas, muita perseverança, acreditar, sonhar. Com estas 'novas entradas' talvez possa estar mais próximo da experiência profissional mais desafiante vivida até hoje: director de uma escola de arte fora dos modelos instituídos, uma escola com uma biografia que legitima o seu descomprometimento em encontrar um lugar assente em categorias e discursos que não anunciam a procura de um lugar específico; um lugar de liberdade, com todas as suas implicações.

O M\_EIA é a única escola superior de arte em Cabo Verde, uma instituição que se inscreve no desenvolvimento do país tendo como referente o domínio da sua especialidade, o ensino e a investigação em arte, design, arquitectura, urbanismo, tecnologia e cultura. Trata-se de uma instituição privada, que ao longo dos seus doze anos de existência qualificou, ao nível superior, os primeiros designers com formação obtida no território nacional; formou os primeiros licenciados em Educação Artística para o Ensino Secundário; qualificou os primeiros profissionais em cinema; em formação mais de duas dezenas de estudantes em arquitectura; uma instituição com um histórico no domínio da qualificação profissional em artes e ofícios, uma escola inscrita na promoção do desenvolvimento humano sustentado em premissas da arte, tecnologia e cultura. Trata-se de uma escola de arte que reflecte a sua acção e o seu posicionamento na contemporaneidade, incorporando premissas reflexivas e de questionamento continuado como charneira do desenho da instituição, duas dimensões que pretendo contrapor à dimensão de pertença explícita neste capítulo.

## ***As Linhas que Tecem as Cumplicidades que Justificam-me Nesta Escola***

Por mais argumentos que procure, não encontro outra dimensão que não seja a afectiva como razão primeira a determinar a circunstância de suspensão de um projecto de vida numa determinada área geográfica do planeta para embrenhar num desafio onde não encontraria certezas, nem premonições de um destino onde todas as variáveis se alinhariam. Efectivamente, não foram razões formais, académicas ou 'científicas' que motivaram abraçar um projecto doutoral que se traduz nesta tese, pelo que a declinação do 'que ao como' (Alves, 2004) é o dilema desta escrita, quando se convoca o afecto para o "País dos Saberes". Em 1994 regressei a Cabo Verde, dois anos após a conclusão de uma Licenciatura em Educação Visual em Portugal. Nesse período colaborava com o Atelier Mar e o Instituto Pedagógico do Mindelo, um momento de intensas transformações educativas no país, traduzidas também em iniciativas de mudanças curriculares e de práticas no domínio da Educação Artística. Dividia a docência no Instituto Pedagógico com envolvimento de outro nível no Atelier Mar, momento em que participei na elaboração de programas de Educação Artística, documentos de natureza didáctica; participação na concepção de um manual de Educação Artística. Foi nessa altura que se iniciou o desenho de uma escola que viria a transformar-se no M\_EIA, em cujo projecto (2001) se encontra a essência da escola que hoje cativa pessoas e instituições, nacionais e estrangeiras. O meu envolvimento nesta escola decorre ao longo da sua história, culminando neste momento com uma presença continuada de dois anos (2014/2016). Esta estadia começou a desenhar-se com a minha estadia no curso doutoral da FBAUP (2012) momento a partir do qual fui acompanhando de uma forma efectiva os desafios que iam desenhando o futuro do M\_EIA.

2014, 23 de Novembro [Nota de Campo]

*"O início das aulas no M\_EIA decorreu com normalidade. Passado uma semana do início das aulas, estive 7 dias em Itália (Turim, no Salão Terra Madre) vivenciando uma experiência estética e gastronómica inesquecível. O M\_EIA faz parte da rede Slow Food, e nessa condição liderei uma comitiva constituída por cinco pessoas — Alcindo, um pastor do Planalto Norte; o Jailson, um agricultor do Alto-Mira; Joana, a cozinheira*

*da Babilónia; Crisolita, uma aluna do M\_EIA e a Josina, representante do Ministério da Cultura em S.Vicente — um grupo cuja análise poderia indiciar alguns dos contornos dos caminhos trilhados nesta escola. Regressei ao M\_EIA e à ilha no dia 5 de Novembro. A escola continuou com o alinhamento elaborado; nesse entretanto o prof. Paiva esteve cá um mês, orientou alguns seminários de complemento a disciplinas curriculares em atraso; continuamos o alinhamento da componente administrativa da escola.*

*Os projetos estão em andamento. Vivencia-se um ambiente académico saudável na escola:*

- A sala multimédia tem sido utilizada de uma forma excelente;*
- Já temos Wireless em quase toda a escola;*
- As dinâmicas do Centro Caboverdiano de Design têm decorrido de uma forma positiva;*
- Os preparativos para o Salão de Artesanato Contemporâneo, a decorrer no Centro Cultural do Mindelo em finais de Dezembro estão a correr bem;*
- Na sexta-feira, dia 21, participei na abertura dos processos/ candidaturas para a alteração da imagem institucional da Enapor. Face às outras 6 candidaturas, não fiquei desconfortado com a avaliação do projecto desenvolvido pelos alunos do 4.º Ano de Design;*
- O Laboratório de Food Design está quase pronto, um equipamento singular numa escola de Arte.*
- A oficina de Madeira, debaixo da tamarineira está a decorrer com um grande envolvimento dos alunos. As duas bancadas já estão quase prontas, um equipamento importante no salão do Artesanato Contemporâneo e na Sala de Design”.*

Cerca de quarenta dias após o início do ano lectivo era essa a dinâmica da escola, num momento de formação de um novo grupo de trabalho, um período que neste momento poderei caracterizar como tendo sido de acalmia, de incremento de relações interpessoais, um momento de aceitação e de afiliação de uma proposta de liderança no quotidiano da escola, o momento que precedeu a outros momentos, de concretizações, mas também de tensões e conflitos. Nos dois anos anteriores à minha chegada, a escola era gerida de uma forma colegial, numa fase que fui acompanhando (mesmo estando ausente fisicamente), o que me permitiu chegar ao M\_EIA com uma proposta de um plano estratégico traduzido num documento que se sustentava num diagnóstico desenvolvido ao

longo do ano que precedeu a minha chegada à escola. De 29 de Setembro a 10 Outubro de 2014 (início do ano lectivo), vivenciou-se um processo participado de discussão e do desenho do ano lectivo; assumiram-se compromissos concretos, agendados no tempo; construíram-se instrumentos de trabalho que iriam nortear as acções a desenvolver.

Como se entende da Nota de Campo acima transcrita, viviam-se transformações interessantes e intensas na escola. Uma mudança simples, como a disponibilização de sinal *wireless* em toda a escola teve impacto na comunidade educativa; mobilizar os alunos do 4.º Ano de Design de forma a participarem, em tempo recorde, na alteração da imagem institucional de umas das maiores empresas de Cabo Verde foi um projecto que preencheu a auto-estima de todos os envolvidos; os alunos a participar num projecto que visava articular o design ao artesanato, onde puderam participar em todas as fases da realização de um salão de artesanato contemporâneo com impacto no país foi meritório; estarmos com a página da escola *online*, depois de vários percalços, um projecto concretizado com o envolvimento da FBAUP, que permitiu o início da sistematização e do acesso de informação académica aos alunos; o prenúncio de um ano lectivo preenchido de acções significativas, mas que também sublimou constrangimentos institucionais, nomeadamente, no domínio da gestão de recursos humanos, um processo complexo cujos desenvolvimentos teriam implicações no desenho do futuro da escola. O M\_EIA revelou-se um desafio complexo e absorvente, razões que implicaram uma presença mais espaçada no Planalto, situação minimizada pelas cumplicidades criadas no lugar e com as pessoas:

2014, 18 de Outubro [Nota de Campo]

*"Cheguei ao Planalto e tive uma recepção extraordinária. A Tanha disse-me que o Admilson e a Sueli estiveram à minha espera durante todo o verão. Estou no Planalto, no meu abrigo, alimenta-me um sentimento difícil de traduzir em palavras. A primeira coisa que comecei a fazer quando cheguei ao Planalto foi começar a fotografar, algo que não fazia desde que cheguei em Cabo Verde. O Planalto está 'pintado' de verde, a Cooperativa pintada com cores fortes, uma combinação fantástica! Última acção do António como presidente da Cooperativa Resistentes do Planalto Norte. Depois de fazer uma primeira sessão fotográfica ao meu abrigo fui visitar o Alcindo na Cooperativa. Conversei um pouco com as pessoas que se juntaram no pátio da Cooperativa. Uma lata de*

*melva e umas bolachas acompanharam-me, seguido de 1/4 de ponche que bebi com o Antonio e mais alguns jovens do Planalto, sentado em frente a 'Casa dos Meninos do Planalto.'"*

As reflexões suscitadas pelas viagens realizadas entre estes dois territórios permitiram-me relacionar procedimentos metodológicos endógenos com conceptualizações oriundas de outras latitudes — permitiram-me, por exemplo, entender semelhanças entre fases da metodologia de implementação de projectos do Atelier Mar com o processo HCD da *Ideo*; permitiram-me reforçar o entendimento de algumas práticas de design e de arquitectura do M\_EIA no Planalto com os fundamentos de inovação social instituídos em escolas de arte internacionais de referência; permitiram-me encontrar o enquadramento para ampliar o campo de acção da implementação de uma nova estratégia pedagógica do M\_EIA — os Campos de Estudo. Neste cruzamento de viagens fui construindo as pontes que teceram a trama que interligou o M\_EIA e o Planalto Norte nesta tese.

## ***Dois anos no M\_EIA com Implicações nesta Tese***

Antes do início do ano lectivo 2014/2015 viveu-se no M\_EIA um momento intenso de reflexão e de desenho dos caminhos a trilhar nos próximos dois anos lectivos. Acabara de chegar à escola e tinha a responsabilidade de liderar esse processo. O Plano Estratégico do M\_EIA para os anos lectivos 2014/2016 traduziu-se num documento que reflectia um processo de discussão de quase um ano lectivo, envolvendo todos os professores residentes mais os parceiros institucionais externos. Os objectivos desse plano estratégico estavam divididos em três domínios: educativo, investigação aplicada e administrativo. No primeiro domínio foram definidos objectivos que visaram a reorganização do funcionamento, gestão curricular e administrativa dos cursos instituídos na escola; debater o futuro da escola no seu todo; actualização de currículos e reformulação dos cursos instituídos; programar alguns projectos já instituídos, i.e, a semana de arquitectura; criar uma semana de design (que veio a transformar-se no projecto '*Txeu Design*'); operacionalizar o Mestrado em Educação Artística criado, etc. Ao nível da investigação definiu-se a consolidação de trabalhos em museologia e desenvolvimento local; a integração dos trabalhos de food-design nas linhas de investigação da escola; a divulgação dos projectos de investigação no site da escola; integrar o design para a inovação social como linha formal de investigação da escola. No domínio administrativo definiu-se a reorganização administrativa da escola como prioridade; a consolidação da digitalização da base de dados; a reformulação dos regulamentos instituídos; aumentar as sinergias entre o M\_EIA e outros projectos da organização instituidora. Sem a pretensão de fazer uma análise da especificidade dos objectivos definidos — considerando esta tarefa como responsabilidade externa e já efectuada pela entidade detentora desta missão — uma apreciação transversal da consecução do trabalho realizado leva-me a considerar que a maior parte dos indicadores definidos foram alcançados, com especial incidência no domínio administrativo, extensível a alguns objectivos no domínio educativo, mas a consolidação de objectivos no domínio da investigação aplicada deverá ser um foco da atenção do M\_EIA nos próximos tempos. No domínio educativo destaque para a articulação com projectos reais — salão de artesanato contemporâneo, participação em concursos públicos, criação e práticas no Centro Caboverdiano de Design, Campos de Estudo em vários projectos e em várias ilhas, etc. — uma linha de força da acção transformadora do M\_EIA, uma dimensão forte de definição e de diferenciação desta escola.

## ***Campos de Estudo: uma estratégia pedagógica de reorganização do funcionamento da escola***

Uma década é um horizonte temporal que legitima novas reconfigurações em qualquer projecto, ganhando essa pretensão maior amplitude num projecto de uma escola que se quer atuante e em sintonia com o seu tempo. Foi este o desafio assumido pelo M\_EIA em 2014, através da implementação de uma estratégia de escola em sintonia com a reflexão que a prática suscitara, um caminho em sintonia com paradigmas divergentes de pensar e fazer uma escola, que assenta em princípios que catapultam o porvir da instituição para fora do quadro instituído e limitativo da conformidade vigente na maioria das instituições do ensino superior do país. Estamos perante uma instituição que não se coíbe de desenhar uma estratégia que incorpora a experimentação de novos conceitos com a naturalidade que poderá advir da sua consecução ou não; onde se encara a falibilidade, o erro de uma determinada rota como fazendo parte da rota da incerteza que constitui o presente; uma escola que expande a sua acção para outros territórios; uma escola que define o seu campo de acção como sendo a realidade, o único lugar onde poderão acontecer aprendizagens significativas; catapultando professores e alunos para outros territórios de aprendizagem, quer sejam o Planalto Norte, um Museu na Ilha de São Nicolau ou um bairro periférico do Mindelo. Estamos perante os 'ingredientes' que co-habitam a noção de "Campos de Estudo" (CE), um instrumento pedagógico que pretende responder aos desafios implicados no entendimento de uma realidade holística que necessita de novos intervenores com capacidades técnicas, científicas e artísticas que lhes permitam melhor integrar e participar nas complexidades sociais, económicas e culturais dos diversos territórios onde irão interagir.

Em termos operativos a estratégia de CE aglutina disciplinas com afinidades que possam ser organizadas em três unidades de estudo — teórico-científico; artístico e tecnológico; a primeira unidade orientando o seu foco na acção, na investigação e metodologias de investigação (aplicada); na comunicação e na divulgação; a segunda orientando a sua acção para as áreas de criação; a terceira desenvolvendo o seu campo em trabalhos laboratoriais e oficinais executando os projectos investigados e criados nas outras unidades. O desenho conceptual desta estratégia é coerente, mas a sua operacionalização não é uma tarefa fácil. Os primeiros desafios iniciam-se com a organização curricular, com os tempos lectivos, com os

seus pesos e transposição em Unidades de Crédito, constituição de horários; um conjunto de desafios à procura das articulações necessárias para encontrar novas respostas dentro de um sistema instituído. Isto porque não obstante o desejo de percorrer novos caminhos, estamos perante uma instituição superior com cursos e planos de estudo que devem corresponder a uma estrutura previamente instituída e autorizada, desenhada com premissas de organização e de funcionamento que ora se pretende 'ampliar'. Outro constrangimento encontrado foi a resistência por parte do corpo docente da escola para abraçar um desafio que implicaria 'negociações' constantes, uma eventual perda do primado da disciplina e do seu professor em prol de um projecto comum que tende a sair do controlo de um indivíduo, da sua transposição para outros territórios onde nem todos se sentem confiantes.

Não obstante os desafios, problemas e constrangimentos implicados na operacionalização da estratégia CE, hoje, no segundo ano da sua experimentação já não se questiona a pertinência da ideia, vários foram os Campos de Estudo estruturados e implementados nestes dois últimos anos, um deles no Planalto Norte, envolvendo os alunos do 4.º Ano de Design que optaram pela via ensino do seu curso. No entanto, há consciência da necessidade da sua articulação com documentos matrizes da escola — já efectuado na reformulação última dos Estatutos do M\_EIA — tornando-se necessário transpor as implicações didácticas e organizacionais desta directriz para a reformulação dos cursos em curso.



## *Campos de Estudo: práticas*



O Campo de Estudo em São Nicolau foi o primeiro momento de experienciação desta estratégia num projecto de extensão do M\_EIA. Durante 10 dias alunos finalistas de Design estiveram envolvidos em trabalhos multidisciplinares no Museu da Pesca em São Nicolau, um modelo de organização de aprendizagens em experimentação na escola.

2015, 8 a 16 de janeiro de 2015 - Ilha de São Nicolau/ Museu da Pesca: uma semana de trabalho intenso entre 12 alunos do 4.º Ano de Design, 3 professores e a comunidade.

*"O CE de São Nicolau traduziu na prática a aplicação desta estratégia em toda a sua dimensão, incluindo a interação social e humana, a tempo inteiro, (65 horas) entre estudantes, comunidade e professores. Todos trabalharam juntos em todos os momentos, discutiram os problemas teóricos e científicos que se puseram, realizaram projectos artísticos e tecnológicos, programaram e realizaram acções culturais e sociais com a comunidade. O projecto de Museu da Pesca e a obra de restauro do edifício em curso sediou os trabalhos de museologia, museografia e design museológico (sinalética); Ilustração gráfica, História Geral de Cabo Verde; Web Design (design de blogue). Seminários foram realizados na sede do Museu da Pesca e noutros pontos da ilha. M\_EIA foi recebida em visi-*

*ta de cortesia pela edilidade de Vila da Ribeira Brava e pela do Tarrafal.*

*Com o Presidente da Câmara Municipal do Tarrafal foi reconfirmada a participação do Município no SI\_HABITAT 2015 e a parceria de M\_EIA, Departamento de Arquitectura, no projecto dos Paços do Concelho a edificar na cidade". [Informação constante na exposição realizada no M\_EIA após o CE]*

Este foi o primeiro entre os sete CE realizados desde a implementação desta estratégia de trabalho no M\_EIA. Distante desses momentos reflecto acerca dos procedimentos e contornos que envolvem a realização de um CE numa outra ilha do país, numa escola que ousa instituir uma prática de deslocamento da sua acção pedagógica para um outro território (uma das possibilidades de desenho de um CE), assumindo também a responsabilidade dessa iniciativa em toda a sua amplitude material — viagens, alimentação, dormidas — sem encargos adicionais para os estudantes. Os nossos alunos encaram estes CE com naturalidade, bem como outras práticas e projectos existentes na escola, um modo de estar e de agir melhor apreendido por aqueles que nos visitam ou acompanham de longe. Isto porque nem todas as escolas de arte inscrevem na sua matriz operativa a responsabilidade pela concepção e realização de um Museu, neste caso da Pesca, nas suas múltiplas dimensões (de investigação, arquitectónica, construtiva, design de equipamento, design museográfico e produção de conteúdo incluindo o audiovisual). Foi nesse enquadramento que os nossos alunos tiveram a oportunidade de vivenciar um CE na ilha de São Nicolau, envolvidos num projecto complexo e multidisciplinar, que permitia à escola o encaixe financeiro que financiaria projectos da natureza do Campo de Estudo, um modo operando da instituição para viabilizar o seu modelo de funcionamento.

Outros CE foram realizados com estas premissas, nomeadamente o projecto M\_EIA nos Bairros que se traduziu num trabalho durante um ano lectivo em dois bairros periféricos do Mindelo (Ilha de Madeira e Alto Bomba); um CE em Lajedos, dois no Planalto e o último realizado na escola, traduzido em oito meses de trabalho à volta de um acervo de mais de 1000 peças de Arte Africana — propriedade de um coleccionador caboverdiano — que foi inventariado, organizado e estudado em várias disciplinas curriculares, traduzido na concepção e organização de uma grande exposição em três espaços da cidade do Mindelo.



Vasco Martins<sup>58</sup>, um concerto para cabras e pastores, assim foi enunciado o concerto que iria decorrer nas montanhas do Planalto a 17 de Junho de 2016. Como iriam reagir as pessoas do Planalto à música do Vasco Martins [New Age], 45 minutos de som de sintetizadores a ecoar pelas montanhas era a grande expectativa.

O Planalto Norte foi espaço de acolhimento de dois Campos de Estudo, este último envolvendo os alunos de Design que optaram pela via ensino. Aquando da planificação dos trabalhos a realizar com este grupo de alunos ficou definida a integração de uma experiência no domínio da educação não formal nas suas práticas pedagógicas. Começaram por participar no CE da Ilha de Madeira, desenvolvendo trabalhos numa escola primária e num jardim infantil do bairro, mas o grande desafio seria o CE do Planalto. Esta programação antecipada permitiu desenvolver um conjunto de acções preparatórias, traduzidas em leitura e análise de textos que pudessem ampliar o entendimento de outras práticas educativas além da estruturada e formalizada no sistema educativo; sensibilizar o grupo de alunos para participarem em seminários pertinentes que decorreram em S.Vicente; envolver os alunos nas dinâmicas criadas no âmbito do 4.º Encontro Internacional sobre Educação Artística que decorreu em Cabo Verde, em quatro comunidades, uma delas o Planalto; organizar durante uma semana um seminário específico sobre educação Artística em contextos Não Formal, orientado com a colaboração de uma colega de doutoramento, a Denise Perdigão.

---

58 Compositor cabo-verdiano com uma obra reconhecida no país e internacionalmente. Um estudioso que gravita pelo universo musical com leveza, dominando vários géneros musicais, do clássico ao new age, devido a composições de carácter instrumental utilizando sintetizadores, em ambos os casos inspirando na música tradicional cabo-verdiana.



Na escola do Planalto não há guaches, tintas pincéis, cartão, muito menos papel cenário. Durante os dias em que decorreu o Campo de Estudos no Planalto os alunos desenharam, pintaram, manipularam materiais que tinham à mão, construíram carros e outros objectos tri-dimensionais, transitaram em aprendizagens entre o espaço da sua escola e o envolvente da 'Casa dos Meninos do Planalto'.

Com os trabalhos que antecederam este CE pretendeu-se sensibilizar os alunos para a pertinência e legitimidade de aprendizagens em contextos menos estruturados, porquanto se tratar de uma tipologia de resposta em crescendo, a estimular-se cada vez mais, neste mundo onde a aprendizagem ocorre ao longo da vida, em qualquer momento e lugar onde seja necessário activar a informação disponível com os procedimentos e as competências rumo ao conhecimento. No âmbito do estágio pedagógico em Educação Artística, este CE apresentou-se como contraponto ao modelo formal instituído onde decorriam as suas práticas, permitindo que os alunos apreendessem as particularidades e potencialidades de cada um dos modelos em presença. Pretendeu-se sensibilizar os futuros professores para a inexistência de 'modelos puros de aprendizagem', criando neles uma disponibilidade que induza ao entendimento do formal como caminho para a apreensão do não-formal, quiçá chegar às práticas informais, o modelo vivenciado nas aprendizagens realizadas no Planalto.

É neste enquadramento que nos aproximamos ao processo de aprendizagem social difuso defendido por Manzini (2008), incorporamos a ideia de aprendizagem significativa como sendo o catalisador a partir do qual cada um encontra as suas 'causas e coisas'; onde poderemos primar pela não-hierarquia dos saberes ou das razões para começar ou refutar uma aprendizagem — a partir do momento e segmento que aprover — onde o 'eu posso' esteja em contraponto ao 'eu não posso', a potencialidade que poderemos encontrar num contexto de aprendizagem informal; o caminho de disponibilidade que gostaria de 'abrir' para os alunos que tiveram a oportunidade de participar nessa experiência, consciente que há 'temas' que não se ensinam, têm de ser vivenciados a seu tempo, caso haja vontade para tal.

E assim chegamos ao Planalto com um programa diversificado e complexo para uma semana de trabalho, com actividades direccionadas para os alunos — tanto em contexto de aprendizagens formais como em actividades informais; acções práticas envolvendo a população; e actividades de fruição do 'espaço Planalto' com forte teor convivial.

2016, 16 de Julho [Nota de Campo - Defronte do Queimado para as montanhas onde se vislumbra o Topo de Coroa].

*"O dia de ontem foi bastante preenchido. Por volta das 23 horas, quando vinha com a Lavínea [colega do M\_EIA] da casa do Alcindo onde fomos buscar alguns colchões emprestados para dormir, ela disse-me que tinha a sensação de ter vivido dois dias num só. [Pensei, um sentimento partilhado por todos quando em presença com a 'experiência Planalto' pela primeira vez, o que transportou-me para o mesmo sentimento e partilhas aquando das 24 horas passadas no Planalto pelos participantes no 4.º encontro internacional sobre educação artística]. Efectivamente, o que aconteceu hoje? Acordamos às 6:30h, tomamos o pequeno almoço; organizamos para uma manhã de trabalho na escola de Chã de Feijoal, onde tínhamos programado algumas actividades para desenvolver com os 22 alunos da escola. Depois das apresentações — com as formalidades de uma escola formal — iniciámos uma visita de campo, onde cada aluno munido de uma prancha fez registos de observação, uma prática elementar que não faz parte das rotinas desses alunos. Estivemos cerca de duas horas lá para os lados do território do Ramiro. Regressámos à escola por volta das 10:00h, momento de almoçar — sim, uma refeição quente diária que a escola oferece aos alunos, nesse dia massa com chouriço. Depois cada um teve direito a uma manga (que*

*trouxemos de Lajedos). Nessa sequência analisamos os registos de cada um, a partir dos quais realizaram uma pintura colectiva num grande formato, utilizando guache, trinchas, pincéis, dedos e outros riscadores que estivessem à mão. Finalizamos a manhã de trabalho lançando as sementes para a Ribeira defronte da escola, a forma como se deve plantar uma mangueira, nas palavras do Prof. Júlio, também gestor do Pólo Educativo, um companheiro entusiasta deste CE.*

À tarde, por volta das 16:00h continuamos a nossa programação com as crianças do Planalto, agora num espaço não-formal, a “Casa dos Meninos do Planalto”, um projecto de extensão do M\_EIA no Planalto. Fizemos monotipia, iniciámos a construção de carros com pedaços de madeira e outros materiais que os meninos trouxeram, construímos marotes com ‘enganhas’ de milho, actividades que decorreram até às 19:00h. Durante essa tarde partilhei o fogão de serradura — Projecto BioPlan — tendo o Maduíno assumido a continuação do projecto. O fogão esteve aceso das 18:00 às 22:00 horas, um projecto que afinado poderá poupar lenha e dinheiro às gentes do Planalto.

Este foi o primeiro dia de actividades deste CE, onde estavam programadas as seguintes acções:

- Caiar o Planalto;
- Organização e Gestão da ‘Casa dos Meninos do Planalto’;
- Concerto com o Vasco Martins;
- Construção e Divulgação do Fogão Bio-plan;
- Narrativas de vida no Planalto: pintura colectiva com os meninos da escola formal;
- Re-utilizar com quase nada: Construção de brinquedos;
- Uma viagem à Bordeira;
- Jogo de futebol.

Caiar o Planalto e o concerto com o Vasco Martins foram duas acções deste CE que tiveram forte impacto na comunidade. A ideia do

projecto “Caiar o Planalto” surgiu em janeiro de 2016, quando o Alcindo (produtor de queijo e balconista na Cooperativa de Consumo; um dos companheiros de viagem à Terra Madre/Turim) pediu-me para trazer-lhe cal de S.Vicente para cair a sua casa. Nesse mesmo dia desenhámos o projecto. Seria necessário sensibilizar a população para os benefícios da cal (tanto para a saúde, ambiental e estético); os alunos envolvidos neste CE produziram os materiais de comunicação e de divulgação para o efeito; levei 300 Kgs de cal para a Cooperativa, disponível para as pessoas da comunidade nos mesmos moldes que qualquer outro produto disponível. No dia 17 iniciamos o programa ‘Caiar o Planalto’ no ‘Bar Pitanga’, a sede da Associação Desportiva do Planalto. No início éramos cinco a cair, passado uma hora mais de dez pessoas constituíam a equipa, chegando de mansinho, como sempre acontece no Planalto, quer seja para trabalhar, fazer um pedido, ver um filme, ou participar numa refeição.

No primeiro dia caiamos A ‘Associação Desportiva e Recreativa/ Bar Pitanga’, e no dia seguinte ficou combinado continuarmos com a casa de ‘Nha Antoninha de Júlio’. No dia seguinte fizemos uma viagem à Cinta bem cedo, quando regressámos, por volta das 08:00h, Nha Antoninha já tinha iniciado os trabalhos, tendo disponível uma mesa com cachupa guisada, ovos e café para quem chegasse. Ao longo dessa manhã caiamos a casa, tendo ficado combinado a próxima casa a ser caiada, a estratégia montada para ‘Caiar o Planalto’. Nesse dia chegou o Vasco Martins para realizar um “concerto para cabras e pastores”, um evento pouco expectável no Planalto, mas bem recebido na comunidade.

Vasco Martins no cume do mundo, um repto lançado a este artista que não hesitou em abraçar essa aventura. Quarenta e cinco minutos de música *New Age* composta para o Planalto, sintetizadores, equipamento de som e iluminação, elementos de uma composição dispostos numa montanha estratégica, a partir da qual se inundou na profundidade do céu estrelado dessas montanhas a melodia que transcendia do sublime envolvimento que o artista presenteou pastores e amigos do Planalto. Ousadia e desprendimento estiveram na base deste evento. Só conhecendo o Planalto para entender a complexidade de uma logística para materializar uma ideia que simplesmente pretendia retribuir aos habitantes dessas montanhas a sua hospitalidade, o seu dar sem esperar algo em troca. O concerto do Vasco Martins contribuiu para se atingir o nível de imateriali-

dade implicados em aventuras com os contornos desta tese; que implicando diversas acções entre as quais um CE no Planalto, envolvendo alunos do M\_EIA, futuros professores de Educação Artística, proporcionar-lhes esta tipologia de vivências que lhes permitam questionar a sua pertinência, duvidando dos contornos e da amplitude de acções/actividades no domínio da Educação Artística — questionamentos que se pretendia inculcar no pensamento dos nossos alunos.

As reacções e o nível de envolvimento dos alunos neste CE foram diferenciados, tanto ao nível da vivência do CE como das reflexões efectuadas e partilhadas. Ao nível do envolvimento e da participação nas actividades realizadas, verificou-se um desempenho pouco fluído, em parte entendido pela pouca experiência dos alunos, mas também traduziu a fixação a uma ideia de escola e modos de funcionamento aprisionados dos referente formais de educação, aspecto que quis contrapor com esta experiência, ao mesmo tempo consciente que é necessário percorrer mais caminho para se entender a amplitude do que se desenha no Planalto.

*"Se eu fosse um professor no Planalto não aceitaria as condições que a escola tem para formar pessoas, de tudo iria fazer para ter mais dignidade e melhores condições de trabalho. Não consigo entender como o Ministério a Educação aceita que as aulas sejam dadas nessas condições, que não são nem mínimas, não havendo uma simples e humilde casa de banho"*

Relato de uma aluna que participou no CE, demonstrando a complexidade da pretensão que temos em mãos. Partir do pressuposto que existe uma potencialidade no Planalto para uma acção em Educação Artística, onde as montanhas, as pessoas, os seus problemas, as suas motivações e aspirações são os ingredientes base para um trabalho real e significativo, uma tese que se confronta com a realidade de um pensamento instituído dentro da própria estrutura, perante o qual somente a 'utopia concreta' se apresenta como caminho de desconformação.

*"O mais importante para mim foi ter tido a oportunidade de participar num projecto desta natureza. Fiquei sensibilizado com as condições de vida destas pessoas, de tal modo que já penso em projectos que possam ter algum impacto nesta comunidade"*

Apreciação de outro aluno perante a experiência, demonstrando as matizes de inscrição que acções desta natureza imprimem nas vivências de cada um. Este CE decorreu durante cinco dias — 14 a 18 de Junho de 2016 — envolveu dois professores e três alunos do M\_EIA, numa estadia que considero ter tido mais impacto visível nas pessoas do Planalto do que nos nossos alunos. Isto porque o Planalto não é uma realidade fácil de incorporar, o calor e a secura do lugar, a racionalidade na utilização da água, responsabilidade pelo sustento, longas distâncias percorridas a pé, um programa intenso: um enquadramento que carece de motivação adicional para encontrar alguma poesia nesse lugar. Como 'formar' professores para o confronto com os 'Planaltos' que existem em Cabo Verde, vivenciando os constrangimentos e as incertezas que encontramos nessas realidades como sendo possibilidade de agir é uma pergunta para a qual no M\_EIA procuramos resposta, perante a qual os *deslocamentos* de pessoas e sensibilidades facultados pelos Campos de Estudo fazem-nos acreditar e persistir nesta ideia.



A segunda casa a ser caiada no âmbito da acção 'Caiar o Planalto'. Nha Antoninha de Júlio quis tornar a sua casa mais fresca para melhor poder receber os turistas que ela recebe. Foi a primeira pessoa da comunidade a ter esta actividade como uma fonte de rendimento, mesmo que aleatória. Neste momento outras pessoas da comunidade já recebem turistas nas suas casas.

As cumplicidades e convivências entre actores do M\_EIA e do Planalto foram traduzidas num outro CE, cuja implicação será a criação da 'Comunidade do Alimento do Planalto' uma escrita partilhada no último ponto desta tese.





## **“Nós somos os flagelados do Vento-Leste!**

A nosso favor  
não houve campanhas de solidariedade  
não se abriram os lares para nos abrigar  
e não houve braços estendidos fraternamente para nós

Somos os flagelados do Vento-Leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança  
Aprendemos com o vento o bailar na desgraça  
As cabras ensinaram-nos a comer pedras para não perecermos

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Morremos e ressuscitamos todos os anos  
para desespero dos que nos impedem a caminhada  
Teimosamente continuamos de pé  
num desafio aos deuses e aos homens

E as estiagens já não nos metem medo  
porque descobrimos a origem das coisas  
(quando pudermos!..)

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos  
E as vozes solidárias que temos sempre escutado  
São apenas  
as vozes do mar  
que nos salgou o sangue  
as vozes do vento  
que nos entranhou o ritmo do equilíbrio  
e as vozes das nossas montanhas  
estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!”



PARTE III . PONTO 1

## PLANALTO COMO LUGAR: O ENCONTRO

[UM RETRATO COM PREMISSAS ETNOGRÁFICAS:  
reconfigurações a partir de um Diário de Campo]



Literalmente, o lugar onde nascem as nuvens, o Planalto como reduto do sensível que se reposiciona a cada momento.

### ***As pessoas e os bichos do Planalto***

Não obstante este exercício do confronto de uma realidade com os seus limites físicos, impera referir que os limites da acção das gentes desta comunidade se estendem em coordenadas difusas, não fossem na sua essência pastores e produtores de queijo num território inóspito, tendentes a percorrer amplas extensões de montanhas, desde a última nascente de Cinta, destino diário de adultos, jovens e crianças, reduto da água potável necessária à subsistência de homens, cabras e burros, ao cabeço mais dis-

tante que a vista abarca, viagens diárias à procura do risco, o sustento dos bichos que por sua vez irão sustentar o futuro dos homens. Os limites que a vista abarca a partir do ponto de vista Queimado incorporam cerca de 16 casas, a Cooperativa dos Resistentes do Planalto, o campo de futebol, vários currais, o parque de energia solar, a casa do queijo, a casa dos Meninos do Planalto, a imponência do Topo de Coroa mais a cordilheira que a acompanha.

Chã de Feijoal posiciona-se nas coordenadas 17° 03'16.78"N - 25°15'16'.01"W, em pleno oceano atlântico, a menos de 500 quilómetros da costa ocidental do Senegal, lugar onde emergem 10 ilhas das profundezas vulcânicas, num território de 4033 Km<sup>2</sup> — Cabo Verde — o meu arquipélago. Nesta nação insular desenhada por uma imensidão de montanhas e vales sulcados por canais vazios, deparamo-nos com o Planalto Norte, um território com uma paisagem lunar onde resistem várias comunidades, entre as quais Chã de Feijoal, um dos lugares de cumplicidades nesta tese.

Foi neste lugar que decorreram várias imersões, num processo de investigação aplicada que pretende contribuir com 'outros desenhos' de práticas e investigação em educação artística, numa comunidade onde habitam cerca de 16 famílias, que resistem e persistem num lugar inóspito, à mercê de secas sistémicas e da infertilidade das suas terras. Gente que se dedica fundamentalmente à pastorícia de caprinos, ao fabrico de queijo e à agricultura de subsistência, numa vivência quase esquecida, de resistência, em que os ventos da mudança chegaram ao Atelier Mar/M\_EIA (Instituto Universitário de Arte Tecnologia e Cultura), a instituição universitária caboverdiana de minha pertença.

À data desta escrita (janeiro de 2016), perfazem vinte e nove meses de viagens ao Planalto. A minha primeira incursão nesse território, no âmbito desta tese, ocorreu no dia 21 de Julho de 2013, numa estadia continuada de dez dias. Foram dias significativos, de plena comunhão com a comunidade, nos quais ocorreram momentos que indicaram possibilidades de pertença, uma condição determinante para trabalhos de natureza antropológica, território onde nos pretendemos posicionar.

Na primeira imersão no Planalto comunguei da potência em devir nesse território, um sentimento estranho da vivência de uma realidade

suscitada pela escrita, um conforto com a ideia de potencialidade que subjaz esta tese, a premissa do “mudando sendo” como possibilidade de conciliação de posições eventualmente contraditórias mas não excludentes. Ao longo do processo de vivência da investigação que se traduz nesta escrita esta dicotomia subsistiu, tanto ao nível do investigador como dos ‘sujeitos das comunidades’, um traço que urge assumir/ sustentar com práticas concretas. A dimensão da subjectividade, das possibilidades, da inclusão de imponderabilidades e de incertezas deverão ser vectores claros de sustentação da acção, a única possibilidade de construção de actos no devir do Planalto.



As cabras e as montanhas fundem-se na paisagem numa harmonia cromática e vivencial.

Defronte do Queimado, o lugar onde se localizam dois abrigos, a ‘Casa dos Meninos do Planalto’ e a casa da Tanha e do Aníbal — eu mais o Jailson mapeamos os limites de Chã de Feijoal, as casas, as pessoas, as famílias e os burros que a visão e a percepção abarcou. Acontecimento ocorrido no sexto dia da primeira imersão no Planalto (26 de Julho de 2013). Sem vacilação o meu interlocutor identificou as dezasseis famílias

que constituem a comunidade, auxiliou-me na 'quantificação' das pessoas e animais da comunidade.

A comunidade de Chã de Feijoal é na sua maioria constituída por crianças e jovens (65%) distribuídos maioritariamente por duas família — Lima e Guilherme — que representam 70% das pessoas da comunidade. Esta expressão de crianças e jovens na comunidade é um potencial em risco, um problema que se coloca na maioria das comunidades remotas do país, perante as quais as autoridades não têm encontrado resposta que preserve a sua continuidade nos seus territórios. Depois de concluir o 6.º Ano as crianças deslocam-se para Porto Novo, Ribeira Grande ou Ponta do Sol para continuarem os seus estudos. Os jovens que concluem o 12.º Ano, ou ingressam no serviço militar ou regressam para a comunidade, alguns deles integrando as lides agrícolas ou pastorícias que outrora ficou num segundo plano.

Na altura deste levantamento (julho 2013), das 400 cabras mais os 40 burros que fazem parte da comunidade, 87% dos caprinos pertence à família Lima e quase 60% dos burros também, um dado potencial para possíveis estratégias de envolvimento desse grupo em projectos familiares de futuro [algo difícil de acontecer devido ao fraco entrosamento familiar constatado posteriormente]. É nesta família que se encontram os dois únicos produtores do queijo curado, uma linha de força de futuro para o queijo do Planalto. É também nesta família que se encontra o António Sabino, um produtor de referência, homem de múltiplas competências (mestre de obra responsável pela construção da cisterna financiada pelo GEPE; pela construção dos nossos abrigos no Planalto; ex-presidente da Cooperativa dos Resistentes do Planalto) — irmão do Aníbal Sabino, actual presidente da Associação de Produtores do Planalto, jovem trabalhador, único na pegada do irmão na produção de queijo curado.

À excepção de Nha Maria Josefa Fortes todas as famílias de Chã de Feijoal são criadores de cabras e agricultores, para além de encontrarmos quase metade dos homens da comunidade aptos a trabalhar como pedreiros ou áreas afins da construção civil. A atitude de inscrição nos problemas e lides do dia a dia com afinco e perseverança transborda para outros contextos de trabalho, fazendo com que seja possível encontrar disponibilidade e competência nos homens da comunidade para construir as suas próprias habitações, complexas cisternas de captação de água da

chuva, fornos para cozer o pão, a sua própria Cooperativa de consumo, as suas casas de queijo, estruturas de ordenha, etc.

Este mapeamento de pessoas e bichos da comunidade foi uma acção realizada num momento específico, sem uma lógica temporal definida num cronograma específico, simplesmente acontecendo no momento em que eu e o Jailson (meu companheiro de viagens pelo Planalto e fonte de dados neste mapeamento), sentados num morro que permite abarcar todas as casas de Chã de Feijoal, auxiliou-me na construção de um referencial quantitativo, que noutros momentos teria os reajustamentos necessários. Foi este o mote para construir um registo de naturalidade e de pertença nesta investigação, uma postura da não explicitação formal de um acto investigativo perante a comunidade, tanto nesse momento como no decorrer de todo o processo.

### ***Os acessos.***

Pode-se aceder ao Planalto Norte de várias formas, com diferentes níveis de dificuldade, sendo o mais fácil e rápido pelo *Google Earth*. Tirando esta opção, as outras três possibilidades têm particularidades e complexidades. Começando pelo menos usual, subindo pelas rochas, via Ribeira das Patas, a única entrada que ainda me falta percorrer. Defronte da Bordeira, o lugar onde as pessoas da comunidade passam para ir a Cinta, ou se deslocam para obter o sinal de rede para estabelecerem uma comunicação através do telemóvel, deparamo-nos com uma paisagem avassaladora. Estamos a 1400 metros de altitude, na cota mais baixa encontra-se a Ribeira das Patas, ao fundo Lajedos, mais a norte a estrada de Alto Mira. Desta localização pode-se descer ou subir até ao Planalto, numa viagem pelas bordas das rochas, íngremes e tortuosas, uma viagem que ceifou muitas vidas. Lembro-me de uma conversa com a Tanha, na qual ela dizia-me que o pai e o irmão morreram numa viagem pela Bordeira. Hoje ficamos deslumbrados com a viagem, com a paisagem. Turistas de várias nacionalidades viajam com o auxílio de um guia e de equipamento de caminhada *hiTech*, munidos de máquinas fotográficas de alta resolução, capta-se uma realidade que posteriormente se partilha 'intime' nas redes sociais, o sujeito moderno em comunhão com os resquícios de uma sociedade distante.



A Bordeira é um dos pontos de acesso à comunidade, a partir da Ribeira das Patas, a comunidade que 'acolhe' por gravidade a água das nascentes de Cinta, a mesma água que a comunidade de Chã de Feijoal só consegue aceder em viagens de quase três horas, utilizando os burros para transportar duas embalagens de 20 litros em cada viagem; é o lugar de passagem obrigatória a caminho das nascentes de Cinta; o lugar onde as pessoas da comunidade se deslocam para estabelecer uma comunicação através do telemóvel;

É a essa Bordeira que os habitantes de Chã de Feijoal se deslocam para entrar em comunicação com outras pessoas. É onde têm o sinal de rede móvel e de televisão. Para as gentes da comunidade a Bordeira fica a uma distância de 30 minutos do seu lugar, e quando sentem o "ímpeto Benfica", organizam-se: um gerador, uma televisão e uma antena é o equipamento que se mobiliza para se encaixarem numa furna escavada numa rocha de pozolana, na qual veem, deslumbrados, uma partida de futebol. O futebol é uma paixão desta comunidade. Homens, mulheres e jovens de todas as idades jogam futebol. Na Bordeira, o segundo acesso ao Planalto, estamos a uma hora das nascentes de Cinta, as únicas nascentes de água potável que a comunidade de Chã de Feijoal tem acesso. Um acesso longo, distante e perigoso. Ironia da natureza: é essa mesma água que irriga o vale verdejante da Ribeira das Patas e Lajedos.



A viagem ao Planalto Norte pela estrada que dá acesso ao Tarrafal de Monte Trigo é um momento ímpar. A 1200 metros de altitude estamos perante um cenário que sensibiliza qualquer pessoa. No sentido do Planalto somos confrontados com uma cordilheira de montanhas com uma imponências de formas, volumes e texturas; ao fundo o azul do céu a esbater-se no mar que separa Santo Antão de S.Vicente; uma brisa fresca trespassa os sentidos inspirando qualquer sensibilidade.

A terceira forma de chegar ao Planalto Norte faz-se pela estrada que dá acesso ao Tarrafal de Monte Trigo. De Porto Novo rumam-se a Sul, em direcção à Ribeira das Patas, e no Ponto Sul vira-se à esquerda, em direcção ao Tarrafal de Monte Trigo. Até à bifurcação Tarrafal/ Planalto Norte são cerca de 35 Km, numa das viagens mais memoráveis que tenho feito. Em diversas épocas do ano, momento do dia ou tipologia de transporte, trata-se, efectivamente, de uma viagem aos recônditos de uma sensibilidade que se quer permeável aos sentidos, ao posicionamento acima das nuvens, literalmente.

À medida que se embrenha nesta viagem, ondulada pelos contornos das montanhas que nos acolhem (qual ventre magmático que nos lembra as complexidades de uma origem e as dificuldades de uma vida quotidiana), deslumbramo-nos com as cordilheiras, com as nuances dos castanhos das montanhas contrastando com o azul do céu, num contínuo galgar montanhas que nos deixa acima das nuvens. Trata-se de uma sensação única, tanto da primeira vez vivida, como das outras em que temos a oportunidade de chegar a esse território, que nos oferece um outro Cabo Verde, ainda distante das pressões e das transformações de

uma modernidade que as rochas questionam. Aqui a estrada é de calçada em paralelos de basalto. Em Santo Antão — por razões diferentes — esta estrada só tem rival com a estrada antiga que liga o Porto Novo a Ribeira Grande.

Esta estrada que liga Porto Novo ao Planalto encontra jus nas ecologias de Guatari. Aqui encontramos um sentido no fazer. Esta estrada contrapõe-se às entranhas de alcatrão que povoam as ilhas neste momento. Aqui sente-se uma viagem em comunhão com o contexto, com a energia que emana da terra, com a manutenção oportunamente feita com a matéria prima retirada no local, com as pessoas do lugar empenhadas com os seus conhecimentos e mais valias obtidas em cada paralelo que se coloca. Esta estrada faz-me acreditar num sentido que em tempos houve nos caminhos que Cabo Verde trilhou, esse mesmo sentido que encontrei nesta viagem ao Planalto. A meio do troço da estrada de calçada, cerca de 1200 metros de altitude, passamos por uma cisterna que os habitantes de Chã de Feijoal denominam de 'água de Sul'. Sempre que possível, a caminho das suas casas, levam água dessa localidade que dista uma hora de carro do seu lugar. As lides à volta da água caracterizam a idiosincrasia das gentes do Planalto.

Continuando a viagem, passamos pela localidade de São Tomé, uma outra comunidade produtora de queijo, que em algumas circunstâncias e projectos se associa à comunidade de Chã de Feijoal. Daqui estamos a cerca de 10 minutos (de carro) da bifurcação Tarrafal de Monte Trigo/ Planalto Norte. Chegados à bifurcação, viramo-nos à direita e estamos em terra batida. É preciso fazer uma paragem. A paisagem impõe-se. Estamos à 'entrada' do Planalto Norte, a 1400 metros de altitude, com uma profusão de tonalidades de castanho a pressionar o nosso olhar, ao fundo o sítio onde nascem as nuvens, ladeado pela imponência do Topo de Coroa, 1979 metros de montanha acima do nível médio das águas do mar.

Continuamos a viagem, agora prestes a 'embrulhar' na imensidão de poeira que nos acompanha. Até Chã de Feijoal temos uma viagem de 25 minutos pela frente. A poeira adensa-se, aumenta, em perfeita sintonia com o avanço da nova estrada até o Tarrafal de Monte Trigo. Camiões de mais de 10 toneladas galgam estas montanhas, carregados de jorra que extraem de jazidas do Planalto, deixando um rasto de poeira, estradas desventradas com terra solta, pasto infestado de poeira castanha, que quando consumido pelas cabras causam a moléstia.

Numa das últimas viagens ao Planalto deparei-me com a extração de pozolana à beira da estrada, num processo de esventramento que remete para o ataque visceral feito ao longo dos anos ao vulcão do Calhau, em S.Vicente. Neste momento o Ministério do Ambiente tenta remendar o vulcão... Especulações, pressões, ausência de fiscalização de quem de direito. Com que normativo e partilha de dividendos uma empresa de construção de obras públicas pode aceder a um património colectivo, sem uma partilha das vantagens com a comunidade mais próxima? Continuando a viagem até Chã de Feijoal, passamos por Bolona, Lagoinha, Campo Grande, Ribeira Larga, até se vislumbrar o lugar do nosso destino. Agora ao escrever lugar de destino viajei para o livro de Vitor Papanek, *Arquitectura e Design - Ecologia e Ética* (2007), no qual ele assume como uma lição para o urbanismo, o desenho de um lugar como destino da viagem e não como uma passagem, elencando as características que esse mesmo lugar-destino deverá ter, tudo o que o Planalto não contempla, mas que não o inviabiliza como um lugar para onde caminhamos. O Planalto não tem ruas, igreja, comércio, bombeiros, centro de saúde ou outros equipamentos colectivos que possam qualificá-lo em termos urbanístico ou de destino, mas, efectivamente, o Planalto Norte é um lugar de destino. Mesmo não tendo essas qualificações, o que existe no Planalto que nos faz senti-lo como um lugar-destino? Assim chegamos ao Planalto por esta terceira via, sendo a quarta via a mais longa, uma viagem normalmente realizada quando se parte do Planalto.

A quarta forma de chegada ou de partida do Planalto faz-se via Ribeira da Cruz. Trata-se da viagem mais longa e difícil ao Planalto, mas que vale a pena fazer-se. Quem vem do Porto Novo, em vez de cortar no sentido Sul em Ponto Sul (a terceira viagem descrita), continua no sentido de Lajedos, Ribeira das Patas, Alto Mira, Ribeira da Cruz. A localidade da Ribeira da Cruz fica a Norte de Chã de Feijoal, numa cota próximo do nível médio das águas do mar, trata-se de um sítio verdejante, com uma grande produção agrícola, com características semelhantes às da Ribeira das Patas. De novo um sítio de passagem para as gentes do Planalto, um lugar a caminho do seu destino, as montanhas áridas e ressequidas a 1400 metros de altitude. Chegados a Ribeira da Cruz começa-se a subir por uma estrada labiríntica, sem guarda, por sítios onde passa um carro de cada vez, onde com frequência ficamos sem respirar, tanto pela paisagem como por um sentimento de segurança necessária para que o respirar não faça desmoronar a estrada. Vamos passando por vários lugares — Miguel Pais,

Gírio, Chã de Morto — até que chegamos ao Chã de Feijoal, com paragem obrigatória na Cooperativa de consumo os Resistentes do Planalto Norte. Aqui encontramos o Alcindo Lima, o balconista que nos oferece uma água fresca ou qualquer outra bebida que apeteça!



Um conjunto de cisternas construídas no leito de uma ribeira com capacidade para 420 Toneladas de água. A construção de uma outra cisterna com a mesma capacidade, e num bom ano de chuva, poderia resolver o problema de consumo de água para os animais da comunidade.

## ***Equipamentos.***

Espelhos de água, cisternas e recipientes de plásticos de 25 litros. Estes três “equipamentos” são prioritários na vida das pessoas do Planalto Norte. Os espelhos de água são grandes extensões de áreas cimentadas, que captam e canalizam a água das chuvas para as cisternas construídas no subsolo. Ao longo de uma viagem até ao Planalto deparamo-nos com esses equipamentos distribuídos pelos leitos de água, obras construídas pelo Ministério de Desenvolvimento Rural. As cisternas são outro equipamento fundamental para a comunidade. Individual ou colectivo, representam a possibilidade de armazenamento de água para os animais, tanto através da captação da água da chuva como comprado em Porto Novo e transportado em camiões cisterna. Cada camião cisterna tem a capacidade de 10 toneladas de água (salobra) e custa 20.00 ECV. Eventualmente, trata-se do custo de água mais alto em Cabo Verde — 2.000\$00 uma tonelada — contrapondo com um custo cerca de 200\$00 uma tonelada

em S.Vicente. Para além das cisternas individuais associadas aos espelhos de água existem outras cisternas colectivas. A Câmara Municipal do Porto Novo responsabiliza-se por uma 'Sentina' com capacidade de 11 toneladas, abastecida quinzenalmente. A gestão é feita por Nha Silvestra, que se responsabiliza pelo fornecimento de 4 'plásticos' de 25 litros a cada família, com o custo unitário de 20\$00. Existe uma outra estrutura importante de captura e armazenamento de água em Chã de Feijoal, construída pelo GEPE e com o envolvimento do M\_EIA e do Atelier Mar. Trata-se de um equipamento implantado no leito de uma ribeira, com capacidade para armazenar 420 toneladas de água da chuva. Esta cisterna foi construída com materiais locais, envolvendo as pessoas da comunidade, a partir de um projecto concebido pelo departamento de arquitectura do M\_EIA. Não obstante a importância destes equipamentos de captação e armazenamento de grande porte, a embalagem de plástico de 25 litros é o equipamento charneira no Planalto. Presente em toda a habitação do Planalto, trata-se de um equipamento de grande portabilidade onde se transporta e armazena água para o consumo humano. É este equipamento que se utiliza para o transporte de água nos burros nas viagens diárias entre Cinta e Chã de Feijoal.



A tecnologia de cobertura utilizada para a construção da cisterna de 420 toneladas de capacidade sendo transferida para a cobertura de uma habitação.



### ***As montanhas do Planalto.***

Por ordem de prioridade, com a subjectividade que a escolha acarreta, as montanhas do Planalto, esse espaço circundante que abriga cabras, homens e burros é o equipamento/dispositivo de relevo nesta realidade. Defronte do Queimado, o lugar onde se encontra localizada a 'Casinha dos Meninos do Planalto', ao longo dos três anos de imersão no Planalto assisti a conversas entre pastores os quais localizavam as cabras nas montanhas com precisão e sem hesitação. Assim fiquei familiarizado com a toponímia local, fui entendendo que do lado esquerdo da instalação dos painéis solares é o 'Cavoquinho de Pulgueira', acima fica a 'Ribeira de Cavoco d'Chiqueiro', ao lado 'Lajedos', encimado pelo 'Curral de André', já no sopé da montanha defronte ao meu abrigo. Andando no sentido do Topo de Coroa temos o 'Lombo de Galinha', a 'Covocona' e no alinhamento da casa do Ramiro se encontra o 'Gude de Panela Quente', a partir do qual se começa a descer para uma parte mais plana: 'Chã de Soncente'/'Ribeira de Isec-Cnaná'/'Ribeira Largo' e 'Campo Grande', a extensão de planície que se vislumbra antes de chegar ao Chã de Feijoal. Seguindo na direcção Leste encontramos o 'Monte Jacinto', quase no cume do 'Lenhal', acima da 'Bordeira', o lugar que 'separa' o Planalto Norte da Ribeira das Patas e Lajedos, um lugar de passagem diário das gentes de Chã de Feijoal, a caminho das nascentes de Cinta, o único local com água potável nestas paragens. Qualquer que seja a 'localização' nestas montanhas, torna-se de difícil descrição a proliferação de cores e texturas que impregnam os sentidos aquando duma viagem pelos seus meandros. Em cada ponto há um recorte que foca a nossa atenção, numa imensidão de tonalidades de castanho, salpicadas por apontamentos de 'Risco' e 'Lilua', as únicas vegetações que teimam em primar nesta paisagem indiferente aos sentidos não sintonizados com a sua crueza.

## ***A Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte***

Trata-se de um equipamento charneira na vida da comunidade de Chã de Feijoal e arredores. Todos os dias, pessoas, burros e cabras cruzam-se neste espaço, quer seja de uma forma directa ou indirectamente. Directamente temos as pessoas que encontram nesta Cooperativa de consumo todos os insumos para as suas necessidades alimentares e domésticas. Arroz, feijão, milho, óleos, enlatados, pão, bolacha, sabão, batata, cebola, ração para os bichos, etc. Etc., encontra-se o fundamental para o dia a dia nesta Cooperativa. Na terceira parte desta escrita as particularidades deste equipamento serão partilhadas.



A Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte é um equipamento estruturante na vida da comunidade. Aqui encontra-se alimento para pessoas e animais a um custo justo, uma filosofia incorporada no Planalto.



A escola Básica do Planalto é composta por duas salas de aula, uma cozinha rudimentar e um pátio. Tem 22 alunos distribuídos por seis níveis de ensino, orientados por dois professores. Nesta escola o currículo e as aprendizagens esperadas dos alunos são semelhantes ao que acontece em qualquer escola do país.

### ***Escola Básica de Chã de Feijoal***

Dista 15 minutos do Queimado, em direcção ao sítio do Ramiro. Localizada ao cimo de um morro, trata-se de uma construção em blocos de cimento, com uma cobertura plana, constituída por duas salas de aula, uma cozinha e um amplo pátio numa área total com cerca de 250 m<sup>2</sup>. As salas são exíguas, mas têm uma boa iluminação, dispõem de mesas e cadeiras gastas pelo tempo, um armário e um quadro preto. A escola tem 22 alunos distribuídos por seis classes e dois professores, apoiados por uma mulher da comunidade que trata das limpezas e das refeições. As aulas funcionam durante o período da manhã (08:00 às 13:00 H), com um intervalo entre às 10:00 e 10:30 horas onde os alunos têm uma refeição quente. É neste equipamento que os alunos de Chã de Feijoal e arredores obtêm a sua escolarização básica, antes de optarem por continuar na comunidade, com a vida do dia a dia, ou deslocarem-se ao Porto Novo ou Ribeira Grande para continuarem os seus estudos (caso os familiares tenham possibilidades de financiar a continuidade dos estudos). Na escola de Chã de Feijoal existe um professor com a mesma formação e perspectiva de ensino que um professor que lecciona em Porto Novo, S.Vicente ou Santa Catarina; na escola de Chã de Feijoal os alunos estudam as mesmas matérias que os alunos de S.Vicente, Santiago ou Sal; na escola de Chã de Feijoal temos meninos que após as aulas tratam das cabras, dos burros e da água, uma realidade ímpar em Cabo Verde; na escola de Chã de Feijoal os alunos querem ser Gestores de Empresas ou Informáticos quando concluírem a sua formação académica.



2016, 14 a 18 de Junho. No âmbito de um Campo de Estudo realizado com alunos e professores do M\_EIA as cores inundaram a escola formal, uma experiência pouco vivenciada pelas crianças de Chã de Feijoa.

*[Na escola de Chá de Feijoal existem dois professores, um masculino e outro feminino. Torna-se evidente os diferentes envolvimentos e nível de empatia em cada um; trespassa uma certa infelicidade no estar da professora, o que levou-me a questionar os critérios utilizados para a colocação de um professor no Planalto. Serão os critérios os mesmos para todo território nacional de Cabo Verde? Nunca tinha colocado esta questão. Efectivamente, se o sistema está desenhado de forma a permitir que qualquer professor ao concorrer possa ser colocado no Planalto Norte, e sentir-se motivado e preparado para assumir o desafio imposto, estamos perante um desajuste que poderá dificultar um desempenho consequente. Isto porque assim como o Planalto cativa, motiva, inspira, o contrário poderá acontecer caso não ocorra uma sintonia entre o território e o sujeito, o toque fundamental para que um professor possa caminhar no sentido da comunhão da sua missão com a secura das montanhas, uma realidade perante a qual se despoletam as aprendizagens que se querem reais e em conformidade com a vida em cada momento].*



### ***As casas de Queijo***

Existem cerca de oito casas de queijo em Chã de Feijoal, espaços que foram construídos em dois momentos específicos, com o envolvimento de parceiros externos. A primeira casa de queijo em Chã de Feijoal foi construída com o apoio do Atelier Mar, no âmbito do projecto Porto Novo Rural. Para além de proporcionar melhores condições de fabrico do queijo fresco, esse equipamento teve a particularidade de incluir uma gruta de cura de queijo, uma opção inovadora que catapultou o queijo do Planalto para um outro patamar. A opção de cura de queijo veio resolver um dos problemas de escoamento do queijo fresco, bem como permitiu colocar um novo produto no mercado nacional. Neste momento existem três produtores que fabricam queijo curado no Planalto, um número que deverá crescer à medida que forem entendidas as vantagens e criadas as condições de sustentabilidade desta opção.

Para além desta primeira casa de queijo, existem mais sete casas de fabrico de queijo em Chã de Feijoal. Estas casas foram construídas com o apoio do *Ministério de Desenvolvimento Rural*, que forneceu 10 sacos de cimento a cada produtor que quisesse aderir à iniciativa. Hoje conseguem fabricar o seu queijo em melhores condições higiénicas.

## ***Grutas de Cura do Queijo***

Existem três grutas de cura do queijo no Planalto, e representam uma opção de futuro na produção de queijo nesse lugar. Escavadas em rochas de pozolana, estas grutas permitem manter a humidade nos 15° de temperatura necessárias para que após 18 dias comece a gerar este novo produto. Após a construção da gruta de cura na primeira casa de queijo construída em Chã de Feijoal, 3 produtores se associaram e detêm as outras duas grutas, havendo indício de outras em construção. Na primeira casa de queijo localiza-se a primeira gruta de cura, que necessita de alguma melhoria para que o processo seja possível ao longo do ano. Esta impossibilidade motivou um produtor a construir a segunda gruta, que numa outra localização tem obtido bons resultados de cura ao longo de todos os meses do ano. A obtenção das condições próprias para a cura do queijo não representa investimento significativo; o produto é valorizado no seu valor monetário; todos os produtores tiveram formação para o fabrico de queijo curado.

## ***Os currais***

São equipamentos com tipologias e “proximidades” diversas, consoante o período do ano e a disponibilidade geográfica do produtor. Cada produtor tem um ou dois currais, consoante a sua estratégia de produção. Normalmente, o curral situa-se próximo da habitação do produtor, um espaço murado com uma área suficiente para o abrigo do rebanho (entre 40 a 50 cabras), com um anexo para armazenamento de utensílios e dispositivo de ordenha de animais. Tratam-se de espaços construídos de uma forma rudimentar, sem preocupações tecnológicas acrescidas ou de organização espacial. Os currais próximos das habitações dos produtores têm uma utilização mais intensiva aquando do tempo da seca, um período no qual a alimentação dos animais é feita com base em ração, que se adquire na Cooperativa em Chã de Feijoal, um dos factores que contribui para essa proximidade. Outra razão que define a localização de um determinado curral é a disponibilidade de área de pasto. Aquando da existência de erva nos campos, alguns produtores organizam as suas cabras no campo, bem como todo o processo de fabrico de queijo, em ‘casebres’ ou ‘castelos’ construídos para o efeito. São os casos do Aníbal e do Ramiro, o primeiro com o seu dispositivo organizado no sopé do Topo de Coroa e o segundo no Morro.



Depois de um dia intenso de trabalho ainda há tempo para um jogo de futebol para 'descansar o corpo'...

### ***O campo de futebol***

O campo de futebol é um espaço de eleição da comunidade. Situado defronte do Queimado, este rudimentar equipamento tem um papel importante na vida da comunidade, quanto mais não seja pela sua localização na zona central de Chã de Feijoal. Com dimensões regulares de um campo de futebol de 11, os seus limites são definidos por paredes de terra que conformam um rectângulo abaixo do nível de estrada, no qual a terra solta completa o cenário para fotografias dignas do *world press photo*. Homens, mulheres e crianças são adeptos do futebol, jogam sempre que possível, em contextos e momentos pouco usuais. Durante as férias lectivas, e com a chegada dos jovens que estudam em Porto Novo e Ribeira Grande, grandes partidas de futebol são realizadas. Os jogos começam à tardinha, depois das lides do dia a dia, em disputas que continuam até ao lusco-fusco, momento em que ouve-se somente os passos e murmúrios de gente que corre atrás de uma bola, de quando em vez uma exclamação que indicia um momento de êxtase dos 'desportistas'.

### ***Associação Recreativa e Desportiva de Chã de Feijoal.***

A associação é constituída por corpos eleitos formalmente, com contas organizadas, uma prática vigente em todos os “organismos” do Planalto. Presentemente o presidente da Associação é o Anibal, sendo tesoureiro o João. Neste momento a sede localiza-se numa casa alugada, com dois quartos e um quintal. Num dos quartos funciona o bar, no outro dança-se. O bar tem um balcão improvisado, um frigorífico, uma estante e um banco corrido onde se jogam às cartas. No espaço de dança existe um equipamento de som, no tecto uma esfera com espelhos que projecta luzes multicores, criando uma áurea de discoteca. No quintal, um matraquilhos com uma ‘vida longa’ compõe o ambiente. Esta sede substitui a primeira sede da associação, o Bar Pitanga, que conheci da minha primeira estada na comunidade. Esse lugar ficou na minha memória como sendo o ‘bar’ mais *sui generis* que frequentei até então. Uns exíguos 3 metros de comprimento e 1 de largura compunham o lugar onde os homens se reuniam durante os fins de semana. Ao fundo encontrava-se uma estante com algumas bebidas, rebuçados e o livro de contas em exposição, tudo encimado por uma vela, a única iluminação do local. A meio do espaço encontrava-se o balcão, um tambor de 100 litros com uma tábua em cima. As dimensões do espaço somente permitiam que os pedidos fossem feitos e consumidos no exterior, o que não coibia os ‘utentes’ de utilizar este espaço com frequência e com uma naturalidade que enternecia a sensibilidade de quem vinha de fora. Quer na sede actual da Associação ou no antigo bar Pitanga, o espaço funciona somente aos fins de semana ou durante momentos festivos. A comunidade tem a consciência de que o seu dia a dia não se compraz com uma frequência diária de espaços de convívio/lazer. Os dias começam de madrugada no Planalto, em rotinas e fazeres que pressupõem disponibilidade física que não se comprazem com práticas de lazer ao longo da semana.

### ***Reflexões que ocorrem num primeiro encontro com os segmentos do dispositivo Planalto.***

Um dos aspectos que se evidencia no Planalto é uma dinâmica de grupo por inerência ao modo de funcionamento da comunidade. Quer seja a Cooperativa, a Associação Recreativa, as Casas de Queijo ou o carro que neste momento permite o escoamento dos seus produtos, estamos perante pessoas que se organizam de forma a melhor responderem aos problemas com que se deparam, fazendo com que se infira da existência do entendimento da aglutinação de forças como forma de superar as dificuldades encontradas num contexto específico, uma estratégia que poderá aplicar-se aos processos de aprendizagem social preconizados por Manzini, e que no Planalto acontecem sem que haja demasiada interferência externa. No concreto deparamo-nos com lugares, espaços, equipamentos e pessoas que desenvolvem projectos nas suas especificidades, comungam de princípios comuns. No entanto as vivências implicadas durante a imersão na comunidade permitiu constatar alguma dificuldade em partilhar as particularidades das dinâmicas dos projectos, que se tornam pouco explícitos para a comunidade, minimizando sinergias possíveis e transformando-se numa fraqueza da comunidade. Foi o caso da percepção de um mal estar vivenciado pela comunidade pela forma como a tecnologia estava a ser disseminada entre os produtores, o que veio motivar a dinamização de uma formação no fabrico do queijo curado.

A Cooperativa é um dos equipamentos mais importante da comunidade, mas nem todos os adultos são cooperantes, pelo que desconhecem o potencial existente na Cooperativa, o que cria lacunas que podem ser preenchidas por pessoas que não vivem na comunidade. No presente o Presidente da Cooperativa é uma pessoa que não vive na comunidade, um facto cuja amplitude ainda não está interiorizada pela comunidade. Estamos perante uma estrutura que tem um *haber* de mais de 2.000.000 ECV — um caso de estudo considerando o lugar e o contexto — e que neste momento está a construir novas instalações. Assim como existe a Cooperativa com esse desempenho social e financeiro, a cura do queijo é uma outra linha de força do dispositivo Planalto ainda pouco 'perspectivada' pela comunidade. A principal queijaria já teve mais de 1000 queijos em processo de cura e se considerarmos o custo unitário 450\$00, estamos a falar de 450.000 ECV, um montante considerável para a economia local, ainda mais quando só três dos dezassete produtores de Chã de Feijoal

utilizam esta tecnologia. Uma dimensão que necessita de uma maior consciencialização local, um fenómeno não apreendido por estruturas nacionais que querem tornar as pessoas do Planalto 'empreendedoras', indiferentes às *lições* que poderiam retirar desse local e das especificidades dos diferentes territórios do país, onde o caso do Planalto Norte teria de ser considerado. O mesmo para políticas educativas, agrícolas ou rurais que são desenhadas sem equacionar as particularidades das localidades, insensíveis ao conhecimento que a persistência gera, uma força num desenho do futuro de um território maior a partir das experiências singulares.

O futuro do Planalto implica uma consciencialização e ampliação do processo de aprendizagem social que ocorre nesse lugar, fazendo com que toda a comunidade e cada um em particular entenda as possibilidades do lugar de uma forma mais explícita. Esta pretensão poderá encontrar caminho numa articulação da dimensão formal e informal das aprendizagens possíveis no Planalto, numa operacionalização de partilhas de aprendizagens com 'especialistas de fora' (i.e. veterinário, médico, artesãos qualificados, designer, etc.) que fariam a ponte com a vida em acontecimento no dia a dia das pessoas que pudessem ampliar as suas 'possibilidades' e por inerência a potencialidade do Planalto [um projecto em desenho].

As montanhas circundantes, um modo de vida em particular e a forma como as pessoas do Planalto acolhem quem chega de fora não deixa indiferente os operadores turísticos dos grande centros urbanos. De momento os turistas pernoitam uma, duas noites no máximo, e quando em grupo dormem em colchões fornecidos por operadores turisticos, mas estamos perante um cenário prestes a alterar. Neste momento existem interesses turísticos externos às gentes do Planalto, tão legítimos como o posicionamento nesta tese em que entendo existir uma potencialidade no Planalto que deve ser encarada numa lógica de dispositivo mínimo, onde o futuro acontece em sintonia com as aspirações e necessidades das pessoas da comunidade. Colaborar para que as pessoas da comunidade encontrem um equilíbrio desejável é onde me inscrevo neste particular.

A 'Casa dos Meninos do Planalto/ Biblioteca' é um lugar central na comunidade de Chã de Feijoal, facto reforçado pela sua proximidade à casa da Tanha — a responsável pela manutenção do espaço — e pela generosidade desta mulher. Pessoa de sorriso franco que oferece alimento a todo aquele que chegar a horas de uma refeição. A centralidade desse espaço que se expande de uma forma natural para além das suas paredes, permite-me pensar o papel desse equipamento nas aprendizagens ocorridas em diversos contextos da comunidade, em que se assume como ponto de irradiação das aprendizagens a acontecer nesta comunidade.

Estamos perante alguns dos segmentos do dispositivo Planalto que incorporam tanto a impotência como uma potência transformadora se imbuídos de um sentido mais amplo consignado pelos sujeitos que os operam, entendendo-os em transposições continuadas entre si, num entendimento amplo do campo de possibilidades onde se inserem. Aqui não se formaliza ideias ou conceitos relativos a cultura ou uma ideia específica de desenvolvimento, acredita-se e acompanha-se o caminho que essas pessoas constroem no seu dia a dia, perante o qual de certeza há outras aprendizagens a fazer.



Ter a oportunidade de subir os 1979 metros do Topo de Coroa na companhia do Aníbal, um dos líderes comunitários de Chã de Feijoal foi um momento com uma importância simbólica grande para as pessoas da comunidade, que teve reflexos positivos na forma como fui acolhido durante a primeira imersão no Planalto. Um momento tão importante como a primeira viagem às nascentes de Cinta.

## ***A flora: as Implicações do 'Risco' na Paisagem***

*2013, 24 de Julho [4.º dia da primeira imersão no Planalto]*

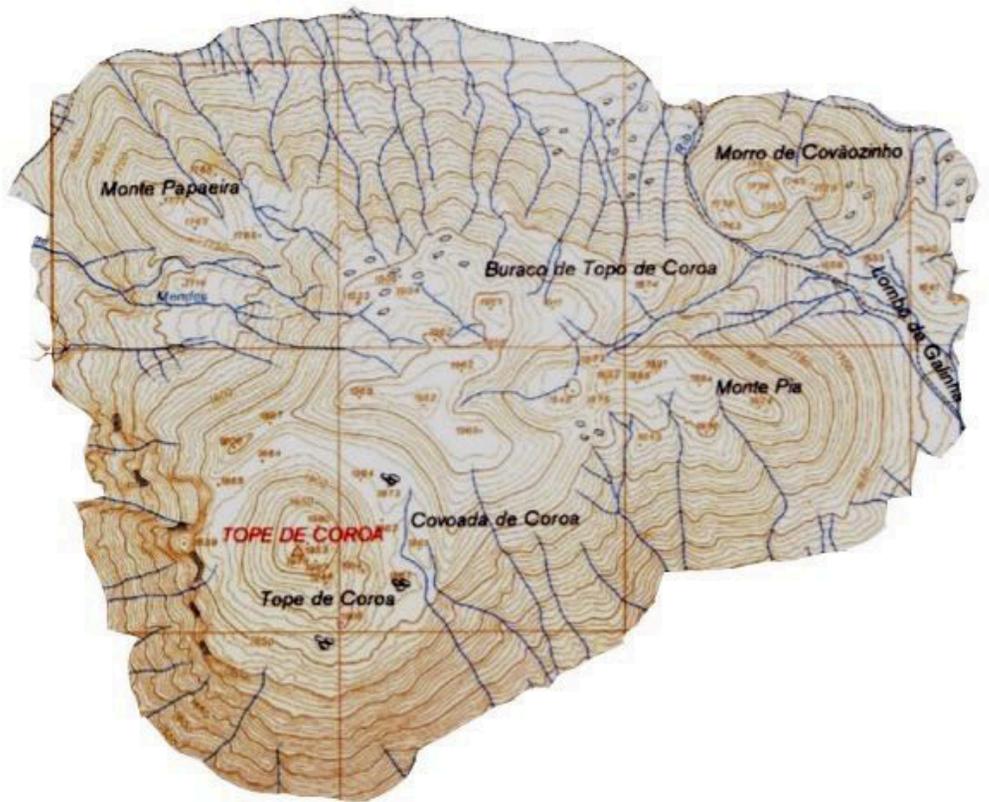
*Neste momento são 12:50h. Tenho a sensação que vivi dois dias desde que acordei, às 06:05h. Aqui no Planalto a minha programação do dia vai acontecendo naturalmente, em conformidade com a vida das pessoas e do que eventualmente possa interessar-me. Ontem tive a sensação que tive um dia memorável (A minha primeira viagem às nascentes de Cinta). Hoje já não encontro um adjectivo para caracterizar as primeiras seis horas do dia que vivi, tendo SUBIDO AO TOPO DE COROA, 1979 metros, o ponto mais alto de Santo Antão, que se situa aqui no Planalto Norte. Sinto que a dimensão imaterial da minha investigação ganhou consistência com esta viagem. Os 15 minutos passados no cimo do Topo de Coroa não se conseguem traduzir em palavras. Depois de três horas a caminhar, sempre subindo, chegar ao ponto mais alto de Santo Antão, comungar com o esmagamento do vulcão, com a amplitude das outras montanhas circundantes, esmagam-nos na nossa real dimensão e escala.*

*Uma sensação de transcendência nos trespassa, sentimos as dimensões passado e futuro do tempo a confluírem-se na mesma direção, a potencialidade inerente a uma realidade.*

*Eu, o Aníbal e o Jailson, partilhamos uns momentos especiais, sentimos uma força a respeitar no topo da montanha mais alta de Santo Antão.*

*Durante a subida fiz muitos registos fotográficos e conversei com o Aníbal. Fiquei a saber que a marcação do trilho até ao cimo não foi concluída por falta de empenho das pessoas da comunidade que foram contratadas para realizar esse trabalho, bem como por falta de uma fiscalização eficaz. Segundo o Aníbal os fiscais só vão até onde os carros chegam. A sensação da subida foi tão boa que durante o trajeto desenhiei um projeto para o Aníbal. O projeto se enquadraria nos pressupostos de desenvolvimento endógeno e neste caso concreto um projeto no âmbito do turismo solidário. Um grupo de pessoas chegam ao Queimado é acolhido nas habitações locais (à semelhança da experiência de Lajedós); a alimentação teria como base o que existe no planalto: papa de abóbora com leite; galinha de terra; queijo com doce de abóbora figa. O programa seria de dois dias (uma dormida) com o visitante a integrar um dia de uma pessoa na comunidade, quer seja homem, mulher ou criança. O outro dia se entitularia "meia-hora no Topo de Coroa".*

*A meia-hora passada no Topo de Coroa traduziu-se em acordar as seis da manhã, beber um gole de café na casa da Tanha; encher a carrinha de embalagens de plástico com várias capacidades, subir ao topo coroa (uma viagem de três horas); durante a viagem comer duas mangas beber água e comer umas bolachas, descer as montanhas pelas meredas, deslizar no areal, andar mais um bocado até ao sopé da montanha, até chegar ao abrigo de pastor do Aníbal, local onde quando há pasto o Aníbal faz a sua vida de pastor. Na casebre ele recolheu mais uns plásticos e fomos enche-los na cisterna que ele divide com o pai.*



Limites do Parque Natural de Topo de Coroa

O Parque Natural de Topo de Coroa situa-se na parte noroeste da ilha de Santo Antão, entre os meridianos  $25^{\circ} 16' 40''$  e  $25^{\circ} 18' 50''$  de longitude W e os paralelos  $17^{\circ} 1' 30''$  e  $17^{\circ} 3' 5''$  de latitude N. Estamos perante um cone jovem de 1979 metros cujas fachadas apresentam diferentes particularidades orográficas causadas pela sua exposição aos factores climáticos, que também condicionam a parca vegetação existente. A área dos solos, na sua maioria, despidos de vegetação, apresenta na sua encosta nortenordeste alguma cobertura vegetal — que se contrasta com a aridez da encosta situada a oeste — onde se destaca a imponência de frondosos exemplares de Tortolho (*Euphorbia tuckeyana*) juntamente de Losna (*Artemisia gorgonum*) e Marcela (*Nauplius daltoni*), espécies de inequívoca adaptação às adversidades do clima, da pressão antrópica inerente à existência no Planalto e do pastoreio livre.

Estamos num dos principais territórios que conflui para que cerca de 56% da ilha de Santo Antão seja considerado deserto, facto consignado à fraca pluviometria que se traduz em recursos hídricos insuficientes para garantir a sobrevivência de muitas espécies. A influente imponência da dorsal montanhosa divide a ilha em dois territórios com características climáticas quase opostos, um mais húmido e verdejante e a realidade seca do Planalto onde a humidade e chuva tendem a dificultar. Esta razão influi na definição das características geológicas e na vegetação natural do Planalto Norte e do Topo de Coroa, que permite a este vulcão presentear-nos com uma sucessão de quadros paisagísticos que se vislumbram dos seus 1979 metros de altitude, sensibilizando qualquer viajante e fazendo com que esse território represente um valor acrescido para o turismo rural do Planalto Norte e na ilha de Santo Antão no seu todo.

As viagens ao cimo do Topo de Coroa com pessoas da comunidade não ocorrem com muita frequência. Somente quando são solicitadas para guiar alguém ao cimo dessa montanha se deslocam ao lugar, uma actividade neste momento realizada por guias externos de agências turísticas que organizam excursões. É frequente encontrarem-se turistas a descer as montanhas, verificando na localidade uma ausência de resposta para acolher estas pessoas, mesmo que temporariamente. A única paragem ocorre na Cooperativa onde bebem uma água fresca ou outra bebida. Aquando da subida ao topo de coroa caminhei por trilhos que deveriam ser minimamente seguros e sinalizados considerando estarem contemplados em guias turísticas, mas isso não acontece. Segundo o Anibal essas obras são realizadas por entidades que não acompanham a sua execução, sendo frequente as autoridades ou os fiscais não percorrerem os caminhos vicinais. Na minha primeira estadia no Planalto fui às nascentes de Cinta e subi ao Topo de Coroa, duas viagens que implicaram simpatia e respeito junto das pessoas de Chã de Feijoa.



O risco é a planta que garante o alimento das cabras mesmo em períodos prolongados de seca.

A palha dos pastores (*Hyparrhenia hirta*), conhecida no Planalto por risco é uma espécie reconhecida por seu tufo basal duro com folhas estreitas e ásperas que oscilam entre 300-800 mm de altura. Trata-se de uma das espécies mais competitivas em áreas inférteis que uma vez estabelecida torna-se de difícil controlo, que no caso do Planalto representa uma benção. Ela abunda pelas montanhas do Planalto Norte, pelo que garante parte da alimentação das cabras durante quase todo o ano, pelo que se trata de uma planta de enorme valor para a sobrevivência da principal actividade económica das gentes do Planalto Norte. Assim como as outras espécies existentes na flora do Planalto Norte, é necessário encontrar um equilíbrio entre a sua utilização como alimento das cabras e o seu valor como vegetação autóctone que também contribui para a estética do lugar, um compromisso somente possível com o desenvolvimento de políticas que se traduzam na criação de alternativas para o pastoreio, que implicam o envolvimento dos criadores de gado com entidades públicas e outras organizações. No âmbito de um projecto (Porto Novo Rural), desenvolvido pelo Atelier Mar foram feitas experiências nesse sentido, delimitando vastas áreas que serviriam de pousio para a regeneração da vegetação. O projecto correu bem durante algum tempo, mas não evoluiu no tempo devido a comportamento pouco cívicos de criadores de uma outra comunidade do Planalto Norte.



O Anibal e o Jailson carregando *fetch's d'lenha* [feixes de lenha] que iam encontrando a medida que descíamos do Topo de Coroa.

Não obstante estar sensível para as implicações da pressão humana sobre a biodiversidade existente no parque natural de Topo de Coroa, não obstante ter verificado a existência de pastoreio livre nas suas montanhas circundantes, há questões que devem ultrapassar a ética ambiental e os discursos académicos e políticos que fundamentam a elaboração de documentos que conferem determinado estatuto a um determinado território. Os três anos de imersão no Planalto permitiram-me conviver com pessoas com uma vivência e práticas amigas do ambiente ímpares. Aquando da viagem ao Topo de Coroa, durante a descida aprendi que as pessoas do Planalto só utilizam a madeira que esteja seca e solta da terra, constituindo os *fetch's d'lenha* que utilizam para cozinhar. Não obstante estarmos a mais de duas horas de Chã de Feijoal, os meus companheiros de viagem carregaram às costas toda a madeira que conseguiram, um momento que ficou memorizado e posteriormente suscitou a idealização do fogão Bio-Plan. No Campo de Estudo que decorreu no Planalto em meados de Junho de 2016 fui munido de seis fogões que ficaram na comunidade.

O fogão BioPlan é um equipamento que funciona utilizando a serradura de madeira como combustível. Trata-se de um projecto desenvolvido no âmbito de actividades curriculares no M\_EIA, cuja principal motivação foi diminuir a pressão humana perante a vegetação autóctone do Planalto Norte, ao mesmo tempo que era fornecido à comunidade uma alternativa para a confecção da sua alimentação a um custo quase nulo e mais amigável. Trata-se de um projecto em desenvolvimento, cujos contornos serão apresentados à frente nesta escrita, aquando da partilha de projectos no âmbito do design social endógeno.

Efectivamente, as articulações desejáveis fazendo que risco, losna, tortolho, cabras, pessoas, turismo, desenvolvimento e outros segmentos do dispositivo Planalto se alinhem, só encontrarão um caminho sustentável se equacionados perante a lente abrangente da cultura. E se ao campo da cultura não se dissociar a educação aliada a uma sensibilidade no domínio do artístico, teremos condições para desenhar um futuro que permita um desenvolvimento em harmonia com um tempo na especificidade de determinada localidade onde as pessoas são gente a considerar. É esta lente que permitirá intersectar ideias, princípios e valores num processo de humanização dos discursos e das práticas que respondam de uma forma menos dicotómica aos problemas em presença, onde as “areias dos nossos percursos moleculares, individuais, comunitários, sociais e planetários” sejam considerados (Santos, B. S., 1987:44). É nesta linha que se encontrou a motivação para abraçar uma aventura doutoral no castanho das montanhas do Planalto Norte, que se traduz nesta tese que cruza as cumplicidade que sustentam as aprendizagens realizadas no domínio do artístico em imersões em dois territórios onde se enquadra a cultura como campo amplo de problematização que fundamenta um entendimento específico de uma ideia de desenvolvimento que não exclui a utopia concreta como caminho a percorrer.



### ***A cabra no dispositivo Planalto.***

O tempo das cabras em Cabo Verde confunde-se com a história do povoamento do país e mais especificamente da ilha de Santo Antão que pelas suas características orográficas foi consignada como uma ilha montado (enquadramento durante o qual viveu durante os dois primeiros séculos após a sua descoberta), para paulatinamente se ir transformando numa ilha com uma agricultura intensiva e com o modo de vida camponês a impregnar-se no seu dia a dia.

No início do século XVII, a ilha ainda se mantinha na posse do Marquês de Gouveia, o seu donatário desde final de *quinhetos*, num contexto periférico, relativamente aos interesses instalados nas ilhas de Santiago e do Fogo. O seu afastamento dificultava a comunicação entre estas ilhas, fazendo com que em 1724 Santo Antão fosse arrendada a um grupo de mercadores ingleses, por um período de 27 anos. As dificuldades de comunicação fizeram com que esta informação só chegasse ao governador de então, Francisco Manuel de Nóbrega, passados três anos<sup>59</sup>. Foi um acontecimento que desagradou às gentes da ilha, bem como contribuiu para que a Coroa, na pessoa de D. João V ganhasse outro interesse por aquelas terras. Neste entretanto a Coroa solicitou informação acerca da ilha, pelo

---

59 Quando esta questão chegou ao procurador da coroa, este deu o seguinte parecer: “que aos avisos do governador e ouvidor geral se devem sem demora pôr na notícia de V. Magestade para que com prompto remedio mande logo embarcação armada a impedir que os inglezes se fortifiquem n’esta ilha, e expulsar o feitor inglez que n’ella se acha (...)” Barcelos, C. José de Sena Barcelos (1905). Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné, Lisboa, p. 250; Matos, Artur T. (1996).

que foi informado pelo funcionário do quarto e dízima de Santo Antão, que anualmente chegava à capital:

“5000 peles de cabra e 40 de boi 4000 bolas de sabão, 14 barris de aguardente, 15 arrobas de anil, 30 panos de mesa, 20 colchas, 20 surriões de sangue de drago, 5 de pedras amarelas e 15 onças de âmbar provenientes das praias de S.Vicente<sup>60</sup> ”.

Cinco mil peles de cabra fizeram parte da dízima paga à metrópole nos idos anos de 1724, demonstrando claramente a representatividade dos caprinos na economia da ilha de Santo Antão desde o início da sua ocupação. Estamos num momento em que esta ilha era a segunda mais populosa de Cabo Verde, com 4302 pessoas, logo a seguir a Santiago, com 17.709 pessoas (Matos, 1996:6).

A dorsal central que divide a ilha de Santo Antão ao meio é a característica topográfica que para além de definir a paisagem define a ilha climaticamente, fazendo que a parte Sul da ilha —onde se localiza o Planalto Norte —seja afectada em termos pluviométricos. Enquanto a parte Norte da ilha apresenta uma paisagem mais fértil salvaguardada pela dorsal central, o vento de nordeste que influi na formação das nuvens nesse território são forçadas a ascender pelas montanhas dessa parte da ilha, num processo em que perdem parte do seu teor de humidade e ao descer para a zona sul levam as nuvens da aridez que constituem parte da paisagem, que encontra no Planalto Norte o seu expoente máximo. É assim que encontramos essas montanhas ressequidas, onde a criação de caprinos de uma forma livre permite o fabrico de queijo, a principal fonte de rendimento no dispositivo Planalto, as cabras constituindo o segmento que antecede a ideia do dispositivo, projectando um futuro num tempo onde não existira uma realidade Planalto.

Estamos perante famílias que produzem em pequena escala e de uma forma ainda rudimentar, não obstante uma tentativa com o intuito de aumentar e melhorar a produção envolvendo os produtores de todas as comunidades do Planalto Norte ter fracassado. Para além de outras linhas

---

60 Segundo Matos, Artur T. (1996), a criação de gado continuava a ser uma das actividades mais importantes da ilha, não obstante a existência de lides agrícolas diversas, dispersas pelos picos e ribeiras que compõem o relevo da ilha. Segundo este autor, a Fazenda Real, dispunha, por volta de 1730, propriedades espalhadas pela ilha, nomeadamente na Ribeira Grande/Povoação; na Ribeira do Paull e no Porto dos Carvoeiros, onde se cultivava o milho, a vinha, o algodoeiro, o anil, sangue de drago. Nas suas hortas os escravos cultivavam milho, abóboras, batatas e bananeira.

esse projecto instalou uma fábrica de queijo numa das comunidades do Planalto Norte — Bolona — mas devido dificuldades de articulação entre produtores ou a forma como foi desenhado e implementado o projecto não garantiu a sua permanência. Hoje as instalações e equipamentos estão em estado de degradação.

Nesse cenário do Planalto Norte a comunidade de Chã de Feijoal persiste com cerca de 400 cabras distribuídas entre dez das dezasseis famílias da comunidade, numa média de quarenta cabras por criador, a quantidade de animais que conseguem sustentar em época de seca, a escassez das chuvas a ensinar a viver. As cabras ocupam o pensamento e a lide diária de todas as famílias ao longo de todos os dias. Consoante o ano, tendo chovido ou não, há pequenas alterações nas suas rotinas das famílias, mas no essencial tudo se mantém igual. A diferença entre um ano de chuva ou de seca é a permanência dos rebanhos mais perto ou afastado das casas. Quando chove as cabras passam a maior parte do ano nos campos, onde a maioria dos criadores tem um abrigo onde realizam a maior parte das suas tarefas diárias, entre as quais o fabrico do queijo. No período das secas as cabras procuram o pasto perto de Chã de Feijoal, entre as 06:00 e às 10:00h da manhã. A partir das 10:00h as cabras são recolhidas para os currais, bebem água e comem uma porção de ração enquanto são ordenhadas. Coloca-se o leite a coalhar até antes do almoço, para posteriormente iniciar-se o fabrico do queijo. Esta rotina repete-se todos os dias ao longo do ano, e só é alterada quando as cabras acompanham os donos nas viagens às nascentes de Cinta onde aproveitam para pastar próximo da Bordeira. Aqui entram os burros, os companheiros das pessoas durante as viagens às nascentes de Cinta.

De uma maneira geral as cabras são criadas para produzirem leite. É pouco frequente utilizar-se a cabra ou cabrito como alimento, salvo momentos especiais. Um desses momentos ocorreu no dia do concerto do Vasco Martins em que foi oferecido dois cabritos que foram assados no Forno Comunitário e degustados entre todos. Como ampliar os sentidos dos segmentos que se encontram no Planalto, re-interpretando o existente ampliando as suas possibilidades é a premissa que permite realizar as aprendizagens nesse território partindo das coisas que se transformam em causas. O Projecto da 'Comunidade do Alimento do Planalto' além de pretender estudar, projectar e valorizar o património do alimento e da

cultura gastronómica da região numa perspectiva económica no seu todo, pretende no particular, e relacionada com a carne de cabra, redesenhar novos produtos com o foco nas tradições alimentares da população do Planalto onde poderemos vir a encontrar produtos com base na carne de cabra (carne fumada, linguiça, carne salgada, chanfana), ampliando as potencialidades de rentabilização económica do caprino na comunidade.

Equacionar a tese do Planalto como potencialidade sem equacionar esse lugar como um dispositivo heterogêneo que permite tecer sentidos e significados entre os elementos constituintes, nos quais há relações de hierarquia e de poder que os distinguem seria não atribuir um 'valor correcto' à cabra nessa equação, o segmento que 'arrasta' a existência no Planalto. No Planalto tudo gira à volta da procura e da manutenção da água porque existem cabras que necessitam de ser cuidadas. No Planalto as pessoas resistem e persistem porque existem as cabras que justificam o seu sustento nesse território, com as quais "aprenderam a comer pedras". No Planalto existe uma Cooperativa de Consumo porque em 2007 houve a pior seca dos últimos anos e não havia forma de alimentar as cabras pelo que foi criado este equipamento para ultrapassar esse e outros problemas no domínio do sustento de animais e pessoas. O Planalto é conhecido dentro e fora do país porque existem cabras que fornecem o leite para o fabrico desse produto. Talvez seja a existência de um ideia da cabra como sustento primeiro que influi na forma como esse animal é gerido como alimento na comunidade. Quero crer que existe a ideia clara na comunidade que a cabra é o elemento potencial que deve ser gerido com rigor e respeito.

## ***As Interações no cotidiano/hierarquias***

Não obstante identificarmos na comunidade três homens com perfil de líderes comunitários, as relações e o nível de interações existentes entre estes homens e o resto da comunidade não me permite afirmar a existência de uma estratificação social evidente em Chã de Feijoal, factoadjuvado pela pouca discrepância de rendimentos entre si bem como da inexistência de evidências externas de riqueza. Em Chã de Feijoal a maioria das pessoas vive em casas com a mesma tipologia e construídas pela primeira Associação constituída na comunidade; todos os produtores têm ou aspiram ter a mesma quantidade de cabras devido a factores de sustentabilidade do rebanho; todas as casas têm um ponto de luz fornecido por um sistema solar fotovoltaico com o custo mensal fixo de 250 ECV por habitação; o único carro existente na comunidade é gerido de uma forma colectiva; todos consomem os mesmos produtos disponíveis na Cooperativa de Consumo sem que haja o supérfluo que possa ser desejado e adquirido por uma vontade menos objectiva; todas as pessoas da comunidade estão sujeitas aos mesmos constrangimentos causados pela escassez de água, o denominador comum das demandas diárias de toda a comunidade às nascentes de Cinta ou à Sentina Municipal. As pessoas da comunidade vivem o dia a dia concentradas na construção de respostas aos problemas concretos com que se deparam; imprimem às suas acções um conjunto de evidências que se traduzem em aprendizagens que Manzini chamaria de sociais, nas quais constituo as premissas das aprendizagens para uma “Educação no Planalto”, o lugar onde a ideia de cultura se inicia com as batatas que são plantadas pela comunidade respeitando princípios e saberes ancestrais, mas que não inibe o Ramiro de ir a uma escola superior de arte partilhar a sua experiência de vida, num processo em osmose onde as aprendizagens acontecem num tempo e num modo real, sem uma determinação externa do ponto inicial para um começo. É esta ausência de hierarquias na forma como os problemas são considerados e encarados que faz com que a liderança comunitária seja um papel relativo nesse lugar, ‘reduzido’ ao papel de um sujeito que num determinado contexto assume a primazia na resolução de algum problema, sem que estatuto seja uma evidência em presença.

Chã de Feijoal é uma comunidade onde as pessoas têm um forte sentimento de pertença ao lugar e as relações entre as pessoas no seu quotidiano deixa transparecer afectividade. Com frequência a refeição

preparada numa determinada família chega à mesa de uma outra família, e no núcleo do Queimado onde está a casa da Tanha e o meu abrigo, são raras as vezes em que durante uma refeição não chegam outras pessoas e são convidadas a comer. A ementa no Planalto é à base do milho, arroz, feijão e massa, com peixe, carnes (raramente) e algum enlatado. Ao servir as pessoas colocam a papa, massa ou arroz, e depois retiram um pouco da carne ou peixe, numa atitude de respeito para com o alimento que sensibiliza. Sobra sempre comida numa refeição no Planalto, independentemente do número das pessoas em presença. Haverá consciência de que há sempre uma outra pessoa que vem?

Na vivência quotidiana em Chã de Feijoal há dois lugares onde ocorrem mais interações entre as pessoas da comunidade: na Cooperativa de Consumo, pelas razões anteriormente descritas, e no aglomerado do Queimado onde vive a Tanha e o Aníbal, duas pessoas muito disponíveis e com alguma centralidade na vida da comunidade. O Aníbal é um dos líderes comunitários com as características acima identificadas. É o Aníbal que recolhe o queijo da maioria dos produtores e depois trata da sua distribuição em Porto Novo, é ele que conduz o carro da comunidade e se responsabiliza pela aquisição de materiais específicos, resolve problemas pontuais de água trazendo esse bem da nascente de Ponte Sul onde passa sempre que se desloca ao Porto Novo. O Aníbal também é respeitado na comunidade pelas funções que desempenhou na primeira Associação criada em Chã de Feijoal (2000-2010) quando foi responsável pela construção de várias cisternas, espelhos de água, e da maioria das habitações da comunidade, incluindo o espaço onde funciona a Cooperativa, adquirida no período em que ele foi presidente dessa Associação. Aquando da minha primeira imersão em Chã de Feijoal o Aníbal era o presidente da Associação Desportiva e Recreativa da comunidade. Foi na sua "sede" que convivi com eles no primeiro Bar Pitanga, um lugar que persiste na minha memória.

## **Indícios de Fragilidade da Comunidade**

*2015, 30 de Maio [Notas de Campo]*

*Ao longo da minha permanência no Planalto tenho constactado que a potencialidade do dispositivo Planalto não é um dado adquirido, e como o sujeito é o principal actor desta impotencialidade. O queijo do Planalto e a Cooperativa de Consumo, dois polos importantes para a consolidação do projecto comunitário estão debilitados. A qualidade dos queijos tem diminuído, e numa conversa com o Anibal acerca disso constactei que as coisas tendem a piorar. A Cooperativa dos Produtores está moribunda, o Anibal no papel de Presidente espera entregar as rédeas da organização na próxima Assembleia Geral, no dia 10 de Junho. Esta Cooperativa tem o apoio da cooperação Italiana, que encontrou uma alternativa ao modo previsto para o funcionamento da fábrica de queijo em Bolona, traduzida no apoio à construção de Casas de Queijo para cada produtor, traduzido em dez sacos de cimento mais 10.000 ECV. Também foram apoiados com um kit de equipamentos para fabricarem o seu queijo em melhores condições de higiene. Segundo o Anibal nem todos os 17 produtores envolvidos construíram as suas casas de queijo, começando daí os problemas, pelo facto da produção prevista não se consumir e implicando na viabilidade do projecto no seu todo, que implicava a gestão e manutenção de um carro que permite o escoamento dos produtos.*

Constactei a existência de um outro problema: a utilização descon-textualizada da 'Casa de Queijo Comunitária', como sendo um posto de venda de ração para os animais, gerido por um elemento da comunidade, criando conflitos evidentes com a Cooperativa de Consumo, o local de venda dos bens de consumo para pessoas e animais. Também foi nesta viagem que verifiquei que nem todos os produtores da comunidade dominavam a técnica de cura do queijo, um constrangimento que os impede de retirar benefícios nesta mais valia existente na comunidade.

Foi assim que foi montada uma acção de sensibilização para estas questões, tendo como mote uma formação para o fabrico de queijo curado, realizada na 'Casa dos Meninos do Planalto' e orientada pelo elemento da comunidade que estava no centro dalguns desses problemas, uma iniciativa que contribuiu para amenizar as hostilidades e possibilitar um caminhar mais harmónico na comunidade.

Estes pontos retratam momentos concretos de conflitualidade que podem existir em qualquer comunidade e Chã de Feijoal não é uma 'entidade' à parte onde a vida não aconteça em toda a sua amplitude e dimensões, entre as quais de conflito. Ao longo da imersão realizada acompanhei vários conflitos, sendo o mais complexo aquele que envolveu a gestão do carro que permite aos produtores autonomia no escoamento dos seus produtos. O carro faz parte dos equipamentos adquiridos no âmbito da construção da fábrica de queijo de Bolona que já não funciona. O carro foi adjudicado aos produtores de Chã de Feijoal e o trato entre eles foi todos entregarem a sua produção ao grupo de geria o carro/escoamento da sua produção. Nem todos os produtores entregavam a sua produção assim como começou a haver atritos entre eles, situação que provocou situações complicadas que envolveram elementos externos à comunidade. Um outro episódio menos feliz ocorreu num período em que um dos homens da comunidade começou-se a destacar de uma forma menos solidária na comunidade, participando em encontros em nome da comunidade sem o seu conhecimento, tirando o proveito pessoal de alguns equipamentos comunitários, tendo ocorrido num determinado momento um confronto físico sério. Essas situações foram ultrapassadas, estando neste momento a acontecer uma gestão harmoniosa do carro, a Cooperativa retomou as suas funções sem essa concorrência, bem como a comunidade integrou novamente o elemento em destabilização.

## **Os Lugares , as Pessoas , as Vivências com a Comunidade.**

*2013, 23 de Julho [terceiro dia da primeira imersão no Planalto]*

### **VISITA AO SR. SABINO**

*As 16:00 horas iniciei uma nova jornada com o Aníbal. Regressamos a Chã de Feijoal por volta das 20 horas, noite feita. Tínhamos combinado que eu iria acompanhá-la até a Baixa, o sítio onde vive o seu pai, o senhor Sabino. O Sr. Sabino vive no sopé de uma montanha, num alto majestoso, e quase tudo o que a vista abarca é sua propriedade. Sr. Sabino dividiu o terreno pelos 17 filhos, estando o Aníbal no seu quinhão, pastando as suas cabras.*

*Enquanto o Aníbal tratava dos seus animais aproveitei esse tempo para conversar com os seus pais, o Sr. Sabino e Nha Joaninha. Estavam nas lides do fabrico do queijo, momento em que tivemos uma conversa simpática, na qual contou-me a sua história de vida.*

*Quando regressámos ao abrigo tomei um banho de caneca. Não obstante a pouca quantidade de água foi um banho reconfortante. Depois sentei-me em frente ao abrigo, noite escura, breu total, e mais uma vez constatei outra dimensão da potencialidade do Planalto. No escuro da noite a penumbra recorta a silhueta das montanhas, acolá um ponto de luz numa casa, um céu completamente estrelado, o silêncio total. Sinto que só chegando e estando aqui poderia estender a amplitude do título do meu projeto de tese: o Planalto com potencialidade à procura do dispositivo mínimo.*



Sr. Sabino é um dos homens mais velho da comunidade. Vive afastado da comunidade de Chã de Feijaol, na companhia da sua mulher, Nha Joaninha. O Sr. Sabino é o patrono da família Lima, pai do António, do Aníbal, Alcindo, João, Maduino, Ismael, Samira (a companheira do meu amigo Ramiro) e mais outros 10 filhos. Ao todo tem 17 filhos.

*[Uma conversa com o Sr. Sabino Lima]*

" — quando tive a ideia de obter animais pensei: o que não matou o meu pai não há-de matar-me — Nasci em Jorge Luís em 1937, vim viver para estes lados de Chã de Feijaol em 1984. Em Jorge Luís as coisas para a 'convivência' dos animais não era fácil, não tinha área para pasto, assim resolvi subir as montanhas e estabelecer-me aqui. Desde essa data a vida foi acontecendo devagar, hoje tanto eu como os meus filhos vivem da criação, na medida em que quando cada um foi atingindo a razão levou uma ou duas cabras. Ainda hoje com esta idade estou encarado com os meus animais que foram o meu trabalho desde o início e ainda não penso abandoná-lo. Enquanto eu puder ir lutando estarei nessa lida. Sim, desde que eu vim em 1984, até agora, o Norte mudou sim. Mudou pela graça de Deus, não obstante a luta constante. A luta que eu travei não pára. Os meus filhos também têm de travar a sua luta para que a vida aqui continue e seja possível. Neste momento que estou a fazer estes 'queijinhos', o principal objectivo é comprar a ração para poder alimentar as cabras amanhã. É esta a minha luta diária. Lutar para ver se elas sobrevivem. Deste modo, a vida aqui é assim, dura, como este ano que não houve pasto, não tivemos água, um ano muito difícil no campo que se reflecte directamente nas nossas vidas".

Esta visita aos pais do Anibal se enquadrou-se na forma como fui conduzindo a minha estadia no Planalto ao longo dos três anos de viagens a esse território. Simplesmente disponibilizando-me para estar com as pessoas, nos seus ritmos e contextos, no seu tempo. Foi assim que cheguei ao Sr. Sabino, encontrei-o a iniciar o fabrico do queijo, o enquadramento no qual ele partilhou a sua história de vida, cruzei a minha vida com a dele. Foi o Sr. Sabino que conseguiu fazer-me a ponte com o Sr. André, um homem que fornecia os queijos à minha mãe nos anos setenta do século passado. O Sr. André viveu na localidade onde nasceu o Sr. Sabino — Jorge Luís, uma comunidade que fica abaixo de Chã de Feijoyal, a caminho da Ribeira da Cruz, a outra opção de chegada ao Planalto — e lembra-se do Sr. André a recolher queijos para enviar para S.Vicente. Nesta conversa o Sr. Sabino partilhou as dificuldades que sempre existiram no Planalto, mas deixou claro a existência de uma esperança continuada nas pessoas que se traduz numa perseverança e num querer ficar em absoluto no seu território, uma energia que passa para as gerações seguintes, que não desistem do seu lugar. Foi aqui com o Sr. Sabino que entendi que a relação de um burro para dez cabras é uma aprendizagem inscrita na comunidade, a proporção que permite sustentar a criação nas condições reais que a vida no Planalto oferece.

A alegria e o sorriso do Sr. Sabino permitiu-me entender o sorriso franco com que somos recebidos pelo António, pelo Aníbal ou pelo Alcindo (seus filhos), traduzindo o sentimento que nos trespassa quando chegamos a esta comunidade, um sentimento de que somos bem vindos. No Planalto estamos perante uma comunidade hospitaleira que recebe bem quem chega, que faz com que o estranho se sinta em casa, alojando em quem chega, e de uma forma natural a hospitalidade que Derrida (2000) traduz numa incondicionalidade no receber e no partilhar com o outro, “desconhecido, anónimo, que lhe dê lugar, que o deixe vir, que o deixe chegar e ter um lugar no lugar, que lhe ofereça, sem lhe pedir reciprocidade, nem mesmo através do seu nome”, esta a forma como senti e fui tratado no Planalto ao longo do tempo da minha permanência. O que dizer da visita ao Sr. André, o homem mais velho do Planalto — noventa e um anos — que depois de uma chegada não anunciada a esse homem que possui 10 cabras e um pedaço de terra, e que durante a minha permanência cozinhava feijão com água e sal, os únicos ingredientes disponíveis, aquando da despedida fez questão em oferecer-me dois litros de milho e

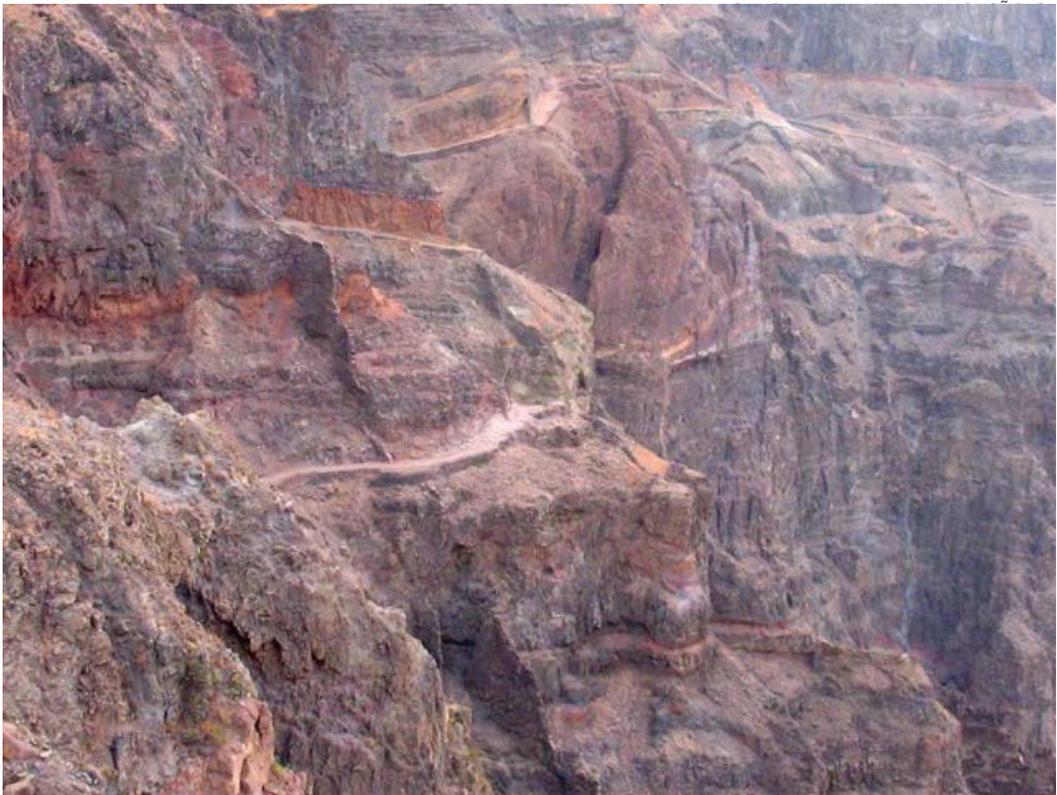
ofereceu 4 ovos ao seu bisneto, o Geovanny, o meu companheiro nessa jornada. Estamos perante gente que ainda pertence às comunidades onde o ser prevalece ao ter (Manzini, 2008), lugares remotos que têm algo a dizer neste mundo global e excludente, onde é possível reflectir a partir de aprendizagens que acontecem em contextos reais, a partir de 'coisas' e simples factos que poderão ser o mote para a mobilização de sinergias que ligam a vida à educação, onde a sensibilidade inerente a uma educação artística poderá fazer a diferença. É neste sentido que esta tese no Planalto faz sentido. Um indício de caminhos outros para uma educação artística possível em locais 'com quase nada', desde que haja vida e pessoas com vontade de aprender, não interessando o quê, nem a partir de que ponto a "razão" se procura.



O Sr. André o homem mais velho da comunidade de Chã de Feijoal. Vive num lugar afastado da comunidade, para os lados da Bordeira. É vizinho do Sr. Sabino.



Em frente à cuzenhola de Nha Joaquina, com a Samira, sua filha, numa amena conversa. No momento dessa fotografia Nha Joaquina proferiu a seguinte frase “esse é d’nôs!” — “este aqui é nosso” — uma frase que emocionou-me e deixou-me grato pela oportunidade de estar nesse lugar.



Estas montanhas escarpadas abrigam as várias nascentes de Cinta, o destino das viagens diárias das pessoas de Chã de Feijoaal para abastecerem de água potável. A viagem é feita em caminhos rudimentares e sinuosos, onde a segurança das pessoas fica num segundo plano.



Os burros, os companheiros das viagens a Cinta. Nas minhas viagens a essas nascentes aprendi que os burros têm uma velocidade quase constante e que andam sempre em frente. Quando se começa a descer a Bordeira para as montanhas de Cinta há um caminho estreito por onde passa uma fila de burros de cada vez. Se duas filas de burro (em sentidos opostos) se cruzarem nesse local é difícil conseguir com que os burros andem para trás, situação que cria uma grande confusão para apaziguar a situação. Ainda não percebi porque não alargam esse troço...

2013, 23 de Julho [Notas de Campo]

## a primeira VIAGEM À CINTA

*Estou exausto. Há duas horas não tinha energia sequer para escrever. Hoje fiz a minha primeira viagem a Cinta, uma experiência extenuante e memorável para um sujeito externo ao Planalto, mas um evento normal para um habitante do Planalto, quer seja criança, homem ou mulher. Distante a uma hora e meia de Chã de Feijoal, a viagem até às nascentes em Cinta faz-se ao compasso de burros entendidos das trilhas e das necessidades humanas (Hoje entendi a real importância dos burros nesta comunidade), uma epopeia digna de ser vivida por gente cúmplice e sensível às dificuldades de um Cabo Verde real, distante dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.*

*Cinta é um sítio com várias nascentes, que fica para além das montanhas que se avistam a Sudoeste de Chã de Feijoal, donde também nasce a água que irriga os Vales de Ribeira da Patas e Lajedos. Uma ironia da natureza — dificultar o acesso a essa água onde ela nasce.*

*Ir à Cinta é uma coisa. Ir à Cinta, ao trote dos burros, ao alcance do Amândio [um jovem de Chã de Feijoal], ainda mais com uma câmara de filmar é uma aventura memorável. "É que já estamos atrasados", dizia o Amândio (ainda não percebi para quê). A viagem é um alimento para o espírito. Nunca tinha visto tantos burros juntos, muito menos presenciado um engarrafamento de burros. As trilhas são estreitas, e se por algum descuido não se controlar a ordem de entrada nalguns acessos, temos um problema. Também descobri que os burros têm certas dificuldades em andar para trás. Na nascente onde abastecemos, um fio de água límpida brota da montanha e enche um pequeno reservatório de betão, a partir do qual cada indivíduo enche os plásticos de 25 litros de água que serão acondicionados, dois a dois, em cada burro.*

*Em tempos pensei na adaptação do Qdrum <sup>61</sup> [projecto de inovação social em design] ao Planalto, mas verifico a inviabilidade da ideia devido a irregularidade do terreno, aos declives, as pedras que calcorreiam as trilhas que conduzem ao dia a dia das pessoas.*

*A aventura até Cinta durou três horas e meia ((ida e volta), a passo de um nativo do Planalto que fiz questão em acompanhar. Quando regressamos ao Chã de Feijoal só tive forças para estender-me numa esteira. Passadas duas horas a Tanha veio convidar-me para beber um "cafezinho". Aceitei. Imagine-se as rotinas das gentes do Planalto: levantam-se às 6 da manhã para fazer actividades diversas (buscar a água, abrir o curral para as cabras irem "pastar", tirar um dia nas FAIMO), por volta das 11:00h comem o "mata bicho"; continuam as suas lides; por volta das 15:00h almoçam e jantam por volta das 20:00h".*

---

61 <http://www.qdrum.co.za/> Q Drum é um cilindro de plástico com um furo no meio que pode ser puxado com um tubo ou roupas velhas. Com capacidade até 70 litros foi desenvolvido para ajudar populações pobres no armazenamento e transporte de água. O projecto foi desenvolvido por dois irmãos Piet Hendrikse (engenheiro) e Hans Hendrikse (arquiteto) e foi um dos ganhadores do The Rolex Awards, prêmio que promove a inovação visando melhorar a vida em nosso planeta.

Após essa primeira viagem às nascentes de Cinta, tendo entendido as implicações no nível de cumplicidade que esta aventura representou para as pessoas da comunidade, não perdi nenhuma oportunidade em regressar a esse lugar, partilhando, sempre que possível, essa experiência com outras pessoas externas à comunidade que me acompanharam nas viagens ao Planalto. As viagens diárias à Cinta feitas pela população de Chã de Feijoal traduzem a vontade de uma comunidade em persistir numa localidade agreste, onde não deixam de acreditar que a vida é possível, tanto no presente e num futuro que eles teimam em acreditar. Essa viagem diária fá-los acreditar que há uma realidade para além do visível, necessária de ser vivida e descortinada todos os dias, afinal, é só chegar à Bordeira e ver os vales verdejantes da Ribeira das Patas e Lajedos, os lugares que recebem a água que desce das nascentes de Cinta, o seu lugar de 'peregrinação' diária. Lamentam somente que nem todos estejam dispostos a fazer essa viagem com eles [uma referência à indiferença de técnicos e autoridades], a única forma de perceber que há sempre uma possibilidade de viabilizar o impossível. Contrariamente ao que pensam os decisores de gabinete, as comunidades participam na construção das soluções dos seus problemas, aliás não haverá uma boa solução que não incorpore esta premissa. As minhas viagens, conversas e reflexões com as pessoas da comunidade deixou claro que devem entrar na discussão quanto a captação e transporte da água de Cinta para Chã de Feijoal, que deve ser mobilizada uma equipa técnica para estudar este problema. Os técnicos não sabem, mas a população já está avançada na problematização: já foi identificado um posto de transformação eléctrica que poderá fornecer energia a uma bomba que faça subir a água até um depósito na Bordeira, ponto a partir do qual a água desceria por gravidade até a comunidade. As pessoas têm consciência que um projecto desta natureza teria custos, mas o que representaria num orçamento do Estado que hoje prima pela construção de grandes 'barragens' como estratégia de desenvolvimento rural? Aqui a questão que as pessoas do Planalto colocam é a razão de não serem ouvidas perante as questões que os preocupam; não conseguem perceber o porquê de nenhum técnico ter ido com eles à Bordeira, muito menos às nascentes de Cinta.



Com a Tanha aprendi um novo procedimento para separar o caldo da cachupa dos grãos. A um terço da panela coloca-se um prato na vertical que divide a panela em dois espaços. Num deles vai-se retirando o caldo da cachupa e no outro ficam os grãos secos que serão guisados na manhã seguinte.

## ***Dinâmicas Alimentícias***

*[Notas de Campo]*

*2013, 21 de Julho [primeiro dia no Planalto da 1.º estadia]*

*"Provei a cachupa com caldo da Tanha, uma iguaria, preparada somente com milho, feijão, água, dois dentes de alho e um pedaço de carne salgada que sobrou da feijoada. TENHO DE APRENDER A SIMPLIFICAR A MINHA CACHUPA.*

*2013, 27 de Julho - sétimo dia no Planalto*

*Hoje é o dia de regresso para S.Vicente. Acordei às seis da manhã, a Tanha já estava acordada. Brinquei com ela, dizendo-lhe que não conseguia ganhar-me no jogo de levantar cedo da cama. A Tanha guisou uma cachupa, fritou um bodião seco e a acompanhar, um delicioso café que a Tanha torra e mói de dois em dois dias.*

*Acabei de organizar o abrigo, despedi-me da Tanha, da Sueli e do Ramiro e pus-me a caminho. O Aníbal estava a tratar das cabras".*

O milho, o cereal que determinou o 'sucesso' da fixação de humanos em Cabo Verde apresenta-se como o ingrediente matriz de uma culinária que cumpre um papel importante na definição de uma identidade colectiva, a substância que viria a determinar um dos traços distintivos na sociedade cabo-verdiana, traduzida nas múltiplas transformações que este produto pode assumir, quer através da cachupa — um dos pratos tradicionais mais carismáticos de Cabo Verde — ou ramificando para uma papa de milho com leite de cabra, num cuscuz ou num xerém a acompanhar um guisado de galinha ou cabrito. Nas comunidades rurais e particularmente no Planalto o milho vai cumprindo o seu papel na definição de papéis sociais, fazendo com que homens, mulheres e bichos assumam o seu papel na cadeia que se inicia com o cultivo do milho onde o homem tem um papel preponderante, passando pela secagem e separação do bagaço — doguear — pelas suas transformações alimentares em que a mulher assume a liderança, ficando os animais nesta cadeia para receberem o farelo ou o próprio milho em forma de ração — nos períodos de escassez de pasto.

O feijão é a segunda cultura numa hierarquia de produtos alimentares em Cabo Verde, uma leguminosa complementar da cachupa, que encontrou no Planalto as condições de adaptação, fazendo com que este produto esteja presente na alimentação das pessoas de uma forma tão expressiva como a cachupa. Considerando a quantidade de feijão que é colhido nesse local quando chove, foi dado o nome da principal comunidade do Planalto Norte: Chã de Feijoa.

No Planalto o milho e os seus 'derivados' continuam a desempenhar a sua função na alimentação das pessoas, eventualmente, com uma maior regularidade que nos espaços urbanos de Cabo Verde, que tendem a perder esta relação no quotidiano com a cachupa. No Planalto a cachupa ainda se confecciona com a simplicidade que se consegue nesse contexto de dispositivo mínimo, onde ao milho cozido (separação do farelo do milho) junta-se o feijão e a água que vão cozer — neste caso em lenha —, até a completa evaporação da água. De seguida acrescenta-se mais água, sal, tempero (alho e folha de louro) e, eventualmente, um pedaço de carne salgada. Estando pronta a cachupa separa-se o caldo dos grãos, numa 'divisão' em que o 'caldo da cachupa' é servido ao jantar e a cachupa seca é guisada (refogada), no dia seguinte ao 'café' (pequeno almoço). No

Planalto a dicotomia entre a 'cachupa pobre' e a 'cachupa rica', definida pela existência de mais ou menos ingredientes diferenciados não existe. Existe a cachupa na singularidade da sua matriz inicial, a cachupa que não se questiona se deve ser confeccionada ou não num dia específico, quer por razões de gasto energético, conveniência ou pela utilização de determinado ingrediente que possa defini-la como sendo rica ou pobre. A cachupa que se encontra nesse território prima pela despreensão que não aspira a outra coisa que não seja ela própria na sua essência. A cachupa do Planalto em sintonia com outros segmentos constituintes do dispositivo, o reforço dos indícios que denotam a possibilidade de estarmos perante um território que faça sentido participar no desenho da viagem.

No Planalto as rotinas do dia definem os intervalos das refeições de uma forma diferente daquela que estamos habituados. Normalmente iniciam as suas rotinas por volta das 6:00h da manhã — buscar a água nas nascentes de Cinta; levar as cabras a pastar; 'tirar' um dia nas FAI-MO — entre as 10:30 e 11:00h comem o "mata bicho" (cachupa guisada; papa frita ou as sobras do jantar); continuam as suas lides e por volta das 15:00H almoçam. Jantam por volta das 20:00h. No Planalto aprendi que os nossos hábitos alimentares podem ser sempre questionados e que o desperdício alimentar é um problema que poderá encontrar várias soluções passando por alterações comportamentais muito simples. No Planalto não há desperdício alimentar. O que se janta vai ser servido ao pequeno almoço e as sobras consumidas ao almoço.

*"Acabei de jantar uma canja de galinha de terra feita pela Tanha. De manhã pedi-lhe para comprar uma galinha de terra (500ECV). Fritou uma parte e a outra parte serviu para confeccionar uma panela de canja, feito em lenha. Gostei". [Nota de Campo] —*

Foi nesta sequência que comi canja ao pequeno almoço. Ao longo das minhas estadias no Planalto tive experiências alimentares peculiares. Nesta lógica de comer a mesma refeição ao jantar, ao pequeno almoço e almoço, para além da cachupa comi feijoada, massa, arroz, papa, numa prática que ia tendo nuances. Lembro-me de ter ficado deliciado com as fatias de papa frita ao pequeno almoço com peixe seco frito ou de comer cachupa seca com leite de cabra, uma refeição que fez-me viajar para o tempo em que era criança.



Na cusenhola da Tanha, preparar um cuscuz é uma aventura à procura de espaço para as diversas operações, mas aí ela consegue resolver todas as problemas com mestria. Pudera, é nesse espaço que ela se confronta com lides alimentícias mais complexas, alimentando a família e todos aqueles que chegarem a hora de uma refeição.

*[Nota de Campo]*

*"Será que é desta que aprendo a fazer um cuscuz? A Tanha prepara-se para montar um binde (utensílio culinário utilizado para a confecção do cuscuz) e cá estou eu registando o processo: demolhar cerca de 1 Kg de farinha de milho fino, adicionar um pouco de ralom demolido (farinha de milho com maior granulometria); preparar o binde, tapando os buracos com um pedaço de pano algodão húmido. Depois colocar o binde num tacho em banho maria, e deitar a farinha sem fazer pressão. Fazer uma ilha no topo. Embarrar o binde na panela com um pouco de massa de farinha; colocar um saco de plástico com uns nós em cima do binde e colocar um prato de esmalte por cima. Levantar o lume. Segundo a Tanha, o cuscuz está pronto quando começar a cheirar. Estou na cusenhola (anexo da casa onde se preparam as refeições) a espera de sentir o cheiro. Neste entretanto, e pela primeira vez desde que faz cuscuz, foi ver as horas (para vermos o tempo da cozedura). Passaram mais 20 minutos. A Tanha desenformou o cuscuz, mas não ficou cozido de uma forma homogênea".*

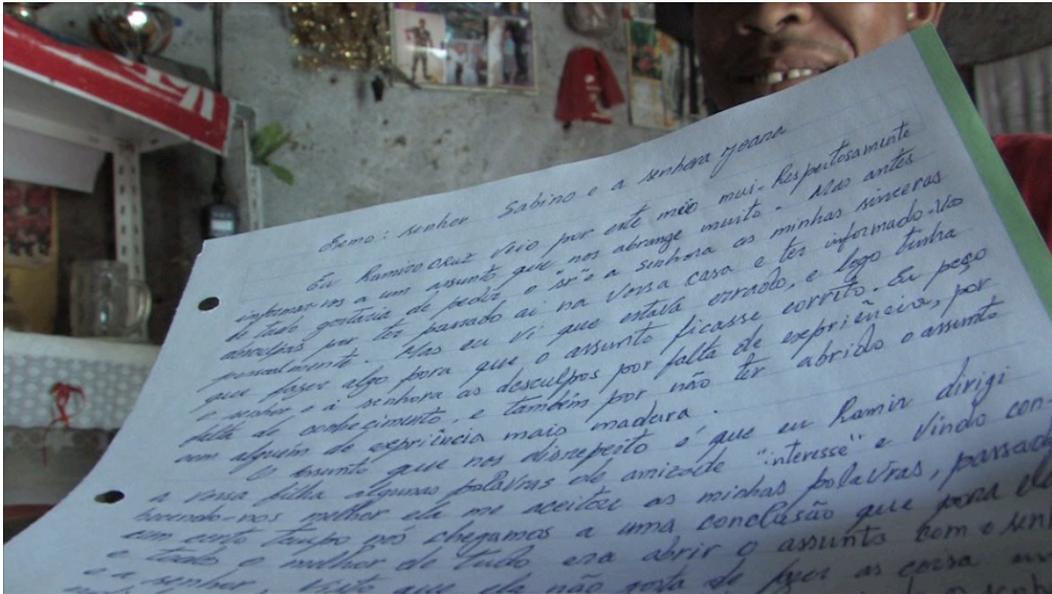
Para além destas aprendizagens concretas que o Planalto nos oferece, chegar à comunidade de Chã de Feijoal é confrontarmo-nos com uma dimensão sublime de uma atitude de dádiva dessa gente para com o alimento —o pouco— que têm. Aqui a questão da quantidade e da posse relativizam-se, o existente é partilhado com uma naturalidade que pode criar constrangimento a quem não esteja habituado a estas vivências. Aqui não necessitamos de ser anunciados para sermos bem recebidos. Simplesmente chegamos e somos acolhidos sem nenhuma restrição ou condição, no Planalto aprendemos que é possível nove pessoas dividirem um bodião frito e ainda sobrar.





## *Os Pés do Planalto*

Mais do que uma intenção de enquadrar, de captar um momento, ou um ímpeto estético, OS PÉS DO PLANALTO surge no seu tempo sem que houvesse uma definição prévia de um começo explícito que condicionasse o primeiro disparo da máquina com essa intenção. O Planalto surtiu em mim o efeito de querer apreendê-lo numa grande amplitude e profundidade que também se traduziu na resposta à impossibilidade de captação dos frames de uma realidade através de uma imagem que se reflectiu em mim. A necessidade de fotografar esteve adormecida em mim, durante muitos anos, até que cheguei ao Planalto. Na primeira imersão em Julho de 2013 deu-se o clique que extrapolou o registo de uma situação no contexto de uma investigação para um outro nível de pretensão de tradução do sensível que extrapola uma sequência de imagens numa viagem ao Topo de Coroa ou às nascentes de Cinta, para um foco menos claro onde se procuram indícios da tradução do que se pretende ver para além do pictórico. Assim se iniciou a viagem pelos pés do Planalto, ao encontro com o lugar que tivera calcorreado os pés daquela mulher que vinha de nenhures trazendo consigo a poeira da canseira das montanhas percorridas; dos pés daquela criança que vinha mais de perto, talvez da escola ou ao encalço de alguma cabra que fugira do rebanho; do jovem que acompanhara as cabras à procura do risco que teima em justificar a sua ausência; os pés do Planalto a justificar o olhar, o encontro com a textura desnudada da terra; o perscrutar mais além do que se vê; com as cores vivas outras vezes nem tanto da matéria constituinte do sapato ora comida pelo pó que cultiva a terra; pés com formas, tamanhos, sapatos, invólucros mais ou menos usados, em primeira ou numa outra vida que chega de um terceiro, mas sempre vivida como sendo a primeira; pés castanhos, pequenos, grandes, próximos ou distantes do lugar, pés que estão lá, todos os dias, dizendo presente aos trilhos conhecidos ou por desbravar, pés que cativam o olhar. OS PÉS DO PLANALTO. Uma caminhada iniciada, ampliada e partilhada, cujo indício registo nesta escrita. Outros olhares do Planalto que encontram lugar numa educação artística que se quer 'no lugar', que suscite o pensar e fazer a partir de coisas simples que estimulem o sensível, utilizando a expressão do sensível com a 'tecnologia' em mãos. OS PÉS DO PLANALTO encontram o seu lugar numa "Educação Planalto".



## Uma Carta De Amor

Acabara de chegar ao Planalto para a primeira imersão nessa realidade (2013, 23 de Julho - terceiro dia da primeira estadia). Depois de um longo descanso após a primeira viagem às nascentes de Cinta encontrei o Ramiro a escrever uma carta. Longe de mim nesse momento pensar que o Ramiro seria um elemento constante nesta escrita, que as nossas vidas iriam cruzar em momentos significativos desta experiência vivida ao longo de três anos no Planalto. Isto porque o Ramiro viria a tornar-se naquele amigo que vinha procurar-me todos os dias nas dezenas de viagens que fiz ao Planalto; teria com ele longas conversas onde aprenderia aspectos importantes da vida no Planalto; seria com ele que a ideia do fincón (dois troncos de madeira enfiados na parede e que sustentam um colchão) viria fazer parte do equipamento do meu abrigo; eu e ele iríamos ao M\_EIA 'apresentar' e vender as suas batatas; seria o Ramiro a solicitar-me para escrever uma carta ao Benfica, seria com ele que teria longas conversas defronte do Queimado.

Nesse dia em que encontrei o Ramiro a escrever uma carta, longe de mim pensar que se tratava de um pedido de autorização para namorar. O Ramiro estava a passar um rascunho a limpo, perguntei-lhe de que se tratava, ele começou a rir. Desconfiado pedi-lhe para ler a 'cabeça de carta' [introdução da carta].

*"Exmo. Senhor Sabino e Senhora Joana*

*Eu Ramiro Cruz venho por este meio mui-respeitosamente informar-vos de um assunto que nos abrange muito. Mas antes de tudo gostaria de pedir o Senhor e a Senhora as minhas sinceras desculpas por ter passado aí na vossa casa e ter-vos informado verbalmente desta pretensão. Mas eu vi que estava errado e logo tinha de fazer algo para que o assunto ficasse correcto. Eu peço o Senhor e a Senhora as desculpas por falta de experiência, por falta de conhecimento e também por não ter aberto o assunto com alguém de experiência mais madura".*

Este seria um tema fora das minhas pretensões nesta tese, assunto equacionável somente num contexto de aprendizagem sem rede onde todos os pretextos reais são razões para aprender, onde o amor também se encontra, aqui expressado através de uma escrita genuína para obter a autorização dos progenitores para "namorar" com a amada, traduzindo

*"A grande preocupação do nosso homem do povo, quando apaixonado, em escrever uma carta-de-casamento num português rebuscado, em longas tiradas onde procura cativar a pretendida com arroubos de amorosidade e imagens extraordinárias" (Romano, 1971:66).*

Neste caso concreto o Ramiro já tinha cativado a amada e a sinceridade traduz-se na escrita que pretende demonstrar esse amor aos progenitores, pedindo autorização para um relacionamento sério. Não obstante o Ramiro assumir uma falha nos procedimentos, sem hesitar elaborou a carta com os dizeres e trâmites 'correctos' de 'uma carta de amor', demonstrando um conhecimento implícito do tema, redimindo-se por "*não ter aberto o assunto com alguém de experiência mais madura*". Uma postura afim com os prenúncios desta prática que eu pensava em desuso por relaciona-la com um Cabo Verde distante, aqui no Planalto resgatada por uma vivência concreta, que mais uma vez justifica a presença desta tese neste lugar, um reduto de aprendizagens reais consubstanciadas em princípios e valores que devem ser considerados neste tempo presente. Claro que o Planalto não parou no tempo, existem novas tecnologias, artefactos e *gadgets* dessa modernidade que escorregam por todos os quadrantes, mas a coexistência pacífica entre estes dois mundos, que à priori parecem antagónicos, é a experiência que esse lugar nos proporciona no presente, um existir que não exclui nem prima por atitudes extremistas.

Aqui o Ramiro não teve de recorrer a um conterrâneo da terra responsável pela escrita de 'Cartas de Amor' ou recorrer aos livros da 'literatura romântica' utilizada em tempos nessas circunstâncias, como o "*Secretário do Amor, ou outras preciosidades como Oráculo de Napoleão e o Livro dos Sonhos que de tanto passar de mão em mão, ficam aos pedaços*" (Romano, 1971:66), redutos de um folclore cabo-verdiano que Romano partilha de uma forma arguta, deixando pistas e recomendações para a continuação e ampliação "*desse cabedal antropológico para as fundações do conhecimento do Homem e da Terra de Cabo Verde, por meio do estudo, da história, da ciência e principalmente da humanidade*" (idem, p. 7).

A carta de amor do Ramiro deu os seus frutos. Passados três anos o Ramiro vive maritalmente com a Samira, têm dois filhos, construíram uma casa em Chã de Feijoal e têm planos futuros para que a Samira continue a estudar (ela tem o 12.º Ano de escolaridade completo).

*2013, 23 de Julho [A Nota de Campo que permitiu resgatar a memória e reconstruir a história de amor do Ramiro e da Sabrina]*

*"Hoje quando estava em casa do senhor Sabino chegou o Ramiro. Cumprimentou-nos e sentou-se ao meu lado, num banco corrido onde eu estava. De repente vi um pedaço do envelope onde ele guardou a carta que escrevera antes. indiquei-lhe a carta com o dedo, brinquei de uma forma discreta com ele, mas notei que ele ficou sério, sem jeito. No dia em que cheguei ao Planalto conheci o Ramiro em casa da Tanha. Ele estava reescrevendo uma carta, passando um rascunho a limpo. Vi logo que havia 'amores' por aí. Pensei que se tratasse de uma carta para uma amada, mas efetivamente era uma carta para o pai da pretendida. Foi o senhor Sabino que solicitou a carta ao Ramiro, após este ter demonstrado interesse pela sua filha, a Sabrina. Quando brinquei com o Ramiro, longe de mim que a carta fosse endereçada ao Sr. Sabino, e que a pretendida seria a Samira, a irmã mais nova do Aníbal, que acabara de conhecer. Estando nós no terraço da casa do Sr. Sabino, a Samira convidou o Ramiro para ir com ela buscar uns feteche de lenha, eu acompanhei-os, e nessa sequência pus a hipótese de que a Samira fosse a pretendida, facto que o Ramiro confirmou-me. Ficamos cerca de duas horas em casa dos pais do Aníbal e quando regressamos a Chã de Feijoal o Ramiro ainda tinha ficado para os lados do Queimado, tendo regressado por volta das 21:30 minutos. Perguntei-lhe como correu a aventura, ele disse-me que tinha obtido a autorização do Sr. Sabino para namorar com a Samira".*



2013, Julho: O Bar Pitanga foi outro contexto que representou momentos de convívio e de estreitamento das relações entre mim e as pessoas de Chã de Feijoal. O Bar Pitanga foi o embrião da recente sede da Associação Recreativa e Desportiva de Chã de Feijoal, a primeira casa a ser caiada no âmbito da acção 'Caiar o Planalto'.

## ***BAR PITANGA/Sede da Associação Desportiva e Recreativa de Chã de Feijoal***



2016, Julho: Novas instalações do Bar Pitanga/ Sede da Associação Recreativa e Desportiva de Chã de Feijoal [renovada no âmbito da Acção 'Caiar o Planalto']

2013, 26 de Julho - [Nota de Campo]

*Depois de uma conversa com o Alcindo na Cooperativa vim até ao abrigo, passei as linguças trazidas da Babilónia pela frigideira e na companhia do Aníbal e de outro companheiro, bebemos uns grogues, sentados defronte do Queimado. O nicho no alpendre permitiu colocar o camping gaz, lugar a partir do qual ficamos até a noite ficar completamente estrelada. Por volta das 22:00h descemos até a Cooperativa, para eu conhecer o "Bar Pitanga". Num minúsculo espaço anexo à Cooperativa, com cerca de 2x3 metros, tive o privilégio de "degustar" uns ponches no bar mais sui generis em que já entrei. Num exíguo espaço, balcão constituído por um tambor com duas tábuas de 15 cm de largura, ao fundo uma estante metálica branca com cerca de 2 metros de altura por 1 metro de largura, com diversos produtos: bolacha doce, sumos, pastilhas elásticas gorila, grogue, ponche, etc., encimado por uma vela em cima de uma garrafa, única iluminação existente. Depois de sentir o espaço, mandei vir 1/4 de ponche para os presentes, enquanto lia o documento afixado na parede. Descobri que o Aníbal é o tesoureiro da Associação Desportiva de Chã de Feijoaal. Ficamos umas duas horas no bar Pitanga. Quando o bar estava prestes a fechar o Aníbal começou a actualizar os movimentos do dia do bar, utilizando um caderno de capa rija da Firma, formato A4. No Planalto tudo é registado. O Aníbal anda sempre com o seu bloco no bolso onde vai escrevendo, tomando as suas notas.*

*Durante o dia conversei com o Aníbal acerca da integração do Bar Pitanga na vida da comunidade. Eles têm a situação sob controlo, sabem que caso frequentem o espaço durante todos os dias da semana isso irá reflectir-se nas suas labutas diárias, aumentando o esforço que dependem no dia a dia. Fiquei satisfeito com o nível de percepção em relação a esta situação.*

Passados três anos desde a instalação do *Bar Pitanga/ Associação Desportiva e Recreativa de Chã de Feijoaal* em seis exíguos metros quadrados, de um espaço iluminado por uma vela e com um tambor a servir de balcão, deparamo-nos neste presente 2016 com esta estrutura comunitária em moldes completamente diferente. Hoje a sede da Associação Desportiva e Recreativa localiza-se numa casa com dois quartos e um quintal, possui uma mesa de matraquilhos, electricidade, um equipamento de som e uma bola de espelhos iluminada com projectores no tecto. O Bar Pitanga ganhou uma nova dimensão espacial e assumiu novos contornos de funcionamento. Das últimas vezes que estive em Chã de Feijoaal verifiquei que o espaço estava aberto com mais frequência, tendo perdido o

regime de funcionamento pontual para estar aberto todas as tardes, com um 'funcionário'. O jogo de matraquilhos é um chamariz para crianças e adultos, o bar na sala ao lado 'oferece' uma aguardente ou um ponche, a bola de espelhos ilumina-se aos fins de semana para uns bailaricos. De um bar iluminado com uma vela a um espaço com bola de espelhos iluminada com projectores, o salto no tempo vivido em três anos em Chã de Feijoal, uma realidade a testar a amplitude do sensível de quem possa achar estar perante lados opostos de uma mesma equação, ou estimular uma reflexão quanto aos níveis e quantidade de segmentos que possam conformar o dispositivo mínimo em questão. Será que o dispositivo mínimo implica iluminação a vela em detrimento de uma iluminação fotovoltaica; dez metros quadrados em vez de cinquenta metros quadrados; disponibilidade do espaço somente aos fins de semana ou durante todas as tardes; uma materialização concreta de questões relativas ao dispositivo mínimo, as linhas em aberto que não se compactuam com resultados conclusivos destes processo em 'deriva' que esta investigação e práticas de educação artística implica. Não obstante posicionar-me como sujeito que acompanha os (des)envolvimentos que ocorrem em Chã de Feijoal sem pretensão de interferir na inflexão das decisões e caminhos percorridos pela comunidade, vive em mim a poesia das faces iluminadas por uma vela no Bar Pitanga, sinto saudades das montanhas iluminadas a noite pela lua cheia, das noites completamente escuras, onde se ouviam somente o cantar dos grilos. Os postes de iluminação pública — iguais a todos os outros — chegaram ao Planalto.





As minhas primeiras sessões de cinema no Planalto ocorreram numa das duas divisões da casa da Tanha e do Aníbal, visionando um filme num televisor e leitor de CD alimentados por um gerador de energia.

## ***Cinema no Planalto***

Assistir um bom filme é uma das formas de entretenimento que fascina qualquer pessoa. Dificilmente ao falarmos de cinema com alguém não somos confrontados com uma conversa em tom de saudosismo com o nosso interlocutor, ainda mais se estivermos perante alguém cuja experiência remonta às idas ao cinema numa sala algures na sua memória. Aí é ouvir o encanto da partilha dos filmes de eleição, dos actores, dos rituais a volta do cinema vividos por cada um.

Enquanto eu cresci não havia *DVDs*, Internet ou Televisão com centenas de canais, existia em S.Vicente apenas duas salas de cinemas, o Eden Park e o Mira-Mar, os dois lugares que contribuíram para a ampliação do meu imaginário e da minha cultura visual, proporcionando-me o encantamento que o visionamento dos filmes que iam chegando à ilha suscitavam em todos nós. Foram nestas salas, com todo o ritual e particularidades que somente uma ida ao cinema proporciona que assisti aos filmes que chegavam à ilha, quer fossem filmes de acção, *western* ou român-

ticos. Nessa altura uma ida ao cinema representava o expoente das nossas opções de entretenimento pelo que conseguir os 10\$00 para comprar o bilhete da geral era trabalho, mesmo na eminência de não conseguir um lugar depois de horas de espera numa bilheteira.

Eu cresci numa ilha onde havia cinemas e onde era cultivado a vida e a cultura cinéfila. Chegar ao Planalto e encontrar uma comunidade afeccionada pelo cinema, pela imagem, foi uma descoberta agradável. O Planalto é uma realidade cujo contexto e história estão distante das vivências a volta do cinema proporcionadas pela ilha de S.Vicente, o que contribuiu para o meu fascínio quando descobri que a essência do cinema estava lá, não obstante as voltas e os eventuais constrangimentos que a materialização de uma sessão de cinema implicasse. No presente as coisas estão facilitadas pela chegada da energia fotovoltaica, mas antes deste ano de 2016 as coisas não eram fáceis. Somente muita paixão e vontade de entrar num enredo em mundos e paisagens que permitam uma evasão pode justificar os trâmites das sessões de cinema que vivi no Planalto.

Tudo começava com a garantia da existência de combustível para o gerador, que se adquiria com antecedência em Porto Novo, a cidade que dista 50 Km de Chã de Feijoa. Ou seja, estamos perante um processo que implicava um planeamento, partilhado com pessoas da comunidade, que nesse dia compareciam ao local, também munidos dos seus telemóveis, aproveitando esses momentos para carregar os seus equipamentos de comunicação. Nesses momentos mais de quinze pessoas se organizam no quarto da Tanha — um espaço exíguo vivido até ao limite sem que questões de privacidade fossem equacionadas — para assistir a um 'momento de televisão', quer fosse um filme ou um episódio de uma novela. A segunda vez que participei num desses momentos o leitor não reconhecia a *pen drive* pelo que a sessão estava quase a ser suspensa. Foi quando perguntaram-me se eu tinha algum filme no meu computador. Tinha dois filmes: *O Discurso do Rei* de Tom Hooper e *O Cisne Negro* de Darren Aronofsky, ambos com legenda em Inglês. Optaram pelo *Cisne Negro*, dizendo-me que as legendas em Inglês não importavam, o importante era verem um filme. Esse momento levou-me a reflectir sobre a importância desses momentos nas suas vidas, a evasão e a descontração que o cinema oferece, pelo que coloquei nos meus planos partilhar outros momentos de cinema com eles. Foi assim que em determinados momentos levei um video-projector

e equipamento de som para o Planalto e na 'Casa do Meninos do Planalto' visionamos as curtas de *Charlie Chaplin, Os Sete Magníficos* de *John Sturges*, dinamizei um *Ciclo de Cinema Brasileiro*, além do visionamento do documentário *São Tomé - Os Últimos Contratados*, de Leão Lopes, no âmbito do 4.º Encontro Internacional sobre Educação Artística que também decorreu no Planalto Norte.

No presente a comunidade ganhou uma autonomia que permite alimentar a sua paixão. Chã de Feijoal tem energia solar fotovoltaica pelo que o problema de combustível está resolvido; foi-lhes oferecido um computador portátil e um vídeo-projector e têm um jovem da comunidade — o Vassily — responsável pela projecção. Continuo participando nesta dinâmica conversando com o Vassily sobre este tema, discutindo alguma programação e contribuindo com alguns filmes para o repertório cinéfilo das pessoas do Planalto.





A Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte é um equipamento estruturante na vida da comunidade. Aqui se encontra alimento para pessoas e animais a um custo justo, uma prática instituída nesse lugar. O Alcindo é a pessoa que gere o dia a dia da Cooperativa.

## ***A Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte***

*2013, Julho - Conversa com o Alcindo, balconista da Cooperativa*

*"Os preços dos alimentos básico no Planalto: 1kg de arroz são 105\$00; 1kg de feijão fava são 220\$00; 1kg de lentilhas são 180\$00; 1kg de açúcar são 90\$00; 1kg de sal são 35\$00; 1kg de massa são 90\$00; 1kg de feijão pedra são 210\$00; 1kg de cebola são 160\$00; 1 litro de milho 50\$00 e um saco 2.400\$00; farinha de trigo 1Kg são 70\$00; farinha de milho 1 Kg são 100\$00; 1/4 kg de leite em pó são 195\$00. Sim, o leite em pó é necessário porque nem sempre as pessoas têm uma cabra perto de casa e há quem não goste muito de leite de cabra.*

*A Cooperativa representou uma vantagem na comunidade. Antes do arranque da Cooperativa — 2007 — tínhamos uma proposta com os condutores que faziam as compras dos produtos que necessitávamos em Porto Novo. A partir dessa data começamos por garantir ração para os animais e depois produtos alimentares e de outras necessidades para as pessoas. Tudo começou com um carregamento de 500 sacos de milho que o Atelier Mar ajudou-nos a conseguir em S.Vicente, num momento*

*de grande seca em que morria muitos animais com a falta de pasto e de ração no Planalto. Neste momento as pessoas da comunidade encontram quase tudo do que necessitam aqui na Cooperativa e com um preço justo. Depois de somadas as despesas de compra e transporte crescemos uma percentagem de 15% aos produtos, fazendo com que os mesmos fiquem com preços finais que às vezes surpreendem pessoas doutras localidades, até mesmo pessoas do Porto Novo que passam por aqui. Neste momento somos 44 sócios da Cooperativa, com predominância das pessoas de Chã de Feijoal, mas existem sócios doutras localidades, nomeadamente, Chã de Coruche e Pascoal Alves. Os sócios pagam uma inscrição inicial de 2.000\$00 e mensalmente 50\$00, o que lhes traz vantagens nos custos praticados, bem como podem abastecer ao longo de um mês e regularizar as contas no final de cada mês. Neste momento a nossa principal preocupação é aumentar o stock pois vêm aí as chuvas e nesse momento os carros não podem circular nas estradas que ficam estragadas pelas águas das chuvas.*

*Também temos de lidar com as cabras que neste período começam a mudar de ideias. Assim que começam a sentir que vêm aí as chuvas deixam de comer o pouco pasto seco que por aí se encontra, e só querem comer ração, o que implica respondermos aqui na Cooperativa com uma maior disponibilidade de ração. Nessa altura se não tivermos ração podem morrer algumas cabeças de gado porque, esperando pela erva, as cabras só comem ração. É esta a principal razão das nossas preocupações em manter um stock antes das chuvas.*

*Para além de mim a gestão da Cooperativa é feita pelo Presidente e outros elementos que tratam da contabilidade e gestão de stock. No dia a dia eu trato das vendas e da folha de caixa diária.*

*Para além de trabalhar na Cooperativa tenho as minhas cabeças de cabra, assim como qualquer outra pessoa aqui no Planalto. Faço essa gestão com o apoio da minha família, o que acontece de uma forma natural aqui. A partir dos cinco anos qualquer criança do Planalto está a ajudar de alguma forma. Neste momento o meu filho, com onze anos, está a tratar as cabras.*

Foi a partir desta e outras conversas que fui entendendo os meandros da Cooperativa, o seu funcionamento no dia a dia e os planos de futuro que existem para este equipamento central na vida das pessoas do Planalto Norte. A Cooperativa veio enriquecer a comunidade em vários domínios, permite uma autonomia em termos de fornecimento de bens de consumo de primeira necessidade; contribui para que os dividendos

dos poucos recursos económicos fiquem na comunidade; estimula boas práticas numa gestão justa e criteriosa de um equipamento meritório no domínio em que se inscreve. As contas são transparentes, a gestão diária é eficiente. Qualquer produto que chega à Cooperativa, depois de retiradas as despesas, tem uma taxa fixa de 15%, a percentagem que permite gerir o projecto com uma margem de lucro justa. Como referido na conversa do Alcindo, antes da criação da Cooperativa, em 2007, as pessoas da comunidade pediam aos condutores das carrinhas que se deslocavam ao Porto Novo que lhes comprasse os bens necessários ao seu dia a dia. Hoje isso já não acontece. Neste momento a Cooperativa é constituída por 46 cooperantes que contribuem com uma jóia mensal de 50\$00 escudos. O estatuto de cooperante permite-lhes participar nas assembleias gerais da Cooperativa; serem eleitos para os corpos dirigentes; terem uma ficha de cliente que lhes permite consumir ao longo do mês, realizando o pagamento no final deste, práticas democráticas e solidárias que trespasam todos os segmentos do dispositivo Planalto.

Em termos de fluxo financeiro a Cooperativa gera uma média de 16.000\$00 diário, apresentando neste momento uma poupança de mais de 2.000.000 de ECV. Esta disponibilidade financeira permitiu aos seus dirigentes colocar a hipótese de adquirirem uma viatura, ou ampliarem o seu espaço, um passo importante para a Cooperativa e para a vida da comunidade de Chã de Feijoa.

A segunda opção foi avante, justificada pelas infiltrações de água na cobertura do equipamento. As vivências em cumplicidade entre os diversos actores que se cruzam nesta escrita mais uma vez se cruzaram. Ao M\_EIA chegou a solicitação para a elaboração do projecto de ampliação da Cooperativa e no momento desta escrita a construção da 'nova Cooperativa' está em curso, na fase de cobertura. A escola esteve envolvida ao longo de todo o processo, tendo desenhado e acompanhado o fabrico de elementos construtivos em S.Vicente — portas, sistemas de ventilação, balcão e estantes — numa dinâmica colaborativa que traduz aprendizagens anteriores realizadas que permitem resolver problemas complexos nesta comunidade de uma forma harmónica e mais sustentável em termos económicos.



## PLANALTO COMO LABORATÓRIO — REINTERPRETAÇÕES

### *Planalto: um laboratório de cruzamentos entre a arte, a educação e o design social*

“Sometimes action precedes understanding. Sometimes doing things catalyses the ideias” (Young Foundation, 2006:27).

As ‘inovações sociais’ no domínio do design ocorrem em processos que envolvem seres humanos ou comunidades em acções para resolver os seus problemas, baseando em premissas de ‘desenvolvimento sustentável’ onde referentes endógenos são factores relevantes. Esta afirmação permite justificar o Planalto Norte como um território fértil e estimulante para ‘pensar inovações sociais’; um lugar no qual estive disponível para as aprendizagens que daí pudessem advir. Estes argumentos levaram-me a assumir esse lugar como um ‘laboratório’ onde foi possível reflectir sobre realizações anteriores, ao mesmo tempo que posicionava-me em coordenadas que permitiram-me interagir com pessoas e a comunidade no desenho de acções perante o confronto com os actos que se apresentaram como pertinentes perante as situações que justificaram os caminhos percorridos ao longo do horizonte temporal desta tese.

São alguns destes actos ou casos que ocorreram no Planalto que são explicitados neste ponto, no entanto, antes de entrar na partilha de casos do Planalto, irei tecer algumas considerações que reflectam uma articulação entre os termos ‘desenvolvimento sustentável’ e ‘inovações sociais’ em contextos endógenos, dois conceitos que podem ser associados a alguns projectos que fazem parte dessa comunidade. Utilizo o conceito de desenvolvimento sustentável na assunção da sua proximidade com o conceito de decrescimento utilizado nesta tese, ambos os conceitos assumindo compromissos éticos com um futuro perante o qual as acções

do presente devem ser consideradas, também associados à necessidade da descontinuidade de uma sociedade assente num paradigma de crescimento contínuo — em que o bem estar é medido pelos níveis de produção e de consumo material —, o caminho em sentido oposto às premissas de sustentabilidade preconizadas por Manzini (2008) e Latouche (2012) e que estão em sintonia com a ideia de vivermos num planeta finito perante o qual não pode haver premissas de desenvolvimento contínuo. Não sendo uma ideia nova, estamos perante a incorporação das evidências que tornam inadiável a continuidade de um modelo de desenvolvimento com uma “perspectiva objectivamente impraticável” (Manzini, 2008:21)

Nesta tese, perante a questão do desenvolvimento sustentável, defendo o Planalto Norte como um ‘lugar laboratório’ que estimula uma reflexão endógena “onde diferentes movimentos rumo à sustentabilidade podem ser ensaiados” (idem, pp. 61), possíveis de indiciar outras formas de viver e de estar nesta globalidade, um lugar possível de caminhar rumo às “comunidades criativas e organizações colaborativas”, promotoras de processos de aprendizagem social largamente difusos que, segundo este autor, se traduzem em manifestações de criatividade, conhecimento e capacidades organizacionais diversas que deverão ser valorizadas do modo mais aberto e flexível possível. O conhecimento e acompanhamento de alguns projectos realizados na comunidade de Chã de Feijoaal permitem-me afirmar que as manifestações criativas e a valorização dos conhecimentos e capacidades das pessoas são considerados mais valias incorporados nestes processos comunitários — aprendizagens que são absorvidas nesta tese —, tanto nas premissas de uma educação artística que faça sentido num lugar com essas características, como também em processos de design em inovação social que justificaram o desenho de algumas linhas de acção desenvolvidas ao longo dos três de imersão nessa comunidade.

A premissa de dispositivo mínimo no Planalto poderá ser uma linha de aprendizagem neste processo de desenvolvimento sustentável em contexto endógeno, porquanto estar implícito o desenho do porvir de uma comunidade a partir dos seus segmentos constituintes, com o mínimo de interferências externas, onde a escala do local é o referente para o desenvolvimento. No entanto, não se descure que a localidade com os seus pressupostos endógenos seja contaminada por uma diversidade de forças globais externas, que condicionam as relações e políticas dos países e das

regiões aos ditames de instituições supra-nacionais e dos seus instrumentos de financiamento e de controlo de uma autonomia, liquefeita, onde os cidadãos cada vez têm menos voz, as linhas de força que corroboram para a reflexão acerca de uma 'ideia de dispositivo mínimo' que se encara mais como uma premissa ético-conceitual do que referentes quantitativo ou qualitativo que possam 'medir' a evolução da comunidade, do lugar, limitando as suas possibilidades de acontecimento no futuro.

A abordagem do desenvolvimento local endógeno parte do potencial dos territórios como factor importante de desenvolvimento, apresentando-se como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento com as tendências e premissas da globalização, indiferente aos processos internos das localidades e das capacidades endógenas de "mobilização do potencial e recursos locais de forma a favorecer os rendimentos e a criação de externalidades positivas (Braga, 2002:24). Trata-se de um pensamento convergente com a potencialidade que defendo em acontecimento no Planalto, perante a qual a comunidade de Chã de Feijoal tem ganho uma centralidade com visibilidade nas comunidades circundantes, uma linha de força que poderá permitir a essa comunidade desempenhar um papel importante na mobilização do potencial e de recursos existentes nas várias comunidades do Planalto Norte, o que poderá contribuir para o aumento de rendimentos e relações positivas entre elas. Não obstante alguns constrangimentos na superação de posicionamentos e pontos de vista antagónicos em relação a questões comuns, nos últimos tempos tem havido desenvolvimentos positivos no sentido de ultrapassar as divergências entre as várias comunidades do Planalto Norte, indícios da continuação de mudanças positivas mesmo que num futuro incerto.

Neste ponto assumo que existem casos de inovação social no Planalto Norte que encontram o foco do seu desenho em ferramentas de design, que aliados à sua dimensão social e reforçados em princípios de sustentabilidade justificam a sua partilha aqui, quanto mais não seja por motivarem esta 'viagem' ao Planalto e inspirarem algumas acções ocorridas ao longo da investigação traduzida nesta escrita. Numa primeira fase considero casos que reflectem uma aprendizagem social comunitária mobilizados por uma organização não governamental — o Atelier Mar — com um tempo/histórico que permite àqueles que partilham dos projectos promovidos por esta organização perceberem, através das vivências, que os

projectos podem tender para inovações sociais, e que têm uma trajectória no tempo, em que emergem lentamente a partir de um pequeno grupo de gente comprometida, amadurecem, depois ocorre uma fase de desaceleração, até se tornarem soluções implementadas e maduras, vivências no presente teorizadas (Young Foundation, 2006:20). Estas fases tornam-se evidentes nos 29 anos de vida de um Projecto de Desenvolvimento Comunitário que o Atelier Mar desenvolve numa comunidade em Santo Antão (Lajedos). Eu cheguei ao Planalto com esta vivência, o que permitiu-me posicionar de uma forma realista perante o contexto e as possibilidades de acção no Planalto. Algumas acções desenvolvidas no horizonte temporal desta tese indiciam possibilidades de futuro, algumas pinceladas que tive oportunidade de desenhar com a cumplicidade das pessoas da comunidade, perante as quais se exige o seu enquadramento relativo. Há um futuro no Planalto que nos procede e transcende, tempos que conferem uma relatividade e subjectividade a tudo quanto tenha sido realizado ou projectado.

O potencial encontrado nesse território permitiu-me associar a “Educação no Planalto” aos casos que ocorrem no tempo deste estudo, interligando-os numa tríade ‘design social + arte + educação’. Nesta tese os procedimentos são considerados como instrumentos que permitiram analisar os problemas e desenhar os processos que forjaram as soluções para problemas reais das pessoas e da comunidade, mas esses procedimentos não ocorreram numa sequência que possa ser acoplada à uma metodologia projectual design, ou a uma metodologia específica em educação artística ou ao ‘ouvir, criar, implementar’ do Human Centered Design ou a um modelo específico de Design Thinking que tivesse como finalidade os “problemas correntes da educação” — i.e. auxiliar uma comunidade educativa ou um educador a melhor determinado problema em presença, quer seja melhorar os resultados dos alunos, criar melhores experiências de aprendizagens numa escola ou redesenhar um currículo. No Planalto, confrontado com problemas complexos e difusos, os caminhos foram os menos usuais em ambientes de aprendizagem, primou-se pela inexistência de procedimentos específicos em que o conhecimento prévio dos métodos enunciados pudessem condicionar opções e procedimentos prescritos.

Início este ponto partilhando um projecto existente na comunidade de Chã de Feijoal que encaro como sendo um caso de inovação em design social endógeno, um projecto numa fase que se pode considerar em transição para o amadurecimento. Refiro ao 'Queijo Curado do Planalto', um produto com possibilidade de se inscrever na definição de inovação assumida pela Young Foundation (2006: 9) — 'new ideas that work' [novas ideias que funcionam]. Depois partilho algumas linhas de acção em estado embrionário, bem como outros eventos ocorridos durante a permanência de três anos nesta comunidade que assumem a dimensão social como o seu foco, i.e. A comunidade do Alimento do Planalto; As batatas do Ramiro; A casinha dos meninos do Planalto; Um abrigo Vivencial Justo; Uma Carta à Fundação Benfica/ o jogo de futebol;



## *O Caso Queijo Curado do Planalto*



Não existe nenhuma mudança que aconteça se não estivermos perante pessoas corajosas que estejam dispostas a assumir riscos e a encarar a incerteza como fazendo parte de um modo de existir. Essa é a condição primeira que faz com a existência de uma necessidade/problema seja superado em moldes mais ou menos inovadores, e que no caso em presença, efectivamente, se conjugaram os elementos que permitiram o encontro de uma solução de um problema concreto existente na comunidade de Chã de Feijoal. Aquando do início deste projecto (2010) a comunidade deparava-se com um problema concreto: uma elevada produção do queijo tradicional e uma dificuldade de escoamento do produto devido à inexistência de um transporte regular que permitisse a saída deste produto para as cidades do Porto Novo e Mindelo.

Foi nesse momento que se mobilizaram as capacidades inventivas e se mobilizaram as sinergias entre as “comunidades criativas e as organizações colaborativas” (Manzini, 2008), em processos de aprendizagem social que confluíram para o encontro da solução do problema concreto

em presença, aqui traduzido na procura de um caminho para a cura do queijo — a solução encontrada para o problema — projectada pela comunidade num estudo em parceria com o Atelier Mar.

Como referido anteriormente os processos de inovação social não se desenvolvem de uma forma linear. A cura do queijo pressupõe a existência de um ambiente controlado onde a humidade relativa e a temperatura ambiente têm de estar em conformidade com o produto pretendido. Neste caso concreto, para a cura do queijo no Planalto é necessário uma temperatura de 18.º centígrados e a humidade relativa a 80%. Nessa realidade, com os constrangimentos que têm vindo a ser apresentados, colocou-se uma questão central: como obter estas condições térmicas numa localidade onde não existia electricidade nem nenhum sistema alternativo para gerar energia? Utilizar um gerador eléctrica não seria uma solução sustentável, muito menos investir num sistema solar fotovoltaico para alimentar os equipamentos nos lugares de cura. Entre as várias rochas de origem vulcânica existentes no Planalto encontra-se a Pozolana, um material cujas propriedades permitem um rácio térmico que devidamente controlado permitiu encontrar o ambiente necessário para a cura do queijo no Planalto. Escavando as rochas de pozolona construíram-se as grutas de cura, uma resposta sem a qual não seria possível produzir o queijo curado no Planalto. Tratou-se de um processo difuso de design, no qual foram mobilizados saberes e capacidades das pessoas da comunidade na procura de uma solução para um problema real, num processo suportado em competências específicas de experts em várias áreas e domínios (design, artístico e educativo), tendo também participado nesse processo técnicos agrícolas e agro-alimentares. Foram vários os especialistas que, permitindo a articulação de saberes em diferentes áreas e níveis, justificam a assunção da solução para a cura do queijo no Planalto como um processo de co-design.

A primeira gruta de cura foi construída em Chã de Feijoal em 2010, um equipamento que para além da cura permitia o fabrico do queijo tradicional em melhores condições de higienização no processo de produção. Durante os primeiros anos houve uma boa articulação e envolvimento entre os produtores associados, o que se traduziu numa elevada produção. O produto ganhou espaço no mercado nacional, teve repercussão internacional, tendo sido considerado Património Mundial do Gosto pela organi-

zação Slow Food. Não obstante o potencial desse produto, têm surgido alguns constrangimentos organizativos e de produção que ultrapassados irão permitir o queijo do Planalto orgulhar a comunidade e o país. É necessário mobilizar mais produtores para o fabrico do queijo curado, estabelecer um protocolo de controlo de qualidade e melhorar a sua distribuição ao nível nacional. Ao longo das estadias realizadas constatei que os produtores ainda não tinham assumido o queijo curado como sendo uma propriedade da comunidade pelo que houve acções de sensibilização para esse facto bem como foi realizado uma formação nesse domínio para todos os produtores de Chã de Feijoa. Neste momento somente dois dos dezassete produtores da comunidade fabricam o queijo curado, o que demonstra as possibilidades de crescimento desse produto, com vantagens económicas para as pessoas e a comunidade. A produção 'em massa' do queijo curado só deverá acontecer com uma estratégia bem montada. Os produtores necessitam do dinheiro da venda do queijo tradicional (produzido diariamente) para comprar a ração para as cabras e garantirem o seu sustento. Entre a produção do queijo curado e a chegada do retorno da venda ao produtor demora em média um mês, um tempo que nem todos têm poupança ou rendimentos para suportar essa espera, fazendo com que somente dois deles, neste momento, produzam o queijo curado. Um investimento não muito substancial poderá catapultar esse produto para um outro nível. Espero que o futuro seja amigável nesse sentido.

Neste momento pode-se considerar que a cura do queijo no Planalto Norte está numa fase de consolidação da sua prototipagem, indiciando um projecto/caso de inovação social com condições para amadurecer, que sujeito a um investimento que permita o aumento da sua produção poderá transformar-se na principal fonte de rendimento da comunidade de Chã de Feijoa.



## *A Comunidade do Alimento do Planalto*



A cabra como elemento primeiro, a substância que permite o acto da idealização de uma comunidade do alimento no Planalto: a construção de um forno comunitário como uma potência em acto.

O Planalto é um lugar-laboratório que estimula uma atenção assertiva de quem pretende interagir nesse território. A forma e os procedimentos como as pessoas e os animais se relacionam com o alimento é uma outra dimensão do Planalto que não nos deixa indiferente. Os animais encontraram no risco [palha de pastores] a sua principal fonte nutritiva, alimentando-se desta palha que sendo considerada uma praga noutras regiões do globo, aqui as suas folhas estreitas e ásperas conferem-lhe uma resistência particular tornando-a numa benção para as cabras e os homens. A forma serena e solidária como as pessoas do Planalto vivem e resolvem os seus problemas transborda para a sua alimentação, tanto nos procedimentos e rituais com que o alimentado é tratado, como no seu processado e consumo. Os principais produtos agrícolas (milho, feijão, batata) são cultivados em sistema de sequeiro, onde a sementeira em pó continua como um procedimento que retrata a persistência de uma comunidade para ficar no seu lugar, plantando o milho, a batata e o feijão em terra solta, à espera de uma chuva irregular. Quando cultivado, o milho, o feijão e a batata ofertam à comunidade os nutrientes base da sua alimentação, que aliados a procedimentos de confecção simples e uma grande

disponibilidade para a partilha constituem os elementos base para este projecto em desenho: A Comunidade do Alimento do Planalto.

A Tanha é a figurante constante nas minhas incursões ao Planalto. É a Tanha que se responsabiliza pela chave e pelas limpezas da 'Casa dos Meninos do Planalto'. É a Tanha que cuida dos nossos abrigos no Planalto. É a Tanha que nos delicia com a simplicidade de umas papas de milho com leite de cabra, ou uma deliciosa cachupa onde impera a simplicidade do confeccionar. É a Tanha que diz a todos quanto chegam à sua casa, 'senta-te e almoça'. A Tanha tem uma placa 'Restaurante Tanha' numa fachada da sua cozinha, mas a Tanha não cobra pelas refeições que oferece a todos quanto chegam. Com a Tanha aprendi que o que se come ao almoço no Planalto vai ser colocado à mesa ao jantar e ao pequeno almoço da manhã seguinte. Foi com a Tanha que aprendi a comer canja ao almoço, ao jantar e ao pequeno almoço, assim como nunca pensei comer feijoada ou outra comida qualquer em três refeições seguidas, mas é assim que as coisas funcionam no Planalto. No Planalto não se pode dar ao luxo de desperdiçar alimento, e porque não têm frigorífico, o alimento ganha essa perenidade e esse respeito que tem sido negligenciado na sociedade da abundância de outras latitudes. Foi no Planalto que aprendi que era possível dividir um bodião por nove pessoas e ainda sobrar uns pedaços.

A "Comunidade do Alimento do Planalto" é um projecto que pretende estudar, projectar e valorizar o património do alimento e da cultura gastronómica da região numa perspectiva económica. O projecto funcionará em duas frentes: a primeira com sede no M\_EIA, Laboratório de Food\_Design que desenvolve os trabalhos de investigação aplicada com foco nas tradições alimentares da população do Planalto e em propostas de redesign ou de novos produtos a implementar na comunidade. A outra frente é implantada na comunidade de Chã de Feijoal. Aqui funcionará a Oficina de Produção do Alimento que integra uma cozinha comunitária e uma equipa de produção de processamento alimentar baseada essencialmente nos produtos de uso local, como o milho de terra e feijão ervilha, a batata inglesa, o leite, o queijo e carnes (de cabrito, de cabra, de porco e de galinha de terra).



A construção do forno decorreu em duas fase. Numa primeira fase o forno foi construído em cerâmica e cozido no M\_EIA com o envolvimento dos alunos. Na segunda fase foi montada no Planalto onde recebeu duas outras camadas de materiais, uma mistura de pozolana com barro e uma segunda camada de argamassa.

Neste projecto a construção de um forno representa um elemento distintivo do projecto pois irá permitir a ampliação da potencialidade da cabra no Planalto. Como referido anteriormente cada produtor do Planalto só consegue garantir a subsistência de quarenta cabras, considerando as dificuldades de mobilização de recursos para garantir a água e o alimento para os animais, principalmente no período da seca em que a ração é o principal sustento. Não conseguem estimular a criação de cabritos porque têm dificuldades em escoar o produto e quando as cabras ficam velhas tendem a morrer. Aqui entra o forno, desenhado tanto para cozer como para fumar a carne, proporcionando o surgimento de novos produtos como carne fumada, linguiça ou chanfana.

A construção do forno não foi uma tarefa simples pois quisemos experimentar novos procedimentos construtivos. A primeira fase ocorreu no M\_EIA com o envolvimento de alunos e professores, a segunda fase, de montagem, decorreu no Planalto envolvendo as pessoas da comunidade. A construção do forno iniciou-se com a construção de um molde com uma estrutura em cartão revestida com serapilheira e uma camada em gesso, que depois de seco recebeu placas de uma pasta cerâmica preparada para esse equipamento. Depois de modelado passou uns dias a secar até que

estivesse preparado para cozer. Todas as peças foram enumeradas para facilitar a montagem no Planalto. Construir alguma coisa no Planalto é de uma complexidade difícil de traduzir em palavras. O forno não fugiu a essa regra. Considerando que se iniciou a construção em S.Vicente e que se tratou de um processo novo, perante o qual tivemos de desenhar procedimentos e encontrar novas soluções até chegar com o forno cozido ao Planalto, as etapas da segunda fase encontraram os 'constrangimentos' que as pessoas do Planalto já lidam com naturalidade aquando da construção de qualquer equipamento. Aqui o planeamento e a 'gestão' da obra inclui trazer água do Porto Novo ou das nascentes do Sul, na ausência de um carro a jorra e areia são transportadas em burros, o cimento vem do Porto Novo e depois é necessário mobilizar gente para a mão de obra. Isto porque todas as pessoas do Planalto têm as suas lides diárias programadas e não se encontram pessoas disponíveis a qualquer momento. Depois de mobilizados os recursos e criadas as condições de trabalho iniciamos a montagem do forno que demorou dois dias, isto considerando que a base tinha sido construída na semana anterior.

O forno ficou construído a tempo de receber a comitiva de participantes que esteve no Planalto, no âmbito do 4.º Encontro Internacional sobre Educação Artística que decorreu em Cabo Verde, de 13 a 18 de Março de 2016. O forno foi estreado com a confecção de uma chanfana, degustada tanto pelos participantes do encontro como pelas pessoas de Chã de Feijoaal.

As possibilidades futuras deste equipamento e o seu papel na 'Comunidade do Alimento do Planalto' têm de ser cruzados com a disponibilidade da Tanha, a mobilização de recursos os caminhos que vierem a ser traçados pela comunidade no seu todo. A ideia de processo de design difuso é assumida como procedimento subjacente à génese deste projecto, perante o qual, pessoas e entidades externas à comunidade mobilizam conhecimentos, capacidades e recursos, surgindo nesse processo como personagens coadjuvantes sem pretensão de determinar o seu porvir. A 'Comunidade do Alimento do Planalto' é um caso embrionário com premissas de inovação social com possibilidades de funcionar, a razão da sua partilha neste ponto que retrata alguns casos em processo na comunidade de Chã de Feijoaal.



# AS BATATAS DO RAMIRO

O Ramiro é pastor, produtor de queijo e agricultor. Vive no Planalto Norte, Santo Antão, na localidade mais árida da ilha. Todos os dias levanta-se às seis da manhã para tratar das suas cabras, dos seus burros, da Samira e dos seus dois filhos, do seu sustento. Para ter água potável, o Ramiro demora três horas de Chã de Fejoal à Cinta, sítio onde se localizam as nascentes que irrigam os Vales da Ribeira das Patas e Lajedos.. Este ano choveu no Planalto e o Ramiro pôde plantar e colher batatas.

[Cartaz de divulgação da acção 'As Batatas do Ramiro' no M\_EIA, uma comunicação que suscitou curiosidade até ao momento em que se desvendou outros contornos da iniciativa]



## ***As Batatas do Ramiro***

Ao longo das minhas estadias no Planalto estabeleci relações transversais com a quase totalidade das pessoas da comunidade, mas com algumas estabeleci uma relação mais próxima, sendo o Ramiro um dos 'actores' que contribuiu para o entendimento e a história da localidade a partir das partilhas que tive a oportunidade de receber. O envolvimento do Ramiro na trama desta tese começou no terceiro dia da minha primeira estadia no Planalto quando, acidentalmente, presenciei a escrita e a entrega de um pedido de autorização para cortejar uma rapariga, uma prática que no presente poderá ser estudada numa perspectiva etnográfica em Cabo Verde, mas que no Planalto ainda é um procedimento regular e encarado com normalidade pelas pessoas da comunidade.

Os momentos de partilha e de aprendizagens que o relacionamento com o Ramiro iam suscitando aconteceram em vários contextos. No dia em que conheci os seus pais, no lugar que o seu pai cuida há mais de 30 anos — o Morro — agora o 'território' do Ramiro.

*O dia a dia do Ramiro, semelhante a todos os pastores do Planalto.*

*"Estamos a caminho de Morro, mais à frente é Lim d'Gôte, depois Buraquinho, a seguir Selo e finalmente Escravirim. [Escravirim é o lugar onde o Anibal foi hoje buscar mangas, dista três horas de Chã de Feijonal e é onde vamos colhe-las nesta altura]. O que faço no Morro todos os dias... Levanto-me às seis horas da manhã no Queimado, preparo os burros carregando-os com água, e ponho-me a caminho do Morro. Chego por volta das sete horas, abro o curral e levo os animais a pastar. Por volta das dez horas vou recolhe-los, dou-lhes de beber e depois preparo o meu café. A seguir preparo os recipientes para recolher o leite das cabras, faço a ordenha e deixo-as ir novamente para o campo para continuarem a pastar. — [Neste momento o leite é pouco, das minhas 40 cabras só consigo obter 8 a 10 litros de leite, contrariamente a época das chuvas em que a produção ronda entre 30 e 35 litros de leite, considerando que temos de deixar alguma quantidade para a criação beber] —. Depois de irem novamente para o campo começo os preparativos para o fabrico do queijo. Enquanto o leite está a coar, ponho a panela ao lume e preparo o almoço [normalmente arroz seco, feijão ou massa com um pedaço de galinha ou algum enlatado; às vezes com um ovo estrelado, e já está!]. Depois de almoçar vou ourelar as cabras [juntar as cabras] e a seguir faço os queijos. Depois de fazer os queijos as cabras continuam a pastar e por volta das 18:00/18:30H vou recolhe-las para o curral. Entretanto já tenho os burros preparados para acompanhar-me para o Queimado".*

Foi nesta conversa que soube que o Ramiro tem um ajudante, o Randi, uma criança de 11 anos que durante as férias e nos fins de semana ajuda-o nessas lides que acabara de enumerar, à excepção do fabrico do queijo. As tarefas do Randi incluem viagens às nascentes de Cinta. Como contrapartida pela ajuda, o Ramiro responsabiliza-se pelo pagamento das despesas da educação desta criança.

Foi o Ramiro que proporcionou-me mais uma viagem aos nossos procedimentos ancestrais, neste caso agrícola: os procedimentos da sementeira em pó. Isto porque no tempo intermédio entre o fabrico do queijo e orelar das cabras há espaço para a agricultura, de sequeiro, utilizando a sementeira em pó. Estamos perante uma pratica ancestral resgatada por Manuel Lopes (1960), quando partilha a realidade e os dilemas do José da Cruz vividos neste mesmo Planalto, com o problema da chuva ou da sua ausência, com o dilema de colocar ou não os poucos grãos de milho no chão ou na panela para comer. Sementeira em pó o procedimento que permite o cultivo do milho da batata ou do feijão em terreno seco, solto, na expectativa da chuva, que quando calha, faz com que o crescimento das plantas ocorra mais rápido do que quando plantado depois de chover.

No ano em que tive essa conversa com o Ramiro [2013], não choveu no Planalto; também não choveu em 2014.

Em 2015 choveu no Planalto.



Da incerteza da sementeira em pó ao registo da potencialidade do verde contido no castanho das montanhas do Planalto. Em 2013 a terra recebeu as sementes e nada foi colhido. Em 2014 as práticas e a esperança foram as mesmas, mas também não choveu. Em 2015 choveu. Da paisagem ressequida nasce o verde que inunda as montanhas e a esperança dos homens.

Em 2015 choveu, a lacuna da potencialidade foi preenchida e a comunidade colheu batatas. Toneladas de batatas.

Ajudas-me a vender as batatas? Eu, sem pensar, respondi sim.

Durante os dois anos seguintes eu continuei a visitar o Ramiro no seu Morro, acompanhei a sementeira em pó que ele fizera, sem resultado algum. Em 2015 choveu no Planalto e o Ramiro, assim como todos os pastores da comunidade que também são agricultores colheram batatas. Toneladas de batatas. A odisseia que veio a acontecer com 'As Batatas do Ramiro' aconteceu em molde semelhante a todas as acções realizadas no Planalto no decorrer da investigação que se traduz nesta escrita. Sem nenhuma programação que condicionasse a ocorrência de uma acção, somente o estímulo pelo acontecimento como razão para alimentar a ideia ou necessidade com que tivesse sido confrontado, a premissa da educação no Planalto com o início num lugar que não tivesse de ser necessariamente o princípio, uma resposta a um problema real e significativo para o sujeito em presença, perante o qual existe uma necessidade de resposta em que não se questionam os aspectos operativos. Uma resposta que

acontece quando estamos imbuídos num processo de educação artística associado a processos de design que implicam as pessoas e as comunidades no seu todo.

Foi esta disponibilidade que levou-me a responder sim ao Ramiro, perante a sua pergunta: Ajudas-me a vender as batatas?

A acção 'As Batatas do Ramiro' ganhou uma outra amplitude quando o M\_EIA apresentou-se como o destino das cinco toneladas de batata, uma escola de arte a 'vender batatas', ampliando as possibilidades dessa experiência, tanto para o Ramiro como para alunos e professores da escola e S.Vicente no seu todo. Esta acção ganha uma nova dimensão quando enquadrada numa tese em educação artística que incorpora os bolbos do rizoma como fazendo parte da viagem, numa tese em que se suspendem práticas, conhecimentos e prescrições de um entendimento das acções que possam fazer sentido em arte educação, que aponta uma direcção desconhecida onde o sentido da arte e da vida se cruzam como razão substancial para agir.

Com duas semanas de antecedência em relação a data prevista para o evento no M\_EIA afixei vários cartazes onde apresentava 'As Batatas do Ramiro', sem que fosse fornecida informação específica em relação ao que iria acontecer. O cartaz causou impacto na comunidade, mas não adiantei mais informação. Uma semana antes da chegada do Ramiro divulguei um outro cartaz com mais informação. Este segundo cartaz enquadrava 'As Batatas do Ramiro' nos seminários que semanalmente ocorrem na escola, no mesmo 'espaço' onde gente 'douta' partilhou os seus saberes, agora teríamos a presença de um pastor e agricultor vindo do Planalto Norte. Depois de uma breve apresentação passei a palavra ao Ramiro que falou de si, da sua experiência, da sua vida, da forma como chegaram ao M\_EIA 550 Kgs de batatas. Depois da conversa do Ramiro descemos para o pátio da escola onde a logística montada permitiu vender 550 Kgs de batatas numa tarde. A perplexidade da situação ganhou espaço na comunicação social quando um jornalista, apercebendo-se do acontecimento, entrevistou-me mais o Ramiro. As 'Batatas do Ramiro' difundiram-se pelas ondas hertzianas de Cabo Verde, a perplexidade ganhou uma nova dimensão. Fui interpelado, a escola também, positivamente. Esta acção deixou subentendido que existe 'espaço para as batatas' numa escola, e sendo uma escola que lida com a dimensão do artístico

num registo nem sempre material, com um histórico de inscrição e de envolvimento na vida das pessoas e das comunidades, a estranheza inicial foi encarada como uma realidade tão legítima como outra qualquer. A ideia de contaminação subjacente a uma “Educação no Planalto” a implicar o M\_EIA, num processo de estreitamento dos laços entre os lugares de cumplicidade desta tese, perante os quais se desenha uma educação com premissas afins.

Esta acção associada à “Educação no Planalto” encontra repercussão em “todas as coisas como causas” para aprendizagens que se desenham no Planalto, “aprendizagens difusas” que mais uma vez associa à ideia de design difuso de Manzini (2015), cuja premissa permite encarar o Ramiro como um sujeito em confronto com a necessidade de melhoria da sua vida, contexto a partir do qual mobiliza as suas capacidades e imaginação para desenhar o seu projecto de vida, no qual intrometi-me, disponibilizando e mobilizando outros saberes e competências, quer sejam no domínio educativo, artístico ou de design, direccionando a solução do problema para uma dimensão com indícios para uma inovação social em design. Uma acção no singular com possibilidades de ampliar o seu campo de acção, aliás, uma constatação real. Após o regresso do Ramiro de S.Vicente, na viagem seguinte que fiz ao Planalto fui interpelado da seguinte forma por um pastor/agricultor: “Gostaria de saber se o senhor quer comprar as minhas batatas” — o indício da possibilidade da transformação desta acção no projecto “As Batatas do Planalto”.



## ***'Casa dos Meninos do Planalto' / Biblioteca***



O Alcindo é produtor de queijo e balconista na Cooperativa de Consumo. Em Outubro de 2014 ele fez parte da comitiva do Atelier Mar que viajou para Itália, Terra Madre. 'Casa dos Meninos do Planalto' no momento em que o Alcindo partilha a viagem com as crianças da comunidade.

Na minha primeira estadia no Planalto [Julho 2013] a 'Casa dos Meninos do Planalto' não existia. Nessa altura as crianças tinham menos oportunidades de se relacionarem com o 'livro', ou com as imagens e ilustrações que pudessem retratar outra realidade para além da circundante. Algumas habitações da localidade são decoradas com elementos religiosos, cartazes de um clube de futebol, ou uma cópia de uma pintura, com frequência natureza morta. Lembro-me de ter pedido a mochila ao Admilson (criança que frequentava o 5.º Ano nessa altura) e deparar-me com um conteúdo básico — um caderno, um lápis e um livro do Estudo do Meio — muito diferente do conteúdo que estava habituado a encontrar nas pesadas mochilas de outros meninos de outras realidades e em idade escolar. Em casa do Admilson não havia mais livros, nem electricidade, computador, televisão ou outros artefactos que pudessem facultar informação além daquela que ele trazia na sua mochila. A escola do Admilson

tinha mesas, cadeiras e um quadro preto. No Planalto não existia nenhum espaço ou equipamento que pudesse acolher as crianças depois das aulas, nenhum lugar onde pudessem encontrar um livro, um espaço onde ler, estudar, desenhar, riscar, construir objectos. Eis a realidade e o contexto onde surgiu este espaço, 'Casa dos Meninos do Planalto', também identificado na comunidade por Biblioteca. Estamos perante um espaço/projecto despretensioso, tanto na denominação, como no foco de utilização ou utilizadores, que surgiu nos mesmos moldes em que brotaram as complicitades nesta tese. Estamos perante um projecto que existe no seu tempo e modo, perante o qual não existe uma necessidade ou intenção de agir numa direcção específica. A acção é impelida por um chamamento de interpretação da realidade, que fornece a razão e o sentido das possibilidades de realizações, num tempo que não se pretende como nosso. É o tempo das pessoas e da comunidade, perante o qual mobilizam-se vontades e recursos para a materialização de ideias que se pretendem simples, sem uma prescrição do seu porvir.



A 'Casa do Meninos de Planalto'. Antes [2013] e em 2016

A 'Casa dos Meninos do Planalto' localiza-se no Queimado, um dos núcleos habitacionais de Chã de Feijal. Trata-se de uma casa — com uma única divisão — em pedra e coberta de palha, numa planta rectangular com uma porta e uma janela, com cerca de 15m<sup>2</sup>, uma das primeiras construções existentes nesse local. O espaço foi recuperado. A tipologia manteve-se, as paredes interior e exterior foram caiadas, ao chão de terra batida foi acrescentado um pavimento em lajetas de cimento e pozolana; a

cobertura de palha foi renovada; as portas pintadas e o passeio foi renovado. Em termos de equipamento a 'Casa dos Meninos/ Biblioteca Planalto' dispõe de livros escolares, técnicos, literatura infantil, cabo-verdiana e universal; ferramentas básicas (martelos, serras, limas, plainas, chaves de fenda, fita métrica, berbequim, etc.); uma bancada de corte, um armário, uma mesa e cadeiras. O equipamento foi disponibilizado para utilização pela comunidade sem a definição de um programa, objectivos, regras ou contornos precisos de uso, com a premissa de que haveria a sua apropriação pelas pessoas, em função das diferentes necessidades, grupos e contextos de utilização possíveis. Durante o primeiro ano a 'Casa dos Meninos/ Biblioteca Planalto' o espaço foi utilizado pela generalidade dos grupos de pessoas de Chã de Feijoal. O espaço serviu para reuniões de coordenação de professores da escola pública; apoiou o estudo das crianças da comunidade; foi utilizado como espaço de leituras autónomas; todas as semanas o Aníbal reúne-se com os produtores no local para resolverem algum problema e receberem o dinheiro semanal da venda dos queijos; já ocorreram várias formações no espaço; serviu de dormitório em momentos específicos. Todas estas acções 'suportadas' por uma gestão autónoma onde a Tanha abre a porta, faz a limpeza e disponibiliza a chave sempre que necessário. Este equipamento, cuja gestão educativa é da responsabilidade do M\_EIA, tem vindo a ganhar conteúdo no horizonte temporal da investigação que se traduz nesta escrita, e surge enquadrado na premissa de dispositivo mínimo, uma linha de pensamento que estimula o desenho de projectos sem pressões e prescrições externas que determinem o seu futuro, deixando um espaço de inscrição para as pessoas e a comunidade na definição do porvir do próprio objecto. Assumindo a 'centralidade' que a comunidade de Chã de Feijoal está a ganhar perante as outras comunidades do Planalto Norte, este projecto poderá ampliar o seu raio de acção acolhendo os professores das outras comunidades para encontros de trabalho, desenho de acções conjuntas, partilha dos recursos e das aprendizagens efectuadas nas suas comunidade.

A partir da fase em que se encontra o projecto verifica-se a pertinência de uma discussão com a comunidade acerca da sua percepção do espaço e das suas potencialidades; da criação de uma estratégia que implique "porta aberta" com a realização de actividades desejadas e pertinentes.

No presente, um grupo de os alunos estagiários do M\_EIA direccionaram parte do seu estágio pedagógico para este projecto, estando a ser desenhadas acções a implementar no futuro.



## *Abrigo Vivencial Justo*



2013, 27 de Julho [Nota de Campo]

*Hoje é o dia de regresso para S.Vicente. Acordei às seis da manhã, a Tanha já estava acordada. A Tanha guisou uma cachupa, fritou um budião seco e a acompanhar, um delicioso café que a Tanha torra e mói de dois em dois dias. Depois acabei de organizar o abrigo, despedi-me da Tanha, da Sueli e do Ramiro e pus-me a caminho.*

*Perto de Bolona cruzei-me com o companheiro do Aníbal, um dos "gestores" do Bar Pitanga. Neste momento estava na companhia de seis burros e vinha abastecer-se de água, numa cisterna contígua à do Aníbal.*

*Efectivamente, o castanho atrai-me de uma forma que não consigo explicar. Neste momento já estou em Lajedos, no vale verde-jante que se vê de Cinta. Aqui, o verde e o castanho já não me atraem tanto. Será que as tonalidades das rochas das montanhas do Planalto, salpicadas por umas aparências do risco, constituem o cromatismo e a força anímica que equilibram o meu ser?*

*PENSO QUE ENCONTREI O LUGAR ONDE QUERO CONSTRUIR A MINHA CASA EM CABO VERDE: PLANALTO NORTE.*

Nesta fase final da escrita em que reconstituo fragmentos de vivências e reflexões efectuadas no horizonte temporal em que decorreu a investigação materializada nesta tese encontro passagens que traduzem um pensamento que só encontraria espaço numa tese em que palavras como fruição, contemplação, cumplicidade, dádiva, incerteza, arte, educação (...) não constituíssem ruído na mancha lexical da trama da escrita. Mais uma vez sinto o poder das palavras de Bondia (2002:2) quando ele diz

"O que vou fazer é, simplesmente, explorar algumas palavras e tratar de compartilhá-las. E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjectivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas connosco.

"Penso que encontrei o lugar onde quero construir a minha casa em Cabo Verde: Planalto Norte". Nada premeditado, nada sentido anteriormente em relação a nenhum espaço nas ilhas onde nasci, sem nenhuma

projectão ou razão que pudesse justificar esta ideia, muito menos retirar algum dividendo no contexto investigativo, eventualmente, ampliar os laços com a pessoas e a comunidade, estreitar relações de pertença que pudessem ser profícuos para ampliar os 'resultados de uma pesquisa'. Nada disto, simplesmente o mesmo ímpeto que justificou a definição desse território como o lugar onde faria sentido aceitar as dificuldades que como qualquer outro processo doutoral eu teria de ultrapassar.

As palavras que fazem as coisas a partir das quais damos sentido ao acontecimento. O abrigo foi construído durante o segundo ano em que decorria a investigação, num processo gerido pelo António [pastor, agricultor, líder comunitário, padeiro, gestor da Cooperativa] jovem detentor de todos os conhecimentos necessários para construir uma habitação ou outro equipamento, quer se trate de uma cisterna, um forno ou um espelho de água.

A construção deste abrigo suscitou alguma perplexidade na comunidade pelo facto de ser construído utilizando materiais tradicionais em desuso na comunidade — pedra e palha. À excepção do núcleo habitacional do Queimado — localização onde se encontra a 'Casa dos Meninos do Planalto' mais dois abrigos — a quase totalidade das casas de Chã de Feijal são construídas utilizando blocos de cimento maciços com cobertura plana em lajes de betão, uma tendência que acompanha a transformação da realidade paisagística de Santo Antão, denotando uma ideia de desenvolvimento associada à recusa de utilização de materiais tradicionais de construção (Sampaio, 2006). Efectivamente, estamos perante um paradoxo, considerando as práticas e vivências que demonstram a adequação térmica de materiais de construção tradicionais ao contexto climático da ilha, e em particular à amplitude térmica diária que ocorre no Planalto. E foi precisamente a questão térmica que suscitou maior perplexidade na apreciação da habitação pelas pessoas da comunidade.

Em Santo Antão existem tipologias habitacionais que vão da casa elementar, aos castelos, casas de palha, furnas entre outras. O 'Abrigo Vivencial Justo' parte da traça e das dimensões de uma casa elementar simples e evolui para um conceito com alguma inovação em termos de organização espacial, processos e elementos construtivos. Em termos tradicionais a casa elementar simples é um único espaço de planta rectangular

onde decorre todas as actividades domésticas, à excepção das actividades de lazer e alimentares que se fazem no espaço exterior. O abrigo localiza-se no alinhamento da 'Casa dos Meninos do Planalto', com uma implantação que protege-o dos ventos e excessiva exposição solar. Em termos espacial o 'Abrigo' tem dezoito metros quadrados, numa planta rectangular de seis por três metros, uma porta e uma janela na fachada principal e uma pequena fenestração para ventilação da casa de banho no alçado lateral direito. A casa de banho no interior da habitação é uma inovação deste abrigo em relação a casa elementar que não contempla este espaço, menos ainda as habitações do Planalto em que as casas de banho não são uma prioridade. Ao lado da casa de banho existe um espaço com um armário para arrumos. Sobre o vão destes dois espaços foi instalada uma tarimba que serve de 'quarto de cama', uma função diferente daquela que este espaço assumia tradicionalmente, como sendo uma arrecadação.

Neste 'Abrigo' a utilização do cimento é residual, contrariamente à maioria dos processos construtivos em uso no Planalto. O cimento é utilizado nos lintéis para as fenestrações e na juntas que unem as pedras das paredes, o grosso do material utilizado neste abrigo. São estas pedras que conferem as propriedades térmicas amigáveis deste abrigo, fazendo com que durante o dia absorvam o calor tornando o interior da habitação fresco, acontecendo o oposto durante a noite, libertando o calor absorvido durante o dia, numa harmonia com a cobertura em palha que faz com que a temperatura ambiente seja equilibrada e muito agradável. As pessoas mais novas de Chã de Feijoaal foram perdendo ou nunca tiveram essa memória sensitiva, o que tem suscitado uma certa perplexidade na apreensão deste espaço, sempre que podem. Estando a porta aberta, uma prática normal no Planalto, chegam, devagar como sempre, entram, encostam-se numa parede e ficam absorvendo a sensação. Depois exteriorizam um sentimento de satisfação pela experiência.

O 'Abrigo Vivencial Justo' tem cumprido a necessidade vital com que foi idealizado, extrapolando a sua materialização para outros domínios não previstos. O M\_EIA e o Atelier Mar têm desenvolvido alguns projectos no domínio da construção e utilização de materiais locais do Planalto — ie. a cisterna de 420 toneladas de água, a 'Casa do Queijo' ou recuperada a 'Casa dos Meninos do Planalto' — mas ainda não tínhamos vivenciado a concepção e construção de uma habitação com características

tradicionais desde a sua fundação à cobertura onde fosse possível inovar nalgum domínio. Foi o que aconteceu neste abrigo, um contributo para os casos de inovação em presença.



## ***Projecto Bio\_plan***

Não obstante Cabo Verde ter atingido os objectivos de Desenvolvimento do Milénio, o país ainda se confronta com desafios no combate às desigualdades sociais, que se enfatizam nos meios rurais devido às dificuldades de natureza diversa, onde às questões de natureza ambiental se associam o acesso aos bens e serviços, fazendo que subsistam bolsas de pobreza efectivas no território. O Planalto Norte é uma realidade que concorre a esta caracterização, perante a qual se denota uma vontade de resistir, que nesta tese se adjudica às características físicas e psicológicas dessa gente que soube reagir as adversidades de uma realidade difícil mobilizando a persistência e a tenacidade como forças coadjuvantes.



O fogão de três pedras é utilizado por 30% da população de Cabo Verde, estando previsto pela Direcção Geral de Energia de Cabo Verde fogões a gás como substituto, o que permite encarar outras soluções como fazendo parte do problema de cocção no país.

Os problemas no dia a dia das pessoas do Planalto são vários e os procedimentos e opções para a confecção dos alimentos não simplificam as dificuldades que têm de superar. O Planalto Norte faz parte dos 30% da população de Cabo Verde que ainda não têm acesso às opções modernas de cocção, uma localidade onde os fogões de três pedras é um equipamento usual nas cuzenholas — compartimento anexo a casa onde se preparam os alimentos. A questão energética é uma preocupação do governo de Cabo Verde que coloca o ano de 2020 como horizonte temporal para erradicar o fogão de três pedras, sendo que numa primeira fase serão testados e difundidos fogões melhorados e numa segunda fase criadas as condições alternativas de cocção para as famílias (DGE, 2015). Até chegar os fogões melhorados no Planalto a vida nessa localidade continua com as suas rotinas, os *fetch's* de lenha a serem apanhados durante o 'deambular' dos pastores pelas montanhas, o fumo espesso a fazer parte da paisagem que acompanha a confecção da cachupa, temperando-a.

O gás é a alternativa ao uso dos fogões de três pedras proposta pela Direcção Geral de Energia de Cabo Verde, não descurando a possibilidade de se encontrarem outras soluções em parceria com os beneficiários, uma abertura aproveitada para desenhar e testar um modelo de fogão que utiliza a serradura de madeira como energia. Tanto o carvão como o gás utilizado nalguns modelos de fogões melhorados têm um custo, contrariamente a farinha de madeira excedentária nas operações de limpeza e transformação nas serrações e oficinas de carpintaria que se amontoam em sacos de 50 litros, e que são oferecidos a quem solicitar. Em S.Vicente é frequente encontrarem-se dezenas de sacos de serradura empilhados nas imediações de algumas oficinas, o ponto de partida para a viabilização da projecção de um fogão que utilize essa matéria prima.

Logo nas primeiras estadias no Planalto identifiquei essa necessidade e assumi o compromisso do desenho de um fogão como uma linha de acção durante o decorrer da investigação. Essa ideia foi materializada através do fogão Bio\_plan, um produto em teste junto da comunidade. Não se tratando de uma inovação tecnológica porquanto o fogão de serradura ser do conhecimento em várias culturas, aqui no Planalto este equipamento representa uma possibilidade de minimizar o problema de cocção na comunidade através de uma resposta com um custo quase nulo, ao mesmo tempo que se reduz a pressão humana sobre a vegetação

e com uma diminuição do nível de emissão de CO<sub>2</sub> comparativamente ao uso do fogão de três pedras. Em termos de eficiência energética este tipo de solução é mais eficaz e as estratégias de futuro desenhadas para este projecto irão permitir com que se encontrem melhores respostas neste aspecto.



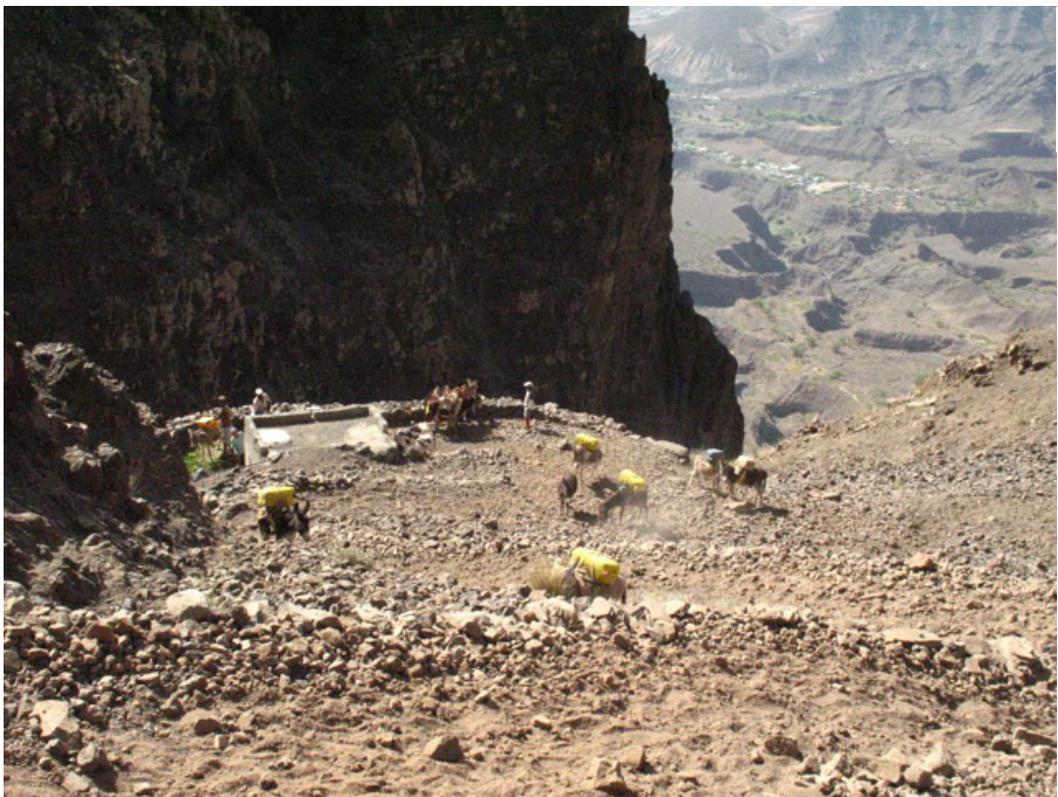
O Bio\_plan é construído a partir de uma lata de leite em pó vazia. Depois de aceso o fogão fornece cerca de 3 horas de fogo.

O protótipo do Bio\_plan foi construído em chapa de ferro maciço utilizando um tubo cilíndrico com as dimensões de uma lata de leite em pó que se encontra com facilidade em Cabo Verde. Não obstante a 'sophisticção' do protótipo que permite dois níveis de carga que se traduzem em tempos de combustão diferentes em função do alimento a preparar, o princípio de funcionamento é semelhante àquele utilizado para fabricar o fogão utilizando uma lata de leite em pó vazia. A única operação a realizar na lata é abrir um buraco a dois centímetros da base com cerca de quatro centímetro de diâmetro, o buraco por onde se enfia um pau que irá encontrar-se com outro pau na posição vertical, que depois de se encher a lata de serradura são removidos para criar o canal de combustão do fogão.

Neste fogão para o Planalto foi construída uma estrutura em ferro para suportar a panela ou frigideira, cujo custo foi 300 ECV [2,7€], o único custo do fogão considerando que a serradura é oferecida. Este fogão esteve em combustão cerca de duas horas e meia, sendo necessário mais tempo de combustão aumenta-se o volume da lata. Uma lata de tinta de quinze litros oferece sete horas de combustão ininterrupta com uma chama forte e intensa. Neste momento há ideias para a melhoria do fogão, mas uma das estratégias a implementar deverá passar por envolver os alunos de Design do M\_EIA na concepção de um fogão melhorado para o Planalto, extensível aos 30% da população de Cabo Verde que ainda utiliza o fogão de três pedras.



Protótipo do fogão Bio\_plan em ferro que permite dois níveis de carregamento de serradura.



De uma das nascentes de Cinta pessoas e animais abastecem-se da água que brota das montanhas que irrigam a Ribeira das Patas, a localidade ao fundo nesta imagem.

## ***Captação e transporte da água de Cinta***

O principal problema das comunidades do Planalto Norte é a obtenção da água para o consumo das pessoas e dos animais. Várias soluções têm sido encontradas para minimizar este problema — construção de cisternas para captação das águas das chuvas, construção de depósitos para armazenamento de água comprada em Porto Novo — mas um acesso mais fácil à água disponível nas nascentes de Cinta é a solução sonhada pelas pessoas de Chã de Feijoal. Continuam a percorrer as três horas de caminhos sinuosos para carregar um burro com dois recipientes de plástico de 25 litros, quando em conversas frequentes surge a captação e o transporte de Cinta como a melhor realização para os problemas da comunidade. Assim entrei nesse imaginário do colectivo, fiz várias viagens às nascentes de Cinta e comecei a sonhar a minha participação na resolução deste problema. Não podendo assumir compromissos dessa envergadura no contexto de um trabalho académico, limitei-me a realizar alguns contactos exploratórios com a Direcção Nacional de Energia de Cabo Verde, contactei técnicos especializados que poderão ser mobilizados neste projecto de futuro, que vindo a concretizar-se poderá inscrever-se num caso de inovação social relevante no Planalto Norte. É esta a razão da sua inclusão neste ponto, indiciando desde já os caminhos futuros que pretendo continuar a vivenciar nesse território.



## NOTAS CONCLUSIVAS

Esta tese sustenta-se na proposição arte/educação/cultura como vectores de aprendizagens que estimulam desenvolvimento em contextos concretos, assente numa abordagem educacional desenvolvida numa localidade, um referencial conceptual que permitiu-me chegar ao lugar com um posicionamento específico, despojado de pretensões e que estimulou a minha participação na vida e no dia a dia das pessoas da comunidade, em cumplicidade, envolver-me nos seus desafios e problemas como focos potenciais de aprendizagens. Foi nessa perspectiva que assumi o território da cultura e da arte como o espaço de inscrição onde faz sentido pensar uma educação artística em Cabo Verde, que se queira inclusa e real, que permita a cada um, num processo de aprendizagem social (Manzini, 2008:20), encontrar as respostas que a complexidade do seu território e do tempo presente nos confronta.

Nesta tese defendo que existe uma opacidade nas políticas culturais em Cabo Verde, facto que influi nas dificuldades da sua articulação com a educação e por inerência na educação artística no país, uma especificidade educativa que padece da enfermidade que assola o sistema educativo cabo-verdiano — “forte dependência científica e curricular em relação ao exterior (...) de um modo geral decalcados ou adaptados dos que são adoptados por instituições universitárias portuguesas” Varela (2013:157). Esta tese posiciona-se perante este cenário como sendo um precedente consequente, cujas premissas e metodologia podem ser experimentadas com possibilidades de transformação de outros territórios/laboratórios com características culturais, antropológicas, demográficas e económicas similares aos da comunidade onde foi realizado o estudo. Defendo que a articulação das vivências, experiências e capacidades existentes entre os dois territórios onde decorreu a investigação — M\_EIA e o Planalto Norte — e na perspectiva de investigação aplicada que ocorre nesta instituição do ensino superior em Cabo Verde, poderemos estar perante um indício de um caminho para a discussão e gestação de um paradigma educativo endógeno em Cabo Verde e por inerência a educação artística.

Ao longo do estudo determinadas proposições se evidenciaram pela sua pregnância e pela amplitude que assumiram no corpo do documento, pelo que neste ponto reforço algumas declinações para a escrita precedente, uma opção em linha com a 'coerência rizomática' do corpo do estudo, perante a qual as intromissões na viagem foram constantes na forma como esta tese foi construída, fazendo com que uma linearidade temporal na escrita se relativizassem e se desse aso às possibilidades como um acto no porvir.

Perante o exposto e indo ao encontro de questões levantadas ao longo do estudo e não pretendendo com o mesmo extrapolar os seus limites, considero que as localidades não devem ser consideradas bordas excluídas do desenho de um plano de desenvolvimento de Cabo Verde, antes pelo contrário, a sua potenciação num devir, as "areias dos nossos percursos moleculares, individuais, comunitários, sociais e planetários" (Santos, B. S., 1987:44). A vivência cúmplice acontecida ao longo de três anos na comunidade de Chã de Feijoal permitiu-me entender a complexidade do local, da sua amplitude própria, quer fosse associado a um dispositivo mínimo ou a uma ideia específica de desenvolvimento; permitiu-me entender estes interstícios que se compõem em localidades como constituintes de uma potencialidade num devir em realidades com as características geográficas, social económica e cultural como Cabo Verde. Facultando o 'espaço' e respeitando os ritmos intrínsecos às pessoas e uma comunidade, tive a oportunidade de vivenciar aprendizagens reais e significativas numa das localidades com as condições de vida mais difíceis do país; tive a oportunidade de entender a dimensão relativa da 'evolução' de um dispositivo mínimo em três anos, passando de habitações iluminadas a luz de vela a habitações iluminadas com energia solar fotovoltaica; ampliou-se a Cooperativa de Consumo para um espaço com o triplo da área do espaço existente — projecto assumido na íntegra pela comunidade; um dispositivo mínimo descoberto por turistas que já pernoitam na comunidade num sistema enquadrado por agências de viagens; antes do final do ano prevê-se a chegada do sinal de rede para telemóvel na comunidade; os produtores de queijo têm um carro que lhes permite autonomia na distribuição do seu produto, cenário contrário a um tempo não muito distante em que somente às segundas, quartas e sextas passavam os carros na localidade; têm uma bola de espelhos iluminada por um projector na sede da sua associação, outrora iluminada por uma vela; os caminhos percor-

ridos por uma comunidade que assume os seus desígnios perante envolvimentos que implicam novos desenvolvimentos no caminho desenhado e vivido em comunidade, caminhos respeitados no desenho de um futuro que lhes compete, mesmo que se questionem determinados segmentos desse dispositivo em potência. Factos que corroboram a forma como este estudo foi desenvolvido: em respeito e em cumplicidade com os desígnios das pessoas e da comunidade; ausência de posicionamentos explícitos — o primado da suspensão dos saberes —, o entendimento relativo dos conceitos, neste caso de dispositivo mínimo, sempre em clarificação, onde assumi o posicionamento de observador, eventualmente observador coadjuvante no processo, o papel em que encontrei neste estudo.

Foi articulando as premissas de investigação e educação artística neste estudo que posicionei-me nesse território, com o objectivo de participar na sua 'exponenciação', com o mínimo de dispositivos, utilizando os pressupostos do design para a inovação social como pressuposto para a acção. Não obstante a dimensão relativa do conceito 'dispositivo mínimo', esse referente conceptual permitiu-me participar nas mudanças ocorridas nas vidas das pessoas de uma comunidade com as premissas assumidas, ou seja, com o mínimo de interferências externas, a partir do momento e do tempo vividos no local, a partir de acções simples — i.e. Cair o Planalto; escrever 'uma carta à 'Fundação Benfica'; desenhar um fogão como alternativa ao fogão de três pedras; acompanhar pessoas da comunidade em viagens às nascentes onde vão buscar a água que consomem, etc. — mas significativas para as pessoas e a comunidade. Foram as acções desenvolvidas em contexto de dispositivo mínimo que levaram-me a encarar as aprendizagens sociais, mesmo que difusas, como sendo poderosas manifestações das dinâmicas em comunidade, que estimularam o acontecimento no agora, sem amarras a um tempo, sequência ou momento pré-definido para iniciar, a permissão para começar do meio preconizada por Rogoff (2007), concretizações que levam-me a relevar as implicações dos conceito de dispositivo mínimo e potencialidade neste estudo.

A cultura, um dos vectores deste estudo, que no meu entender torna-se uma 'ideia' de difícil apreensão em Cabo Verde sem que seja perspectivada na sua dimensão lata e estruturante, consubstanciando a sua percepção pelo mais fundamental que qualquer ser humano necessita, o seu sustento. A partir do Planalto, afunilei a lente para o S de susten-

to de Agostinho da Silva que considera-o como o fundamento primeiro da cultura; assentei nas palavras de Romano (1979:153) quando profere que “o autóctone nasce e vive sob a atmosfera constante de uma preocupação: alimento”; para a dimensão estruturante da cultura na lavoura (Eagleton, 2003:9); para posteriormente considerar as palavras de Leão Lopes (1999:1) que refere a cultura como sendo o “suporte e o garante da existência humana de uma comunidade”; os abstractos que permitem-me entender que em Cabo Verde, mesmo perante uma realidade fragilizada neste domínio, ainda poderá sustentar uma ‘idéia’ consequente de cultura assente numa realidade difícil onde ainda subsistem várias vulnerabilidades, almejando tocar o futuro em seu lado de cá, a premissa geradora de um devir em possibilidade, pressupostos para a sustentação junto das pessoas e das comunidades da cultura, o caminho para ‘transbordar’ em manifestações e produtos a montante consequentes e sustentáveis. Foi com a comunidade de Chã de Feijoal que entendi a amplitude do S de sustento; foi com as pessoas dessa comunidade que aprendi a força da perseverança e da resistência mesmo perante um amanhã que se repete e perante o qual é-se confrontado, sistematicamente, com a impotência perante factores que transcendem a compreensão humana. Foi no Planalto que vivi a potência do nada, do pó perante o qual se pratica a sementeira, a acção pertinente que se realiza todos os anos, mesmo sabendo que a chuva poderá não cair. Acontece que de quando em vez da secura do pó a comunidade colhe batatas — toneladas de batatas — feijão, milho, abóbora, uma experiência que transforma a terra, as montanhas e a nossa sensibilidade; o alimento que sustenta as pessoas e as almas fazem-nos-nos sonhar com a ‘Comunidade do Alimento do Planalto’ — um acto potencial de um segmento de cultura em devir.

Encontrar uma articulação entre proposições que especulassem a pretensão de investigar em educação artística associada ao binómio cultura e desenvolvimento em Cabo Verde em aprendizagens cúmplices construídas nos interstícios do Planalto e do M\_EIA — o objecto do estudo —, foi uma intenção dificultada pela realidade do país neste particular, onde investigação e educação artística são práticas incipientes; os espaços de produção, fruição e de divulgação artística são escassos no panorama cultural, subsídios que existindo conduziram este estudo para novas reconfigurações, contributos que implicariam novos sentido perante esse referencial ‘histórico’ difuso. No entanto, esse panorama “embrionário”

no país no domínio da educação, investigação e fruição do artístico con-substanciou possibilidades de reflexões em torno de políticas culturais e ideias de desenvolvimento existentes no país, o ponto de partida para algumas linhas de 'evasão' apresentadas na tese. Perante 'ideias' de cultura vigentes no país, mobilizadas por 'discursos' proferidos por poderes políticos que sustentam as suas 'teses' em ideias tipo 'indústrias culturais' e outras construções que estimulam (des)entendimentos acerca do papel da cultura num país como Cabo Verde, faço o contraponto de 'outros lugares' da cultura onde as singularidades que se constituem em lugares específicos — i.e. Planalto — resistem contribuindo como suporte para um país com as características de Cabo Verde, onde assumo a cultura na sua dimensão lata e estruturante nos lugares e nas comunidades, onde a vida e os seus problemas clamam por cumplicidades, soluções e aprendizagens partilhadas, um território onde a investigação e educação artística têm um espaço fundamental.

No quadro da especificidade de uma educação artística que prima por processos endógenos no desenho do seu projecto destaco o M\_EIA — Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura — uma 'bolsa' de resistência neste quadro geral. Não pautando o meu pensamento numa "narrativa de salvação" (Martins, 2011:57) perante qualquer 'instância' ou dispositivo que considere a Educação Artística como o 'caminho para a resolução dos problemas educativos', entendo que esta dimensão educativa articulada com uma ideia de cultura aqui defendida seria um caminho para desbravar territórios virgens, o estímulo para a concretização de experiências em localidades e comunidades específicas; um mote de inscrição de utopias, contrapesos às ausências de 'políticas utópicas' que ampliem a escala de intervenção e posicionem os 'lugares' em linha onde educação/ arte/cultura possam ser vectores de desenvolvimento — mesmo que difusos — o enquadramento deste estudo no Planalto.

É a partir do M\_EIA, o outro lugar de 'cumplicidade' desta tese que faço a 'ponte' para o Planalto Norte. Volvidos doze anos desde a criação deste projecto assumo as funções de direcção da escola, num momento de reorganização do funcionamento, gestão curricular e administrativa dos cursos instituídos no M\_EIA, através de uma estratégia pedagógica designada de Campo de Estudos (CE), o fio condutor que, no âmbito deste estudo, permitiu cruzar acções concretas entre esta escola e o Planalto.

No âmbitos de CE realizados ou em curso nesta comunidade, realizaram-se acções eclécticas desde promover um concerto com um artista new age nas montanhas do Planalto; cair as casas do Planalto; dinamizar actividades plástica-construtivas com as crianças da comunidade; proporcionar aos alunos estagiários do M\_EIA interações diversificadas no âmbito da educação informal; em implementação um outro CE 'Comunidade do alimento do Planalto'; práticas de uma escola superior de arte tendo como referente outros conceitos e um outro posicionamento em relação a investigação e educação em arte, uma escola que comunga dos princípios subjacentes ao 'paradigma Educação no Planalto' o que leva-me a acreditar que o M\_EIA terá condições para se assumir como uma escola de futuro.

Este antecedente argumentativo é a teia na qual se tece uma ideia específica de educação neste tese, a "Educação no Planalto", o 'lastro' que justificou as aprendizagens realizadas nesse território, ao mesmo tempo permitindo extrapolá-las para um outro nível, mais conceptual, numa escrita que se esvai para uma dimensão metafórica da "Educação no Planalto", que creio em sintonia com as aprendizagens que sempre existiram no Planalto, num confronto com uma realidade perante a qual ousou "desconstruir" um discurso educativo naturalizado em Cabo Verde. Essa (des)construção foi vivenciada a partir dos cruzamentos de aprendizagens da/na vida de uma comunidade, enquadrada na assunção da cultura e da arte como um campo amplo de inscrição da educação artística e perante o qual esteve subjacente um entendimento específico de desenvolvimento a suportar o 'quadro geral'. "Educação no Planalto", a sintonia com uma ideia que não permite refutar a vida e os saberes de uma comunidade, perante a qual se aprende o pragmatismo com que se define o número ideal de cabras para um rebanho — 40, tendo em consideração a capacidade de sobrevivência em tempo de seca; a quantidade que se relaciona com o número de burros existentes na comunidade [1 burro por cada 10 cabras] — o entendimento que os homens vão construindo da 'psicologia' das cabras: afinal é necessário um stock de ração antes da época das chuvas [os acessos ficam intransponíveis] porque as cabras pressentindo 'as águas' não comem o risco que salpica as montanhas do Planalto; uma comunidade que aprendeu a importância do aglutinar forças traduzindo essa compreensão em várias associações; um lugar distante onde mesmo não existindo electricidade a balança da Cooperativa foi sempre digital, um lugar onde se praticam os preços mais justos de Santo Antão; o lugar

onde aprendi que é possível dividir um bodião por nove pessoas e ainda sobrar; o lugar onde aprendi o sentido pelo respeito do pouco, do quase nada, onde nada se desperdiça.

As vivências ocorridas no Planalto permitiram-me assumir esse lugar como um 'laboratório de aprendizagens', participar em dinâmicas que se traduziram em acções onde foi possível cruzar a arte, a educação e o design social, partindo do pressuposto que a realidade do Planalto Norte incorpora as características que predispõe as suas comunidades como receptivas a inovações em design social — uma dimensão específica deste estudo — e que encontrou na comunidade de Chã de Feijoal um território fértil. O foco com a lente da inovação social levou-me a considerar que existe um projecto na comunidade de Chã de Feijoal em transição para o amadurecimento: o 'Queijo Curado do Planalto', um produto com possibilidade de se inscrever na definição de inovação assumida pela Young Foundation (2006: 9) — 'new ideas that work' [novas ideias que funcionam]. A inspiração e a motivação suscitada por este caso, bem como a apetência da comunidade para o novo permitiu-me participar no desenho de outros processos, nomeadamente, o projecto da 'Comunidade do Alimento do Planalto' que pretende estudar, projectar e valorizar o património do alimento e da cultura gastronómica da região numa perspectiva económica; 'As Batatas do Ramiro', uma iniciativa de um pastor/ agricultor da comunidade que conseguiu vender 550 Kg de batatas no M\_EIA, uma acção que poderá extrapolar para um projecto alargado que envolva outros produtores; a 'Casa dos Meninos do Planalto/ Biblioteca', um espaço de 'irradiação' de aprendizagens onde as pessoas da comunidade encontram livros e ferramentas que utilizam de uma forma discricionária, uma estratégia que tem permitido ao projecto avançar e ser apropriado consoante as necessidades e motivações das pessoas e em sintonia com a ideia da 'Educação no Planalto' defendida neste estudo; o 'Abrigo vivencial justo', um projecto que nasce em contexto e no horizontal temporal deste estudo e que permite levantar algumas questões relacionadas com a habitação nessa comunidade — utilização de materiais locais; processos e soluções construtivos; inovações a partir da arquitectura vernacular, etc. — abrindo uma discussão que poderá ter repercussão na forma como a comunidade constrói as suas habitações; o projecto 'Bio\_plan', um fogão melhorado em fase de prototipagem que poderá auxiliar a comunidade a diminuir os encargos com a energia utilizada na alimentação, ao mesmo tempo que

contribui para a diminuição da pressão sobre a vegetação traduzida na utilização da lenha em fogões de três pedras; o projecto de aspiração máxima sonhado pela comunidade, 'Captação e transporte da água de Cinta', um projecto que tivemos a oportunidade de sentir a sua pertinência em primeira pessoa; perceber a sua amplitude e contornos; realizar contactos exploratórios com entidades e técnicos; um projecto cuja importância e amplitude se inscreve no porvir dessa comunidade, o que já transcende o domínio deste estudo.

A dimensão de educação artística neste estudo se associa ao Design, aqui perspectivado como um padrão ético para a ressingularização do tecido social, o caminho que conflui para a transitoriedade de um mundo assente em ideias de desenvolvimento contínuo para uma caminhada rumo à sustentabilidade, através de um processo de aprendizagem social onde será possível viver melhor consumindo menos, regenerando a qualidade do ecossistema global e dos contextos locais em que estamos inseridos Manzini (2008). Neste estudo defendo que Cabo Verde está em sintonia com esta problemática desde os anos oitenta, sem que houvesse conotação ou intenção de associar práticas endógenas ao design para a inovação social, o que não retira o mérito às práticas realizadas, antes pelo contrário. Refiro aos projectos desenvolvidos por uma ONG — o Atelier Mar — há mais de três décadas junto de comunidades outrora fragilizadas — social, económica e culturalmente —, mas que no presente vivem num quadro mais favorável; um conjunto de acções diversificadas realizadas em várias localidades do território nacional e que influíram na instituição de um projecto de referência do Atelier Mar, o M\_EIA — Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura. Em virtude deste histórico legítimo a assunção deste legado de design no M\_EIA, referente a partir do qual se desenvolve um trabalho de investigação aplicada junto de diversas comunidades, entre as quais o Planalto Norte.

Nesta tese defendo Cabo Verde reivindicando a sua especificidade neste cenário global tendo a 'escala local' como referencial para o desenvolvimento onde poderia encontrar enquadramento e pertinência para contribuir neste quadro global com as nossas partículas individuais, comunitárias e sociais (Santos, 1987). É facto que em quatro décadas como país independente, Cabo Verde transformou-me numa realidade social, económica e cultural mais evoluída, os índices de desenvolvimento instituídos

e medidos internacionalmente colocam o país numa posição de destaque em relação aos seus congéneres africanos, nomeadamente o seu posicionamento nos ODM que colocam o país como sendo de desenvolvimento médio, o que não obsta o país de enfrentar desafios importantes, nomeadamente uma dívida pública superior a 130% do PIB, um desemprego elevado — sobretudo entre os mais jovens — bolsas de pobreza, aumento das desigualdades, que coadjuvados ao facto de vivermos num mundo global incerto, de grandes incertezas e de grande riscos, colocam o país num quadro de vulnerabilidade que carece de um cenário em moldes inovadores que permitam ao país visualizar novos caminhos de futuro.

Planalto Norte/ Chã de Feijoal, um lugar distante dos centros de decisão do país, eventualmente desconhecida por muitos, um lugar considerado neste estudo como um destino, não pela existência dos equipamentos e artefactos urbanísticos que justificam determinada nomenclatura, antes pela sua ausência, o que não coíbe esse lugar distante de ser considerado como um lugar em potencialidade nesta tese, um lugar onde resistem pessoas e cabras com equipamentos rudimentares, mas cuja persistência e perseverança fornecem-lhes uma atitude e forma de viver que levam-me a considerar essa comunidade como um referente que Cabo Verde não pode ficar indiferente, eventualmente um lugar onde poderá re-aprender a encontrar-se, 'reinventando' um caminho com sentido neste mundo global excludente, onde o local é o lugar de promoção de um desenvolvimento sustentável com premissas endógenas. Uma comunidade onde vivem 80 pessoas, cerca de 400 cabras e 40 burros, parques equipamentos — as suas casas, uma cooperativa de consumo, cisternas de armazenamento de água, uma escola básica, currais, grutas de cura, as montanhas, um campo de futebol rudimentar —; produtores de um queijo com a chancela *slow food*.

As cumplicidades vividas com as pessoas da comunidades foram factores importantes neste estudo. Quer se tratasse de uma visita ao Sr. Sabino ou ao Sr. André — os homens mais velhos da comunidade; quer fosse uma viagem às nascentes de Cinta — o lugar onde as pessoas da comunidade se deslocam para obter água potável — ou partilhando uma refeição com a Tanha — uma presença cúmplice ao longo deste estudo; subindo aos 1979 metros de altitude do Topo de Coroa com o Anibal e o Jaílson — companheiros nesta jornada; entrando na 'intimidade' da carta de

amor do Ramiro — meu amigo; bebendo um ponche no Bar Pitanga com os homens da comunidade; ou vivendo sessões de cinema no Planalto — vivi cumplicidades com as pessoas da comunidade, entrei nas suas vidas de uma forma que implicou neste estudo. Momentos que sustentaram parte fundamental deste estudo; vivências que confluíram para aprendizagens acerca do modo de existir dessa comunidade; das suas lógicas para definir o tamanho ideal de um rebanho nas condições reais que a vida no Planalto oferece; entender os traços distintivos da personalidade do colectivo; ver no local as suas propostas de soluções para a captação e transporte da água de Cinta; nas 'dinâmicas alimentares' a partir das partilhas com a Tanha, momentos que implicariam nos fundamentos que justificariam a construção de um forno comunitário e o desenho do projecto a 'Comunidade do Alimento do Planalto'; — vivências que estiveram na base de desenhos de acções que consubstanciam projectos idealizados e/ou realizados no horizonte temporal deste estudo, vivências que justificam a pertinência de subjectivações em palavras que encontram espaço num contexto de investigação em educação artística — i.e. dádiva, cumplicidade, hospitalidade —; caminhos que 'clarificam' os eventos de aprendizagem no momento do acontecimento; num processo onde existiu a liberdade para começar a partir de qualquer ponto de um segmento do dispositivo, ao encontro do entendimento de uma realidade que nos transcende.

São estes desnivelamentos que perspectivam territórios desconhecidos e que espoletam novas conexões para pensar o Planalto como potencialidade, inscrevendo-o num devir possível, ao mesmo tempo descomprometido com a necessidade de um fazer enquadrado num território em que se vislumbrem resultados, saídas, à priori definidos por instâncias externas aos sujeitos do Planalto.

Que se considere este ponto como uma pausa na escrita, um momento de paragem para o início de outras narrativas, os caminhos que podem ser perspectivados a partir das declinações feitas a partir deste texto — o primado da redundância do texto 'primeiro' num rodopio à procura de novos significados — que legitimem outros discursos que naveguem no território' da incerteza, da imprevisibilidade, indeterminação, subjectividade (..) o território complexo onde a educação e investigação em educação artística caminham numa 'deriva', ao mesmo tempo que se considera

este posicionamento como um campo fresco de possibilidades, de ampliação de sentidos específicos num plano abrangente de inquietações, que encontra nesta paisagem uma plausibilidade de paragem, de contemplação e de invenção de novos significados.



## BIBLIOGRAFIA

- Adorno, Theodor, W. (1970). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70
- Alves, R. (2004). *Livro sem fim*. Porto: Edições Asa
- Agamben, Giorgio. (1999). *Potentialities*. California: Stanford University Press
- Agamben, Giorgio (2007). *O Autor como gesto*. In: Profanações. São Paulo: Boitempo
- Agamben, Giorgio (2009). *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos.
- Bardin, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70
- Barthes, Roland (2004). *A Morte do autor*. São Paulo: Martins Fontes
- Bhabha, Homi, K. (1998) . *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG
- Bauman, Zygmunt (1999). *Globalização – As consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar
- Barcelos, Cristiano José de Senna (1899). *Subsídios para a história de Cabo-Verde e da Guiné*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências
- Barcelos, Cristiano José de Senna (1904). *Alguns apontamentos sobre as fomes em Cabo Verde desde 1719 a 1904*. Lisboa: Typ. Da Cooperativa Militar

- Barros, Marília, E. Lima (2008). *S.Vicente: prosperidade e decadência (1850-1918)*. Universidade do Porto: Centro de Estudos Africanos
- Beck, Ulrich (1998). *Risk Society*. Londres: Sage
- Bondia, Jorge, L. (2002) . *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* . Revista Brasileira de Educação, núm. 19, jan-abr, 2002, pp. 20-28, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Brasil
- Santos, B. Sousa (1990). *Estado e sociedade em Portugal (1974-1988)*. Porto: Edições Afrontamento
- Santos, B. de Sousa (1995). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 7.<sup>a</sup> edição
- Santos, B. Sousa, Menese, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina
- Brown, T. (s/d). *Design for social impact*. The Rockefeller Foundation: IDEO
- Bruto da Costa, Alfredo e al. (2008). *Um olhar sobre a pobreza – vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva
- Burns, C., Cottam, H., Vanstone, C. And Winhall, J. (2006). *Transformation Design*. London: The Design Council UK
- Cardoso, H. (1993). *O partido único em Cabo Verde um assalto à esperança*. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde
- Carvalho, M. A. Sousa (1998). *Ensino Básico Integrado*. Mindelo: Instituto Pedagógico de Cabo Verde
- Carvalho, M. A. Sousa (2006). *A memória educativa recuperada no Cabo Verde boletim*. Praia: Centro Cultural Português
- Carreira, António (1983). *Cabo Verde: formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460 – 1878)*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro (2.<sup>a</sup> edição)

- Derrida, J. (2000). *Hostipitality*. Journal of the theoretical humanities. Volume 5, number 3, pp.3-17
- D'Almada, André A. (1594). *Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde*. Porto: Typographia Commercial Portuense
- Eagleton, T. (2003). *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp
- Deleuze, Gilles. (1988). *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- Decreto Lei n.º 37/029 de 25 de Agosto de 1948. Diário da República Portuguesa n 198 – I Série A. *Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial* - Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional. Lisboa
- Decreto Lei n.º 2/2010 de 7 de Maio de 2010. Diário da República de Cabo Verde n 17 – I Série A. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Cabo Verde
- Decreto Lei n.º 39/666 de 27 de Julho de 1953. Lisboa: Agência Geral do Ultramar
- Derrida, Jacques (2003). *J. Anne Duformantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. S. Paulo: Ed. Escuta
- Derrida, Jacques. (2005). *The principle of hospitality*. Parallax, 11(1), pp.6-9.
- D'Orey, Carmo (2007). *O que é a arte? - A perspectiva analítica*. Lisboa: Dinalivro
- Do Ó, Jorge. R. (2007). *Desafios à escola contemporânea: um diálogo*. Educação e Realidade, 32(2): 109-116
- Foss, Sonja K. e Waters, William (2007). *Destination dissertation: a traveler's guide to a done dissertation*. USA: Rowman & Littlefield Publishers, Inc
- Foucault, Michel (1970). *A Ordem do discurso*. Trad. Edmundo Cordeiro. Paris: Éditions Gallimard

- Foss, S., Waters, W. (2007). *Destination Dissertation: A Traveler's Guide to a Done Dissertation*. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Hernández, Fernando (2008). *La investigacion basada en las artes. Propuestas para repensar la investigacion en educacion*. *Educatio Siglo XX*, n.26, 2008, pp. 85-118
- Giddens, Anthony (2007). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Governo. Cabo Verde. (2015). *Relatório ODM Cabo Verde 2015*. Praia, Cabo Verde
- Governo. Cabo Verde. (2002). *Plano Nacional de Desenvolvimento 2002-2005*. Volume I. Praia, Cabo Verde
- Governo Cabo Verde. (2012). *Cabo Verde no Contexto do Desenvolvimento Sustentável – Relatório à Conferência Rio+20*. Praia, Cabo Verde
- Guattari, F. (2001). *As três ecologias*. Brasil: Cornacchia Editora, 11ª edição
- Guba, Egon, G. (1990). *The paradigm dialog*. London: Sage Publications
- Guerra, Isabel Carvalho (2000). *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção - O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia
- Gray, C., Malins, J. (2004). *Visualizing research. A guide to the research process in art and design*. Hants: Ashgate Publishing Limited
- Groys, Boris (2009). *Education by Infection*. Edited by Steven Henry Madoff, Massachusetts Institute of Technology, pp. 25-32.
- Latouche, Serge (2012). *Pequeno tratado de um decrescimento sereno*. Lisboa: Edições 70.
- Marcelo, F. De Amorin (2004). *O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos*. *Educação e Realidade*, 29(1),pp. 199-213
- Margolin, V. (2014). *Design e risco de mudança*. Matosinhos: ESAD

- Irwin, Rita, L. (2012). *The practice of A/r/tography*. Escritas posteriores ao encontro internacional em Cabo Verde. Porto: Gesto Cooperativa Cultural, pp. 85-92
- J. Gary Knowles Ardra L. Cole (2008). *Using an Arts Methodology to Create a Thesis or Dissertation*. Handbook of the Arts in Qualitative Research: Perspectives, Methodologies, Examples, and Issues, pp. 511-523
- Kuhn, Tomas, S. (1998). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 5.ª Edição
- Lopes, Leão. (2003) . Cabo Verde - *Cultura e Desenvolvimento A experiência do Atelier Mar – ONG*
- Lopes, Leão. (2011). *Baltasar Lopes – Um homem arquipélago na linha de todas as batalhas: itinerário biográfico até o ano de 1940*. S.Vicente: Edições Ponto & Vírgula
- Martins, Catarina, S. (2011). *As narrativas de génio e da salvação: a invenção do olhar e a fabricação da mão na Educação e no Ensino das Artes Visuais em Portugal (de finais de XVIII à primeira metade do século XX)*. (Tese de doutoramento). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Morin, E. (2005). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasil: Bertrand Brasil . 82ª edição
- Morin, E. (2000). *Ciência com consciência*. Brasil: Cortez Editora
- Magalhães, António, M. (1995). *A escola na transição pós-moderna*. Educação, Sociedade e Culturas, nº3, 97-123
- Margolin, V. e Margolin, S. (2004). *Um "modelo social" de Design: questões de prática e pesquisa*. Revista Design em Foco, julho-dezembro, ano/ vol. I, número 001, Universidade do Estado da Bahia, Brasil, pp. 43-48
- Mouffe, Chantal (2007). *Práticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona
- Paiva, José. C. (2009). *Arte/desenvolvimento*. (Tese de doutoramento). Fbaup, Portugal

- Paiva, José, C. (2004). *Emergir as tensões que habitam a acção e a investigação em educação artística*. Fbaup: Edição izADS - nEA
- Papanek, Victor (2005). *Design for the real world: human ecology and social change*. Academy Chigaco Publishers
- Papert, S. (1997). *A família em rede*. Lisboa: Relógio d'Água
- Pereira, A. Pereira (2010). *Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde*. Praia: Instituto do Arquivo Histórico
- Prada, Maritza F. (2011). *Empowering the poor*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
- Rocha, Agostinho (1990). "Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão (1462/1983)". Edição do Autor
- Romano, Luís (1970). *Cabo Verde – Renascença de uma civilização no Atlântico Médio*. Lisboa: 2.ª edição
- Santos, B. de Sousa (1987). *Um discurso sobre as ciência*. Porto: Edições Afrontamento
- Santos, B. Sousa (1988). *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna*. Estudos Avançados, 2(2).
- Santos, B. Sousa (2007). *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Novos Estudos - CEBRAP, (79), pp.71-94.
- Sampaio, Catarina (2006). *Habitação rural em Santo Antão- Cabo Verde*. (Tese de mestrado não publicado). Universidade de Coimbra, Portugal.
- Sepúlveda, L. e Petrini, C. (2014). *Uma ideia de felicidade*. Porto: Porto Editora
- Schank, R. C., Berman, T. R. & Macperson, K. A. (1999). *Learning by doing*. In C. M. Reigeluth (Ed.), *Instructional Design Theories and Models: A New Paradigm of Instructional Theory (Vol. II)* (pp. 161-181). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Shedroff, N. (2009). *Design is the problem: the future of Design must be sustainable*. Brooklyn, New York, Rosenfeld Media, LLC
- Silva, António Leão, C. (2000). *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia: Instituto Camões, C.C.Português
- Silva, António Leão, C. (2001). *Dinâmicas de decomposição e recomposição de espaços e sociedades*. in "História Geral de Cabo Verde"; Coord. Maria Emília Madeira Santos. Lisboa/Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural
- Silva, António Leão, C. (2004). *Combates pela História*. Praia: Spleen Edições
- Silveira, Onésimo (1963). *Consciencialização na Literatura cabo-verdiana*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império
- Stiglitz, Joseph (2002). *Globalização: a grande desilusão*. Lisboa: Terramar
- Teixeira, André. (2005). *Povoamento: um processo que se prolonga no tempo* in "Nova História da expansão portuguesa – A colonização Atlântica"; Volume III, coordenação de Artur Teodoro de Matos; Direção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; Editorial Estampa; 2005, Lisboa; pág 22.
- Teodoro de Matos, Artur (1997). *Santo Antão de Cabo Verde (1724-1732): da ocupação inglesa à criação do regime municipal. Mutações política, recursos económicos e estruturas sociais*. in A Dimensão Atlântica de África – II Reunião Internacional de História de África; CEA-USP/SDG – Marinha/ CAPES; São Paulo; 1997;
- Verwoert, Jan et al (2011). *En torno a la investigación artística. Pensar y enseñar arte: entre la práctica y la especulación teórica*. Museu d'Art Contemporani de Barcelona.
- Young Foundation (2006). *Social Silicon Valleys: a manifesto for social innovation*. London: The Young Foundation
- Zender, M. (2003). *Design and empowerment: learning from community organizing*. (Tese de mestrado). USA: University of Cincinnati

## Webliografia

- da Silva, A. (1990). *Conversas Vadias - Episódio. 1* [vídeo em linha]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=g7JmgJ6wQKk>
- Aquino, S. Tomás de (s/d). *Comentário à Metafísica de Aristóteles*. Disponível em [https://www.academia.edu/3415272/Comentario\\_a\\_la\\_%C3%89tica\\_a\\_Nic%C3%B3maco\\_de\\_Arist%C3%B3teles](https://www.academia.edu/3415272/Comentario_a_la_%C3%89tica_a_Nic%C3%B3maco_de_Arist%C3%B3teles)
- Atkinson, D. (2008). *Pedagogy of the Event*. [Http://Www.Kettlesyard.Co.Uk](http://www.Kettlesyard.Co.Uk), 1–10. disponível em: [http://www.kettlesyard.co.uk/exhibitions/mi/papers/onn\\_atkinson.pdf](http://www.kettlesyard.co.uk/exhibitions/mi/papers/onn_atkinson.pdf)
- BANCO MUNDIAL (2016). *Cabo Verde aspectos gerais*. Disponível em <http://www.worldbank.org/pt/country/caboverde/overview>
- Brown, T., Wyatt, J. (2010). *Design thinking for social innovation*. Stanford Social Innovation Review. Disponível em [https://ssir.org/articles/entry/design\\_thinking\\_for\\_social\\_innovation](https://ssir.org/articles/entry/design_thinking_for_social_innovation)
- Cabo Verde (2015). *Agenda de acção para a energia sustentável para todos. Direcção Geral de Energia*. Disponível em [http://www.se4all.org/sites/default/files/Cape\\_Verde\\_\\_AA\\_PT\\_Released.pdf](http://www.se4all.org/sites/default/files/Cape_Verde__AA_PT_Released.pdf)
- Deleuze, Gilles (1990). *Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://escolanomade.org/pensadores-textosevideos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>
- Design Council (2002). *Transformation Design*. Disponível em <http://www.design-council.org.uk/sites/default/files/asset/document/red-paper-transformation-design.pdf>
- School of Visual Arts (s/d). *Design for social changes*. Disponível em <http://impact.sva.edu/>

- Dirección Nacional Finlandesa de Educación (s.d). *Sistema educativo de Finlândia*. Disponível em [http://www.oph.fi/download/124281\\_sistema\\_educativo\\_de\\_finlandia.pdf](http://www.oph.fi/download/124281_sistema_educativo_de_finlandia.pdf)
- Eisner, Elliot W. (1997). *The Promise and Perils of Alternative Forms of Data Representation*. *Educational Researcher*, Vol. 26, No. 6. (Aug. - Sep., 1997), pp. 4-10. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0013-189X%28199708%2F09%2926%3A6%3C4%3ATPAPOA%3E2.o.CO%3B2-S>
- Gomes. Isildo (2001). *Subsídios para a elaboração do plano de gestão de recursos biológicos dos espaços protegidos – Santo Antão*. Disponível em <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/1973/1/Consultoria%20em%20Gest%3%A3o%20de%20Recursos%20Naturais%20%E2%80%93%20%3A81reas%20Protegidas%20Santo%20Ant%3%A3o.pdf>
- GUERRA, LD., and SILVA, JB. *Cultura e desenvolvimento: uma visão crítica dos termos do debate*. In BRASILEIRO, MDS., MEDINA, JCC., and CORIOLANO, LN., orgs. *Turismo, cultura e desenvolvimento* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 195-233. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- Hernández, F., Terrasêca, M., Paiva, J. (2013) *Contemporaneidade e educação artística - ampliar o diálogo, expandir os olhares e abrir-se a questionamentos*. Disponível em [http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC4o\\_Prefacio.pdf](http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC4o_Prefacio.pdf)
- ideo.org (s/d). *Human Centered Design - Kit de ferramentas*. Disponível em [http://www.ltds.ufrj.br/downloads/nmn/hcd\\_portugues.pdf](http://www.ltds.ufrj.br/downloads/nmn/hcd_portugues.pdf)
- Manzini, E.(2013). *Making things happen – social innovation and design*. Disponível em [http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/DESI\\_a\\_00248?journalCode=desi#.V\\_PDO5MrJE4](http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/DESI_a_00248?journalCode=desi#.V_PDO5MrJE4)
- Manzini, E.(2008). *Design para a inovação social e sustentabilidade - comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projectuais*. Disponível em <http://www.w-papers.com.br>
- Manzini, E.(2011). *The new way of the future: small, local, open and connected*. Disponível em <https://centres.smu.edu.sg/lien/files/2013/10/SocialSpace2011-The-New-Way-of-the-Future-Small-local-open-and-connected-Ezio-Manzini-.pdf>

Manzini, E. (2015). *Design, When Everybody Designs*. Disponível em <https://mit-press.mit.edu/books/design-when-everybody-designs>

Matos, Artur, T. (1996). *Santo Antão de Cabo Verde (1724-1732): da ocupação inglesa à criação do regime municipal. Mutações políticas, recursos económicos e estruturas sociais*. Universidade de Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Santo-Antao-De-Cabo-Verde-1724-1732-Da-ocupacao-inglesa-a-criacao-do-regime-municipal.pdf>

McNiff, Shaun (2007). *Art-based Research*. Disponível em [https://www.moz.ac.at/files/pdf/fofoe/ff\\_abr.pdf](https://www.moz.ac.at/files/pdf/fofoe/ff_abr.pdf)

Moore, Michael (2016). *Where to Invade Next\_ Finland*. [ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=729tc7wLklg>

Neves, B. Soares (2008). *O Seminário-liceu de S. Nicolau – Contributos para a História do Ensino em Cabo Verde*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Disponível em <http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/EB010.pdf>

OCDE (2012). *Pisa 2012 results in focus*. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/keyfindings/pisa-2012-results-overview.pdf>

O'Donoghue, D. (2009). *Are We Asking the Wrong Questions in Arts-Based Research?*. *Studies in Art Education: National Art Education Association A Journal of Issues and Research*. 50(4), 352-368 . Disponível em [http://naeaworkspace.org/studies\\_single/Studies%2050\(4\)\\_Summer2009\\_individual/A4\\_Studies%2050\(4\)\\_Summer2009-7.pdf](http://naeaworkspace.org/studies_single/Studies%2050(4)_Summer2009_individual/A4_Studies%2050(4)_Summer2009-7.pdf)

Rogoff, Irit (2007). *Academy as potentiality*. Disponível em <http://summit.kein.org/node/191>

Rolling, James H. (2010). *A Paradigm Analysis of Arts-Based Research and Implications for Education*. *Studies in Art Education: A Journal of Issues and Research*. S1(2), 102-114. Disponível em [https://www.academia.edu/404689/A\\_Paradigm\\_Analysis\\_of\\_Arts-Based\\_Research\\_and\\_Implications\\_for\\_Education](https://www.academia.edu/404689/A_Paradigm_Analysis_of_Arts-Based_Research_and_Implications_for_Education)

- Unesco . (1970). *Conferência Intergovernamental sobre os aspetos institucionais, administrativos e financeiros das políticas culturais. Veneza*. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0009/000928/092837SB.pdf>
- Unesco . (1972). *Conferência Intergovernamental sobre as políticas culturais na Europa. Helsinki*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000014/001486SB.pdf>
- Unesco . (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir*. Disponível em <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>
- Unesco . (2002). *Declaração Universal sobre a diversidade cultural*. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/12716opor.pdf>
- Unesco . (2010). *Políticas Sociais para o Desenvolvimento*. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001907/190752por.pdf>
- ORTIZ, Renato (2008). *Cultura e Desenvolvimento*. Disponível em: [www.politicas-culturaisemrevista.ufba.br](http://www.politicas-culturaisemrevista.ufba.br).
- Ramos, M. Luz (s/d). *O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar*. Disponível em [https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc\\_trabalho/1-MLuzRamos.pdf](https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/1-MLuzRamos.pdf)
- Rocha, R e Aranha, José, T. M. (2010). *Caracterização Biofísica da Ilha de Santo Antão em Cabo Verde Através de Sistemas de Informação Geográfica e Detecção Remota*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8284.pdf>
- Varela, Bartolomeu, V. (2011). *Perspectivas e desafios actuais da política educativa e curricular em Cabo Verde*. Disponível em: <https://bartvarela.files.wordpress.com/2012/02/perspectivas-e-desafios-actuais-da-polc3adtica-educativa-e-curricular-em-cabo-verde1.pdf>



